

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS MÉDICAS: PSIQUIATRIA

CHARLIE TRELLES SEVERO

***ENACTMENT* PSICANALÍTICO:
COMO PSICANALISTAS ENTENDEM, IDENTIFICAM E ELABORAM -
ESTUDO DESCRITIVO QUALITATIVO**

ORIENTADOR

Dr. CLÁUDIO LAKS EIZIRIK

CO-ORIENTADORA

Psic. Dra. MARIA LUCIA TIELLET NUNES

Porto Alegre

2015

CHARLIE TRELLES SEVERO

***ENACTMENT* PSICANALÍTICO:
COMO PSICANALISTAS ENTENDEM, IDENTIFICAM E ELABORAM -
ESTUDO DESCRITIVO QUALITATIVO**

**Dissertação apresentada à Universidade Federal do
Rio Grande do Sul - UFRGS, Faculdade de
Medicina – Programa de Pós-Graduação em
Ciências Médicas: Psiquiatria, para obtenção do
título de Mestre em Psiquiatria**

ORIENTADOR

Dr. CLÁUDIO LAKS EIZIRIK

CO-ORIENTADORA

Psic. Dra. MARIA LUCIA TIELLET NUNES

PORTO ALEGRE

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Severo, Charlie Trelles

Enactment Psicanalítico: como psicanalistas entendem, identificam e elaboram - estudo descritivo qualitativo / Charlie Trelles Severo. -- 2015. 241 f.

Orientador: Cláudio Laks Eizirik.
Coorientadora: Maria Lucia Tiellet Nunes.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas: Psiquiatria, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Enactment Psicanalítico. 2. Dupla Analítica. 3. Relação Intersubjetiva. 4. Relação transferencial-contratransferencial. 5. Processo analítico ou psicoterápico. I. Eizirik, Cláudio Laks, orient. II. Nunes, Maria Lucia Tiellet, coorient. III. Título.

COMISSÃO EXAMINADORA

RELATORA:

Dra. Neusa Sica da Rocha

AVALIADOR 1:

Dr. Roosevelt Moisés Smeke Cassorla

AVALIADOR 2:

Dr. César Luís de Souza Brito

Para Henrique e Carolina

AGRADECIMENTOS

Nenhum homem é uma ilha, completo em si próprio; cada ser humano é uma parte do continente, uma parte de um todo (Donne, J., 1624/2007).

É com as palavras de Jonh Donne (1572-1631), poeta inglês, que registro os agradecimentos às pessoas que me auxiliaram a ficar centrado e construir este trabalho.

Agradeço...

... ao Professor Dr. Cláudio Laks Eizirik, pela atenção, confiança e proximidade transmitidas e pela oportunidade de realizar um trabalho como este;

... à Dra. Psicóloga Maria Lucia Tiellet Nunes, pela dedicação em transmitir e facilitar o conhecimento sobre pesquisa qualitativa, sempre com firmeza e muito bom humor;

... aos participantes entrevistados que, mesmo não podendo identificá-los, agradeço muito, pois me possibilitaram verdadeiras aulas particulares sobre Psicanálise;

... à Professora Dra. Keila Maria Mendes Ceresér, pelo apoio e pelo significativo incentivo para a realização deste trabalho;

... à Psicóloga e Psicanalista Leonor D'Ávila Brandão, pela escuta quase diária, dinâmica e paciente;

... aos colegas dos seminários de pesquisa: Alcina Juliana Soares Barros, Aline André Rodrigues, Ana Margareth Bassols, Camila Piva da Costa, Carolina Padoan, Diego Rebouças, Diogo Machado, Marina Gastaud, Pricilla Braga Laskoski, Rafael Stella Wellausen, Raquel Santana e Stefânia Pigatto Teche, pelos momentos de trocas de vivências, ampliando nossos estudos e conhecimento;

... aos psicanalistas Christopher Pagano, Dan Gilhooley, David M. Allen, Donnel Stern, Irwin Hirsch, Jeremy D. Safran, Julia Davies, Lucy La Farge, Philip Cheifetz e Paulo Duarte Guimarães Filho que, mesmo sem nos conhecermos, enviaram seus artigos para compor a fundamentação teórica deste estudo;

... à Sra. Nancy Adler, coordenadora editorial do *Psychoanalytic Psychology Journal*, também pelo envio de material teórico específico para a construção da dissertação;

... à Psicóloga Lysa Remi pelas questões e reflexões sugeridas para a finalização deste trabalho;

... à biblioteconomista do CELG, Maria Luiza Faria de Campos pelo apoio constante quanto ao levantamento bibliográfico;

... à Sra. Margareth Lourdes Dallagnol, secretária da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre/SPPA pelo auxílio em encontrar material para as revisões da literatura;

... à Martha Renck, '*my English teacher*', pelo crédito para eu retomar aulas de inglês;

... à Mariana Bairros Hunger, pela ajuda nos programas de informática;

... ao Matias Lucena, pelo apoio gráfico e design deste trabalho;

... à minha mãe, Sirlei Trelles Severo, incentivadora incansável;

... à Andréa, ao Henrique e à Carolina, minha família, que há trinta anos são sempre constantes, amorosos, parceiros, críticos e, principalmente, tolerantes nas minhas escolhas...

... sem estas pessoas, eu não teria realizado este trabalho.

Muito Obrigado!

*“...o intuito da representação, cuja finalidade, em sua origem e agora,
era, e é,
exibir um espelho à natureza.”*

(Hamlet, de William Shakespeare, 1603. Ato III, Cena II)

RESUMO

Introdução - Pesquisas em relação à análise e à psicoterapia com orientação psicanalítica são fundamentais e tem demonstrado a eficácia destas práticas psicoterapêuticas. Estas são hoje entendidas, por algumas abordagens teóricas, como decorrentes da relação estabelecida entre o profissional e o paciente, estabelecendo assim um processo interrelacional. O funcionamento psicológico deste par é absolutamente presente e dominante no desenrolar deste processo, expresso através de inúmeros fenômenos, como transferência, contratransferência, identificação projetiva, campo analítico e, mais recentemente, *enactment*. Este último é definindo, no conteúdo psicanalítico, como um fenômeno inconsciente que ocorre entre a dupla terapêutica, analista e paciente, na qual ambos atuam conjuntamente (“encenam”) o conflito inconsciente que se manifesta. Evidencia-se como um ato que leva o outro a também agir reciprocamente, sem o predomínio da reflexão.

Objetivo – Descrever como psicanalistas entendem, conceituam, identificam e elaboram o fenômeno *enactment* em sua prática profissional.

Participantes - dois analistas em formação psicanalítica, quatro psicanalistas membros associados e dois analistas didatas vinculados a uma instituição de formação psicanalítica associada à IPA (*International Psychoanalytical Association*) no Rio Grande do Sul/Brasil. Constitui-se uma amostra não-probabilística, intencional e por conveniência, utilizando o método de saturação para a sua totalização. O anonimato dos participantes está garantido através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE.

Método - Estudo descritivo qualitativo. A interpretação dos dados é realizada pela Análise de Conteúdo, conforme Bardin. Foram realizadas oito entrevistas semi-estruturadas, face-a-face, gravadas e transcritas pelo pesquisador, utilizando como guia um questionário misto (questões fechadas e abertas), elaborado pelos autores do presente trabalho, com o qual os psicanalistas expressaram suas ideias e experiências. Esta pesquisa está aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/PROPESQ/UFRGS/Brasil) sob o número 443.358 em 01 de novembro de 2013 e está registrada na Plataforma Brasil.

Resultados e Conclusões - São apresentados em três categorias finais de respostas: Fundamentação Teórica, Fundamentação Técnica e Nível de Experiência. *Enactment* é

entendido conforme fundamentação psicanalítica teórico-técnica. Psicanalistas responderam que é um fenômeno inconsciente, expresso através da ‘encenação’ de conflitos psíquicos, do paciente e do analista, que se entrecruzam no campo analítico. Sua manifestação possibilita identificar padrão das relações objetais, atualizadas na relação transferencial/contratransferencial, através da identificação projetiva. Se não identificados e interpretados, impedem a evolução terapêutica, desenvolvendo conluios ou impasses entre o par analítico. Identificam o fenômeno como conceito psicanalítico atual, em amadurecimento, também considerado como útil do ponto de vista técnico/terapêutico, favorecendo a interpretação no aqui-agora da situação analítica. O tempo de exercício profissional, associado à formação e ao investimento pessoal para ampliação do conhecimento, favorece, ao analista, atitude na qual a técnica apreendida passa a ser utilizada com mais segurança. Sugere que as vivências têm valor na construção da noção do que constitui o psíquico humano. O conjunto destas respostas sugere a existência, nas sociedades psicanalíticas, de formação profissional sólida e congruente. O fenômeno *enactment* é caracterizado como um dos mais atuais que reflete a ênfase contemporânea da Psicanálise à relação da dupla terapêutica, justificando a continuidade de estudos que ampliem as noções de desenvolvimento teórico e técnico psicanalíticos.

Palavras-chave – *Enactment* psicanalítico; relação transferencial/contratransferencial; relação intersubjetiva; dupla analítica; processo analítico; processo psicoterápico; psicoterapia psicodinâmica; análise;

ABSTRACT

Introduction - Research in relation to analysis and psychoanalytically oriented psychotherapy are fundamental and have demonstrated the effectiveness of these psychotherapeutic practices. These are nowadays understood, by some theoretical approaches, as deriving from the relationship established between the professional and the patient, creating in this way an inter-relational process. The psychological functioning of this pair is absolutely present and dominant in the unwinding of this process, expressed through innumerable phenomena, such as transference, counter-transference, projective identification, analytic field and, more recently, *enactment*. This latter is defined, in the psychoanalytic realm, as an unconscious phenomenon that occurs in the therapeutic relationship between the analyst and the patient, in which both act out together ("stage") the unconscious conflict that is manifested. This phenomenon is expressed as an act that leads the other party to also act reciprocally, without any preponderance of reflection (fully developed thought).

Objective - Describe how analysts understand, conceptualize, identify and elaborate the *enactment* phenomenon in their professional practice.

Participants - Two analysts undergoing psychoanalytic training, four associate member psychoanalysts and two training analysts related to an institution of psychoanalytic training associated to the IPA (*International Psychoanalytical Association*) in Rio Grande do Sul/Brazil. It constitutes a non-probabilistic sample, intentional and for convenience sake, using the saturation method for its totalization. The anonymity of the participants is guaranteed through the Free and Clarified Term of Informed Consent.

Method - A descriptive, qualitative study. The interpretation of the data is performed through the Analysis of Content, according to Bardin. Eight semi-structured interviews were performed, face-to-face, recorded and transcribed by the researcher, using as a guide a mixed questionnaire (closed questions and open ones), elaborated by the authors of the present work, with which the psychoanalysts expressed their ideas and experience. This research is approved by the Ethics Committee in Research with Human Beings (CEP/PROPESQ/UFRGS/Brazil) registered under number 443.358.

Results and Conclusions - They are presented in three final answer categories: Theoretical Foundation, Technical Rationale and Level of Experience. *Enactment* is understood according

to theoretical - technical psychoanalytic foundation. Psychoanalysts answered that it is an unconscious phenomenon, expressed through the 'staging' of psychic conflicts, of the patient and of the analyst, that intersect in the analytic field. Their manifestation enables identifying patterns of objects, updated in the transference/counter-transference relationship, through projective identification. If not identified and interpreted, they hinder the therapeutic evolution, developing collusions or impasses between the analytic pair. They identify the phenomenon as a current psychoanalytical concept, maturing, also considered as a useful technical/therapeutic standpoint, favoring the here-and-now interpretation of the analytical situation. Professional practicing time, associated with training and personal investment for the expansion of knowledge, favors the analyst, attitude in which the learnt technique becomes used with more security. It suggests that the experiences have value in building the notion of what constitutes human psychic. All of these responses suggest the existence, in psychoanalytic societies, of a solid and consistent professional training. The *enactment* phenomenon is characterized as one of the most current that reflect the contemporary emphasis of Psychoanalysis to the relationship of the therapeutic pair, justifying the continuity of studies that expand the notions of theoretical and technical psychoanalytic development.

Key words – Psychoanalytic enactment, transference/counter-transference relation; intersubjective relation; analytic dyad; analytic process; psychotherapeutic process; psychodynamic psychotherapy; analysis.

SÍMBOLOS E SIGLAS

α	- Alfa
β	- Beta
\implies	- Seta = Transformação
AC	- Análise de Conteúdo
CEAPIA	- Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência
CELG	- Centro de Estudos Luiz Guedes
CEP	- Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CONEP	- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
IPA	- <i>International Psychoanalytic Association</i>
JAPA	- <i>Journal of American Psychoanalytic Association</i>
PROPESQ	- Pró-Reitoria de Pesquisa
SBPSP	- Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRGS	- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
US	- Unidade de Significado

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	9
SÍMBOLOS E SIGLAS	11
APRESENTAÇÃO	14
1 INTRODUÇÃO	16
2 REVISÃO DA LITERATURA	23
2.1 Revisão Narrativa Sobre o Conceito de <i>Enactment</i>	26
2.2 Revisão Sistemática	39
2.3 Psicanalistas e Psicoterapeutas Brasileiros e os Estudos sobre <i>Enactment</i>	70
3 OBJETIVOS	79
4 JUSTIFICATIVA	80
5 METODOLOGIA	82
5.1 Delineamento do Estudo	82
5.2 Participantes	82
5.3 Instrumento-guia de entrevista para coleta de dados	83
5.4 Entrevistas	83
5.5 Análise dos Dados	83
6 ASPECTOS ÉTICOS	86
7 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	87
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
9 REFERÊNCIAS	106
ANEXOS	112
ANEXO 1 - Termo Consubstanciado	113
APÊNDICES	115
APÊNDICE 1 - Carta de Apresentação aos Participantes da Pesquisa	116
APÊNDICE 2 - TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	117
APÊNDICE 3 - Questionário Instrumento/Guia	118

APÊNDICE 4 - Artigo de Resultados	119
APÊNDICE 5 - Artigo de Revisão Teórica – Revisão Sistemática (versão em inglês)	149
APÊNDICE 6 - Artigo de Resultados (versão em inglês)	180
APÊNDICE 9 - Projeto de Pesquisa	208

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação intitulada “*Enactment* Psicanalítico: Como Psicanalistas Entendem, Identificam e Elaboram - Estudo Descritivo Qualitativo” é o resultado dos trabalhos desenvolvidos no Programa de Pós Graduação da Faculdade de Ciências Médicas: Psiquiatria da UFRGS seguindo a linha de pesquisa Psicoterapias Psicanalíticas: Estudos Sobre Processo e Efetividade. Esta linha de estudos é coordenada pelo Dr. Cláudio Laks Eizirik e Dra. Lucia Helena Freitas e tem produzido sucessivas pesquisas e publicações, tanto qualitativas, como quantitativas sobre diferentes aspectos do processo psicanalítico e de sua efetividade.

O objetivo principal deste trabalho é identificar como psicanalistas entendem, conceituam, identificam e elaboram o fenômeno *enactment*. A metodologia utilizada é descritiva-qualitativa e a avaliação dos dados obtidos é realizada com o método de análise de conteúdo.

Este estudo teve seu início durante a realização do Curso de Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica, no Centro de Estudos Luis Guedes-CELG, em Porto Alegre/RS. Quando conhecido o artigo do psicanalista Roosevelt Cassorla ‘Desenvolvimento do conceito *enactment* (‘colocação em cena da dupla’) a partir do estudo de configuração *borderline*’ (2004), despertou o interesse em pesquisar a respeito deste conceito. As características de “encenação” e de integração dinâmica de vários outros conceitos psicanalíticos como transferência, contratransferência e identificação projetiva na expressão deste fenômeno, estimularam a escrita do projeto de pesquisa que resultou no presente estudo.

Iniciou-se então a busca não sistematizada de trabalhos que fizessem menção ao tema. Através das referências citadas neste primeiro texto, assim como indicações de colegas de grupo de estudos, novos títulos foram encontrados. Títulos e resumos que apresentassem a expressão *enactment* eram selecionados e separados por data de publicação. A cada título encontrado, novas referências eram buscadas, possibilitando a criação de significativo rol de artigos e livros a respeito deste conteúdo. Pode ser afirmado que este é um dos objetivos alcançados a partir da elaboração da presente dissertação.

Esta revisão está dividida em três partes: a revisão narrativa na qual constam dados históricos e conceituais sobre o mesmo; a revisão sistemática que objetiva descrever como o conceito *enactment* é encontrado nas bases de dados e a terceira parte que se refere a alguns psicanalistas e psicoterapeutas brasileiros que publicaram estudos sobre o fenômeno. A revisão sistemática está descrita no formato de artigo científico permitindo sua submissão para publicação, com versão em inglês inserida no Apêndice 5 desta dissertação. Após a fundamentação teórica, são descritos os procedimentos da pesquisa, incluindo os objetivos, a metodologia para obtenção e para a análise dos dados. Respondendo aos objetivos do presente estudo, são então descritos e discutidos os resultados encontrados, bem como são apresentadas as considerações finais.

Os resultados desta dissertação também são apresentados em formato de artigo, podendo ser consultados no Apêndice 4. Há também a versão em inglês deste artigo (Apêndice 6) submetido para publicação.

1 INTRODUÇÃO

O crescimento dos estudos e pesquisas em Psicanálise se revela contundente a cada ano, favorecendo um debate científico contínuo e promissor. Artigos são publicados revelando evidências das práticas analíticas e psicoterápicas com orientação analítica, assim como congressos, conferências, simpósios, colóquios, ocorrem apresentando debates e resultados significativos (FONAGY, 2003; PEUKER, HABIGZANG, KOLLER e ARAÚJO, 2009; SHEDLER, 2010; JARDIM & HERÁNDEZ, 2010; CAMPEZATTO, VIEIRA e NUNES, 2013).

É possível citar que a popularização de expressões relativas à Psicologia evidencia o reconhecimento da subjetividade, em especial, psicanalítica, referindo-se à existência do inconsciente. Fonagy (2003, p.319) afirma:

[...] mesmo que as raízes das construções psicanalíticas se encontrem na compreensão do indivíduo comum, não há dúvida de que a psicanálise aprofundou e elaborou consideravelmente essas ideias, a tal ponto que dispõe agora de um modelo global da psique.

O persistente investimento na pesquisa dos conteúdos psicanalíticos tem revelado que “O difuso e o ambíguo são não só permitidos como podem ser também essenciais para descrever com precisão a complexidade da experiência humana” (FONAGY, 2003, p.322).

Atualmente, uma das principais características que evidencia a evolução dos estudos teóricos e técnicos psicanalíticos quanto à psicoterapia ou análise se refere à abordagem da relação terapêutica, conforme cita Cordioli (2008, p.21):

[...] um tratamento primariamente interpessoal, baseado em princípios psicológicos, que envolve um profissional treinado e um paciente ou cliente portador de transtorno mental, problema ou queixa, o qual solicita ajuda. [...] distingue-se de outras modalidades de tratamento por ser muito mais uma atividade colaborativa entre o paciente e o terapeuta do que uma ação predominantemente unilateral, exercida por alguém sobre outra pessoa.

Com esta ênfase interacional, reforça-se o que Malan (1983, p.20) refere quanto à psicoterapia: “[...] uma forma particular de entrar em contato com os seres humanos, que podemos chamar “psicodinâmica”, e a um método de psicoterapia desenvolvido a partir dela e que podemos chamar de “psicoterapia psicodinâmica”. Descrita dessa maneira, a relação terapêutica com bases na teoria e técnica psicanalíticas, seja em análise, seja em psicoterapia, segue podendo ser considerada cada vez mais como intersubjetivista.

Desde a segunda década do século XX, Ferenczi (1920 *apud* WALLERSTEIN, 1998) apontava para a participação do analista na relação terapêutica, não apenas como ouvinte e de postura interpretativa exclusivamente, mas também como incentivador aos investimentos para romper as resistências psíquicas do paciente. Neste posicionamento, seria já considerada a contratransferência, a partir da percepção da indução inconsciente do paciente sobre o profissional para que este assuma papéis relativos aos conflitos trazidos para a situação analítica que, não identificados, comprometeriam o sucesso analítico. Estes aspectos compreendem as bases do que vem a ser a experiência emocional corretiva, conceito apresentado por Alexander e French (1946 *apud* WALLERSTEIN, 1998) e ainda considerada como existente e centrada na mudança de atitude do analista/terapeuta, mais ativo, receptivo e compreensivo ao abordar os fenômenos que ocorrem na situação analítica. Neste sentido, Zimmerman (2001), inspirado em pressupostos bionianos a respeito de transformações, propõe o uso da expressão ‘experiência emocional transformadora’, evitando a possível conotação superegóica do termo ‘corretiva’.

Sandler (1976) descreve também importantes considerações quanto à relação paciente/analista/terapeuta. A partir de estudos relacionados à contratransferência, afirmará, como Paula Heimann (1950), que o analista poderá encontrar compreensão do material trazido pelo paciente a partir das reações que perceber em si mesmo com o estímulo recebido, criando assim uma interação que passa a caracterizar o processo psicoterápico. Sandler (1976) identifica desse modo o que chamou inicialmente de *intrapsychic role-relationship*, isto é, a imposição de um papel no relacionamento estabelecido. Dadas às forças psíquicas expressas, via linguagem verbal ou não verbal, a imposição de atitudes e/ou papéis passa a caracterizar a qualidade da relação terapêutica, e que o autor propôs chamar de *role-responsiveness*. Será

em relação a esta nova dimensão do relacionamento terapêutico que incidirá o trabalho analítico.

Wallerstein (2005) indica também outros vários autores que ampliam este entendimento relacional das terapêuticas psicanalíticas, citando como exemplos: Zetzel, em 1956 – “focos na aliança de tratamento”; Loewald, em 1960 – “nova experiência integradora”; Stone, em 1961 – “relacionamento terapêutico com atitude médica humanizadora”, chegando a Greenberg e Mitchell (1983.p. 55):

[...] com seu foco desenvolvido sobre a interação de duas subjetividades (do analista e do analisando), dentro da matriz transferência-contratransferência, como a iniciadora de mudança terapêutica (isto é, a mudança psicologia de “uma pessoa” para uma psicologia de “duas pessoas).

Compreendem-se então que não somente as características psíquicas do paciente estão presentes, mas também, as do profissional em questão. São dois ‘mundos internos’ que se encontram e interagem. Nas palavras de Kernberg (2001, p.26-27)

[...] uma ênfase na harmonia emocional e a imersão da subjetividade do analista na experiência subjetiva do paciente. [...] a exploração dos desenvolvimentos na nova relação afetiva no encontro psicanalítico é a fonte básica da interpretação, e a incorporação pelo paciente desta experiência afetiva é considerada o maior fator terapêutico.

Nesta perspectiva psicodinâmica seguiu o desenvolvimento da Psicanálise. Desde Freud (1905/1972), observa-se a importância de fenômenos predominantemente relacionais manifestados a partir da transferência, assim como da contratransferência, nos quais impressões e fantasias do mundo psíquico interno, mútuas, são manifestas na relação terapêutica. Na sequência, teremos a descoberta do mecanismo de defesa identificação projetiva, desenvolvido por Melanie Klein (1946/1982), mais tarde ampliado em sua importância por Bion (1962), revelando-o também como significativo identificador da qualidade da relação/comunicação analítica ou psicoterápica. Sendo assim, os impulsos que transitam nesta relação podem ser compreendidos e interpretados como indicadores do

desenvolvimento das relações objetais vivenciadas pelo paciente, assim como de seu analista/terapeuta, e agora, na relação/comunicação terapêutica, podem ser vivenciados e, então, melhor compreendidos. Segundo Zimerman (2001, p.207), a respeito desta nova concepção bioniana da identificação projetiva “[...] fica transparente o quanto ele valoriza a função estruturante possibilitada pela utilização adequada das identificações projetivas que permitem que o sujeito possa colocar-se no lugar de um outro e sentir o que este sente e não consegue transmitir”.

A relação entre as características que definem transferência, contratransferência, assim como a identificação projetiva transitando e estabelecendo o elo nesta comunicação terapêutica/situação analítica são o conteúdo a que se dedicam Baranger & Baranger (1962) para conceituarem o campo analítico. Definem o campo como:

[...] um interjogo de identificações projetivas e introjetivas, com seu corolário de contra-identificações. [...] A situação é administrada para evitar ou limitar o fenômeno da contra-identificação projetiva. A situação analítica consiste em permitir o livre jogo da identificação projetiva no analisando dando-lhe, assim, a ocasião excepcional de estruturar a fantasia do par segundo o que necessita, com as menores travas postas por seu “parceiro” (p.144).

O dinamismo presente na relação entre este par, com objetivo terapêutico, no qual a comunicação pode ser verbal e/ou não verbal, consciente e inconsciente, constitui-se como um espaço inter-relacional, intersubjetivo, logo, bipessoal no qual seus membros são compreendidos somente integrados à situação que, juntos, estão criando. Kernberg (2001, p.26) pontua:

As abordagens intersubjetivas e interpessoais atuais, concentram-se sobre os aspectos ‘reais’ do vínculo transferência/contratransferência, sobre o papel do analista em compensar o excesso ou insuficiência de estimulação do *self* arcaico do paciente e em considerar que a personalidade se desenvolve continuamente dentro de uma matriz de relação (de preferência ao contexto de expressão de conflitos entre pulsões e defesas).

Com contribuições contemporâneas também significativas, Green (1988) propõe considerações ao papel do profissional relacionadas ao contexto analítico a partir da atenção

aos aspectos contratransferenciais como comunicacionais. Evidencia o analista como incluído na situação analítica revelando sua caracterização humana (sente, pensa, envolve-se) e, a partir disso, reais mudanças podem ocorrer tanto no contexto terapêutico propriamente, quanto no desenvolvimento da Psicanálise, foco também de seus estudos. Mudanças estas preconizadas pelas modificações dentro do analista a partir da “(...) realidade psíquica como considerada na situação analítica, ao modo como o paciente a encena e faz com que o analista a experimente” (GREEN, 1988, p.39). Reforça o que há de mútuo nesta comunicação, lembrando inclusive que o próprio profissional pode influenciar seu paciente na maneira como se expressa, enfatizando que um

[...] relacionamento dialético é estabelecido entre o paciente e o analista. Conquanto o analista se esforce por se comunicar com o paciente em sua linguagem, o paciente, por sua vez, se deseja ser compreendido, pode apenas responder na linguagem do analista. E o analista não pode fazer nada em seu esforço de se comunicar, se não mostrar aquilo que ele compreende, através de sua experiência subjetiva, sobre o efeito nele daquilo que o paciente lhe conta. Ele não pode alegar uma objetividade absoluta em seu escutar (GREEN, 1988, p.39).

Neste mesmo sentido, já na década de 90, Ogden (1995, p.60) apresenta o conceito de terceiro analítico intersubjetivo no qual

[...] as vicissitudes da experiência de estar simultaneamente dentro e fora da intersubjetividade do analista-analisando desenvolvem [...] uma dialética única produzida por entre as subjetividades separadas do analista e do analisando dentro do setting analítico.

Considerando a caracterização do papel do profissional, relembrar Freud (1912/1974, p.154) é fundamental “[...] voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente. (...) Ele não pode tolerar quaisquer resistências em si próprio que ocultem de sua consciência o que foi percebido pelo inconsciente” (p.154). Sugere ainda ao analista se tornar “[...] ciente daqueles complexos seus que poderiam interferir na compreensão do que o paciente lhe diz” (p.154). Percebe-se, desde então, ênfase ao próprio tratamento psicanalítico.

Ferro (1996) segue estes preceitos como básicos, uma vez que há intenso trabalho por parte do analista, de modo que sua mente seja permeável para auxiliar na transformação mental do paciente. Este movimento se dá pelo “jogo entre as emoções despertadas” durante as sessões e na dupla terapêutica, com foco positivo no processo de transformar elementos β em α , seguindo a teoria bioniana. Torna-se importante compreender a transferência como repetições episódicas da vida do paciente, bem como projeções das fantasias inconscientes do mesmo. O uso da teoria para a realização deste trabalho por parte do analista será de acordo com a que se adequar a levar o profissional a funcionar analiticamente a partir das identificações projetivas apresentadas pelo paciente, bem como poder ser permeável e transitar pelas mesmas. A proposta é que a partir de entrelaçamentos narrativos se possam criar “modalidades expressivas” relativas à vida do paciente. É poder “sonhar” o que o paciente “sonha”. O analista é um “ativador de pensamentos”.

Sendo assim,

[...] o lugar da transformação é o *hic et nunc* (aqui e agora) da situação analítica, e mais precisamente, o lugar onde iniciam todas as transformações é a mente do analista. A interpretação perde a sua centralidade e é substituída pelo trabalho mental do analista ao permitir sempre mais a presença no campo de um gradiente $\beta \Rightarrow \alpha$; a vitória ou falência desta operação será continuamente renarrada pelo paciente, através das histórias, dos fatos, dos personagens que trará na sessão (FERRO, 1996, p.59/60).

A possibilidade da repetição dos aspectos transferenciais e das identificações projetivas é que favorecerá as experiências emocionais transformativas através da permeabilidade do analista e do campo analítico.

Com base em todas estas descrições, Zaslavsky e Santos (2006, p.30), endossam que “O encontro analítico passou a ser observado e estudado como uma relação que produz um impacto emocional mútuo, no qual ocorrem trocas de informações, ou seja, comunicações nos âmbitos verbal e não verbal, intencionais ou não”.

É neste contexto (“cenário”) então que novos fenômenos passaram a ser estudados nas últimas décadas do desenvolvimento da Psicanálise, entre eles o *enactment*. Este último, com o sentido de “encenar”/reproduzir uma situação, inconscientemente, a partir de forte estímulo,

como que imposto, ocorrendo na situação analítica, analisada pelo viés psicanalítico, ou seja, com base na compreensão do funcionamento inconsciente dinâmico existente nas pessoas.

Integrando o Programa de PPG-Psiquiatria da UFRGS, seguindo a linha de pesquisa Psicoterapias Psicanalíticas: Estudos Sobre Processo e Efetividade, este estudo segue com a revisão da literatura a respeito do fenômeno *enactment*.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Desde os primeiros contatos com o conteúdo *enactment* para o desenvolvimento do presente estudo, compôs-se um agrupamento de artigos com aproximadamente quarenta títulos, com ênfase aos textos considerados introdutórios ao tema (JACOBS, 1986; McLAUHGLIN, 1987, 1991; CASSORLA, 2001, 2003). Seguiram-se buscas a partir das referências citadas nestes primeiros, assim como buscas por autores sugeridos nestes materiais ou indicados por orientadores, professores, supervisores e colegas.

Interessado em identificar como a presente temática é encontrada nas bases de dados, realizou-se uma busca informal de títulos e resumos nas bases BIREME (B), LILACS (L), PsycINFO (PI), PUBMED (PM), SCIELO (S) e WEB OF SCIENCE (WOS), no mês de maio de 2014.

Na primeira tentativa desta busca, utilizou-se apenas o descritor *enactment*, tentando identificar os textos que seriam citados. Como resposta, obteve-se entre cinquenta e quase seis mil resultados. Tentando em um segundo momento, foram utilizados os descritores *enactment AND analytic dyad OR analytic pair*, pois era de conhecimento prévio que o fenômeno se dá entre os partícipes da dupla terapêutica. Foram encontrados entre 10 e quase mil e oitocentos resultados. Seguindo a busca, mais tentativas eram realizadas, conforme é possível observar na Tabela 1.

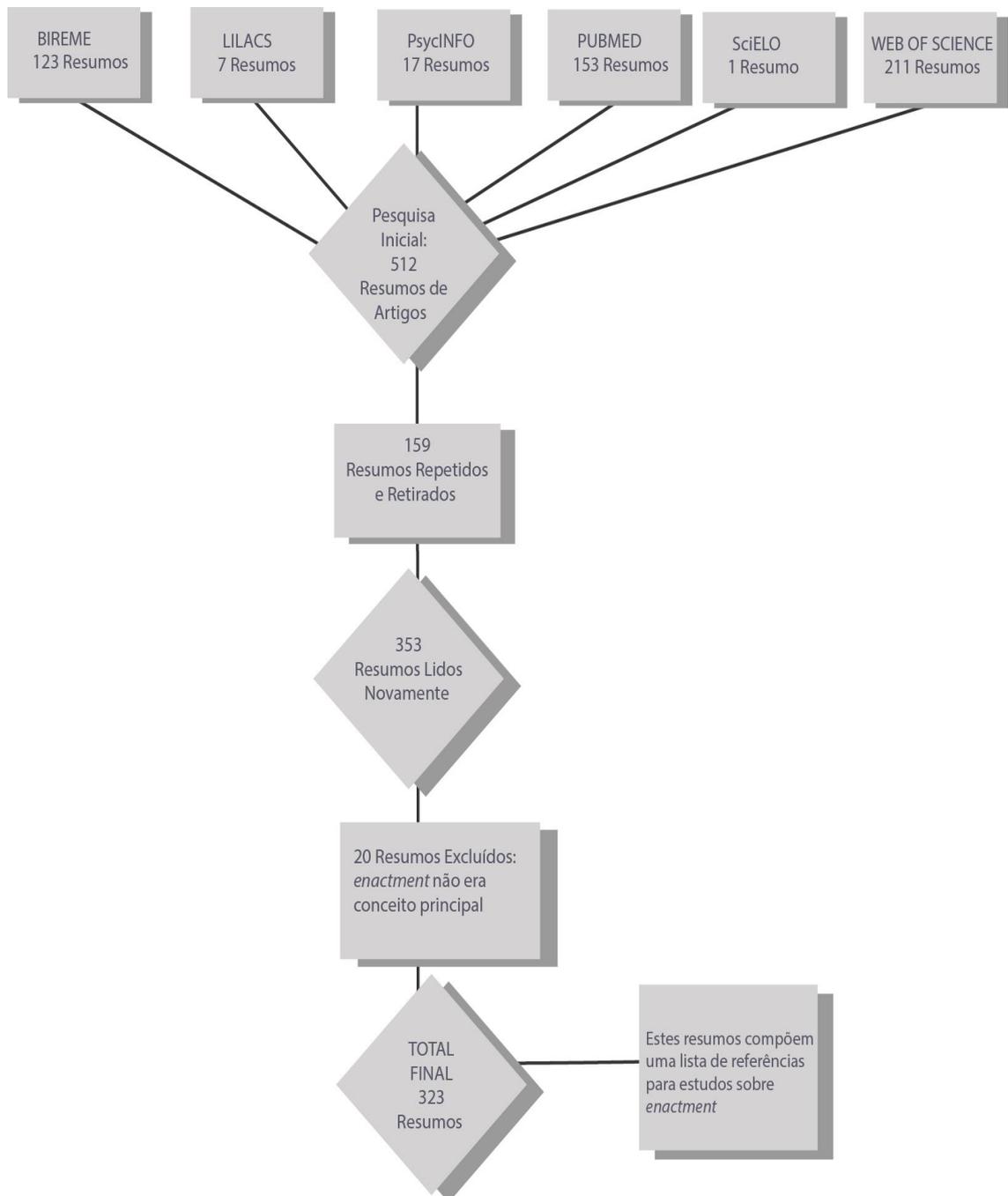
Tabela 1 - Primeiras Tentativas de Busca de Dados Sobre *Enactment*

DESCRITORES	B	L	PI	PM	S	WOS
<i>enact</i>	1737	50	144	1926	108	5924
<i>enact AND ad OR ap</i>	1737	1737	10	338	108	0
<i>enact AND pd OR ap</i>	0	0	0	0	0	0
<i>enact AND td OR ap</i>	1737	1737	9	337	108	3283
<i>enact AND pd OR ap OR pe</i>	1737	1737	26	481	108	3671
<i>enact OR pe AND ap OR ad</i>	117	117	162	61	1	9372
<i>enact OR pe</i>	1737	117	144	1926	108	5924
<i>enact OR pe AND ad OR ap OR pd OR pp OR td OR tp</i>	117	117	262	14189	1	18849

Legendas: *enact* - enactment *ad* - analytic dyad *ap* - analytic pair *pd* - psychotherapeutic dyad
td - therapeutic dyad *pe* - psychoanalytic enactment *pp* - psychotherapeutic pair
 B - BIREME L - LILACS PM - PUBMED PI - PsycINFO S - SCIELO WOS - WEB OF SCIENCE

Com estas tentativas, percebendo-se a significativa quantidade de resultados revelados, decidiu-se então utilizar como descritor a expressão *psychoanalytic enactment*, sem nenhum outro descritor, bem como sem nenhum filtro adicional. A razão desta escolha se deu em função de que esta expressão compreenderia de modo mais específico a associação entre o termo *enactment* e a Psicanálise. Ao final desta tentativa, foram encontrados 323 resumos, conforme é possível identificar no fluxograma que segue.

Figura 1 - Fluxograma da Busca de Dados Sobre *Enactment* Psicanalítico



Os resumos identificados favoreceram elaborar um panorama referente aos estudos sobre o *enactment* psicanalítico especificamente. Selecionaram-se estudos conforme referências teóricas de autores considerados *experts* no tema para leitura integral, além dos indicados pelos orientadores do presente trabalho e, assim, elaborar a base da presente fundamentação teórica.

Dividiu-se então a revisão teórica em três partes: uma revisão narrativa, desenvolvida por procura espontânea e informal sobre o conteúdo, uma revisão sistemática e, uma terceira parte, na qual são descritos, especialmente, psicanalistas e psicoterapeutas brasileiros que realizaram estudos a respeito do tema desta dissertação. O principal motivo para apresentar a literatura do tema dessa maneira é tentar ampliar o panorama de autores que desenvolveram trabalhos sobre *enactment* psicanalítico, buscando encontrar também material teórico que não estivesse contemplado nas bases de dados, como por exemplo, entrevistas, comentários em jornais de sociedades psicanalíticas, congressos, seminários, etc.

2.1 Revisão Narrativa Sobre o Conceito de *Enactment*

O termo *enactment* é uma expressão que não apresenta tradução literal e única para o português. Basicamente, com a presente busca nas bases de dados, a partir da leitura dos resumos selecionados, pode ser encontrado na literatura científica em três possibilidades. Primeiramente, em vários artigos relacionados à área do direito/legislação, pois, traduzido, significa “decreto, promulgação”. Neste sentido, um ato que induz, que leva o outro, arbitrariamente, a agir como ordenado. Buscando o significado diretamente em dicionários de inglês, podemos encontrar: “[...] *enact*: v. ordenar, decretar, dar força de lei; legislar” (MICHAELIS, 1989, p.103).

Em uma segunda possibilidade, é encontrado e utilizado em vários artigos relacionados à teoria e técnicas de mudança de comportamento, hábitos, treinamentos funcionais e serviços de saúde, logo à psicologia comportamental, utilizando-se inclusive a expressão *behavioral enactment*. Neste sentido é traduzido como encenação, representação, na qual situações de vida cotidiana (social, familiar, profissional) são dramatizadas para então serem debatidas com objetivo de alterar condutas e atitudes.

E por fim, encontramos também a utilização da expressão *enactment* em artigos relativos aos conteúdos psicanalíticos, expressando, associadamente, estes dois sentidos acima descritos: imposição para agir e encenação de conflitos psíquicos inconscientes na situação analítica.

2.1.1 Aspectos históricos e conceituais básicos

A utilização deste termo, associado à Psicanálise, ocorreu, pela primeira vez, por Theodore J. Jacobs M.D., psiquiatra e psicanalista americano, no Painel *Countertransference in Theory and Practice*, no *Annual Meeting of the American Psychoanalytic Association*, em San Diego, na Califórnia, EUA, em 04 de maio de 1984 e publicado no *Journal of the American Psychoanalytic Association (JAPA)*, em abril de 1986, intitulado *On Countertransference Enactments*. Neste artigo, Jacobs (1986, p.290) revela como importante a atenção a respeito dos aspectos mais sutis da contratransferência, muitas vezes não percebidos pelo analista/terapeuta. Afirma:

Transmitidas no tom e no gesto, bem como em palavras, essas reações podem ser expressas nas formas mais sutis do que o óbvio - nos mais básicos acenos, no mínimo dos sorrisos, no grunhido quase inaudível, na menor variação das palavras de saudação ou de despedida. (...) A maneira pela qual ouvimos, nossos silêncios e neutralidade, a ênfase que damos a fenômenos de transferência e interpretação de transferência, nossas ideias sobre trabalho, a terminação, e o que constitui uma interpretação "correta" - estas e muitas outras facetas do nosso trabalho clínico diário podem, e não raro fazem, conter elementos contratransferenciais ocultados.

De acordo com Anne Reich (1966 *apud* JACOBS, 1986), a contratransferência pode impulsionar o terapeuta para o *acting-out*, na qual seus impulsos reprimidos irrompem da profundidade, levando-o à conflituada ação real e respostas inadequadas: fortes emoções ou rígidas defesas ou pontos cegos que interferem na compreensão gerando falha na sublimação.

A relação terapeuta/paciente atingida por conflitos pode revelar a atuação de ambos simultaneamente. Sandler (1976) aponta que cada parte procura impor ao outro uma relação objetal intrapsíquica. Respondendo ao paciente com ações espontâneas, afetos, e associações, o analista emprega uma ‘resposta flutuante’ que complementa sua ‘atenção flutuante’. A menos que estes sejam apreendidos/captados pelo analista, ele pode encontrar nele mesmo a simples aceitação do papel que lhe foi imposto pelo paciente e acompanhá-lo em uma mútua atuação.

Jacobs (1986, p.297) registra então que a neutralidade do terapeuta é “[...] um estado de espírito em que as funções do ego necessárias para o trabalho analítico não são prejudicadas por conflito, favorecerá o encaminhamento adequado desta situação”. Tal atitude é que

favorecerá o real trabalho interpretativo das transferências que se manifestarem. Afirma ser necessário aos profissionais estarem “[...] alertas para a possibilidade de que aspectos de muitos processos interpretativos próprios podem, imperceptivelmente, tornaram-se um *enactment* (uma encenação), tamanha a sutileza com que se manifestam” (JACOBS, 1986, p.307).

Outro autor que apresenta, significativamente, o conceito de *enactment* é James T. McLaughlin. No texto *The Play of Transference: Some Reflections on Enactment in the Psychoanalytic Situation*, publicado em 1987 no JAPA, inicia com referências ao estabelecimento de um jogo transferencial entre a dupla terapêutica, no qual manifestações inconscientes produzem comportamentos, isto é, gestos e ações que serão ‘dramatizadas’, indicando conflitos internos. Cita-nos Friedman (1977 *apud* McLAUGHLIN, 1991, p.559) que “[...] os atos do corpo, como a experiência cinésica, fornecem o tipo de apoio que é essencial para o processo secundário”. McLaughlin (1991) alerta para atentar aos comportamentos não verbais (ou pistas não verbais) que mais tarde podem (e espera-se), possam ser verbalizados, revelando a evolução do processo primário para o secundário. Também enfatiza a relação entre ações e palavras que podem evidenciar emoções, assim como em atividades artísticas como ópera e ballet também o fazem. Registra que existe uma relação entre o ‘encenado’ (demonstrado) pelo paciente e sentido, inclusive fisicamente, pelo terapeuta simultaneamente.

Em um próximo texto, intitulado *Clinical and Theoretical Aspects of Enactment*, também publicado no JAPA, em 1991, McLaughlin apresenta a etimologia da palavra *enactment* baseado no *Webster's New International Dictionary (2nd Ed)*. Descreve:

[...] o verbo 'agir' é definido entre dois modificadores. Por si só, "act" apresenta uma gama de significados familiares: traz em si o sentido de 'agir', 'fazer', 'fazer a sua vontade pela força', 'exercer poder', 'atuar como um ator para simular ou dissimular' (desempenhar o papel de); [...] O prefixo "en" enfatiza "act/ato" como substantivo, ampliando a noção de 'colocar para dentro ou em cima, cobrir, envolver, embrulhar em', atribuindo ainda mais intensidade à expressão; o sufixo "ment" intensifica ainda mais a importação e a densidade de "act/ato" como um substantivo (p.597).

Esta descrição, até então inédita no meio psicanalítico, amplia e dá continuidade à compreensão deste conteúdo. Enfatiza que, a partir de uma tentativa de busca de referências

teóricas sobre o tema, não encontrou nenhuma específica, excetuando T.J.Jacobs, em 1984, o mesmo constado por Mosher (1987 *apud* McLAUGHLIN, 1991), que realizou uma busca entre os anos de 1920 a 1986. Guttman (1980 *apud* McLAUGHLIN, 1991), registra também importante informação quanto a Freud, em seu texto *On the Problem of Lay Analysis*, de 1926, ter realizado referência ao charlatanismo médico, sugerindo *enactment* (não o citando), ao referir ‘o peso e a intenção de controlar como lei’ os demais.

Estes foram então os três primeiros textos, mais divulgados, a respeito deste novo fenômeno identificado nos estudos psicanalíticos contemporâneos. Conjugando estas ideias, podemos referir que o *enactment* psicanalítico identifica o conjunto de ações (gestos, atitudes, comportamentos) que ocorrem simultaneamente entre os dois partícipes do momento analítico/psicoterapêutico motivados pela comunicação inconsciente estabelecida neste par.

O potencial regressivo inerente à análise leva as palavras a serem percebidas como “armas de ataque”, de forte apelo afetivo e coercitivo resultando em “atos”, como indicado no termo, suprimindo o verbal, favorecendo o não-verbal da comunicação, predominando linguagem subliminar na dupla terapêutica (McLAUGHLIN, 1991). Está em nossa constituição psíquica a aprendizagem das relações que constituímos, assim como a tendência a manter o que aprendemos para nos defender e relacionar, aspectos esses básicos do fenômeno transferencial. Este se estabelece a partir da tendência de impormos nossas defesas, ou seja, nossas percepção e organização quanto ao mundo que estamos inseridos. Na falta de palavras para expressar sua bagagem, a pessoa tende a moldar um acontecimento, uma encenação (um *enactment*), de acordo com os seus medos e esperanças. A criança “encena, dramatiza” o que vivencia, o que experimenta. Pela regressão, ocorre o mesmo padrão de se relacionar, constituindo o que é tentado reproduzir na sessão terapêutica (McLAUGHLIN, 1991).

Cabe o registro de outros autores que, mesmo antes de o *enactment* ser definido, já identificavam a dinâmica de sua ocorrência. Cassorla (2007) relata que o desenvolvimento de ideias quanto à contratransferência como instrumento útil para compreender o paciente, ocorreu concomitantemente na Argentina, com Racker, em 1948 e em 1953 e, na Inglaterra com Paula Heimann, em 1950.

Assim, o *enactment*, por se referir ao relacionamento entre a dupla terapêutica, caracteriza-se como um fenômeno que compreende em si os conceitos psicanalíticos de representação, transferência, contratransferência, identificação projetiva, campo analítico, terceiro analítico (FREUD, 1905, 1910, 1912; KLEIN, 1946; BION, 1961; BARANGER & BARANGER, 1962; JOSEPH, 1985; OGDEN, 1995). Percebe-se que o tema indica que a compreensão psicanalítica das pessoas que buscam auxílio psíquico está se voltando à relação interpessoal que se estabelece na relação psicoterapêutica. Tem-se então, a relação do tema *enactment* e a intersubjetividade.

Também foi possível identificar no material encontrado, várias referências à relação da expressão *acting-out* com o termo *enactment*. Favorecendo o entendimento a respeito destas duas expressões e manifestações, no 42º *Congress of the International Psychoanalytic Association*, em Nice/França, em 23 de julho 2001, foram apresentadas significativas observações teóricas e técnicas no painel *On Acting-out and/or Enactment* (PERELBERG & LEVINSON, 2003). Para tanto, os debatedores argumentaram que *acting-out* “[...] é a realização de um impulso pela ação motora. [...] é a ação não colocada em palavras” (p.151). Refere-se a um ato não-específico, cuja finalidade é suprimir afeto e excitação. Tende a quebrar a estrutura analítica. É o ‘ato de uma pessoa’ (DENIS, 2003 *apud* PERELBERG & LEVINSON, 2003).

O *enactment*, por sua vez, é um “[...] modo específico de se comportar, mais relacionado com a repressão do que a supressão e leva a tocar no quadro analítico” (DENIS, 2003 *apud* PERELBERG & LEVINSON, 2003, p.154). Assim, é considerado como um episódio entre duas pessoas, com a participação do analista e visto como uma oportunidade para a análise, e não necessariamente um obstáculo. Assim, como uma das diferenças principais, *acting-out* se refere a atuação de um dos envolvidos, enquanto *enactment* concentra a ação conjunta dos partícipes da relação terapêutica.

Explicações de como o *enactment* se manifesta ilustram os comentários dos painelistas neste congresso. Spoto (2003 *apud* PERELBERG & LEVINSON, 2003, p.152), afirma que o *enactment* “[...] ocupa um espaço intermediário entre o cognitivo e o experimental (ação

motora/gesto/comportamento), entre o pensamento simbólico e a concretude das ações, e entre contratransferência e transferência”.

Acrescenta que é um momento que pode ajudar com a complexidade de conter e entender as comunicações dos pacientes, afetos e projeções que nem o paciente, nem o profissional ainda podem mentalizar. Podem revelar a respeito dos processos simbólicos de afetos e fantasias associadas com trauma desconhecido. Em outras palavras, como um trauma pode ser representado. Mantém-se a caracterização já descrita anteriormente pelos autores precursores do tema sobre a forte ação mútua do paciente sobre o analista e vice-versa.

Ponsi (2003 *apud* PERELBERG & LEVINSON, 2003) refere que profissional e paciente encenam aspectos relacionados à transferência e contratransferência, logo uma “interrelação de conflitos”. Esta caracterização também é referida por Joseph (1989 *apud* WASCA, 2012) ao utilizar expressões como a ação de esforços transferenciais para manter o equilíbrio psicológico (sintônico), no qual o paciente tentaria converter o analista/psicoterapeuta em alguém familiar, temido ou desejado. Neste sentido, as pressões decorrentes do *enactment*, podem comprometer o conhecimento, a aprendizagem do funcionamento mental, mantendo a repetição à compulsão, ou seja, uma encenação constante (ANDERSON, 1999).

Também referido no painel que, em comum a ambos, *acting-out* e *enactment*, a ação se sobrepõe às palavras, pois o ego se revela sobrecarregado demais para melhor refletir, podendo, nestes comportamentos, evidenciar os conflitos que ainda mantém. Neste sentido, podem ser observados como úteis à compreensão do processo terapêutico em andamento.

Cabe lembrar que Freud nunca fez referência direta ao termo *enactment*. É possível que, ao citar *acting-out* (*agieren*) e desenvolver sobre os aspectos transferenciais, estaria renunciando a existência do mesmo, considerando que *agieren* provém de um e atinge o outro (FREUD, 1905, 1912, 1914; KATZ, 1998; ETCHEGOYEN, 2004). Outra observação neste sentido, historicamente pertinente ao presente estudo, trata-se da colocação de Grinberg (1957, p.507) ao fazer referência à contra-identificação projetiva. Afirma:

[...] as perturbações provocadas na técnica analítica pelo excessivo jogo de identificações projetivas do analisado que originam no analista uma reação específica, para a qual propus o termo de 'contraidentificação projetiva', e que é significativamente inconsciente, faz desempenhar passivamente os papéis que lhe são colocados.

Embora não faça nenhuma referência à encenação entre a dupla terapêutica, Grinberg (1957) identifica fenômenos (transferência, identificação projetiva, contratransferência), assim como a ação arbitrária inconsciente sobre o outro e que, mais tarde serão associados, constituindo o *enactment* como tal. Acrescenta então:

[...] a identificação projetiva do paciente funciona de forma excessiva, seja pela sua frequência, quantidade ou especial intensidade de sua carga emocional, determinando que o analista reaja real e concretamente, assimilando os aspectos que lhe projetaram (p.508).

Com isso, Grinberg (1957, p. 510) conclui que:

Sensações deste tipo podem criar o padrão, às vezes, de como funciona o mecanismo de identificação projetiva do paciente, determinando conseqüências e reações no analista que, se não forem suficientemente compreendidas e valorizadas, poderão provocar momentos 'obscuros' na análise, com suas dificuldades técnicas correspondentes.

Também entre autores encontrados, Dr. Roosevelt Cassorla, revela significativa e detalhada produção a respeito do *enactment* na prática clínica, inclusive apresentando exemplo clínicos ilustrativos. Seu primeiro artigo a respeito do tema em questão, *Enactment (puesta en escena) agudo como recurso para el desvelamiento de una colusión de la dupla analítica*, foi publicado originalmente na Revista Uruguaya de Psicoanálisis, 92:35-61, no ano 2000 e, um ano após, intitulado como *Acute enactment as resource in disclosing a collusion between, in the analytical dyad*, republicado no *International Journal of Psychoanalysis*, 82:1155-70, em 2001. Neste, revela que o *enactment* está relacionado a comportamentos inconscientes dos participantes do par analítico, caracterizando-se como “[...] consequência da impossibilidade de externalizar aquelas situações, ou fantasias inconscientes ligadas a elas, através de simbolizações verbais” (p.1156).

Os estudos deste autor propõem uma leitura da relação terapêutica como uma situação de espaço/tempo na qual são ‘encenados/apresentados’ os sentimentos e pensamentos de quem busca o tratamento (paciente) contando com a participação ativa de quem assiste (terapeuta/analista), constituindo assim o fato clínico. Assim, suas ideias mencionam o “teatro” trazido para o campo analítico, criando uma cena, onde são reveladas histórias, enredos, com forte conotação visual. Ambos, como no teatro, sobretudo o contemporâneo, constroem uma cena na qual os conflitos são revelados. Há uma tentativa de demonstrar o que foi vivenciado/sofrido e ainda por elaborar (FREUD, 1912; McDOUGAL, 1989 e 1991 *apud* CASSORLA, 2003a).

Cassorla (2004) ressalta que, em particular ao analista/terapeuta, caberá função múltipla: ao mesmo tempo que assiste ao apresentado (espectador), será também “personagem” (receptor da transferência); “co-autor”, ao responder ao material transferencial, porém atento ao significados presentes nestes conteúdos, mantendo controle sobre os aspectos contratransferenciais; “diretor de cena”, no sentido de encaminhar analiticamente o conteúdo do enredo à melhor compreensão possível; “iluminador”, no sentido de direcionar “a luz aos aspectos da cena que tendem a ser escondidos”, ou seja, poder identificar os pontos necessários de serem esclarecidos favorecendo a percepção e conhecimento dos mesmos; “crítico teatral” também, quando avalia o funcionamento do que foi expresso/encenado/apresentado a partir de sua capacidade crítica e identidade analítica. Estes movimentos constituem o *enactment* que poderá “[...] permitir a revivescência de experiências arcaicas, na tentativa de poder elaborá-las” (CASSORLA, 2004, p.521).

No *enactment*, estas reações são simultâneas, ou seja, ambos são influenciados mutuamente: “O resultado é um tipo de ‘performance’, semelhante aquela de dois atores em uma cena teatral na qual ambos estão inconscientemente envolvidos no que estão fazendo” (CASSORLA, 2001, p.1157). A partir desta influência mútua, cria-se uma ‘unidade intersubjetiva’ evidenciando que o referencial teórico utilizado quanto ao conteúdo *enactment* remete à atual teoria das relações objetais em sua vertente intersubjetiva (CASSORLA, 2001, 2003b, 2008, 2012, 2013b).

É, então, neste sentido que Cassorla (2003b, 2004) propôs, como possível entendimento para o termo *enactment*, a expressão “colocação em cena da dupla”, com a qual envolve a

ação conjunta, mútua dos participantes do par terapêutico. Afirma ser o *enactment* o conjunto de

[...] comportamentos que envolvem analista e paciente, que tornam atuais situações ou fantasias arcaicas, reflexo de medos e esperanças transferenciais e contratransferenciais, às vezes colocando em cena situações traumáticas reais ou fantasiadas do passado, e ocorrendo inconscientemente. [...] é uma consequência da impossibilidade de externalizar essas situações ou fantasias inconscientes a elas vinculadas, por meio da simbolização verbal. [...] Sua ação envolvente pressiona o outro membro a contra-atoar, em forma recíproca” (p.523).

Acrescenta ainda que o *enactment* indica “[...] descargas mútuas que ocorrem na relação analítica e que costumam se manifestar como comportamentos e ações da dupla analítica” (CASSORLA, 2005, p.55).

Na sequência de seus estudos, Cassorla (2005) ampliou a expressão referente ao *enactment* para “colocação da cena patológica da dupla”, pois este fenômeno se caracteriza por momentos de difícil comunicação no relacionamento terapêutico, indicando que o mesmo está ameaçado de evoluir. Tal ameaça se dá pela intensidade e permanência das identificações projetivas e dos aspectos transferenciais e contratransferenciais – “descargas mútuas”, “externalização de aspectos internos do paciente em contato com os do analista”, já descritos, caracterizando um baluarte, identificando a base teórica bioniana também apresentada pelo casal Baranger (1962 *apud* CASSORLA, 2005).

Cassorla (2005, 2007, 2008, 2009, 2012, 2013a, 2013b) acredita que o relatado pelo paciente, com toda sua específica e personalizada caracterização, pode ser considerado como que um “sonho” trazido para ser vivenciado conjuntamente. Tal “sonho”, corresponde à subjetividade característica do funcionamento psíquico humano, na qual engloba o conjunto de suas sensações, sentimentos e pensamentos. Este aspecto sugere o conceito de “pictograma afetivo”, elaborado por Rocha Barros (2000 *apud* CASSORLA, 2005; 2007) e que se refere à primeira forma de representação mental das experiências emocionais, o que corresponde à constituição da função alfa. O pictograma afetivo reserva em si potencial de significações ocultas e ainda ausentes que levam a mente a ampliar seus instrumentos de representação. Em

outras palavras, busca compreender as maneiras como pulsões e fantasias inconscientes são expressas durante as ‘encenações’ na análise em busca de figurabilidade.

Cassorla (2005, 2007) afirma então que, a partir de um *enactment*, as possibilidades de perceber as imagens sugeridas pelo paciente ficam obstruídas, impedindo ou obnubilando a apresentação do “sonho” a ser interpretado. Ocorre uma intersecção entre não compreender o paciente que, por sua vez, não se sente compreendido. Impedido de “sonhar”, impedido de exercer sua função alfa, o paciente recorre ao analista na expectativa que lhe auxilie através da recepção de seus elementos betas a serem transformados (BION, 1975; CASSORLA, 2003a; 2005; 2007; 2008; 2012; 2013a). Atingido por esta situação, estando também o analista “barrado” para “sonhar”, desenvolve-se um “não-sonho” na relação terapêutica, comprometendo a experiência emocional, correspondendo ao *enactment*. Neste momento, os membros não estão envolvidos com o que ocorre, ou seja, inexistem elementos evocativos-expressivos, estabelecendo-se um comprometimento da fluência das emoções e dos pensamentos. Mantém-se um conluio obstrutivo:

O material não tem significado, não há espaço para ligações, não existe ressonância emocional para novas conexões e o analista é engolfado pela situação, não percebendo o que está ocorrendo. O ‘[...] não-sonho’ implica a destruição da barreira de contato que permitia a separação consciente/inconsciente (CASSORLA, 2005, p.62).

Neste fenômeno, *enactment*, há um comprometimento da construção do espaço triangular que favorece o *contínuum* psicoterápico, impedindo a simbolização e a representação, logo o “sonho” proposto pelo autor, caracterizando uma área misturada por descargas conflituais. (CASSORLA, 2005, 2007, 2008, 2012, 2013a, 2013b, 2014).

Percebe-se assim que, ao mesmo tempo em que pode indicar um problema na relação terapêutica, pelo conluio ou impasse que tendem a se instalarem, uma vez que estimulam funcionamento regressivo, o *enactment* pode possibilitar também, a partir da posição ativa e reflexiva do analista/terapeuta, a utilização destes momentos como terapêuticos, ou seja, como indicativos da conflitiva do paciente principalmente, assim como também de sua autopercepção na situação analítica. Caracteriza-se então o *enactment* com poder

comunicativo da vivência emocional, bem como sua utilização técnica ao encaminhar à resolução da conflitiva percebida.

Vários de seus estudos são relacionados, sobretudo, ao quadro clínico *borderline*, com pacientes altamente narcisistas ou de pacientes psicóticos, citados como muito suscetíveis a situações de *enactments* (CASSORLA, 2001, 2004, 2008). Decorrente de funcionamento regressivo com que estes pacientes com estas estruturas psíquicas tendem a viver, acionam com intensidade a sensibilidade do analista/psicoterapeuta, tendendo a envolvê-los em conflitos, conluios e impasses, que não adequadamente percebidos, podem desenvolver *enactments*, comprometendo a relação terapêutica.

Também diferencia *enactment* de *acting-out*, quando no primeiro a participação do analista é efetiva através da subjetividade de sua própria transferência e pontos cegos, passando a ser conduzido pela relação terapêutica, ao invés de acompanhá-la no papel de terapeuta/analista. Em outras palavras, envolve-se sem a clareza terapêutica. Cassorla (2001, 2003a, 2004, 2005, 2008, 2009, 2012; 2013a, 2013b, 2014) acredita que uma vez que o analista compreenda o que está ocorrendo na relação da díade terapêutica, conseguirá separar o seu contributo conflitual do que é do paciente, tornando assim o fenômeno útil para o progresso do tratamento. Neste sentido, há uma referência a Batemann (1998) que considera o *enactment* como possibilidade técnica para a clínica psicoterápica quando o analista/terapeuta avalia seus aspectos contratransferenciais.

Cabe registrar que os estudos de Cassorla abrangem ainda uma diferenciação entre *enactments* normais e patológicos e, estes últimos, em agudos e crônicos. *Enactment* normal seria compreendido pela ocorrência do mecanismo de identificação projetiva que acompanham a comunicação simbólica verbal e suas identificação e interpretação consequentes sem comprometimento à relação terapêutica (CASSORLA, 2003b). Segundo Barros (2000 *apud* CASSORLA, 2003b, p.427), *enactments* normais

[...] implicam a quase concomitância de sua formação com sua compreensão, sendo desfeitos instantaneamente pelo trabalho analítico. A percepção desse fato se revela no aumento da capacidade de simbolização e de articulação de elementos do pensamento e afeto, ampliando-se a capacidade de pensar, isto é, o acesso ao mundo

interno e a novas configurações simbólicas. Aqui vemos o processo analítico funcionando satisfatoriamente, validando os procedimentos efetuados.

Enactment patológico agudo corresponde ao abalo intenso que mobiliza o par analítico, porém com duração equivalente ao tempo de ser percebido e encaminhado à elaboração, enquanto *enactment* crônico seria absolutamente prolongado, caracterizando colusão difícil de ser identificada e/ou impasse impossível de ser descaracterizado (CASSORLA, 2003b, 2004, 2005, 2008, 2012).

O “desfazer” os *enactments* é função, sobretudo inicial, do analista/terapeuta, considerando sua atividade como tal. O foco é ampliar a rede simbólica e a capacidade de pensar, características fundamentais do vértice analítico. A complexidade desta função, ou seja, a constante manutenção deste vértice, envolve seu interesse e compromisso quanto ao que se dedicou a realizar. Assim:

O estímulo à criatividade do analista em buscar os procedimentos mais adequados indica que somente após sua intervenção saberemos o seu efeito, isto é, será “a posteriori” que saberemos sobre sua validade. Os fundamentos epistemológicos da validação de um procedimento a partir de seus efeitos envolvem capacidade de observação de fenômenos emocionais, fruto da capacidade analítica do profissional, somada a adequada teorização. [...] por vezes, o analista necessita de um “segundo olhar”: de seu próprio trabalho mental (sonhos, associações, escrita), de supervisores, da discussão científica inter-pares, para defrontar eventuais pontos “cegos” (CASSORLA, 2003b, p. 427).

Neste sentido, Jacobs (2006b) lembra que *enactments* também podem ser originados individualmente, ou seja, decorrente da manifestação psíquica de um indivíduo que representa o outro que está em sua frente (*vis-à-vis*). Não nega que o surgimento dos *enactments* seja também da relação do par (interjogo transferência/contratransferência), mas afirma que possivelmente surjam individualmente por questões particulares que podem, ou não, serem absorvidas de modo conflituado e então, atingir a relação terapêutica. Jacobs (2006a, p.87) enfatiza que *enactments* “[...] estão conectados, via memória, a pensamentos associados, fantasias e experiências da infância ou adolescência. [...] a ideia de *enactment* contém dentro dela a noção de *reenactment*, relembrando fragmentos do nosso passado psicológico”. Por

esta razão, podem então ser decorrentes do paciente, do analista ou de ambos pelo estímulo inconsciente que os participantes da díade se fazem simultaneamente. Assim, tanto paciente, quanto analista, ‘encenam’ aspectos de seu dinamismo psíquico que, se não identificados, constroem bloqueios, conluios ou impasses na relação terapêutica. Reforça que estar atento a estas possibilidades na relação, favorecerá “[...] explorar aspectos do nosso próprio psiquismo que, de outro modo, não nos seriam possíveis” (JACOBS, 2006a, p.92).

Estes aspectos comunicacionais da relação terapêutica são fonte de interesse de Gabbard (2006) também como alerta aos profissionais no que se refere ao cuidado para não serem violadas as fronteiras terapêuticas. Estas devem ser mantidas objetivando criar uma atmosfera de segurança e previsibilidade, garantindo uma assimetria de auto-exposição e a progressão terapêutica. Não se refere à rigidez nas posturas profissionais, mas que estas fronteiras psicológicas possam ser transpostas através da empatia, projeção, identificação projetiva e introjeção. Esta é uma das razões para se prestar atenção a todos os fenômenos que ocorrem no processo psicoterapêutico, incluindo o *enactment*. Afirma que “Um componente-chave do conceito *enactment* contratransferencial na contemporaneidade é que alguma ação, ainda que sutil, é necessária, além do estado afetivo profundamente inconsciente do analista” (GABBARD, 2006, p.237). Spillius (1992 *apud* Gabbard, 2006), ilustra que mesmo sendo o analista sempre influenciado, em algum grau, pelo que o paciente projeta, ressalta que este não deve ser responsabilizado por todos os sentimentos vivenciados pelo analista. Afirma que

[...] os analistas podem também confundir seus próprios sentimentos com os do paciente e que o trabalho psicológico contínuo do analista é necessário para diferenciar sentimentos que se originam no paciente daqueles que se originam em si mesmo. [...] Uma reação contratransferencial no analista frequentemente corresponde à tentativa do paciente de encenar uma fantasia transferencial. [...] a preexistência de defesas e conflitos intrapsíquicos, bem como constelações *self*-objeto no mundo interno do receptor, determinará se a projeção se encaixa ou não com o receptor” (SPILLIUS *apud* GABBARD, 2006, p.237).

Renik (1993 *apud* GABBARD, 2006, p.237) apresenta a ideia que

[...] o analista não consegue estar ciente do fenômeno da contratransferência, até que uma sensação ou atualização de uma representação *self*-objeto interna no paciente leve o analista a atuar de modo que chame sua atenção para a contratransferência.

Sendo assim, estabelecer limites profissionais como parte da estrutura terapêutica favorece a avaliação da contratransferência. Assim como Cassorla (2003b), Gabbard (2006) enfatiza conversar com colegas profissionais sobre os casos em questão. Afirma que tal atitude “[...] é uma questão de profilaxia contra violação de fronteiras” (GABBARD, 2006, p.242). A consultoria favorece a tríade estudo, análise própria e supervisão de modo a manter a atenção quanto às possibilidades de violação de fronteira. A aceitação do que é projetado, seja positivo ou não, faz parte do trabalho analítico, uma vez que o terapeuta esteja ciente de sua função profissional.

2.2 Revisão sistemática

A revisão sistemática integra a fundamentação teórica desta dissertação e também se constitui como artigo científico de revisão teórica a ser submetido para publicação no [*British Journal of Psychotherapy*](#) (Londres/Inglaterra).

2.2.1 Revisão sistemática sobre aspectos conceituais e técnicos do *enactment* psicanalítico

Charlie Trelles Severo¹, Pricilla Braga Laskoski², Stefania Pigatto Teche³, Ana Margareth Bassols⁴, Raquel Saldanha⁵, Rafael Stella Wellausen⁶, Aline André Rodrigues⁷, Camila Piva da Costa⁸, Diego Barreto Rebouças⁹, Carolina Padoan¹⁰, Alcina Juliana Soares Barros¹¹, Maria Lucia Tiellet Nunes¹², Cláudio Laks Eizirik¹³.

¹Psicólogo. Especialista em Psicoterapia com Orientação Analítica-CELG. Mestrando em Ciências Médicas: Psiquiatria, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

²Psicóloga. Doutoranda em Ciências Médicas: Psiquiatria, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

³Psiquiatra. Psiquiatra contratada do Hospital de Clínicas de Porto Alegre-HCPA. MSc em Ciências Médicas: Psiquiatria, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil. Psiquiatra contratado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

⁴Psiquiatra e Psicanalista. Doutora em Ciências Médicas: Psiquiatria, UFRGS. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), Porto Alegre, RS, Brasil. Professora Adjunta de Psiquiatria, UFRGS.

⁵Psiquiatra. Centro de Estudos José de Barros Falcão- CEJBF, Porto Alegre, RS, Brasil.

⁶Psicólogo. Doutor em Psicologia, UFRGS. Psicólogo do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, RS, Brasil.

⁷Psiquiatra. Doutoranda em Ciências Médicas: Psiquiatria, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

⁸Psicóloga. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica-CIPT. MSc e Doutoranda em Ciências Médicas: Psiquiatria UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

⁹Psiquiatra. Residente do quarto ano em psicoterapia pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Doutorando em Ciências Médicas: Psiquiatria, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

¹⁰Psicóloga. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica-CIPT. MSc em Ciências Médicas: Psiquiatria – UFRGS.

¹¹Psiquiatra. Especialista em Psiquiatria Forense-ABP e em Psicoterapia de Orientação Analítica-CELG. Doutoranda em Ciências Médicas: Psiquiatria, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

¹²Psicóloga. Doutora em Psicologia Clínica, Universidade Livre de Berlin, Alemanha. Professora Titular PUCRS. Docente do Centro de Estudos da Família e do Indivíduo (CEFI), RS.

¹³Psiquiatra e Psicanalista. Doutor em Ciências Médicas: Psiquiatria. Professor Titular de Psiquiatria, UFRGS, SPPA, Porto Alegre, RS, Brasil.

INTRODUÇÃO

O investimento nos estudos psicanalíticos é positivamente progressivo e continuamente necessário. Ao longo das últimas décadas, a produção em psicanálise vem crescendo significativamente, demonstrando uma constante busca por aprofundamento teórico e evidências técnicas que dêem suporte aos seus achados (FONAGY, 2003; PEUKER, HABIGZANG, KOLLER e ARAÚJO, 2009; SHEDLER, 2010; JARDIM & HERNÁNDEZ, 2010; CAMPEZATTO, VIEIRA e NUNES, 2013).

Desde as descrições da transferência (FREUD, 1905/1974) e contratransferência (FREUD, 1910;1912/1974), da identificação projetiva como mecanismo defensivo (KLEIN, 1946/1982), assim como com potencial comunicativo e de proveito para a compreensão do funcionamento psicológico do paciente (BION, 1961), caracterização favorável à constituição do campo analítico (BARANGER, 1962), é possível perceber a descoberta de novas abordagens quanto ao inconsciente e suas manifestações no desenvolvimento teórico da Psicanálise, e conseqüentemente técnico.

Posicionamentos divergentes ao modelo estrutural-pulsional de Freud estimularam alguns psicanalistas das décadas de trinta e quarenta, como Erich Fromm, Harry Sullivan, Clara Thompson, a criar a Psicanálise Interpessoal com base no modelo estrutural-relacional, no qual aspectos culturais têm significativa importância. Sullivan (1938 e 1940 *apud* GREENBERG & MITCHELL, 1994) enfatizou que, para reorganizar a personalidade de pacientes psiquicamente prejudicados, faz-se necessário incorporar ao *self* experiências que anteriormente não foram integradas – daí a importância da relação terapeuta e paciente para a evolução deste último. Este autor percebeu que mesmo pacientes psicóticos também apresentam significados em suas expressões e comportamentos regressivos. Afirma: "[...] uma personalidade nunca pode ser isolada do complexo das relações interpessoais nas quais a pessoa vive e tem o seu ser. Todo conhecimento de outra pessoa é mediado através da interação [...]. O coletor de dados nunca é simplesmente um repórter objetivo, mas sempre um 'observador participante'. A personalidade torna-se manifesta em situações interpessoais." (SULLIVAN, 1940 *apud* GREENBERG & MITCHELL, 1994, p.65). Autores psicanalíticos contemporâneos revelam que esta evolução proporcionou uma nova concepção do encontro analítico ou psicoterápico como oriundo da relação estabelecida entre profissional e paciente,

estabelecendo assim um processo inter-relacional. Neste processo, estão absolutamente presentes e dominantes o funcionamento psíquico de cada um dos integrantes, bem como o funcionamento constituído por este par (GREEN, 1988, 2009; OGDEN, 1995; FERRO, 1996).

Assim, conforme Zaslavsky e Santos (2006) endossam, o processo analítico é observado e estudado como uma relação que produz impacto emocional mútuo, no qual ocorrem trocas de informações, isto é, comunicações tanto verbais, quanto não verbais, intencionais ou não.

Decorrente da crescente concepção psicanalítica intersubjetiva e inter-relacional, é identificado um fenômeno através do qual, na situação analítica, pode ser percebido um dos resultados da inter-relação transferência/contratransferência através da “encenação” dos conflitos inconscientes do paciente a partir da reação do analista/psicoterapeuta. Este fenômeno é denominado *enactment*, termo sugerido por Theodore Jacobs, no Painel *Countertransference in Theory and Practice*, no *Annual Meeting of the American Psychoanalytic Association*, em San Diego, na Califórnia, EUA, em 04 de maio de 1984 e publicado no *Journal of the American Psychoanalytic Association*, em 1986, intitulado *On Countertransference Enactments*.

Em paralelo ao crescimento dos estudos psicanalíticos, em conversas informais com psicoterapeutas que fundamentam sua prática na mesma teoria, é possível identificar o pouco conhecimento sobre este tema especificamente. Diante deste paradoxo, desenvolveu-se então o interesse em estudar sistematicamente o que vem a ser este fenômeno. Nesse sentido, a presente revisão tem por objetivo identificar e registrar, especificamente, como os autores entendem e identificam o conceito *enactment*, relacionado à teoria e à técnica psicanalíticas, e como trabalham para sua elaboração (manejo clínico). Pretende-se também elaborar um panorama das publicações a respeito do tema em questão, registrando os autores, revistas, período, tipo de estudo, diagnósticos, gênero e faixa etária de pacientes referidos.

METODOLOGIA

Este estudo teve seu início em outubro de 2014. Como bases de dados, foram consultadas *PUBMED*, *PsycINFO* e *LILACS* e como descritores, foram utilizados, na seguinte

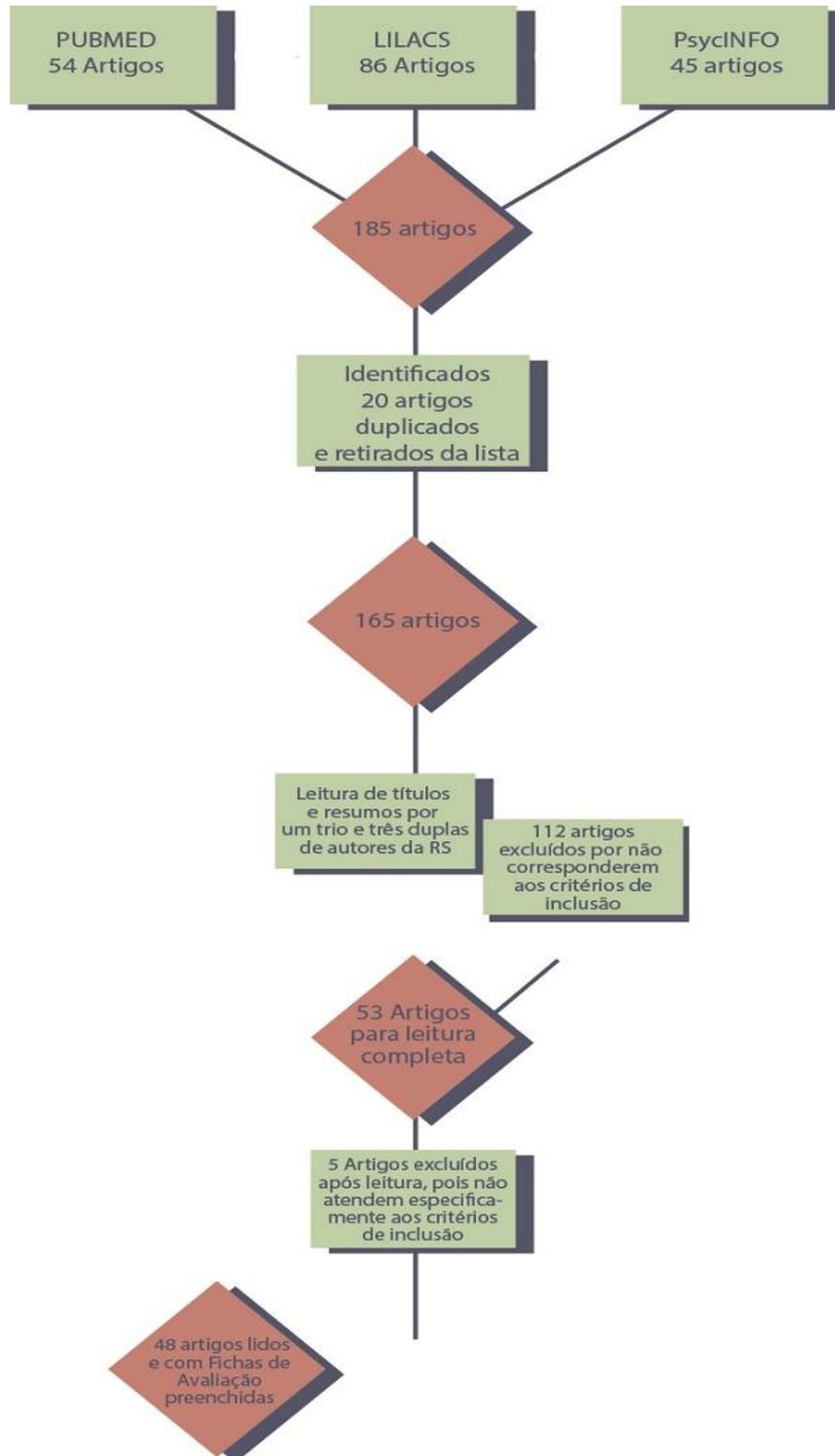
combinação: “*enactments [Title/Abstract]) OR enactment [Title]) AND psychoanalytic theory AND psychoanalytic therapy*”. Optou-se por não delimitar tempo de publicação dos artigos.

Assim definido, registrou-se uma lista de artigos: na base de dados *PUBMED* foram encontrados 86 títulos; na base *LILACS*, 54 e na base *PsycINFO*, 45, somando 185 títulos. Verificou-se que 20 trabalhos eram duplicados, sendo retirados da lista. Com o total de 165 artigos, iniciou-se o processo de seleção para a presente revisão.

Quanto aos critérios de inclusão, buscavam-se textos que apresentassem teoria a respeito do *enactment*, ou seja, conceitos e definições sobre o mesmo, identificando como os autores entendem este conteúdo. Procuravam-se também aspectos técnicos de abordagem ao *enactment*, isto é, como os profissionais identificam e elaboram sua ocorrência na situação analítica. Os artigos poderiam ser teóricos ou de abordagem técnica ou contemplando ambos os aspectos. Foram excluídos artigos que não apresentassem *enactment* como tema principal.

Após esta etapa, dividiram-se os autores do presente estudo em quatro grupos: três, constituídos como duplas e um, como trio. Cada membro do grupo realizava a leitura dos resumos individualmente e decidia sobre a inclusão e/ou exclusão do artigo na revisão. No caso de discordância, recorreu-se a um juiz. Quatro resumos foram excluídos pelo juiz, pois não se tratavam especificamente de estudo relativo ao *enactment*. Concluída esta etapa, foram incluídos 53 artigos para serem lidos na íntegra, iniciando-se a etapa caracterizada pelo preenchimento de uma ficha de avaliação do artigo, respondendo aos objetivos desta revisão. Nesta etapa, foram ainda excluídos cinco artigos, pois identificou-se que não apresentavam ênfase em suas caracterizações conceituais e/ou técnicas sobre o conteúdo. O número total final é de 48 artigos incluídos. Ver fluxograma a seguir.

Fluxograma da Revisão Sistemática Sobre o Conceito de *Enactment* Psicanalítico



RESULTADOS

Os resultados são apresentados de acordo com as seguintes divisões:

Aspectos Conceituais e de Compreensão sobre *Enactment* Psicanalítico

Em meados da década de oitenta, registra-se o conceito de *enactment* psicanalítico como um fenômeno no qual a dupla terapêutica se revela como dinamicamente inter-relacionada, dada a intersubjetividade que nela se manifesta, sendo importante a atenção do analista/psicoterapeuta aos aspectos mais sutis de sua contratransferência. Evidencia-se a relação das respostas contratransferenciais às expressões do paciente e a relação que se estabelece na díade terapêutica. Estabelece-se uma colusão defensiva, um padrão de pensamento obstruído, impedido ou repetitivo e não reflexivo, resultado de forças inconscientes entrelaçadas (*interlock*, WOLSTEIN, 1959 *apud* BONOVIKZ, 2009). A intensidade do conflito interfere na compreensão do que está ocorrendo, o que leva a sublimação a falhar e o bloqueio se estabelece, resultando no comprometimento do espaço reflexivo (JACOBS, 1986; CHUSED, 1990; REED, 1997; FELDMAN, 1997; BATEMAN, 1998; HIRSCH, 1998; BURNSTEIN & CHEIFETZ, 1999; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; GOLDBERG, 2002; LaFARGE, 2004; VARGA, 2005; BONOVIKZ, 2009; STERN, 2009; GINOT, 2009; CASSORLA, 2012; PAGANO, 2012; STRAUSS, 2012; BRUSCHWEILER-STERN, LYONS-RUTH, MORGAN, NAHUM, REIS, STERN & SANDER L, 2013; SAPISOCHIN, 2013; CASSORLA, 2013).

De acordo com a etimologia da palavra *enactment*, “[...] o verbo 'agir' é definido entre dois modificadores. Por si só,

"act" [...] traz em si o sentido de 'agir', 'fazer', 'fazer a sua vontade pela força', 'exercer poder', 'atuar como um ator para simular ou dissimular' (desempenhar o papel de); [...] O prefixo *"en"* enfatiza *"act"* como substantivo, ampliando a noção de 'colocar para dentro ou em cima, cobrir, envolver, embrulhar em', atribuindo ainda mais intensidade à expressão; o sufixo *"ment"* intensifica ainda mais o sentido e a densidade de *"act"* como um substantivo" (McLAUGHLIN, 1991, p.597).

Assim definido, evidencia que as interações ocorrem como uma consequência do comportamento do outro envolvido, indicando referências teóricas de Sandler (1976) e Ogden

(1979) a respeito da identificação projetiva citada por Mc Laughlin (1991), e enfatizada por Cassorla (2001, 2008, 2012, 2013), como básica na constituição dos *enactments*. Esta manifestação passa a ser compreendida como possibilitadora de atribuir papéis a serem desempenhados (*role-responsiveness*) e de compreender a maneira como é percebida a realidade pelo paciente e como a mesma é refletida através das atitudes do analista/terapeuta. Percebe-se então a característica de influência mútua, coercitiva ou persuasiva, presente no fenômeno *enactment* (JACOBS, 1986; McLAUGHLIN, 1991; LEVINE, 1994; FELDMAN, 1997; BATEMAN, 1998; KATZ, 1998; HIRSCH, 1998; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; FRANK, 2002; ANCHIN, 2002; WEISS, 2002; WURMSER, 2003; GERSON, 2004; LaFARGE, 2004; ZANOCCO et al., 2006; GINOT, 2007; IVEY, 2008; YERUSHALMI, 2010; STEINER, 2011; CASSORLA, 2012; PAGANO, 2012; STRAUSS, 2012; SKOGSTAD, 2013; SAPISOCHIN, 2013; CASSORLA, 2013). Afirma Feldman (1997): “O que é projetado pelo paciente é uma fantasia de uma relação objetual que evoca não somente pensamentos e sentimentos, mas também uma propensão para a ação” (p.228). Sapisochin (2013) argumenta que o *enactment* não é considerado como um fim em si, mas um meio pelo qual podem ser criadas as condições de um passado não pensado verbalmente encontrar formas de expressão consoantes com um funcionamento psíquico mais evoluído. Em suma: pensar o impensado verbalmente.

Esta caracterização básica do *enactment* é apontada por Smith (1990) então como um paradigma da relação transferência / contratransferência. Este dinamismo é identificando por Chused (1991), como o poder evocativo dos *enactments*. Faz-se importante registrar que a descrição da inevitabilidade dos *enactments* está presente na maioria dos autores citados, por serem decorrentes da relação intersubjetiva, ou seja, trocas transferenciais / contratransferenciais frequentes que se instalam na dupla. Conforme Cassorla (2001, p.1155) “[...] fazem parte da história natural do processo analítico”. Não foram encontradas oposições a esta caracterização da inevitabilidade, embora alguns autores não a citem (CHUSED, 1990; FELDMAN, 1993; ALMOND, 1995; BURNSTEIN & CHEIFETZ, 1999; LaFARGE, 2004; STERN, 2009).

Nos *enactments*, predominam comunicações não verbais, vivenciadas como atualização da percepção transferencial, como ‘realização de fantasias que ocupam a psique’. Identifica-se

assim que *enactments* apresentam caráter regressivo, pois resultam de comunicações afetivas que sinalizam uma capacidade de abstração e simbolização, logo de verbalização, ainda não adequadamente desenvolvidas, manifestas em formato ideo-pictográfico (Sapisochim, 2013). Por isso 'prendem' o analista/terapeuta na situação analítica, sendo necessário considerar esta imaturidade psíquica a ser desenvolvida (CHUSED, 1991; KATZ, 1998; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; WURMSER, 2003; GINOT, 2007; YERUSHALMI, 2010; SAPISOCHIM, 2013).

Neste sentido, Zanocco, De Marchi & Pozzi (2006) referem que *enactment* descreve uma forma particular e dinâmica originária do funcionamento da mente primitiva, logo uma parte do ego ainda fragilizada e imatura. Em decorrência, as palavras podem ser percebidas como 'armas de ataque', com forte poder coercitivo que resultam em 'atos', suprimindo o verbal na comunicação. Sentimentos de responsabilidade podem confundir o profissional, levando-o a agir de acordo com significados ainda não claramente identificados na situação, dificultando a postura terapêutica (CHUSED, 1991; McLAUGHLIN, 1991; REED, 1997; FELDMAN, 1997; BATEMAN, 1998; HIRSCH, 1998; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; GERSON, 2004; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; STERN, 2009; STEINER, 2011; PAGANO, 2012; STRAUSS, 2012; SAPISOCHIN, 2013). Assim, constitui-se como uma interação obstrutiva, com conluios ou em estado de impasse, dificultando a evolução analítica enquanto não elaborado (McLAUGHLIN, 1991; LEVINE, 1994; REED, 1997; BURNSTEIN & CHEIFETZ, 1999; CASSORLA, 2001; FRANK, 2002; WURMSER, 2003; LaFARGE, 2004; ZANOCCO ET AL, 2006; CASSORLA, 2008; BONOVIETZ, 2009; GINOT, 2009; STEINER, 2011; CASSORLA, 2012; PAGANO, 2012; STRAUSS, 2012; SKOGSTAD, 2013; SAPISOCHIN, 2013; CASSORLA, 2013; SAFRAN & KRAUS, 2014).

Registra-se também, nos *enactments*, significativo potencial comunicacional do padrão de interação que o paciente utiliza. Características das relações objetais vivenciadas pelo paciente, assim como pelo analista/terapeuta, podem ser identificadas a partir da ocorrência destes fenômenos. Cada participante da situação analítica procura impor ao outro uma relação objetal intrapsíquica (ANNE REICH, 1966; SANDLER, 1976, *apud* JACOBS, 1986). Essa concepção é de valor, pois o processo pelo qual paciente e analista constroem significados na análise/psicoterapia é sutilmente moldado por *enactments*, pela transferência e

contratransferência, por fantasias sobre a maneira que a criança e seus primeiros objetos, juntos, moldaram sua experiência da realidade. Identificam que “alguém” existe na mente de “outro alguém” e que, em consequência, esse outro é afetivamente responsivo (SMITH, 1990; GABBARD, 1994; REED, 1997; FELDMAN, 1997; JONES, 1997; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; FRANK, 2002; ANCHIN, 2002; GERSON, 2004; SULLIVAN, 2007; IVEY, 2008; CASSORLA, 2008; STERN, 2009; YERUSHALMI, 2010; STEINER, 2011; GILHOOLEY, 2011; CASSORLA, 2012; PAGANO, 2012; BRUSCHWEILER-STERN ET AL., 2013; SKOGSTAD, 2013; SAPISOCHIN, 2013; CASSORLA, 2013). Este conteúdo reforça o que alguns autores citam ao relacionar a ocorrência de *enactments* com a possibilidade para uma experiência emocional corretiva, na qual conflitos antigos podem ser experimentados com melhor resolução na atualidade (FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; VARGA, 2005; SULLIVAN, 2007; IVEY, 2008; PAGANO, 2012).

Friedman & Natterson (1999) acrescentam que, decorrente da qualidade comunicativa, paciente e profissional constroem juntos o processo analítico. Ambos são coparticipantes na busca de significados para as expressões mentais, e os *enactments* são baseados no contínuo de viver “[...] várias fantasias de diferentes graus de qualidade e intensidade ativadas a qualquer momento, produzindo uma teia de interações que se interpenetram e estão em constante mutação” (p.226). *Enactments* podem revelar tanto uma função obstrutiva e/ou defensiva, como comunicativa, no sentido de revelar, em conjunto, o que até então não era identificado conscientemente. É um processo intersubjetivo (GABBARD, 1994; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; FRANK, 2002; ANCHIN, 2002; GERSON, 2004; LaFARGE, 2004; VARGA, 2005; GINOT, 2007; SULLIVAN, 2007; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; BONOVIKZ, 2009; YERUSHALMI, 2010; STEINER, 2011; GILHOOLEY, 2011; CASSORLA, 2012; STRAUSS, 2012; BRUSCHWEILER-STERN et al., 2013; SAPISOCHIN, 2013; CASSORLA, 2013).

Vários autores caracterizam *enactment* como “encenação” (JACOBS, 1986, McLAUGHLIN, 1991; FELDMAN, 1993; LEVINE, 1994; FELDMAN, 1997; HIRSCH, 1998; CASSORLA, 2001; VARGA, 2005; PAGANO, 2012; SKOGSTAD, 2013). White (1992) descreve que o paciente, como ‘protagonista e diretor’, revive um papel infantil “encenado no palco/consultório” do analista/terapeuta que também desempenha uma parte

nesta “performance” dinâmica e inconsciente como tentativa de concretizar a transferência. Varga (2005) registra que *enactments* podem ser a “[...] expressão da compulsão à repetição em sua dimensão interativa” (p.672). Straus (2012) descreve a repetição das estratégias para enfrentar a experiência traumática. Ocorre um “jogo” de deslocamentos de transferência/contratransferência com as características da relação real com o analista/terapeuta, ou seja, a resposta do profissional é um misto de sua contratransferência com a empatia à pressão da transferência do paciente. Assim, há duas maneiras em que o analista participa no *enactment*: o paciente “escolhe” algum aspecto da personalidade ou mínimos deslizes do profissional ou então o leva a experimentar como o paciente espera que ele seja. A qualidade do vínculo do analista com o paciente, ou seja, a participação do profissional neste “enredo”, favorecerá a resolução do mesmo mediante a retomada de sua consciência (elaboração de pontos cegos) quanto às mensagens psíquicas apresentadas e consequente interpretação das mesmas. A mistura de todas essas emoções constitui o conteúdo do citado “enredo” e cria um momento inovador na relação da dupla, mais motivada e segura para encontrar uma conclusão satisfatória. Nas palavras de Katz (1998), o *enactment* vem a ser uma interação única em cada processo analítico na qual o significado psíquico emerge possibilitando alcançar maior nível de organização psíquica.

Os estudos sobre *enactments* elevaram o debate entre a Psicanálise considerada clássica e a inter-relacional. Hirsch (1998), em importante revisão teórica, apresenta a ideia de que o conceito de *enactment* contratransferencial, na Psicanálise clássica, tem suas raízes nos artigos clássicos de Tower, 1956, Bird, 1972 e Sandler (1976), embora não estimularam outros freudianos a desenvolver o tema até Jacobs (1986). Salienta que a noção do produtivo uso da experiência contratransferencial para o processo analítico/terapêutico estimulou a mudança do modelo clássico tradicional de uma “Psicologia direcionada a uma pessoa (unidade)” para uma “Psicologia de duas pessoas (par)”. Amplia-se a noção do profissional como observador-participante, pois a “Psicologia de uma pessoa” esquece a participação involuntária do analista, contribuindo para perda de dados importantes da relação estabelecida entre o par terapêutico (HIRSCH, 1998; VARGA, 2005; IVEY, 2008).

Uma vez contendo aspectos transferenciais, contratransferenciais, *acting-out*, *acting-in*, repetições, atualizações, comunicações, cabe registrar que *enactment* se constitui como um conceito híbrido (BATEMAN, 1998).

Na mudança do século XX para o XXI, encontramos características mais específicas identificando assim tipos de *enactments*. Friedman & Natterson (1999), através de exemplos clínicos, fazem referência a *enactments* estendidos e *enactments* curtos (ou breves ou agudos), entretanto sem detalharem estes conceitos. Estas definições são mais desenvolvidas então por Cassorla (2001, 2008, 2012, 2013). É identificado que *enactments* podem ser normais, derivados de identificações projetivas normais acompanhadas de comunicação verbal simbólica reveladas pelas intervenções do analista ou patológicos, decorrente de massivo cruzamento de identificações projetivas, difícil de evitar e revelar. Estes, por sua vez, podem ser considerados como crônicos, ocultando possíveis resistências na dupla, caracterizados como prolongados e sutis em uma colusão que necessita conscientização e tempo para ser identificada, do contrário constitui um impasse impossível de ser desvelado. Já *enactments* agudos, surgem com grande intensidade, mobilizando violentamente um ou ambos os membros da dupla analítica, e durando pouco tempo, se compreendido. São considerados pelo autor como possíveis recursos para revelar colusões, pois sua intensidade permite melhor compreender a situação que se instala.

Cassorla (2008), com base teórica nos estudos de Bion, apresenta características que compõem o processo pelo qual os *enactments* se desenvolvem. Divide-o em três etapas: Fase 1, na qual, predominam as queixas e conteúdos destrutivos dos conflitos expressos transferencialmente pelo paciente, enquanto o analista/terapeuta tenta compreender e interpretá-los gradualmente, acreditando que, com paciência, haverá evolução positiva. Estes momentos podem ser alternados com idealizações mútuas, reforçando a ideia de que o processo está gratificante. Embora ainda não claramente percebida, a colusão está presente e crescente, pois a capacidade simbólica se tornou obstruída pela força dos conflitos, podendo resultar em um impasse, na maioria das vezes, interrompendo o processo analítico.

Acredita-se que um estado de incômodo, consciente ou não, sinalizará este período de estagnação. Ocorre em um momento de alternância de defesas, como cita Bateman (1998) tipo *thick and thin-skinned*, ou “pele grossa, pele fina”, e que, subitamente, uma ação intensa,

impensada, instantânea, ou mesmo um “ato violento”, invade o campo analítico rompendo o conluio até então presente. Este momento é considerado por Cassorla (2008), o “Momento M”, caracterizado pelo início de mudanças reais, pois a situação traumática foi atingida. Este alcance se dá pela repetição do funcionamento psíquico traumatizado do paciente, expresso na transferência, percebido na contratransferência, e identificado pela capacidade profissional e recursos psíquicos do analista decorrentes de sua função alfa implícita recuperada. É como um “grito de liberdade” em relação ao campo saturado de identificações projetivas (SULLIVAN, 2007; CASSORLA, 2008, 2012). Este momento “M”, corresponde ao *enactment* agudo ou, referido por Bateman (1998), a um *turning point*, isto é, uma “quebra” - *sudden break-up* (CASSORLA, 2001), uma “explosão” (CASSORLA, 2008), um momento em que inicia uma mudança positiva, embora inicialmente tensa. Assim, é interrompida a participação do analista como extensão narcísica do paciente - *enactment* crônico (CASSORLA, 2001; LaFARGE, 2004; ZANOCCO et al., 2006; STEINER, 2011; CASSORLA, 2012, 2013).

É reiniciada uma orientação ao pensamento pela possibilidade de triangulação psíquica (CASSORLA, 2012, 2013). Tem-se início então a Fase 2: ocorre “reversão da perspectiva”, isto é, percebe-se que o que parecia adequado inicialmente, envolvia também “pontos cegos” do analista. A intensa carga de projeções que atingem o analista dificulta sua capacidade de pensar, muitas vezes acionando e ligando-se a situações traumáticas do próprio profissional, que teme, de início, desfazer tal modo de se relacionar, comprometendo o aparente equilíbrio alcançado até então. Com este esclarecimento, alcança nova mudança em seu pensar. É a função alfa implícita do analista recuperada, aos poucos oferecida ao paciente para que a introjete, que favorecerá o processamento e simbolização da realidade traumática revelada no campo analítico (KATZ, 1998; BURNSTEIN & CHEIFETZ, 1999; CASSORLA, 2008, 2012, 2013). É quando o profissional consegue “sair da encenação” e chamar a atenção para os vários papéis que estão sendo atuados, transmitindo ao paciente a possibilidade de desenvolver uma habilidade de ampliar seus *insights*. Reforçam-se as defesas para enfrentamento do trauma antes assustador (WHITE, 1992; LEVINE, 1994; REED, 1997; KATZ, 1998; BATEMAN, 1998; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; IVEY, 2008; STEINER, 2011; PAGANO, 2012; STRAUSS, 2012; SAPISOCHIN, 2013; CASSORLA, 2013).

É a função alfa implícita que permite a compreensão dos conteúdos, da subjetividade, ou seja, dos “sonhos” que são relatados no campo analítico. Impossibilitado de ‘sonhar’, simbolizar, devidos seus traumas, o paciente procura o analista/terapeuta para que o auxilie na recuperação desta capacidade. O profissional por sua vez, “re-sonha” os sonhos do paciente, identificando a situação intersubjetiva como espaço para um “sonho-para-dois” (SULLIVAN, 2007; CASSORLA, 2008, 2012; PAGANO, 2012; CASSORLA, 2013). A função alfa encaminha a transformação dos elementos beta, primitivos, pela apresentação de uma realidade possível e não assustadora como antes era percebida pelo paciente. Esta função favorece a figurabilidade para as experiências emocionais, ou seja, o trabalho do ‘sonho’ traz o trauma para a rede simbólica do pensamento. Na impossibilidade deste trabalho analítico, diz-se que predominam na relação ‘não-sonhos-para dois’, ou seja, a comunicação analista/paciente está obstruída e a evolução terapêutica comprometida (CASSORLA, 2008; 2012, 2013). Bruschiweiler-Stern et al. (2013), acrescentam que os *enactments* podem ser considerados como o limite para a introdução de formas emergentes de ser que trazem novas possibilidades relacionais na díade.

A diferenciação entre *enactment* e *acting-out* é também citada entre alguns autores. Quando uma ação, protagonizada pelo paciente, ou pelo analista, individualmente, na qual a consciência não impera, caracterizando uma violação, uma quebra de fronteiras do campo analítico, caracteriza-se um *acting-out* no qual o analista é testemunha, ou seja, não participa (SMITH, 1990; CASSORLA, 2008, 2012; SAPISOCHIN, 2013). A característica fundamental do *enactment* é a interação dos partícipes. O “ser levado a”, a indução ao agir, constituindo uma ação em conjunto (FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2012). *Acting-out* pode originar *enactments*. Assim, o *enactment* vai além do *acting-out* (WHITE, 1992; ALMOND, 1995; BATEMAN, 1998; CASSORLA, 2001, 2012; SAPISOCHIN, 2013).

Chused (1990; 1991) e Feldman (1993), revelam que com pacientes adolescentes e crianças também é possível identificar *enactments*. O diferencial em relação aos adultos é que este fenômeno pode ser confundido com ações comportamentais evolutivas da infância e adolescência (o brincar e ações corporais e desejo intenso de se definir, por exemplo), o que não caracterizaria *enactment*. Entretanto, atitudes decorrentes de conflitos psíquicos, acionam

o analista/terapeuta a agir, gerando distorções transferenciais, repetindo padrão relacional comprometido, criando uma interação simbólica na dupla terapêutica na qual possui um significado inconsciente para ambos.

Também entre os artigos, Zanocco et al. (2006) e Ginot (2007; 2009) apresentam estudos que integram aspectos intersubjetivos emocionais, como empatia, apego, e mesmo os *enactments*, com o funcionamento cerebral, a partir da fixação e codificação neuronal. Estes mesmos autores fazem referência à descoberta da atividade dos neurônios-espelho nos processos intersubjetivos e na empatia que se desenvolvem desde o contexto das relações primárias. Citam a atividade do hemisfério direito do cérebro na aprendizagem emocional que precede o desenvolvimento verbal, o que “(...) representa o substrato biológico do inconsciente dinâmico” (SCHORE, 2005, p.831 *apud* GINOT, 2007). Os padrões emocionais de relacionamento decorrem das interações sensoriais primárias mãe-bebê que moldam assim o desenvolvimento do sistema límbico do hemisfério direito cerebral, sendo encontrado nesta integração o cerne da intersubjetividade, logo, de uma encenação (*enactment*). Zanocco et al. (2006) e Ginot (2007, 2009) afirmam que a consciência da experiência analítica/psicoterapêutica é que criará a possibilidade de significado e simbolização, ou seja, a percepção e encaminhamento dos processos de identificações projetiva e introjetiva, que foram mediados pelos neurônios-espelho, às encenações, possibilitando ao analista/terapeuta usar seus recursos reflexivos para identificar os padrões de apego apresentados pelo paciente.

Dentre os artigos selecionados, dois estudos relacionam *enactment* a abordagens não exclusivas à técnica psicanalítica. Sullivan (2007) conceitua o fenômeno através de um paralelo teórico entre Jung e Bion. A noção do *coniunctio* (Jung), assim como da função alfa e *reverie* (Bion) são utilizadas evidenciando a intersubjetividade que se instala entre paciente e analista/terapeuta. Conforme a autora, o desenvolvimento da situação analítica ocorre somente na perspectiva da dupla terapêutica, pois a intensidade das expressões sensoriais e inconscientes toma conta do espaço clínico. Pagano (2012) estabelece uma relação entre conceitos psicanalíticos e da Gestalt terapia. Sugere a técnica de ‘improvisação’ para dinamizar a dupla terapêutica quando envolvida em *enactments*. É uma técnica não clássica, não interpretativa, diretamente relacionada ao *Role Play*. Propõe “dramatizar”, como em um “ensaio”, durante as sessões analíticas/terapêuticas, as situações temidas pelos pacientes. O

analista “entra no espaço transicional”, isto é, “entra no jogo”, ciente do que ocorre, sem fazer uso de suas defesas habituais, procurando metabolizar as projeções apresentadas. A abordagem oportuniza tanto ao paciente, como ao profissional e à dupla, ampliar a percepção dos conflitos presentes. Relaciona esta técnica a poder perceber os conteúdos transferenciais/contratransferenciais, e assim “catalisar” novas experiências, demonstrando uma capacidade de gerir, de forma flexível e espontânea, as emoções que se manifestam.

Aspectos Técnicos e de Elaboração do *Enactment* Psicanalítico

Tratando-se de uma relação intersubjetiva, valorizado o crédito à comunicação entre os inconscientes envolvidos na situação analítica, as atitudes fundamentais recomendadas ao analista/psicoterapeuta para a elaboração e encaminhamentos dos *enactments* são descritas a seguir.

Tornar-se ciente das próprias reações, procurando explorar a contratransferência de modo a formular interpretações adequadas, o analista/psicoterapeuta poderá enfrentar os desafios do processo psicoterapêutico encontrando uma postura mais confortável para elaborar seus lapsos e pontos cegos. A conscientização da contratransferência amplia a tolerância das descargas provenientes da identificação projetiva: “(...) manter o olho em si mesmo” (CASSORLA, 2013, p.354). Manter-se como observador e participante ao mesmo tempo, restaurando o que se chama de “estado dual de consciência”, ou seja, estar dentro e fora do enactment ao mesmo tempo (GABBARD, 1994). Nas palavras de Ivey (2008), sentir-se espontâneo, porém agir reflexivamente. Dessa maneira, o profissional compreenderá também que *enactments* são inevitáveis e poderá, assim, tolerá-los (JACOBS, 1986; SMITH, 1990, McLAUGHLIN, 1991; LEVINE, 1994; REED, 1997; FELDMAN, 1997; BATEMAN, 1998; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; ANCHIN, 2002; WEISS, 2002; WURMSER, 2003; LaFARGE, 2004; GINOT, 2007; SULLIVAN, 2007; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; BONOVIITZ, 2009; STERN, 2009; YERUSHALMI, 2010; STEINER, 2011; GILHOOELY, 2011; CASSORLA, 2012; SKOGSTAD, 2013; CASSORLA, 2013; SAFRAN & KRAUS, 2014). É esta ênfase na perspectiva interpessoal que constitui a maneira mais adequada para instrumentalizar o analista a lidar com o processo de pensamento existente, com o campo analítico e com a dinâmica transferência/contratransferência. O envolvimento do analista/terapeuta, reconhecendo e aceitando seus sentimentos e papéis

desempenhados, será como uma ferramenta para uma terapêutica mais efetiva (HIRSCH, 1992; LEVINE, 1994; ALMOND, 1995; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; ANCHIN, 2002; LaFARGE, 2004; GINOT, 2007; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; STERN, 2009; YESRUSHALMI, 2010; CASSORLA, 2012; SKOGSTAD, 2013; CASSORLA, 2013; SAFRAN & KRAUS, 2014).

O reconhecimento da ocorrência de *enactments* e do impacto da participação do analista/terapeuta só serão possíveis em retrospecto. Somente ao seguir as associações e respostas do paciente, assim como as próprias, será possível formular significados dos eventos analíticos para qualquer dos membros da dupla (SMITH, 1990; LEVINE, 1994; BURNSTEIN & CHEIFETZ, 1999; CASSORLA, 2001; FRIEDMAN & NATTERSON, 2006; SULLIVAN, 2007; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; BONOVIKZ, 2009; STRAUSS, 2012; SAPISOCHIN, 2013).

É possível que, elaborando um *enactment*, favorecendo a função analítica do analista e ampliando a capacidade reflexiva do paciente, novos *enactments* se manifestem, seguidos mais uma vez de sua resolução, o que caracteriza este fenômeno como sistemático, não linear e dinâmico (REED, 1997; JONES, 1997; GOLDBERG, 2002; ALLEN, 2002; LAFARGE, 2004; FRIEDMAN & NATTERSON, 2006; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; CASSORLA, 2012; BRUSCHWEILER-STERN et al., 2013). A sucessão de *enactments* crônicos e agudos caracteriza este andamento, possibilitando, inclusive, um debate quanto à ‘autoria’ dos *enactments* nas sessões. Jacobs (1986) afirma que tanto o paciente, como o analista podem protagonizar *enactments*, ou seja, situações de conflitos do analista também podem ser encenadas no campo, independente do paciente, mas que o atinge. Já para McLaughlin (1991) e Cassorla (2001, 2008, 2012, 2013) os *enactments* são absolutamente interacionais e constituídos, conjuntamente, pela dupla terapêutica.

A falta de consciência da inevitabilidade dos *enactments* é o que causa problemas no campo e não a contratransferência (HIRSCH, 1992). Ivey (2008, p.26) reforça esta ideia:

Não é questão de saber se *enactments* são inerentemente bons ou ruins, mas como estão sendo experimentados pelo paciente e absorvidos pelo analista e como suas reverberações inconscientes evoluem ao longo do tempo e se manifestam em mudanças sutis na qualidade da interação analítica.

O *enactment* cessa quando o analista desenvolve um “segundo olhar” ao material apresentado, ouvindo mais uma vez o que foi ouvido por si mesmo ou buscando ajuda de algum colega e também quando ocorre um *enactment* agudo, ampliando sua capacidade analítica (CASSORLA, 2012, 2013).

A manutenção da neutralidade e da abstinência como estado de espírito, ou seja, as funções do ego necessárias ao trabalho analítico não estarem comprometidas por conflito próprio, também é sugerida (JACOBS, 1986; CHUSED, 1990; REED, 1997; CASSORLA, 2001). Minimizar respostas automáticas, uso do silêncio, sobretudo frente à dúvida do que dizer, de modo que as reações subjetivas do profissional possam ser melhor analisadas e menos comprometedoras à relação terapêutica (ALMOND, 1995; FELDMAN, 1997; CASSORLA, 2001; STERN, 2009; SAFRAN & KRAUS, 2014).

Sistemático e gradual trabalho de elaboração da resistência a partir da escuta para a transferência (JACOBS, 1986; WHITE, 1992; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; ANCHIN, 2002; WURMSER, 2003; IVEY, 2008; PAGANO, 2012; STRAUSS, 2012), revelando garantias ao paciente para que se expresse e que suas cisões e projeções serão suportadas, favorecendo seus *insights* (FELDMAN, 1993; REED, 1997; FELDMAN, 1997; ALLEN, 2002; FRANK, 2002; WURMSER, 2003; LaFARGE, 2004; IVEY, 2008; PAGANO, 2012; CASSORLA, 2013). Esta atitude, que também pode ser terapêutica, compreende o que Zanocco et al. (2006) propõem como empatia sensorial, ou seja, o reconhecimento do que se instala no campo evidenciando as características sensório primárias decorrentes dos conflitos presentes.

Explorar a relação de persuasão mútua na situação analítica, através da compreensão e interpretação da identificação projetiva, é fundamental (McLAUGHLIN, 1991).

Para a elaboração de uma interpretação cuidadosa, torna-se necessário a análise dos aspectos transferenciais, contratransferenciais e da relação entre ambas (JACOBS, 1986). Investir em interpretações que liguem o passado à transferência do momento corrente baseadas na consciência do aqui-agora (WHITE, 1992). Examinar as “pistas” (gestos, ações, afetos, aspectos dramáticos) presentes nos *enactments*, buscando compreender o que são estes atos, ou seja, quais os possíveis pensamentos neles contidos, e assim encontrar as palavras que

as descreverão. Na sequência, é necessário investir nas verbalizações e clarificações, mesmo com crianças, para auxiliar a diferenciar desejos e fantasias de realidade buscando reduzir ansiedades e organizar emoções conflituadas. Constrói-se trabalho interpretativo participativo, empático, não como superego arcaico, intrusivo, mas como um ‘convite’ à compreensão dos significados da vida (CHUSED, 1991; GABBARD, 1994; LEVINE, 1994; ALMOND, 1995; REED, 1997; JONES, 1997; BATEMAN, 1998; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; WEISS, 2002; GOLDBERG, 2002; WURMSER, 2003; GERSON, 2004; VARGA, 2005; GINOT, 2007; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; GINOT, 2009; STRAUSS, 2012; SKOGSTAD, 2013; SAPISOCHIN, 2013; SAFRAN & KRAUS, 2014). A qualidade da interpretação apresentada reflete a função alfa do analista (CASSORLA, 2008, 2012, 2013).

Frank (2002) sugere também o uso de intervenções integrativas que incentivem comportamentos novos e adaptativos. Afirma que, além da técnica psicanalítica psicodinâmica, utilizar intervenções com base no referencial cognitivo comportamental também pode ser terapêutico.

Com adolescentes e crianças, é preciso diferenciar comportamentos decorrentes de conflitos (*acting-out*), de expressões comportamentais pela ação, comuns a estas faixas etárias. Acentua-se a atitude de resistir a possíveis gratificações, ou mesmo agressões, por idealizações usadas por crianças ou adolescentes para compensar insuficiências e vulnerabilidades autopercebidas na expectativa de serem amparados pelo analista/terapeuta. (CHUSED, 1990, 1991; FELDMAN, 1993)

Outra abordagem técnica encontrada para elaborar *enactments* diz respeito à auto-revelação do analista sobre sua própria experiência na díade. Cassorla (2013) afirma que a partir do momento que se conquistou maior liberdade de os analistas considerarem e expressarem seus próprios sentimentos, as *self-revelations*, primeiramente para si mesmos, assim como com colegas e supervisores, uma nova modalidade de estudos surgiu possibilitando ampliar o conhecimento dos mecanismos presentes na relação terapêutica que também envolvem o analista.

Segundo Ginot (2007) esta atitude pode contribuir para a autoconsciência e crescimento do paciente. A autora relaciona a auto-revelação às experiências precoces de apego e cuidados maternos, nos quais, pela qualidade de apoio recebido da mãe, estimulam a aprendizagem das expressões de afetos, inicialmente favorecidas pela atividade dos neurônios espelho. Gilhooley (2011) considera importante a revelação de erros do analista no sentido de reparar a situação que se cria. Esta consideração é sobretudo para pacientes narcisistas que tendem a perceber as interpretações como intrusivas, logo repelidas. A aceitação e recepção destas respostas negadas favorece o retorno das mesmas ao paciente através de elaborado “espelhamento” para o paciente quanto ao conteúdo e possíveis significados dos mesmos. A auto-revelação pode favorecer um amparo e ao mesmo tempo um retorno ao paciente do que se passa na situação analítica, reforçando a aliança terapêutica.

Uma das possibilidades é que, respondendo ao paciente com ações espontâneas, afetos e associações, o analista emprega uma ‘resposta flutuante’ que complementa sua “atenção flutuante”, apreendendo seus possíveis significados, evitando responder de modo a acompanhar o paciente na atuação. (JACOBS, 1986; CASSORLA, 2013)

Atenção quanto ao revelar as próprias participações é sempre necessária. Torna-se favorável ampliar o senso de colaboração terapêutica, a liberdade de dar voz às transferências e percepções em relação ao terapeuta ao mesmo tempo que assumindo a responsabilidade pelos sentimentos que emergem contratransferencialmente. (CHUSED, 1991; SULLIVAN, 2007; IVEY, 2008; GILHOOLEY, 2011).

Friedman & Natterson (1999) mencionam uma não obrigatoriedade neste sentido, embora acreditem que, às vezes, pode ser útil ao processo. Ivey (2008) concorda com isso uma vez que facilite e não mine o processo terapêutico com características do profissional ou por aparente neutralidade.

Cassorla (2013) alerta para as possíveis fusões que se estabelecem na dupla, pois podem ocultar defesas primitivas, ou seja, predomínio de elementos beta a serviço do “não-sonhos-para-dois”, isto é “*enactment* crônico”. Deve-se ter em mente, sempre, a tríade “curiosidade, arrogância e tolice (*stupidity*)”, isto é, pensar sobre como satisfazer as curiosidades que surgem no campo analítico Lembrar que realidade tem caracterização triangular e que esta é

que de fato favorece a reflexão. Em outras palavras, a constante verificação de que pontos cegos não estejam predominando e comprometendo a atividade analítica.

Não há unanimidade quanto a este aspecto. De um modo geral, é alertado aos analistas e psicoterapeutas para que tenham sempre muito cuidado em não abrir mão dos princípios psicanalíticos no sentido de não criar situações de *acting-out* (CASSORLA, 2013). Constantes pesquisas podem, certamente, responder com mais precisão esta questão.

Panorama das Publicações – Resultados Quantitativos

Autores e Nacionalidades

Ao todo, 52 autores assinam os quarenta e oito estudos publicados. Destes artigos, 43 foram publicados com autoria individual, três publicados por duplas, um estudo é assinado por um trio de autores e um artigo tem autoria de um grupo de sete profissionais. Na tabela a seguir são citados os autores com mais artigos publicados nesta revisão sistemática.

Tabela 2 - Autores e Número de Artigos Produzidos Sobre *Enactment* Psicanalítico

AUTORES	NACIONALIDADE	Nº
Cassorla, RM (2001;2008;2012; 2013)	Brasileiro	4
Chused, JF (1990; 1991)	Americana	2
Hirsch, I (1992; 1998)	Americano	2
Feldman (1993; 1997)	Sul-africano	2
Ginot, E (2007; 2009)	Americana	2
Friedman & Natterson (1999)	Americanos	1
Brustein & Cheifetz (1999)	Canadenses	1
Safran, J & Kraus, J (2014)	Americanos	1
Zanoco,G, Marchi,A & Pozzi, F (2006)	Italianos	1
Boston Change Group (2013)	Americanos	1
Demais Autores		31
T O T A L		48

Autores Mais Citados

Dos autores incluídos nesta revisão sistemática, os mais citados são: Jacobs - 17 artigos; McLaughlin - 15 estudos, Chused - 11, Feldman e Ivey - quatro, Bateman - três, Levine, Friedman & Natterson e Frank - dois estudos. Cassorla (2001) é citado em dois artigos, além de citar-se em três estudos. Cabe o registro também de que Cassorla é quem mais cita autores presentes nesta revisão, totalizando seis: Jacobs, 1986; McLaughlin, 1991; Chused, 1991; Feldman, 1997; Bateman, 1998 e Ivey, 2008. É possível observar que estes autores constituem um grupo de referência e base teórico-técnica sobre o fenômeno *enactment* psicanalítico.

Periódicos Científicos

As revistas citadas são oriundas dos Estados Unidos (8 instituições, 64,58%) e da Europa, exclusivamente de Londres (2 instituições, 35,42%), identificadas como na Tabela 3, a seguir:

Tabela 3 – Periódicos Científicos Com Mais Artigos Publicados

PERIÓDICOS	CIDADE/PAÍS	Nº	%
The International Journal of Psychoanalysis	Londres/Inglaterra	16	33,34
Journal of the American Psychoanalytic Association	Nova Iorque/EUA	10	20,84
Psychoanalytic Psychology	Nova Iorque/EUA	6	12,50
The Psychoanalytic Quarterly	Nova Iorque/EUA	6	12,50
American Journal of Psychotherapy	Nova Iorque/EUA	3	6,25
Journal of Psychotherapy Integration	Nova Iorque/EUA	3	6,25
The Journal of Analytical Psychology	Londres/Inglaterra	1	2,08
Psychoanalytic Review	Nova Iorque/EUA	1	2,08
Psychoanalytic Study of the Child	Nova Iorque/EUA	1	2,08
Psychotherapy (Chic)	Chicago/EUA	1	2,08
T O T A L		48	100

Observa-se que significativo percentual de publicações ocorre no *The International Journal of Psychoanalysis* (33,34%), pela especificidade do tema *enactment*, que tem sua fundamentação na teoria psicanalítica. Cabe também registrar que, embora um periódico de

estudos psicanalíticos da criança esteja incluído nas referências, o artigo publicado na mesma não apresenta exemplo clínico com crianças (WHITE, 1992). Os exemplos clínicos que ilustram casos de crianças e adolescentes são citados em outras revistas: *Journal of the American Psychoanalytic Association* (CHUSED, 1990, 1991) e *The International Journal of Psychoanalysis* (FELDMAN, 1993).

Períodos de Publicações: a periodicidade de publicações incluídas nesta revisão sistemática a respeito do *enactment* psicanalítico, desde a primeira realizada (1986), não é linear. O ano com mais publicações é o de 2002, com cinco artigos, seguido do ano de 2013, com quatro. Observam-se anos em que nenhum estudo foi publicado nas bases consultadas. Parece se tratar de um conceito ainda pouco investido em termos de pesquisas e estudos publicados.

Tipos de Estudo - Predominam estudos descritivos, teórico-técnicos. Quatro não apresentaram exemplos clínicos (HIRSCH, 1998; ANCHIN, 2002; BONOVIKZ, 2009 e STRAUSS, 2012) e 44 apresentam. Um destes (CASSORLA, 2013) apresenta o relato de supervisão clínica evidenciando a possibilidade de melhor compreensão do *enactment* ocorrido no trabalho terapêutico supervisionado. Apenas um estudo (JONES, 1997) propõe um modelo empírico para avaliar a interação analítica através da utilização de um instrumento quantitativo com este objetivo. Trata-se do PQS (*Psychotherapy Process Q-set*), de autoria de Enrico E. Jones, criado em 1985, sugerindo que fenômenos como os *enactments* podem ser identificados através de avaliação empírica. Também encontrados dois artigos, descritivos, que mencionam integração de aspectos subjetivos e neurociência (ZANOCCO, DE MARCHI & POZZI, 2006; GINOT, 2007). Observa-se a quase ausência de estudos quantitativos, sugerindo como possível razão se tratar de conteúdo subjetivo e a dificuldade para quantificar aspectos com esta caracterização, embora não impossível.

Diagnósticos e Exemplos Clínicos: Diagnósticos são citados somente em 16 estudos e, em alguns deles associando mais de um quadro diagnóstico, como por exemplo, ansiedade e depressão para o mesmo paciente. Predominam os transtornos de personalidade *borderline* (seis), transtornos de ansiedade (quatro), transtorno narcisista (três), transtorno depressivo (cinco), transtorno obsessivo-compulsivo (um), histeria (dois).

A tabela a seguir ilustra exemplos clínicos, gênero e faixa etária dos pacientes.

Tabela 4 – Exemplos Clínicos, Gênero e Faixa Etária dos Pacientes

FAIXA ETÁRIA	VINHETAS	CASOS CLÍNICOS	Masc	Fem	Autores
CRIANÇAS	1	1	1	1	Chused (1991)
ADOLESCENTES (1993)	2	1	2	1	Chused (1990); Feldman
ADULTOS	49	30	40	39	Outros Autores
T o t a l	52	32	43	41	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta revisão sistemática permite observar que, em um período de aproximadamente trinta anos, o conceito *enactment* psicanalítico pode ser considerado em amadurecimento, isto é, como ainda novo, sobretudo na indexação das bases de dados.

Encontram-se referências desde Freud, não ao conceito *enactment*, mas de influências inter-relacionais e intersubjetivas que atualmente permitem identificar este fenômeno. Predomina, nos estudos consultados, a evidência de que ocorreu uma evolução reflexiva e prática, através dos exemplos clínicos, quanto aos fenômenos psíquicos com bases na identificação projetiva e que a integração destes possibilitou elaborar a conceitualização do *enactment* psicanalítico.

Enactments têm função de alerta para as sutilezas da relação transferencial / contratransferencial e suas implicações na análise (JACOBS, 1986). Em si não são terapêuticos, entretanto podem ser utilizados como recurso para a compreensão psicodinâmica, fornecendo informações sobre os conteúdos das fantasias e indicar relações objetais primárias vivenciadas: “O valor reside não no *enactment* em si mesmo, mas na observação, descrição e eventual compreensão do seu significado transferencial” (CHUSED, 1991, p.617). Revelam pontos cegos, assim como uma possibilidade para ‘se abrir os olhos’ quanto ao que se passa’. (SMITH, 1990; McLAUGHLIN, 1991; BATEMAN, 1998; CASSORLA, 2001; VARGA, 2005; CASSORLA, 2008; GINOT, 2009; CASSORLA, 2013).

Embora não seja proposital e tampouco indicado, Cassorla (2001, 2008, 2013) discorre sobre o *enactment* como possibilidade de descargas de elementos patológicos, que habitam a

psique, através da identificação projetiva. Com a caracterização de encenação, favorece a expressão de aspectos psíquicos comprometidos e consequente encontro da resolução destes conflitos (WHITE, 1992; BATEMAN, 1998; CASSORLA, 2001; GOLDBERG, 2002; CASSORLA, 2013).

Ainda que considerado, por alguns autores, como “possível falha” do profissional, a ocorrência do *enactment* é natural, portanto inevitável (JACOBS, 1986; McLAUGHLIN 1991, BATEMAN, 1998; KATS, 1998; CASSORLA, 2001, 2003, 2008). Uma vez decorrente da intersubjetividade que constitui o campo analítico, pela influência mútua de expressões inconscientes, a verdadeira falha será considerada se o mesmo não for identificado e, conseqüentemente, elaborado. Enquanto não identificado, mantém padrão defensivo contra ansiedades. O paciente tende a fazer uso do analista como escudo protetor contra o trauma. Comparativamente à mãe que suporta as ansiedades do bebê e este se liga a ela em busca de proteção, o paciente se liga ao analista pela mesma razão, buscando amparo e contenção (LaFARGE, 2004; CASSORLA, 2008; BONOVIITZ, 2009; STEINER, 2011; CASSORLA, 2012, 2013). É, fundamentalmente, a percepção do profissional (uso de sua função alfa) que guiará o processo analítico, podendo flagrar os momentos de dificuldades que se instalam e travam (conluíus, impasses), inclusive podendo interromper, o desenvolvimento terapêutico. Ainda que mais facilmente percebidos nos processos de análise, *enactments* também estão presentes nos processos psicoterápicos. A maior frequência de sessões pode favorecer a percepção dos mesmos, comparada à menor quantidade de sessões nas psicoterapias, mas sempre possíveis de ocorrer.

É reforçado, na grande maioria dos estudos, que o preparo técnico através de análise própria, supervisão clínica, estudos constantes e trocas profissionais entre colegas são atitudes fundamentais para estar suficientemente atento ao papel que se tem a desempenhar na situação analítica. A análise própria favorece a clareza e objetividade do analista/terapeuta, no sentido de não confundir aspectos próprios de sua personalidade com os do paciente (LEVINE, 1994). O trabalho de supervisão é fundamental, pois é valioso em todos os níveis de experiência. É dito ser muito mais fácil perceber as manifestações contratransferenciais em colegas de trabalho do que em si mesmos (CHUSED, 1990; LEVINE, 1994). Tomar notas textuais, conversar com colegas, estar atento às palavras do paciente e à sequência destas

favorecerá a compreensão e o envolverá ainda mais no processo analítico (CHUSED, 1991; McLAUGHLIN, 1991; FELDMAN, 1993; CASSORLA, 2001; IVEY, 2008; CASSORLA, 2012, 2013). Estudos de casos e pesquisas devem ser continuados por psicanalistas de diferentes fundamentações, o que contribuirá para maior percepção e validação de fatos clínicos (CASSORLA, 2001, 2012, 2013).

Torna-se importante lembrar, como afirma Levine (1994, p.671) que “[...] não há um processo analítico correto, mas sim muitos processos possíveis, cada um contendo suas próprias oportunidades e limitações inerentes para a compreensão, o crescimento e assim por diante”.

Como alternativa, parafraseando Bruscheiler-Stern et al. (2013) sugerimos que o *enactment* psicanalítico possa ser considerado como uma nova habilidade relacional e processual inserida na relação terapêutica, com a possibilidade de ser estendida à forma de ser do paciente com os demais. Paralelamente, compreender o *enactment* como, além de um fenômeno, ferramenta técnica que envolve conhecimento e sensibilidade do analista/psicoterapeuta.

Ficha de Avaliação dos Artigos para a Revisão Sistemática Sobre *Enactment* Psicanalítico

FICHA DE AVALIAÇÃO DE ARTIGOS SOBRE ENACTMENT PSICANALÍTICO					
TÍTULO					
AUTOR				ANO	
REVISTA		LÍNGUA		PAÍS ORIGEM	
				AUTOR	
DEFINIÇÕES	Qual o(s) conceito(s) de enactment é(são) apresentado(s)? Como é referida a identificação do enactment?				
ELABORAÇÃO	Como é referida a elaboração do enactment? O que deve ser feito para elaborar?				
ARTIGO	Teórico () Técnico () Teórico e técnico ()		Apresenta exemplos: SIM () NÃO ()		
EXEMPLOS	Casos Clínicos () Quantos? ()		Vinhetas () Quantas ()		
PACIENTES	Adultos () Feminino () Masculino () Adolescentes () Feminino () Masculino () Crianças () Feminino () Masculino () Grupo () Feminino () Masculino () Misto ()				
DIAGNÓSTICOS	São referidos? SIM () NÃO () Quais?				
CONCLUSÕES	Como é concluído o artigo? Os objetivos são alcançados, respondidos? É considerado útil? Por qual razão? São oferecidas sugestões? Quais?				

REFERÊNCIAS

ALLEN, D.M. Commentary on "The 'Ins and outs' of Enactment": A relational bridge for psychotherapy integration by Frank. **J Psychother Integr**, 12(3):287-293, 2002.

ALMOND, R. The analytic role: a mediating influence in the interplay of transference and countertransference. **J Am Psychoanal Assoc**, 43:469-94, 1995.

ANCHIN, J.C. Relational psychoanalytic enactments and psychotherapy integration: dualities, dialectics, and directions:comment of Frank. **J Psychother Integr**, 12(3):302-346, 2002.

- BARANGER, M. & BARANGER, W. A situação analítica como um campo dinâmico. **Livro Anual de Psicanálise**, 24, 187-214, 2010. (Trabalho original publicado em 1961-1962)
- BATEMAN, A.W. Thick-and thin-skinned organisations and enactment in borderline and narcissistic disorders. **Int J Psychoanal**, 79(1):13–25, 1998.
- BION, W. [1962]. “Uma teoria sobre o pensar.” In: BION, W. R. **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p.127- 137.
- BONOVITZ, C. Looking back, looking forward: a reexamination of Benjamin Wolstein's interlock and the emergence of intersubjectivity. **Int J Psychoanal**, 90(3):463-85, 2009.
- BOSTON CHANGE PROCESS STUDY GROUP. Enactment and the emergence of new relational organization. **J Am Psychoanal Assoc**, 61(4):727-49, 2013.
- BURNSTEIN, L.J., CHEIFETZ, P. Impasse or pseudo-impasse in the psychotherapy of an inhibited writer. **Am J Psychother**, 53(1):74-81, 1999.
- CAMPEZATTO, P.V.M., VIEIRA, L.C., NUNES, M.L.T. Psicoterapia e resultado: um panorama mundial da produção científica 2001-2011. **Contextos Clínic**, 6(2):74-83, 2013.
- CASSORLA, R.M. Acute enactment as a 'resource' in disclosing a collusion between the analytical dyad. **Int J Psychoanal**, 82(6):1155-70, 2001.
- CASSORLA, R.M. The analyst's implicit alpha-function and enactment in the analysis of borderline patients. **Int J Psychoanal**, 89(1):161-80, 2008.
- CASSORLA, R.M. What happens before and after acute enactments? An exercise in clinical validation and the broadening of hypotheses. **Int J Psychoanal**, Feb 93(1):53-80, 2012.
- CASSORLA, R.M. When the analyst becomes stupid: an attempt to understand enactment using Bion's theory of thinking. **Psychoanal Q**, 82(2):323-60, 2013.
- CHUSED, J.F. Neutrality in the analysis of action-prone adolescents. **J Am Psychoanal Assoc**, Assoc. 38(3):679-704, 1990.
- CHUSED, J.F. The evocative power of enactments. **J Am Psychoanal Assoc**, 39(3):615-639, 1991.

- FELDMAN, M. The dynamics of reassurance. **Int J Psychoanal**, Apr;74(2):275- 285, 1993.
- FELDMAN, M. Projective Identification: the analyst's involvement. **Int J Psychoanal**, 78(2):227-241, 1997.
- FERRO, A. O diálogo analítico: constituição e transformação de mundos possíveis. **Revista de Psicanálise da SPPA**, 3(1):47-63, 1996.
- FONAGY, P. Apanhar urtigas as mancheias, ou por que a pesquisa psicanalítica é tão irritante. In: Green A, org. **Psicanálise Contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago; p.317-340, 2003.
- FRANK, K.A. The "ins and outs" of enactment: A relational bridge for psychotherapy integration. **J Psychother Integr**, Set;12(3):267-286, 2002.
- FREUD, S. (1905). Fragmentos da análise de um caso de histeria. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1972.
- FREUD, S. (1910) As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1972.
- FREUD, S. (1912) A dinâmica da transferência. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.
- FRIEDMAN, R.J., NATTERSON, M. Enactments: an intersubjective perspective. **Psychoanal Q**, 68(2):220-47, 1999.
- GABBARD, G.O. On love and lust in erotic transference. **J Am Psychoanal Assoc**. 42(2):385-403, 1994.
- GERSON, S. The relational unconscious: a core element of intersubjectivity, thirdness, and clinical process. **Psychoanal Q**, 73(1):63-98, 2004.
- GILHOOLEY, D. 'Mistakes'. **Psychoanal Psychol**, 28(2):311-33, 2011.

- GINOT, E. Intersubjectivity and neuroscience: understanding enactments and their therapeutic significance within emerging paradigms. **Psychoanal Psychol**, 24(2):317-332, 2007.
- GINOT, E. The empathic power of enactments: the link between neuropsychological processes and an expanded definition of empathy. **Psychoanal Psychol**, 26(3):290-309, 2009.
- GOLBERG, A. Enactment as understanding and as misunderstanding. **J Am Psychoanal Assoc**, 50(3):869-83, 2002.
- GREEN, A. O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In: GREEN, A. **Sobre a loucura pessoal**. Trad. Carlos Alberto Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 36-65.
- GREEN, A. O trabalho do negativo. Anexo 1. In: GREEN, A. **O trabalho do negativo**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GREENBERG, J. & MITCHELL, S.A. **Relações Objetais na Teoria Psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- HIRSCH, I. An interpersonal perspective: the analysts unwitting participation in the patient's change. **Psychoanal Psychol**, 9(3):299-312, 1992.
- HIRSCH, I. The concept of enactment and theoretical convergence. **Psychoanal Q**, 67:78-101, 1998.
- IVEY, G. Enactment controversies: a critical review of current debates. **Int J Psychoanal**, 89(1):19-38, 2008.
- JACOBS, T.J. On countertransference enactments. **J Am Psychoanal Assoc**, 34(2):289-307, 1986.
- JARDIM L.L., HERNÁNDEZ, M.D.C.R. Investigación psicoanalítica en la universidad. **Estudios Psicológicos (Campinas)**, 27(4):529-536, 2010.
- JONES, E.E. Modes of Therapeutic action. **Int J Psychoanal**, 78(6):1135-50, 1997.

- KATZ, G.A. Where the action is: the enacted dimension of analytic association. **J Am Psychoanal**, 46(4):1129-67, 1998.
- KLEIN, M. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: Riviere, J & Klein, M. **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- LaFARGE, L. The imaginer and the imagined. **Psychoanal Q**, 73: 591–625, 2004.
- LEVINE, H.B. The analyst's participation in the analytic process. **Int J Psychoanal**, Aug;75 (Pt 4):665-76, 1994.
- McLAUGHLIN, J.T. Clinical and theoretical aspects of enactment. **J Am Psychoanal Assoc**, 39(3):595-614, 1991.
- OGDEN T. O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In: **Os sujeitos da psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- OGDEN T. (1979). On Projective Identification. **Int J Psychoanal**, 60:357-373.
- PAGANO, C.J. Exploring the therapist's use of self: enactments, improvisation and affect in psychodynamic psychotherapy. **Am J Psychother**, 66(3):205-26, 2012.
- PEUKER, A.C., HABIGZANG L.F., KOLLER S.H., ARAÚJO, L.B. Avaliação de processo e resultado em psicoterapias: uma revisão. **Psicol. Estud. Maringá**, 14(3):439-445, 2009.
- REED, G.S. The analyst's interpretation as fetish. **J Am Psychoanal Assoc**, 45(4):1153-81, 1997.
- SAFRAN, J.D., KRAUS, J. Alliance ruptures, impasses, and enactments: a relational perspective. **Psychotherapy (Chic)**, 51(3):381-7, 2014.
- SANDLER, J. Countertransference and Role-Responsiveness. **Int Rev Psychoanal.**, 3:43-47, 1976.
- SAPISOCHIN, G. Second thoughts on Agieren listening to the enacted. **Int J Psychoanal**, 94(5):957-91, 2013.
- SHEDLER, J. The efficacy of psychodynamic psychotherapy. **Am Psychol**, 65(2):98-109, 2010.

- SKOGSTAD, W. Impervious and intruse: the impenetrable object in transference and countertransference. **Int J Psychoanal**, 94(2):221-38, 2013.
- SMITH, B.L. The origins of interpretation in the countertransference. **Psychoanal Psychol**, 7:89-104, 1990.
- STEINER, J. Helplessness and the exercise of power in the analytic session. **Int J Psychoanal**, 92(1):135-47, 2011.
- STERN, D.B. Partners in thought: a clinical process theory of narrative. **Psychoanal Q**, 78(3):701-31, 2009.
- STRAUSS, L.V. La sexualidad en el análisis: escucha y enactment. **Int. J Psychoanal**. 93(3):509-10, 2012.
- SULLIVAN, B.S. Alphabetizing in old age. **J Anal Psychol**, 52(1):1-16, 2007.
- VARGA, M.P. Analysis of transference as transformation of enactment. **Psychoanal Rev**, 92(5):659-74, 2005.
- WEISS, H. Reporting a dream accompanying an enactment in the transference situation. **Int J Psychoanal**, 83:633-645, 2002.
- WHITE, RS. Transformations of transference. **Psychoanal. St. Child.**, 47:329-348, 1992.
- WURMSER, L. 'The annihilating power of absoluteness'-superego analysis in the severe neuroses, especially in character perversion. **Psychoanal Psychol**, 20:214-35, 2003.
- YERUSHALMI, H. Who crisis is it? A relational psychoanalytic perspective. **Am J Psychother**, 64(3):283-305, 2010.
- ZANOCCO, G., DEMARCHI, A., POZZI, F. Sensory empathy and enactment. **Int J Psychoanal**, 87(1):146-58, 2006.
- ZASLAVSKI J., SANTOS, M.J.P. Tendências atuais da contratransferência. In: Zaslavsky J. **Contratransferência: teoria e prática clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RESUMO

A continuidade dos estudos psicanalíticos tem sido ampla e progressiva favorecendo perceber a evidência de fenômenos que identificam aspectos intersubjetivos que caracterizam a relação terapêutica na contemporaneidade, sendo o *enactment* um destes. É descrito a partir da metade da década de oitenta como uma manifestação na qual, analista e paciente, inconscientemente, ‘encenam’, na situação analítica, os conflitos psíquicos necessários de serem elaborados terapêuticamente. Decorrente de forças inconscientes acionadas mutuamente entre os partícipes da díade terapêutica, o *enactment* revela a dinâmica transferencial /contratransferencial, que possui como mecanismo básico a concepção comunicacional da identificação projetiva, portanto interpessoal e intersubjetiva. Para esta revisão sistemática, foram consultadas as bases de dados PUBMED, LILACS e PsycINFO, somando um total de 48 artigos. É apresentado um panorama das publicações a respeito do tema em questão, registrando autores, revistas, período, tipo de estudos, diagnósticos, gênero e faixa etária de pacientes referidos nos mesmos, descrevendo, especificamente, como estes autores compreendem e identificam o conceito *enactment* e também como realizam o manejo clínico para sua elaboração.

Palavras-chave – *Enactment* psicanalítico; relação transferencial/contratransferencial; relação intersubjetiva; dupla analítica; processo analítico; processo psicoterápico; psicoterapia psicodinâmica; análise;

2.3 Psicanalistas e psicoterapeutas brasileiros e os estudos sobre *enactment*

Além dos trabalhos de Roosevelt E. Cassorla, podemos encontrar estudos de outros profissionais brasileiros a respeito do *enactment* psicanalítico, ampliando o registro das produções a respeito do tema do presente trabalho:

- a) Neusa Knijnik Lucion, de Porto Alegre/RS, através de um caso clínico, evidencia

[...] as implicações e aplicações clínicas do *enactment* na interrelação da vivência transferencial/contratransferencial constituindo a criação conjunta de uma dada

situação representativa do mundo interno do paciente e do terapeuta (LUCION, 1999, p.106)

Esta ocorrência se dá quando uma tentativa de por em prática a fantasia transferencial faz surgir uma reação contratransferencial:

[...] a transferência do terapeuta pode exercer uma significativa influência não apenas na forma como percebe e entende o paciente, mas também na forma e maneira particular na qual a transferência do paciente emerge (LUCION, 1999, p.107)

- b) Marly Beaklini Guimarães Lemos e Maria Cristina Reis Amendoeira, do Rio de Janeiro/RJ. Referem o conceito de *enactment* a partir de Bateman (1988 *apud* LEMOS & AMENDOEIRA, 2003, p.520) revelando que

O analista funciona como polo receptor das emoções do paciente, que se comunica via identificação projetiva, de modo realístico ou de modo maciço, caso deseje se livrar de seus conteúdos mentais insuportáveis. [...] O uso da contratransferência, em seu sentido amplo, pode auxiliar o analista na compreensão e na elaboração das ansiedades vividas por seu paciente.

Alertam aos profissionais quanto ao usar a contratransferência como instrumento para não correr o risco de transferirem para o paciente seus aspectos pessoais, o que constituiria uma contratransferência patológica.

Contratransferências tais como imagens ou lembranças que venham à mente do analista, ou aspectos emocionais experimentados por ele, são mais confiáveis na sua elucidação, podendo ser transformados e devolvidos sob a forma de interpretação. Em patologias graves, alterações narcisistas por exemplo, podem desencadear emoções duradouras e violentas capazes de provocar perturbações que transtornam o analista por algum tempo. Estas emoções necessitam mais tempo de elaboração de modo a não se transformarem em atuações do analista. (LEMOS & AMENDOEIRA, 2003, p.520)

- c) Paulo Duarte Guimarães Filho, de São Paulo/SP. Apresenta dois artigos que fazem referência às concepções dinâmicas da transferência e contratransferência e, conseqüentemente, do *enactment*, através de pesquisa clínica e conceitual. Significativa revisão teórica é apresentada abordando as convergências no desenvolvimento histórico da Psicanálise (GUIMARÃES FILHO, 2003). Este mesmo

autor segue sugestão de André Green na abertura da Conferência Internacional do Comitê de Pesquisa Conceitual da IPA em 2002. Sugestão esta que é pesquisar considerando o processo histórico do desenvolvimento da Psicanálise buscando conhecimento integrativo. A partir de uma citação de Freud (1912) referente ao fenômeno da transferência, Guimarães Filho (2006, p.3) descreve a possibilidade de que a mesma pode também ser relacionada

[...] a fenômenos que vão além e que passaram a ser um dos principais centros das investigações psicanalíticas. [...] Um fato também muito significativo nessa situação é como, num determinado momento, o estudo dessas questões se deu separadamente, para depois irem se estabelecendo articulações, tanto no plano da prática clínica, como no das teorizações.

E neste fluxo integrativo é referido *enactment*, evidenciando que o mesmo passou a ser

[...] usado amplamente na descrição de funcionamentos inconscientes do analista, estimulados por mobilizações correlatas do paciente. [...] essas noções, da identificação projetiva e do *enactment* contratransferencial, passaram a ter um papel central para um entendimento comum, em diversas áreas analíticas, dos fenômenos contratransferenciais (p.5).

Esta caracterização dos estudos do *enactment* como parte do desenvolvimento evolutivo dos estudos psicanalíticos, é embasada em Green (2003, p.7), quando alude às “[...] produções da literatura psicanalítica como um ‘organismo humano’ que vem se desenvolvendo, desde seu nascimento com Freud”. Outra característica neste artigo é a referência e relação existente entre os conceitos *role responsiveness*, cunhado por Sandler (1976) e *enactment* contratransferencial através do conceito de identificação projetiva. Assim, revela-nos o autor que

[...] há muitos aspectos em comum entre os diferentes termos aplicados nessa área de fenômenos e também que cada um deles ilumina diferentes facetas do campo a que se dirige, de modo que termina havendo uma certa complementariedade entre eles (GUIMARÃES FILHO, 2006, p.11).

- d) Maria Beatriz Simões Rouco, de São Paulo/SP. Apresenta um artigo teórico com referências a um “vínculo histórico” entre os conceitos de identificação projetiva, contratransferência e *enactment* (KLEIN, 1946; HEIMANN, 1950; BION, 1967; JOSEPH, 1987; OGDEN, 1982; SPILLIUS, 1994 *apud* ROUCO, 2004). Em relação ao *enactment*, define-o, em uma concepção ampla, como uma

[...] alteração de perspectiva decorrente da superação da cisão corpo-mente, típica do paradigma moderno, de tal forma que ele revela a aceitação progressiva da concretude da realidade psíquica e da inevitabilidade da relação afetiva e intersubjetiva na constituição da situação analítica (ROUCO, 2004, p.147).

De modo mais específico, afirma que o *enactment*

[...] se refere a todas as condutas do par analítico e (...) constitui um novo modo dialógico, uma nova perspectiva dramática de compreender e de conceber a reação intersubjetiva, a articulação corpo-mente, a estruturação psíquica em diversos níveis de manifestação, a situação psicanalítica e seu efeito terapêutico. [...] são comportamentos específicos, compartilhados referindo-se aos eventos que ocorrem dentro da dupla e que ambos experienciam como sendo consequência do comportamento no outro. [...] entendendo *enactment* como o repertório de capacidades evocativas-coercitivas da dupla (MCLAUGHLIN, 1998 *apud* ROUCO, 2004, p. 158).

- e) Mauro Gus, de Porto Alegre/RS, oferece-nos dois trabalhos específicos sobre a temática *enactment*, ambos com ilustrações clínicas. Faz relação entre “atuação” e “encenação (*enactments*)”, salientando que ambos

[...] reproduzem sensações e sentimentos pré-verbais, anteriores à aquisição da palavra, remetendo-se ao desenvolvimento primitivo. [...] A palavra mostra-se, pois, insuficiente, sendo o ato a única maneira de expressão possível ao paciente, em determinado momento do processo que se encontra a dupla ou a interação dos dois psiquismos (GUS, 2005, p.322).

Refere-se a *acting-out*, originado a partir da expressão alemã *agieren*, citada por Freud (1912), significando “passagem ao ato”, como condutas regressivas do paciente quando este “[...] não alcança conter sensações e percepções dolorosas, estas precisando ser expressas através de atuações e recriações no setting analítico (GUS, 2007, p.46).

Em destaque, menciona *enactments* como sendo

[...] um suceder de vivências não suficientemente contidas pela palavra, ora confusionais ou ainda inconscientes, da dupla paciente-terapeuta. [...] se devem à encenação, pela dupla, da representação das partículas de afetos mais primitivos e projetados no setting (GUS, 2005, p.324).

Em outras palavras, vem a ser a “[...] recriação ou a realidade psíquica em cena” (GUS, 2007, p.47). Indica que predominam intensas identificações projetivas na

relação do par terapêutico. Esta interação constitui a realidade psíquica da dupla, ou seja, o novo campo criado a partir da relação estabelecida pelo par.

Voltado à elucidação do papel do analista/psicoterapeuta, sobretudo com pacientes “pós-modernos”, com queixas de vazio interior, conjugado com dificuldades de perceber sentimentos, enfatiza que “[...] cabe ao terapeuta, como intérprete, a tarefa de detecção e de busca, por meio de recursos técnicos, do significado afetivo da fantasia inconsciente no contexto psicoterápico” (GUS, 2005, p.324). Conforme Botella (1997 *apud* GUS, 2005, p.325) afirma que o objetivo terapêutico vem a ser “[...] dar figurabilidade aos afetos e representação às construções de sensações pré-verbais, que ainda se encontram, na mente do indivíduo, em um estado do irrepresentável”.

Reforça que a predominância de intensos impulsos destrutivos (instinto de morte) compõe a energia pulsional nesta situação. A necessidade de abordar esta questão é que se constitui como o trabalho analítico. A percepção desses momentos, a partir das sensações e atos ocorridos, favorecerá encontrar a palavra (a representação, a figurabilidade) correspondente aos mesmos. Acrescenta ainda que

[...] são atos neuróticos e, como tal, precisam ocorrer e ser passíveis de análise. [...] dizem respeito ao terapeuta e devem ser sentidos e entendidos dessa forma, sem necessariamente explicitar, ritualisticamente, que aludem à dupla. [...] o que ocorre com a realidade psíquica deve ser tecnicamente abordado como integrante do processo.” (GUS, 2005, p.325).

Alerta que este campo intersubjetivo

[...] vai além do somatório de duas mentes; constitui-se numa área de trabalho analítico permeada por mecanismos e sentimentos pré-verbais, ou seja, que colocam em cena dores psíquicas arcaicas, através da interação da dupla. Por mais que incida de modo inconsciente e negativo - pela intensidade das pulsões destrutivas -, precisa ser compreendido como positivo para o processo. *Não havendo a transformação do negativo em positividade, não ocorreria processo analítico* (GREEN, 1995 *apud* GUS, 2007, p.48).

- f) Jassanan Amoroso D.Pastore e Vera Lucia Lamanno Adamo, de São Paulo/SP, editaram uma entrevista realizada com o Dr. Theodore Jacobs em 2006. Nesta entrevista, reafirmam os conceitos por ele apresentado, registrando que *enactments* “São inevitáveis e existem em todo paciente e em todo analista. [...] são comunicações de grande importância e não raro expressam aquilo que, de outro modo, ainda não é

expressível” (JACOBS, 2006c, p.1). Revelam-se inconscientes, podendo “[...] descrever comportamentos do paciente, do analista, ou de ambos, que comunicam partes essenciais da personalidade de forma não verbal, pois não alcançaram ainda a consciência” (JACOBS, 2006c, p.1).

Este psicanalista reforça que *enactment* pode ser considerado como

[...] um modo de expressar questões atuais, que geralmente surgem no calor do momento transferencial-contratransferencial, mas também cada *enactment* comporta uma faceta de *reenactment*: é uma faceta da personalidade, uma faceta dos conflitos que estão surgindo de um jeito particular, e que é também um modo antigo de lidar com certos conflitos (JACOBS, 2006c, p.1).

Afirma então que *enactments* “[...] funcionam como sinais, [...] servem como guias indispensáveis em nosso esforço de explorar a interação sutil e impregnante, entre paciente e analista, que formula o núcleo do processo analítico” (JACOBS, 2006c, p.1).

- g) Nelson José Nazaré Rocha, de Campinas/SP, sustentando ideias de precursores (McLAUGHLIN, 1992; GABBARD, 1995; JACOBS, 2001 e CASSORLA, 2001 *apud* ROCHA, 2009) refere-se ao *enactment* como uma

[...] rede de identificações e contraidentificações projetivas, que produz uma encenação inconsciente, da qual analista e analisando participam igualmente. Isto torna evidente que a ideia de *enactment* traz em seu bojo uma descrição fenomenológica (ROCHA, 2009, p.180).

Ainda assim, enfatiza que “[...] todo *enactment* diz respeito à dinâmica transferencial-contratransferência, mas o contrário não é verdadeiro; muitos fenômenos transferenciais e contratransferenciais não se constituem *enactments*” (p.181). Sugere-nos que a compreensão deste fenômeno pode vir a ser utilizada como “[...] instrumento, como um modelo, para auxiliar a descrever e a pensar sobre a situação analítica” (p.181). Também apresenta fragmentos de um caso clínico como ilustração.

- h) Ana Clara Duarte Gavião, de São Paulo/SP, elaborou um artigo no qual relata o experimento de um grupo de psicanalistas (cuja maioria não reside em São Paulo) ao realizar um seminário, através da Internet, com apenas um encontro presencial inicial

e outro final, intermediados por um período de quatro meses de troca de e-mails, a respeito de contratransferência e *enactment*. A autora assina este artigo juntamente com os psicanalistas Antonia Maria de Almeida Camargo, Francesca Maria Ricci, Lídia Maria Chacon de Freitas, de São Paulo/SP, Fauzi Palis Jr., de Ituiutaba/MG, Mara Guimarães Pereira Lima Degani, de Uberlândia/MG, Maria Cristina Aoki Sammarco, de Araçatuba/SP e Roosevelt Moisés Smeke Cassorla, de Campinas/SP, coordenador deste experimento. Lembrem que Freud, principal representante da visão ortodoxa da Psicanálise, é também o precursor da visão intersubjetivista contemporânea uma vez que faz referência ao recrutamento da própria mente do analista como recurso psicanalítico, ao citarem a utilização de seus próprios sonhos em interpretações. Este grupo registra que

[...] a concepção clássica da contratransferência como patologia do analista que obstruiu seu trabalho vem sofrendo uma verdadeira “reversão da perspectiva” por outros pontos de vista que a reconhecem como principal instrumento da função analítica, no sentido de que *a pessoa real do analista e a pessoa real do analisando* elaboram, em parceria, o conhecimento psicanalítico emocionalmente experimentado. (GAVIÃO et al., 2011, p.220)

- i) Alexandre Goelner, de Porto Alegre/RS, enuncia *enactments* como pertencentes ao grupo de fenômenos resultantes da interação entre o paciente e o terapeuta que passaram a ser cada vez mais discutidos e valorizados. Compreende-os como

[...] encenação de elementos afetivos inconscientes de origem arcaica tanto do paciente como do terapeuta, [...] resultante do interjogo de identificações projetivas cruzadas entre a dupla, sendo que um participante “força” o outro a entrar em cena, assumindo um papel simbólico em sua vida (GOELNER, 2012, p.25).

Apresenta importante referência às controvérsias teóricas citando Cassorla (2004) para explicar que *enactments* não são desejáveis e também não são estimulados intencionalmente, porém, são naturalmente inevitáveis. O analista/terapeuta, uma vez atento ao que sucede na situação analítica, através de suas intervenções, encaminha a elaboração dos mesmos, sejam agudos ou crônicos:

[...] é consenso que, quando inevitavelmente acontece, um *enactment* poderá servir como ferramenta de trabalho se o terapeuta conseguir compreendê-lo, elaborá-lo contratransferencialmente e interpretá-lo para o paciente (GOELNER, 2012, p.31).

- j) Rafael Cavalheiro Neves, de Porto Alegre/RS. É graduando em Psicologia da UFRGS (curso em andamento), ex-estagiário do CEAPIA. Publica na Revista do CEAPIA, nº 23, 2014, o artigo “*Enactment* na clínica com crianças: um conceito ausente?”. Apresenta um rápido resumo histórico do conceito, centrado em autores das últimas duas décadas. A partir dos estudos de Cassorla (2012, 2013, 2014 *apud* CAVALHEIRO, 2014), apresenta o *enactment* como um fenômeno intersubjetivo de indução psíquica, inconsciente, mútua entre analista/terapeuta e paciente que invade o campo analítico. Considera o *enactment* a partir do viés intersubjetivista, com fundamentação básica em Bion, compreendendo “[...] o encontro analítico como produto de um campo dinâmico no qual paciente e terapeuta, ambos participam de seu acontecimento” (CAVALHEIRO, 2014, p.108) no qual o terapeuta tem papel significativamente ativo, diferentemente do modelo da “Psicanálise dita clássica”.

Com a base teórica em Chused (1991 *apud* CAVALHEIRO, 2014) revela também, através de um caso clínico, que *enactments* podem ocorrer na clínica psicológica com crianças, embora seja difícil detectá-los, uma vez que a comunicação predominante é através do ato. O indicativo maior da evidência de *enactments* nestes casos é a qualidade da relação terapêutica estabelecida. Sendo mais primitiva, com funcionamento através de mecanismos mais regressivos, o *enactment* é mais provável, pois a ação, as descargas, serão expressas mais pelas atitudes (*actings*) do que pelas verbalizações ou pelo brincar mais adequado, ou seja, simbólico. Esta ausência ou reduzida presença de simbolizações “ataca” o pensar, a função alfa do psicoterapeuta, dificultando a compreensão dos “sonhos” do paciente. Acredita que por esta razão, a tarefa de discriminação entre comunicação simbólica e atuação seja mais árdua e que isso diferencia o brincar simbólico, adequado às crianças e o não simbólico, característicos em patologias emocionais infantis.

Elaborou um segundo artigo (CAVALHEIRO & SILVA, 2014), escrito em parceria com Milena da Rosa Silva, doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio

Grande do Sul (UFRGS) e professora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia da UFRGS. Referem relação entre as nomenclaturas para “*enactments* abertos” (JACOBS, 2001 *apud* CAVALHEIRO, 2014) ou normais (CASSORLA, 2001; 2007; 2008; 2010 *apud* CAVALHEIRO, 2014) e propõem chamar de “*enactment* de vida”. Em relação aos *enactments* fechados (JACOBS, 2001 *apud* CAVALHEIRO, 2014) ou patológicos (CASSORLA, 2001; 2008; 2010 *apud* CAVALHEIRO, 2014), sugerem “*enactment* de morte”. Esta proposta é fundamentada em estudos de Green (1988; 2002; 2010 *apud* CAVALHEIRO & SILVA, 2014) ao referir narcisismo de vida e narcisismo de morte. Neste último, predominam os desinvestimentos nas possibilidades de evolução terapêutica positiva decorrentes de um obstáculo narcísico, que também atinge o analista/terapeuta, e que impede o desenvolvimento terapêutico.

Finalizam o artigo, apresentando aspectos da ocorrência de *enactments* com crianças, fundamentado da mesma maneira que no artigo anterior.

Todos estes aspectos revelam importância teórica e técnica, identificando também significância da continuidade de estudos sobre os mesmos. É claro e favorável o registro dessa associação entre as terminologias, ampliando as conexões teóricas possíveis assim como o pensamento e exercício técnicos analíticos.

3 OBJETIVOS

3.1 Primário:

Identificar como psicanalistas entendem, conceituam, identificam e elaboram o fenômeno *enactment*.

3.2 Secundários:

- 3.2.1 Descrever a (s) fundamentação (ões) teórica (s) que embasa (m) esta temática na prática contemporânea;
- 3.2.2 Relatar informações, teóricas e experimentais, que podem ser úteis aos profissionais da área psicanalítica, não como modelos, mas como ilustração de situações passíveis de identificação e também como troca de impressões e experiências;
- 3.2.3 Reforçar a ênfase relacional, característica ao fenômeno *enactment* e aos processos psicanalítico e psicoterápico com orientação analítica fundamentados na Psicanálise intersubjetivista.

4 JUSTIFICATIVA

Conforme afirma Flick (2004), a atual diversidade do pensamento humano, a mudança social acelerada, a globalização característica da pós-modernidade, enfim, como ele mesmo cita, 'a pluralização das esferas da vida', "[...] exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões. [...] as narrativas agora devem ser limitadas em termos locais, temporais e situacionais." (FLICK, 2004, p.18). Este mesmo autor refere que o estudo dos significados subjetivos e da experiência e prática cotidianas é tão essencial quanto a contemplação das narrativas e dos discursos (SARBIN, 1986; BRUNNER, 1991; HARRÉ, 1998 apud FLICK, 2004).

Várias são as características do estudo qualitativo. Flick (2004, p.21-22), reforça a ideia de que

[...] o objeto em estudo é o fator determinante para a escolha do método e não o contrário. (...) é estudado em sua complexidade e totalidade em seu contexto diário. [...] é prática a interação dos sujeitos na vida cotidiana. [...] A meta pretendida passa a ser [...] descobrir o novo e desenvolver teorias empiricamente embasadas. A pesquisa qualitativa estuda o conhecimento e as práticas dos participantes.

As práticas analítica e psicoterápica com orientação na psicanálise são compreendidas, na atualidade, principalmente como oriundas da relação estabelecida entre profissional e paciente, estabelecendo assim um processo terapêutico. Neste processo, o funcionamento psíquico de cada um dos integrantes, bem como do funcionamento constituído por este par, estão absolutamente presentes e dominantes no desenvolvimento do mesmo. Assim caracterizado, inúmeros fenômenos psíquicos se estabelecem nesta relação.

Com base nestas ideias, acredita-se então que a atenção, o cuidado, o interesse e o compromisso quanto à melhor maneira de processar esta terapêutica justificam o aprofundamento dos estudos a respeito destes fenômenos tornando assim relevante o aprofundamento do tema proposto por esta pesquisa com psicanalistas. Nos estudos encontrados e consultados, ainda que apresentem exemplos clínicos, predominam a descrição

destes na primeira pessoa. No presente trabalho, são descritas percepções e experiências em comum, possíveis de serem interseccionadas.

Entender o significado do fenômeno estudado, assim como o processo pelo qual os participantes constroem e descrevem significados (TURELA, 2005), justifica o objetivo desta pesquisa qualitativamente fundamentada a respeito do *enactment*. É um conceito que revisa a evolução científica dos estudos psicanalíticos, sendo que a continuidade em investigar a respeito do mesmo favorece e amplia o espaço para debates teórico/técnicos a respeito da Psicanálise. Acredita-se que se faz uma contribuição também aos interessados nas relações humanas a partir do enfoque psicológico. Os conceitos e as experiências relatadas podem contribuir para trocas de experiências profissionais.

Revelou-se uma pesquisa factível uma vez que os participantes que compreendem a amostra estão vinculados à instituição de ensino, formação, prática e pesquisa psicanalíticas, o que, possivelmente, favoreceu a execução da mesma. Também se apresenta como um trabalho de baixo custo financeiro, assim como contando com auxílio de grupos de pessoas interessadas no encontro de respostas para as perguntas elaboradas a respeito do tema em questão.

5 METODOLOGIA

5.1 Delineamento do Estudo:

Esta pesquisa de campo tem caráter descritivo qualitativo, uma vez que descreve como psicanalistas entendem, conceituam, identificam, elaboram e exemplificam o fenômeno *enactment*.

5.2 Participantes

O estudo foi realizado com psicanalistas (didatas, membros associados e analistas em formação psicanalítica), vinculados a uma instituição de formação psicanalítica, associada à IPA (*International Psychoanalytical Association*) no Rio Grande do Sul/Brasil. Foram convidados a participar da pesquisa a partir de uma lista de nomes destes profissionais, elaborada pelo orientador do presente trabalho, considerando sua experiência profissional, que indicasse conhecimento a respeito do tema de enfoque do estudo, constituindo assim uma amostra não probabilística, intencional e por conveniência. Os convidados não necessariamente correspondem à ordem de seu nome na referida lista, o que faz com que suas identidades estejam mantidas sob sigilo pelo entrevistador, mesmo do orientador que a elaborou. O número total de participantes correspondeu ao método de saturação:

[...] definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados. (FONTANELLA, RICAS & TURATO, 2008, p.17)

Realizaram-se oito entrevistas, assim divididas: dois candidatos à formação analítica, dois psicanalistas membros associados à referida instituição e dois analistas didatas. No estudo piloto, foram entrevistados dois psicanalistas membros associados da referida instituição. Como os resultados deste estudo em especial atingiram seus objetivos e se assemelharam aos da pesquisa, optou-se por também incluí-los na totalidade dos resultados desta.

5.2.1 Critérios de exclusão: profissionais de convívio do pesquisador, isto é, caso o (a) profissional (a) seja, ou já tenha sido, analista, psicoterapeuta, supervisor, professor, familiar, colega (aula, cursos, etc) ou amigo do pesquisador, não serão incluídos na amostra selecionada.

5.3 Instrumento-Guia de Entrevista para Coleta de Dados

O instrumento utilizado na investigação/entrevista foi um questionário tipo misto (AMADO, PÓVOA & MACEDO, 2005), contendo perguntas de respostas fechadas e respostas abertas, nas quais os sujeitos-profissionais expressaram suas ideias (Apêndice 3). Este instrumento, elaborado pelos autores do presente trabalho, constituiu-se como um guia para as entrevistas realizadas.

Realizou-se também um estudo piloto utilizando este instrumento para definir se as questões estavam bem formuladas e atingiam o objetivo a que se propõem. Este objetivo foi positivamente contemplado.

5.4 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas, e gravadas, em locais definidos pelos próprios entrevistados, mantendo sua privacidade. O tempo médio de duração das mesmas foi de 49 minutos. Após a realização de cada uma delas, eram transcritas pelo entrevistador. Todo o material original, gravado e transcrito, está guardado e mantido em sigilo pelo entrevistador.

5.5 Análise dos Dados

A análise dos dados de natureza qualitativa das entrevistas foi realizada através do Método de Análise do Conteúdo (AC) descrito por Bardin (1977), onde quaisquer formas de comunicação, sejam faladas ou escritas, são passíveis de análise do conteúdo e consiste em classificar os diferentes elementos de um texto conforme critérios que permitam o surgimento de uma certa ordem. Conforme a autora conceitua, análise de conteúdo é

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos

relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p.42).

Assim, salientado por Bardin (1977), a ‘palavra’ emitida pelos entrevistados será a unidade de análise a ser considerada neste estudo.

Moraes (1999, p.39), evidencia também que “[...] uma clara explicitação de objetivos ajuda a delimitar os dados efetivamente significativos para uma determinada pesquisa”. Lasswell (*apud* MORAES, 1999) é o primeiro nome na história que ilustra a AC. Em relação aos objetivos deste método em comunicação, cita que devem tentar responder seis questões básicas: “[...] 1) Quem fala? 2) Para dizer o que? 3) A quem? 4) De que modo? 5) Com que finalidade? 6) Com que resultados?” (LASSWELL *apud* MORAES, 1999, p.39).

Moraes (1999) descreve as cinco etapas deste processo. São elas:

- a) Preparação das informações: nesta etapa, o material é lido por sucessivas vezes e posteriormente cada instrumento (entrevista) é codificado numericamente;
- b) Unitarização ou transformação do conteúdo bruto em unidades de significado (US): as unidades de significado são retiradas do texto e recebem uma codificação numérica adicional;
- c) Categorização: as unidades de significado são agrupadas por semelhança ou analogia, para formar as categorias temáticas; estas categorias deverão obedecer ao critério de homogeneidade e juntas irão adquirir um significado;
- d) Descrição dos achados: os resultados são comunicados através da síntese de um texto que expresse os significados presentes nas unidades de significado, incluindo as citações diretas e dados originais das entrevistas;
- e) Interpretação ou discussão dos achados – objetiva a compreensão dos conteúdos descritos na etapa anterior, construindo-se a teoria tendo como base as informações e categorias encontradas.

Conforme Bardin (1977, p.9), as etapas propostas para uma pesquisa através de análise de conteúdo, buscando possíveis entendimentos, apresentam e oscilam entre dois polos:

[...] o desejo de rigor e necessidade de descobrir, de adivinhar, de ir além das aparências. [...] rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem.

E acrescenta que a análise de conteúdo é “[...] uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência” (BARDIN, 1977, p.9).

Descendendo da hermenêutica, a Análise de Conteúdo, do ponto de vista técnico operacional, tem suas origens nos EUA a partir do início do século XX, como ‘instrumento de análise das comunicações’, a partir do aumento do interesse quantitativo e na diversificação qualitativa de estudos empíricos. O interesse na interpretação de mensagens obscuras, com duplo sentido, passa a ser desenvolvido por pessoas que apresentavam observação cuidadosa e com ‘intuição carismática’, buscando também os simbolismos e múltiplos possíveis sentidos que determinada comunicação possui (BARDIN, 1977). Assim, a análise de conteúdo

[...] integra-se, cada vez mais, na exploração qualitativa de mensagens e informações. [...] se insinua em trabalhos de natureza dialética, fenomenológica e etnográfica, além de outras. [...] utilizando especialmente a indução e a intuição como estratégias para atingir níveis de compreensão mais aprofundados dos fenômenos que se propõe a investigar (MORAES, 1999, p.43).

6 ASPECTOS ÉTICOS

Os aspectos éticos desta pesquisa foram elaborados e realizados a partir das orientações apresentadas na Resolução CONEP 466/12, considerando:

- os princípios de evitar todo e qualquer tipo de riscos e danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual;
- igualmente todas as opiniões dos participantes, evitando comentários e/ou críticas ofensivos e/ou não fundamentados cientificamente à qualidade dos mesmos;
- a não utilização das informações em prejuízo destas pessoas e/ou das comunidades/instituições que estejam envolvidos, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros.
- os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, como também os hábitos e costumes caso referidos pelos participantes.

Esta pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP / PROPESQ / UFRGS) sob o número 443.358 em 01 de novembro de 2013 e está registrada na Plataforma Brasil (<http://plataformabrasil.saude.gov.br>). (Anexo 1)

É salientado que:

- Os participantes foram convidados e informados dos objetivos da pesquisa através de uma Carta de Apresentação e tem garantido seu anonimato através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE;
- Os dados coletados foram codificados, estão sob sigilo, mantendo a confidencialidade, a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes; serão mantidos em arquivo, físico/digital, por um período de cinco anos após o término da pesquisa e, então, destruídos;
- Os resultados da pesquisa serão entregues aos participantes através de cópia da dissertação, bem como através de debates às instituições que são integrantes assim que a dissertação for avaliada e considerada aprovada.

7 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS:

Os resultados deste estudo estão apresentados em categorias de respostas, ilustradas por verbalizações dos entrevistados, sem identificação dos mesmos. O número total de unidades de significado (US) obtidas foi de 781 (setecentos e oitenta e uma) verbalizações, compreendendo, em média, 97,62 US por entrevistado, sendo o menor número de US 108 e o maior, 179 US. Posteriormente a esta classificação, resultaram quatorze Categorias Intermediárias e três Categorias Finais, sendo elas: Fundamentação Teórica, Fundamentação Técnica e Nível de Experiência, conforme registrado nos Quadros 4, 5 e 6.

7.1 Categoria Final FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE *ENACTMENT* PSICANALÍTICO

Quadro 4 – Categorização Final Fundamentação Teórica Sobre *Enactment* Psicanalítico

C A T E G O R I A S		
INICIAL	INTERMEDIÁRIA	FINAL
Noção de inconsciente dinâmico; pulsão; trauma; ansiedade; princípios do prazer e da realidade; identificação projetiva; transferência; contratransferência; relações objetais; campo analítico; teoria interrelacional; <i>enactment</i> ; 1ª e 2ª tópicos;	Conceitos Psicanalíticos (112 US)	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE <i>ENACTMENT</i> PSICANALÍTICO (426 US)
Freud; Klein; Fairbain; Bion; Winnicott; Baranger; Betty Joseph; Sandler; Meltzer; Ogden; A.Green; A. Ferro; Grodstein;	Autores Psicanalíticos (26 US)	
Lyotard; Bauman (Modernidade e Pós-Modernidade)	Outros Autores (Filosofia; Sociologia) (1 US)	
Conceito de <i>enactment</i> ; Tipos de <i>enactment</i> ; Autores do <i>enactment</i>	Caracterização <i>Enactment</i> (202 US) (06 US) (23 US) (Total: 231 US)	
<i>Fenômenos psicanalíticos: enactment e acting-out; enactment e identificação projetiva; enactment e reação terapêutica negativa; enactment e resistência</i>	Comparativo Teórico (56 US)	

Legenda: US – Unidades de Significado

Inclui os elementos que sustentam a teoria psicanalítica geral e, especificamente, a teoria que fundamenta o *enactment* psicanalítico. Está subdividida em cinco Categorias Intermediárias. São elas:

7.1.1 **Conceitos Psicanalíticos:** descrevem os conceitos que caracterizam a Teoria Psicanalítica e que, na atualidade, são considerados importantes para compreensão psicodinâmica do indivíduo. Todos os entrevistados referiram a noção do Inconsciente como o principal conceito psicanalítico e que, a partir dele, as demais características da teoria se desenvolveram. A maioria dos participantes também citou o *enactment* como conceito psicanalítico contemporâneo. Referidos como importantes também, por todos os participantes, os conceitos de Transferência, Contratransferência, Identificação Projetiva, Campo Analítico e Intersubjetividade. Embora não predominantes nas respostas de todos os entrevistados, ainda foram referidos os conceitos de Ansiedade, Narcisismo, Trauma, Relações Objetais e Complexo de Édipo. Encontradas 112 US.

Exemplos de verbalizações:

“O grande conceito... o conceito que estabelece, na verdade, um campo epistemológico, é o conceito de inconsciente”.

7.1.2 **Autores Psicanalíticos:** são referidos autores considerados fundamentais na teorização da Psicanálise. De modo unânime, foram citados Freud, Melanie Klein, Bion e Winnicott como autores clássicos. Considerando a teoria do campo, é citado o casal Baranger. Além destes, porém não unanimemente, foram referidos William Fairbairn, Herbert Rosenfeld, Pierre Marty, Betty Joseph, Donald Meltzer, Joseph Sandler, André Green, Thomas Ogden, Antonino Ferro, César e Sara Botella. Encontradas 26 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) o Bion e o Rosenfeldt, os kleinianos, assim, principalmente, foi quem trouxeram essa possibilidade de a gente olhar prá relação objetal”.

7.1.3 **Outros Autores:** citação de autores não psicanalíticos, mas que também são estudados como ampliação do conhecimento do desenvolvimento humano. Dois autores foram citados: Zigmund Bauman, sociólogo polonês e Jean-François Lyotard, filósofo

francês. Ambos desenvolveram significativos trabalhos relacionados às condições humanas sociais, sobretudo em relação à Modernidade e à Pós-Modernidade. Encontrada uma US.

7.1.4 Caracterização do Enactment: engloba características relacionadas à definição do *enactment* e suas formas de manifestação. Está subdividida nas seguintes Categorias Iniciais:

7.1.4.1 Conceito de Enactment: refere-se à definição de *enactment* psicanalítico, ou seja, como os entrevistados entendem o *enactment*. Encontradas 202 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) é a representação em cena... representa questões traumáticas e a história do analisando dentro do campo analítico... coloca em cena dores psíquicas arcaicas através da interação de mentes, das duas mentes da dupla... (...) ambos representam papéis inconscientemente inter-relacionados e indeterminados... faz com que apareça o trauma na relação ou os traumas durante o processo que é tudo o que se pretende.”

“(...) pressupõe sempre uma ação conjunta, inconsciente, dos dois, um definindo no outro alguma coisa daquela ação conjunta... dentro destas relações de objeto, um influencia o outro... é uma influência mútua.”

“(...) a comunicação de algo inconsciente pro inconsciente do outro de algo que não pode ser posto pela via verbal... forma uma área de resistência que às vezes pode, vamos dizer, não impedir, mas dificultar o andamento do processo... é uma resistência formada pelo interjogo de identificações projetivas da dupla... acaba sendo atuado, colocado em cena pela dupla....”

7.1.4.2 Autores do Enactment: são citados autores que desenvolveram, especificamente, o tema *enactment* psicanalítico desde sua primeira referência por Theodore Jacobs, em 1984 até autores atuais. Encontradas 23 US.

Exemplos de verbalização:

“o Cassorla (...) ele já tá trabalhando pós enactment... não sei se alguém no exterior está se dedicando tanto a trabalhar isso... eu não conheço outro nome...”

Todos os entrevistados referiram o trabalho do psicanalista brasileiro Roosevelt Cassorla que, embora não pioneiro no tema, apresenta significativa produção da literatura a respeito do *enactment*. Em seus trabalhos, é possível a compreensão histórica, bem como os fundamentos e classificações de como este fenômeno se processa. Seu estudo possibilitou a expressão ‘colocação em cena da dupla’ como sinônimo e definição de *enactment*. Dois

autores pioneiros ao tema (T. Jacobs e McLaughlin) foram citados por dois entrevistados. Outros autores citados são: Mauro Gus, Nelson Nazaré, Elias Rocha Barros, brasileiros, Stela Yardino, uruguaia e Sapisochin, espanhol.

7.1.4.3 **Tipos de Enactment:** na descrição do fenômeno, foram classificados como *enactments* crônicos ou agudos. São especificados em termos de intensidade, durabilidade e dependentes da percepção da existência do que ocorre no campo analítico. Quando citados, referiam Cassorla (2001, 2003, 2004, 2005, 2008, 2009, 2011, 2012, 2013a, 2013b). Encontradas seis US.

Exemplos de verbalizações:

7.1.4.2.1 **Enactments Agudos:** *“agudos são aqueles mais pontuais, que acontecem numa, duas, três sessões e que tu logo te dá conta.”*

“o agudo é a precipitação ali, aquilo que acontece no momento, que dá a abertura pra esse enactment crônico.”

7.1.4.2.2 **Enactments Crônicos:** *“O que leva à instalação de enactment crônico é a presença da pulsão de morte... incide de modo inconsciente, negativo... fica uma repetição, uma monotonia, que adormece a dupla levando as análises ou terapias inevitavelmente a iatrogenias, falsos resultados, pioras do quadro clínico, interrupções, conluios ou impasses.”*

Encontram-se também na literatura as expressões *enactments* estendidos ou curtos - ou breves ou agudos (FRIEDMAN & NATTERSON, 1999).

7.1.5 **Comparativos Teóricos:** são descritas diferenças e semelhanças entre *enactment* e *acting-out*, reação terapêutica negativa, a relação com identificação projetiva, a relação com resistência. Encontradas 56 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) enactment tá muito próximo do acting que é também o ‘Agieren’ do Freud... o pôr em ação... os dois tem o objetivo de comunicar algo pro analista do que está acontecendo... neste sentido eu acho que o enactment e o acting são parecidos.”

“(...) acting é só do sujeito, a sua mente e uma situação que ele criou... tu não é co-partícipe... é mais fácil tu discriminar... tu vê que o sujeito tá fazendo uma descarga... mais impulsiva, mais pulsional, mais em estado bruto... tem esse traço de impulsividade, de não pensar junto que geralmente é descarga de elementos bem próximos da pulsão em estado bruto, pouco transformados, não simbolizados tem uma base semelhante no sentido que vai pela ação.”

É possível identificar correspondência à fundamentação teórica definindo o *enactment* como fenômeno inconsciente, portanto passível de compreensão psicanalítica. Evidencia-se a característica intersubjetiva, identificada na troca mútua e persuasiva de identificações projetivas. Observa-se a afirmação de que os *enactments* tem 'poder evocativo' (CHUSED, 1990, 1991), permitindo que as relações objetais sejam revividas, repetidas e encenadas (*enacted*) no campo analítico (JACOBS, 1986; MCLAUGHLIN, 1991; LEVINE, 1994; FELDMAN, 1997; BATEMAN, 1998; HIRSCH, 1998; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001, 2004, 2012, 2013b; VARGA, 2005; GUS, 2005, 2007; IVEY, 2008; STRAUS, 2012; SAPISOCHIN, 2013). Tal potencial possibilita à dupla terapêutica a utilização destes conteúdos como 'sonhos para dois' (CASSORLA, 2001, 2004, 2005, 2008, 2009, 2011, 2013a, 2013b, 2014), constituindo o 'texto', resultado da intersecção transferência/contratransferência, a ser analisado durante o processo analítico. Segundo Renik (1997, p.10) os *enactments* são "(...) o texto necessário para a análise da transferência".

Situados neste 'campo/palco' (espaço terapêutico) e com um 'texto/roteiro' (conteúdo psíquico) a ser analisado (processo analítico), analista e paciente, através da relação intersubjetiva estabelecida (intertexto/relação transferencial-contratransferencial), objetivam a compreensão do 'enredo' apresentado. Este enredo é revelado através das expressões e/ou fantasias que preenchem o campo analítico. Ambos, paciente e analista, alcançam simbolizações que constituem um psiquismo saudável. Impossibilitados de 'sonhar', ou seja, de pensar, segundo a teoria bioniana, tem-se obstruída a evolução terapêutica, estabelecendo assim o 'não-sonho-para-dois', isto é, a dupla está sob efeito de um *enactment* (CASSORLA, 2001, 2005, 2008, 2009, 2012, 2013a, 2013b, 2014).

Embora paradoxal, os *enactments* apresentam característica defensiva e resistencial, mas também de potencial comunicativo. Assim definidos, *enactments* revelam possibilidade para uma experiência emocional corretiva (ALEXANDER, 1946 *apud* ZIMERMAN, 2001) ou transformadora (ZIMERMAN, 2001) na qual conflitos antigos podem ser experimentados com melhor resolução na atualidade (FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; VARGA, 2005; SULLIVAN, 2007; IVEY, 2008, PAGANO, 2012; CASSORLA, 2013a).

Diferenças entre *enactments* e demais fenômenos que envolvem ação como descarga de ansiedades também são lembradas. *Enactments* são relacionados ao envolvimento e ações conjuntas do par analítico, enquanto *acting-out* é um comportamento individual (BATEMAN, 1998; PERELBERG & LEVINSON, 2003; CASSORLA, 2001; 2003a; 2003b, 2005; 2008, 2012; SAPISOCHIN, 2013).

7.2 Categoria Final FUNDAMENTAÇÃO TÉCNICA SOBRE ENACTMENT PSICANALÍTICO:

São descritos abordagens e procedimentos técnicos característicos à Psicanálise, assim como diretamente relacionados ao *enactment*. Está subdividida em cinco Categorias Intermediárias, conforme é possível observar no Quadro 5.

Quadro 5 – Categorização Final Fundamentação Técnica Sobre *Enactment* Psicanalítico

C A T E G O R I A S		
INICIAL	INTERMEDIÁRIA	FINAL
Associação livre; atenção flutuante; interpretação lúdica; observação do conteúdo não verbal; neutralidade é relativa; interpretação é o instrumento de excelência; maturação do campo analítico; fortalecimento dos mecanismos de defesa;	Técnica Psicanalítica (19 US)	FUNDAMENTAÇÃO TÉCNICA SOBRE ENACTMENT PSICANALÍTICO (242 US)
Repensar situação; atenção na transferência e na contratransferência; repetição de fantasias, evocações, sensações, reações, sentimentos e/ou ideias próprias; representação das relações objetais; reflexões de sonhos contratransferenciais; pensar papéis desempenhados; dar-se conta;	Identificação do <i>Enactment</i> (112 US)	
Trabalho mais de <i>reverie</i> materna do que interpretativo; nomear sentimentos, como o Bion sugere; funcionar como mãe suficientemente boa, como Winnicott afirma; aborda-se o <i>enactment</i> a partir de si, quando vê que se entrou junto; o ‘irrepresentável’ precisa ser retomado, figurado, narrado; vencer resistências iniciais; realizar trabalho de criação de vínculo, de confiança; análise da contratransferência;	Elaboração do <i>Enactment</i> (75 US)	
O <i>enactment</i> é útil para entender a contratransferência; desempenha função de comunicar; deixa vivo o campo e o analista mais livre; poder pensar junto; permite experimentar ‘erros’; visa dissolver o conluio; propicia as experiências arcaicas no <i>setting</i> , por ambos os componentes da dupla;	Aplicação/Utilidade (21 US)	
Técnica Freudiana e Técnica Kleiniana; psicoterapia e análise; <i>enactment</i> na análise e na psicoterapia; <i>acting-out</i> e <i>enactment</i> ; <i>enactment</i> e Interpretação	Comparativo Técnico (15 US)	

Legenda: US – Unidades de significado

7.2.1 **Técnica Psicanalítica**: refere-se às técnicas, aos procedimentos e às intervenções utilizados para abordar e entender o inconsciente no processo analítico. Encontradas 19 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) a neutralidade, ela é relativa... a gente tá sempre reavaliando isso e aberto às necessidades do paciente, o que ele precisa... em geral tento valorizar, sem confessar...”

“(...) a interpretação é o instrumento de excelência... tem papel importante... as intervenções do terapeuta são importantes no seu conjunto todo.”

“Para análise é de que maneira o campo analítico progride... não medimos a análise pelas questões externas... a análise se conceitualiza, na contemporaneidade, pelo acesso às pulsões... mais próximo estivermos trabalhando nas pulsões, mais modificadora do caráter...”

7.2.2 Identificação do Enactment: esta categoria compreende as descrições do que é necessário para identificar o *enactment*. Encontradas 112 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) parte de material pré-simbólico, mas na mente do analista a partir de um estímulo da mente primitiva do analisando... temos que focar a realidade psíquica do paciente desta maneira... evocamos uma lembrança nossa, ou, digamos, uma figurabilidade, pelo conceito dos Botella... do Cesar e da Sara Botella... consegue sentir-se incômodo na posição esquizoparanóide... evoca-se o aspecto pré-simbólico que, no analisando, não fora possível ainda ser acessado... acessamos então através deste fenômeno do enactment.”

“(...) quando eu começo a ter um sinal... quando eu começo ter sentimentos repetitivos em relação ao paciente... minha fantasia mostra esses sentimentos pré-verbais... eu acho que é meio um alerta, assim, de que tem algo aí que a gente não tá entendendo e não está conseguindo falar.”

“(...) a gente identifica algumas funções ou papéis que não ‘tavam claros e que chegaram à nossa mente, vamos chamar assim, por esta via... a gente também encenar coisas que não fazem parte do repertório da gente... de repente tá fazendo.”

“(...) estou sempre escutando o paciente e escutando o que eu escutei do paciente... tudo aquilo que o impacto do paciente me provoca sobre ele, em relação a ele... também estou atento ao que eu estou pensando e sentindo em relação aquela situação que ele está me mostrando... estou sempre atento a ele e a mim... nesse estar atento a mim que, volta e meia, eu acabo percebendo algumas coisas pela ação dele em mim que ele não está verbalmente me dizendo, mas tá me dizendo de uma outra forma, na medida em que provoca determinadas reações em mim.”

7.2.3 Elaboração do Enactment: compreende o como proceder e elaborar a resolução deste fenômeno. É descrita, significativamente, a necessidade de considerar a imaturidade perceptiva dos pacientes e, por isso, trabalhar cautelosamente no encaminhamento da elaboração dos *enactments*. Encontradas 75 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) como diz o Bion: é um trabalho mais de revèrie materna, do que propriamente interpretativo... se ele (o paciente) não embute, como é que ele vai saber na revèrie o que está acontecendo?! Dar nome aos sentimentos, como o Bion trabalha, funcionar como uma mãe suficientemente boa, como o Winnicott descreve... mostrar algumas coisas que o paciente não vê até ele começar a se ligar que aquilo tem sentidos que ele não pensava que ele encontraria... aquilo que estava cindido, meio que irrepresentável, precisa ser retomado, figurado, narrado, colocado em palavras... tem certos pacientes que eles precisam um ‘banho de palavras’... como se fosse uma revèrie em termos das palavras... do que elas significam... quando as pessoas são mais regressivas e precisam de mais suporte, precisam... olha... quase um ‘colo’, às vezes... ele fica muito tempo precisando se vincular.”

“(...) a partir do momento que é compreendido, ser comunicado... a elucidação do enactment, no momento em que isso consegue ser analisado, ganha um sentido para a dupla, eu acho que facilita o processo... se trabalha dentro... a dupla, vamos dizer, funciona junto em unísono.”

“(...) depende da dupla... quem é o paciente, quem é o analista... o manejo satisfatório pela dupla, de um enactment, é a possibilidade de abrir o campo para um surgimento de novos enactments, vamos dizer... e assim por diante.”

“(...) tem que se cuidar muito para não simplesmente devolver aquilo que foi projetado para dentro do paciente... quando a gente está muito envolvido, muito tomado pela contratransferência, o melhor é a gente ficar quieto e primeiro se refazer... se reconstituir interiormente.”

“(...) a interpretação deve, ou o assinalamento ou observações, que sejam, ocorrer quando analisando e analista estão no mesmo vértice... ele vai ouvir a interpretação transferencial depois que os símbolos tiverem melhor estruturados, porque ele vai entender a interpretação transferencial... se não, falam em linguagens sobrepostas (...) não há cumplicidade, não há um canal de comunicação, são coisas diferentes que ocorrem... (...) o analista tem que usar a sua mente para simbolizar e integrar, de alguma maneira, o assinalamento dentro do campo analítico para que o paciente possa entender... fortalecer os mecanismos mentais e sua confiança no trabalho analítico... o que junta os pedaços são os afetos, as emoções que eles não conseguem dar conta, pelo torpedeio continuado do sadismo original que lhe vem, digamos, em estado natural, sem elaboração pelo próprio ego... isso é a análise do enactment agudo... com o enactment agudo nós acessamos a pulsão de morte... é um ‘turning point’, ele é um ponto de viragem na técnica... a intensidade dá concretude e realidade ao impacto, né, que causa na outra pessoa, no analisando... estamos com a questão traumática e o que isso representa na tua mente... nós analistas, temos que fazer como que a costura de todos estes fragmentos através de uma manifestação de representação em cena... a costura do que ele (paciente) não conseguiu costurar... evocar as fantasias inconscientes que estão recrudescendo e sendo revitalizadas na relação entre o analista e seu paciente.”

7.2.4 Aplicação/Utilidade: abrange a caracterização da aplicação e da utilidade deste fenômeno. É descrito, unanimemente, como útil, principalmente na atualidade, também como ferramenta técnica para análise e compreensão do campo analítico, favorecendo ‘o trabalho de pensar juntos’. Encontradas 21 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) é útil para entender a contratransferência, para entender o que está passando no campo ou algo da vida do paciente.”

“(...) sendo um analista em formação e jovem, acho que a contemporaneidade não teria espaço se não para esse tipo de comunicação...”

“(...) o enactment cada vez mais tem sido bem vindo... antigamente acho que era mais assustador... hoje em dia é mais comunicativo... ele aquece, de alguma forma, o tratamento... algo que esquentar... esqueci de falar da riqueza... isso é sempre bom... acaba autorizando que a gente se permita também deixar a coisa mais solta... conceitos como esse vitaliza o analista... isso é muito bem-vindo para que o analista também possa experimentar 'erros', entre aspas... trazendo mais uma resposta emocional, digamos assim, do analista.... desde pensamentos até atos, né... então acho que libera um pouco o analista para ter, medo, assim, de envolvimento com o paciente... eu me assustar com a proximidade dele, dele começar a perceber coisas em mim... a parte boa é essa vivacidade que fica o campo... deixa mais livre, digamos assim, a dupla... deixa o campo mais vivo e o analista mais acessível, de alguma forma, para o paciente... não tão distante... se permitir poder pensar junto.”

“(...) a função é propiciar as experiências arcaicas no setting, por ambos os componentes da dupla... enactment visa então dissolver o conluio que se forma... Não há processo analítico sem enactment... enactment é uma manifestação espontânea... não é algo indesejável do processo”.

7.2.5 Comparativos Técnicos: são referidas diferenças da técnica Freudiana e da técnica Kleiniana, relatos das diferenças técnicas na abordagem do *enactment* no tratamento psicanalítico (Análise) e no tratamento psicoterápico (Psicoterapia), assim como no atendimento a crianças. Encontradas 15 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) o enactment vem mesmo que uma vez por semana... pode esquentar de uma forma que não esfrie... tem a diferença de psicoterapia psicanalítica e análise... a análise tem mais espaço prá essa 'fervura'...”

“(...) de estar se relacionando com a criança de uma maneira adequada ao desenvolvimento dela que é o que mais fica presente”.

Observa-se que, para identificar e elaborar *enactments*, o critério fundamental é: '*Dar-se conta... perceber o que está ocorrendo... pensar*'. Estas palavras exemplificam que é a falta de consciência da inevitabilidade dos *enactments* que eleva os problemas no campo e não necessariamente a contratransferência (HIRSCH, 1992). Neste sentido, é descrita a característica de que o *enactment* é percebido em retrospecto (SMITH, 1990; LEVINE, 1994, BURNSTEIN & CHEIFETZ, 1999; CASSORLA, 2001, 2003a, 2003b, 2005, 2008; FRIEDMAN & NATTERSON, 2006; SULLIVAN, 2007; IVEY, 2008; BONOVIKZ, 2009; STRAUS, 2012; SAPISOCHIN, 2013).

Outro relato básico é o tempo necessário para que este 'dar-se conta' se concretize, pois depende de características pessoais do analista/terapeuta, bem como de experiência profissional (Cassorla, 2012, 2013a, 2013b). Sua capacidade reflexiva, ou função alfa (BION, 1961; CASSORLA, 2005, 2008, 2009, 2013b) é retomada a partir da percepção da sensação de que algo bloqueia o fluxo terapêutico. Este instante pode ser chamado de '*turning point*' (BATEMAN, 1998), 'grito de liberdade do analista' (SULLIVAN, 2007), 'ponto de quebra' (YARDINO, 2010), '*sudden break-up*' (CASSORLA, 2001) ou 'Momento M' (CASSORLA, 2005, 2008, 2009). É interrompida a continuidade de um *enactment* crônico, ou seja, o campo analítico dominado pela pulsão de morte (GUS, 2005, 2007), assim como da participação do analista/terapeuta como extensão narcísica do paciente (CASSORLA, 2001, 2012).

Nos exemplos ilustrativos, registram-se os indicativos de "(...) manter o olho em si mesmo", como afirma Cassorla (2013b, p.354), mantendo o "estado dual de consciência", isto é observador e participante ao mesmo tempo (GABBARD, 1994). Esta atitude de atenção flutuante favorecerá o dinamismo terapêutico, para que, nestes momentos de "quebra", correspondentes aos *enactments* agudos, cessem os conluios (baluartes) e impasses (CASSORLA, 2001). Refletindo sobre os 'papeis' impostos e assumidos, o profissional tem condições de apontar a situação traumática, encaminhando a resolução dos conflitos. Esta resolução será alcançada, gradativamente, através do trabalho de *reverie* (Bion, 1961) objetivamente relatado por um dos entrevistados. Este amparo, que é também uma troca emocional, favorece a figurabilidade ou representação às construções de sensações pré-verbais (Botella, 1997 *apud* Gus, 2007) ou capacidade de criar símbolos. Desenvolve-se, ou

se recupera, o espaço triangular necessário ao amadurecimento e autonomia psíquicos (CASSORLA, 2012, 2013, 2014).

7.2.3 – Categoria Final NÍVEL DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL:

Caracteriza-se como o conjunto de elementos que contribuem para o desenvolvimento da experiência profissional. Estas características podem ser observadas no Quadro 6 a seguir:

Quadro 6 - Categorização Final Nível de Experiência Profissional

C A T E G O R I A S		
INICIAL	INTERMEDIÁRIA	FINAL
Estudo/Pesquisa/Aporte Teórico/Preparo Técnico: grupo de estudos; estudos de caso e pesquisa do que se passa na relação; favorece pensar os conceitos; necessidade de estudar mais a respeito; tema bom de estudar; mais novos já sabem mais a respeito, vão trabalhar melhor; pesquisa; estudo; atualizações sistemáticas;	Formação do Analista (75 US)	NÍVEL DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL
Análise Própria: tratamento pessoal; sensibilidade; psiquismo desenvolvido; autocrítica; autopercepção do que está vivendo particularmente;		
Supervisão; conversar com colegas; relação institucional;		
A clínica mostra que é com poucos pacientes que se trabalha tal qual a teoria; relação com o paciente mostra a aplicabilidade possível da técnica; a percepção do que se passa na sessão favorece a autopercepção também; quanto mais amadureci pessoal e profissionalmente, mais fácil foi se tornando, no início, achava difícil; concepção precoce de um conflito do paciente é problemático; inúmeras situações de <i>enactment</i> : terminar antes do tempo; paciente que satura o campo, quase ao nível do insuportável; intolerâncias;	Prática Clínica (24 US)	(113 US)
Comecei a me cobrar, a ter questões éticas comigo, meu trabalho, meu intelecto e eu fui estudar autores atuais; a técnica evoluiu muito, exige mais da gente; hoje analista tem que ter postura participativa; a questão de neutralidade, abstinência, é sagrada; Green diz que a gente não pode entrar no funcionamento sacrificial; ter certa humildade com o não saber que é natural deste trabalho, desse constante não saber que te desafia; o analista sou sempre eu, esse é o fator estável; a Psicanálise está mudando e precisa assimilar; acho que nós estamos mudando de modelo; tenho questões de sigilo;	Reflexões e Atitudes Sobre a Prática Profissional (14 US)	

Legenda: US – Unidades de significado

7.3.1 **Formação do Analista:** refere-se ao conjunto de procedimentos indicados à formação psicanalítica, subdividido nas categorias iniciais Estudo/Pesquisa/Aporte Teórico/Preparo Técnico, Análise Própria e Supervisão. Encontradas 75 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) se o terapeuta não tem a capacidade de apreensão do inconsciente, ele vai ter dificuldade de lidar com os conflitos.”

“(...) acho que o limite de todo analista é sua análise... se tu entra muito narcísico deixa de estar atento a pequenos sinais que podem me dizer, de qualquer situação, que possa se criar, um enactment.”

“(...) essa questão da linguagem, da metáfora e também do quanto eu me permito falar na sessão, que eu doso com cada paciente... nem sei se algum analista fazia tanto silêncio como, porque entre os textos técnicos e o que as pessoas fazem nos seus consultórios, vai aí uma distância.”

“(...) se treinar muito com leituras de caso... conversar muito com os colegas... ter uma atitude crítica consigo mesmo... muito difícil da gente se treinar prá identificar, prá trabalhar... não é assim na primeira leitura de um livro que a pessoa já sai vendo bem esta questão...”

“(...) O que tu é como analista, é isso que tu vai poder ser com teu paciente... baseado na formação, poder ser mais vivo com o paciente... com menos culpa de se acontecer enactment, isso ser ruim”

“(...) aumento da percepção... aumento da capacidade de abstração... se não nos apercebemos, a análise pode durar anos... muitas vezes o impasse ocorre quando não houve uma seleção suficientemente, digamos, eficiente, do paciente para a análise ou para aquele analista... o analista não se pergunta: ‘este paciente é para mim analisá-lo ou ele seria melhor analisado por um outro colega?’... quem sabe se analisaria de outra maneira, com outro analista...”

“(...) acho que a Psicanálise está mudando... surgiu nos últimos anos um novo tipo de conhecimento, que é a neurociência... é uma forma de comprovação daquilo que a Psicanálise vem dizendo... acho que nós estamos mudando de modelo... estas coisas tem que ser entrelaçadas.”

“Quando dizem: “A Psicanálise não evolui, é igual aos tempos do Freud”, eu fico louco... passa evoluindo o tempo inteiro... é uma ciência muito viva... evidência muito clara.”

“(...) a prática sempre antecede o ensino... as pessoas começam a fazer e depois é que se passa realmente a ensinar aquilo... a gente tem que fazer isso que a gente tá fazendo aqui: estudar o assunto... esse tipo de pesquisa me comove bastante, sempre acrescenta... é uma oportunidade que eu tenho de revisar muitas coisas... de pensar de novo sobre conceitos... a gente cresce muito discutindo.”

“Do enactment em si, eu acho que não estudei a fundo... acho que eu teria que estudar mais assim em termo conceituais... Acho que tenho que estudar mais enactment... (risos)”

7.3.3 Prática Clínica: relatam o processamento e a assimilação de situações, atitudes e posicionamentos vivenciados e que, no seu conjunto, constituem o nível da experiência profissional. Encontradas 24 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) eu teria sido um analista clássico com uma certa dificuldade de ficar quieto... eu gosto de falar! Um paciente dizia: "a musicalidade da tua voz me acalma..."... imagina tu pegar um paciente assim e impor um silêncio duro prá ele... é 'contra a minha religião!' ... então, tu sabe assim quando o filho precisa que tu vá lá e pergunte: 'mas o que que aconteceu, conta com calma... vamos ver...'

“(...) a clínica foi me mostrando que com poucos pacientes a gente tinha acesso de trabalhar, assim, como era imaginado que um bom analista faria...”

“(...) o paciente me disse assim, uma vez: 'Parece que tu tá mais irritado hoje?!'. Quando meu pai faleceu, eu tive uma fase de luto... ele deve ter percebido um estado emocional meu, mas que de alguma maneira ele acionou alguma coisa que me deixou, né... mais irritado... quando eu comecei a pensar e a entrar nessa atitude, logo me remeti à morte do meu pai... logo me remeti exatamente a essa questão assim: 'eu não 'tô com a máquina toda aqui', sabe?!... 'parte da máquina' tá”

“(...) o paciente me falava, eu mesmo me perdendo nas perdas: um dia eu disse: 'vamos trabalhar com a linha do tempo??!'. Do ponto de vista psicanalítico, eu estaria fora do setting, né... mas do ponto de vista psicoterápico ou humano, eu garanto que eu pude ajudar a pessoa... aquilo nos ajudou tanto a nos organizar e ajudou tanto ele também poder começar elaborar algumas questões dele.”

“(...) não tem facilidade, a gente trabalha na contramão, eu acho, trabalha na diversidade.”

“(...) eu fazia supervisão do curso de formação e o professor me mostrava. E eu: 'nunca que eu vou conseguir me dar conta disso sozinho!'. À medida que a gente vai amadurecendo e aprendendo, isso se torna um pouco mais fácil.”

7.3.4 Reflexões e Atitudes Sobre a Prática Profissional: refere-se aos comportamentos assumidos como próprios e indispensáveis, fundamentados no conhecimento adquirido no exercício profissional. Encontradas 14 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) comecei a me cobrar, a ter algumas questões éticas comigo e o meu trabalho e meu intelecto... fui estudar autores atuais que dariam respostas a questões diferentes... comecei a estudar muito modernidade e pós-modernidade... me interessei pelos fenômenos da pós-modernidade... compreender todos os fenômenos que estavam acontecendo e que de repente se chocavam na clínica, mas fora da clínica, no mundo também... sozinho eu achava que: ‘se só eu penso isso... tenho dúvidas se é ciência, se não é ciência... aquilo começou a me dar muito prazer, me homologar muito algumas ideias que eu tinha.’”

“(...) meu trabalho é justamente as questões técnicas e a questão de quanto a mente do analista é mais convocada com pacientes regressivos... tu tem que fazer mais trabalho mental quase que o paciente proporcionalmente...”

“(...) o Green sempre diz que a gente não pode entrar no funcionamento sacrificial... ter até certa humildade... no sentido assim: nosso trabalho é tão dinâmico e tão sutil, ele é tão delicado, e às vezes, por pequenos indícios, tu começa a puxar um fiozinho que vai te levar numa compreensão muito maior... esse é um grande valor como psicoterapeuta... humildade com o não saber, que é natural deste trabalho... desse constante não saber que te desafia.”

“(...) a técnica evoluiu muito.... exige mais da gente... hoje o analista tem que ter uma postura bem participativa, bem ativa...”

Esta terceira categoria final indica a sustentação na qual os processos psicanalíticos se desenvolvem ao ser afirmado que *“Tratamento analítico não é uma ‘viagem pelo oceano sem bússula’, tem que ter orientação, objetivo.”* ou *“(...) o analista sou sempre eu, esse é o fator estável.”* O ‘tri-pé análise própria, estudo e supervisão’ é referido como fundamental, podendo ser percebido em mais estas verbalizações descritas. A construção da identidade profissional é processual, decorrente de investimentos intelectual/cognitivo e emocional, contínuos e simultâneos (CHUSED, 1990, McLAUGHLIN, 1991; FELDMAN, 1993; LEVINE, 1994; IVEY, 2008; CASSORLA, 2001, 2011, 2012, 2013b). A compreensão e elaboração de *enactments* dependem destes investimentos conjuntos o que possibilita então uma experiência terapêutica vitalizada.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados permitem registrar que, embora poucos autores específicos tenham sido citados nesta pesquisa qualitativa, comparados aos encontrados na fundamentação teórica sobre o tema, as verbalizações dos entrevistados abrangem a parte fundamental da conceituação do *enactment* psicanalítico, incluem os aspectos técnicos básicos sobre o mesmo, além de imensa experiência dos analistas. Considerado como fenômeno, é possível registrar que se trata de um vocábulo inserido e entendido especificamente na teoria e no fazer clínico psicanalíticos e não nas teorias da Psicologia geral. Esta evidência é percebida nas verbalizações que apontam o inconsciente como conceito fundamental na Psicanálise e a compreensão do *enactment* daí derivada.

É descrita a escola psicanalítica bioniana como a fundamentação para a compreensão do *enactment*. A relação estabelecida entre analista e paciente é o foco na situação analítica. Os entrevistados registraram que o meio pelo qual se alcança o entendimento do *enactment* é a percepção do mecanismo de identificação projetiva, tanto como defesa, quanto como indicativo do padrão das relações objetais que se manifesta inconscientemente no campo analítico e pode comprometer a evolução terapêutica. Nesta perspectiva, a noção do que a identificação projetiva pode comunicar sobre o mundo psíquico do paciente será acessada através da sensibilidade do analista/terapeuta. Assim, o psiquismo deste também está presente e sua função alfa, nos termos bionianos, é o que propulsiona a transformação positiva dos elementos beta que invadem o campo analítico. Considera-se então que, identificado o fenômeno e iniciado o processo interpretativo, a percepção do *enactment* favorece a construção da figurabilidade necessária ao equilíbrio psíquico no campo.

Dessa maneira, percebe-se a identificação dos *enactments* como ‘ferramenta’ técnica. São úteis, inclusive, para identificar a possível conflitiva do próprio analista, seus pontos cegos. *Enactments* servem para o profissional fazer uso de sua mente como recurso terapêutico. A qualidade da relação estabelecida entre a dupla analítica possibilita avaliar e indicar a abordagem terapêutica que poderá ser mais eficaz, ou seja, os tipos de intervenção mais indicados para cada problemática apresentada pelo paciente.

Observam-se nas respostas não somente aspectos diretamente relacionados à teoria e à técnica a respeito do *enactment*, mas atitudes profissionais durante todo o processo psicanalítico. As verbalizações apresentadas indicam que não ocorrem diferenças significativas entre os entrevistados quanto ao conhecimento do conteúdo pesquisado. Entretanto, observa-se sutileza na especificidade das mesmas, o que permitiu a elaboração da categoria final Nível de Experiência. O tempo de exercício profissional já vivenciado, associado à formação e ao investimento pessoal para ampliação do conhecimento, favorece ao analista atitude na qual a técnica apreendida passa a ser utilizada com mais espontaneidade e segurança, sugerindo que as vivências têm, de fato, significativo valor na construção da noção do que constitui o psíquico humano, ou seja, suas relações pessoais. A identificação destas diferenças sutilmente percebidas nas verbalizações dos diferentes analistas sugere a existência nas sociedades psicanalíticas de uma formação profissional sólida e congruente. O registro da categoria intermediária Estudo/Pesquisa, como fundamental, aponta para a necessidade de formação continuada.

As verbalizações revelam que cada um dos entrevistados firmou posicionamento em relação ao fenômeno questionado, identificando-o, em sua atividade diária como analista, a partir de formação teórico-técnica relacionada ao contexto no qual estão inseridos. Estes profissionais, jovens ou mais experientes, apontam para a necessidade de atenção para o que envolve o conhecimento teórico-técnico associado à sensibilidade, ao afeto, logo à noção do humano, que é o que constitui as relações interpessoais. Percebe-se, através das categorias registradas, que uma não se sobrepõe à outra, estão inter-relacionadas e evidenciam envolvimento, interesse e investimento no conhecimento com objetivo terapêutico (análise ou psicoterapia).

É enfatizado que, ao integrar seu conhecimento e sua sensibilidade, o analista/psicoterapeuta evita a conotação de um profissional ‘frio e distante’, demonstrando que a relação terapêutica é essencialmente humana. A elaboração de *enactments* evidencia o quanto é possível exercer plenamente a função de psicanalista, sem deixar de ser a pessoa que é. Como disse um dos entrevistados: “*aquela noção, assim, do analista calado, quieto, do ‘hum, hum’ e tal, isso é coisa do passado*”.

As participações dos psicanalistas neste estudo podem ser consideradas como parte das evidências encontradas, pois a entrega ao trabalho proposto, a abertura e a generosidade com que responderam ao solicitado revelam o estar envolvido com o ser psicanalista. Esta atitude enriquece a pesquisa em Psicanálise, atinge os objetivos dos autores do presente estudo e, certamente, amplia o conhecimento dos leitores do mesmo. Pode-se dizer que é a mesma atitude necessária para o entendimento e elaboração dos *enactments*.

Os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de continuidade. Constituir nova amostra, convidando psicanalistas de diferentes instituições ou escolas, pode aportar novos dados. Outra possibilidade é incluir psicoterapeutas e não somente psicanalistas, para conhecer o fenômeno *enactment* no contexto da psicoterapia.

9 REFERÊNCIAS

- AMARO A, PÓVOA A, & MACEDO L (2005). **A arte de fazer questionários**. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Departamento de Química, Metodologias de Investigação em Educação. Acessado de <http://www.jcpaiva.net/getfile.php>., em 11-11-2012.
- ANDERSON, M. The pressure toward enactment and the hatred of reality. **J Am Psychoanal Assoc.**, 47(2):503-518, 1999.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977, 3. ed., 2011.
- BARANGER, M. & BARANGER, W. (1962) A situação analítica como um campo dinâmico. **Livro Anual de Psicanálise**, 24, 187-214, 2010.
- BATEMAN, A.W. Thick-and thin-skinned organisations and enactment in borderline and narcissistic disorders. **Int J Psychoanal**, 79(1):13–25, 1998.
- BION, W.R. **Experiências com grupos: Os fundamentos de psicoterapia de grupo** (W. I. Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. 1975. (Obra original publicada em 1961).
- BION, W. [1962]. “Uma teoria sobre o pensar.” In: BION, W. R. **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p.127- 137.
- CAMPEZATTO, P.V.M., VIEIRA, L.C., NUNES, M.L.T. Psicoterapia e resultado: um panorama mundial da produção científica 2001-2011. **Contextos Clínic**, 6(2):74-83, 2013.
- CASSORLA, R.M. Acute enactment as a 'resource' in disclosing a collusion between the analytical dyad. **Int J Psychoanal**, 82(6):1155-70, 2001.
- CASSORLA, R.M. Estudo sobre a cena analítica e o conceito “Colocação em cena da dupla” (*enactment*). **Rev. bras. psicanal.**, 37(2/3): 365-292, 2003a.
- CASSORLA, R.M. Procedimentos, colocação em cena da dupla ("*Enactment*") e validação clínica em psicoterapia psicanalítica e psicanálise. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul**, 25(3): 426-435, 2003b.
- CASSORLA, R.M. Desenvolvimento do conceito enactment (“colocação em cena da dupla”) a partir do estudo de configuração borderline. **Rev. bras. psicanal.**, 38(3):521-540, 2004.
- CASSORLA, R.M. From bastion to enactment: The ‘non-dream’ in the theatre of analysis. **Int J Psychoanal**, 86: 699-719, 2005.
- CASSORLA, R.M. The analyst's implicit alpha-function and enactment in the analysis of borderline patients. **Int J Psychoanal**, 89(1):161-80, 2008a.

- CASSORLA, R.M. O analista, seu paciente e a Psicanálise contemporânea-considerações sobre indução mútua, enactment e 'não-sonho-a-dois'. **Rev. Latinoamericana Psicoanal.**, 8:189-208, 2008b.
- CASSORLA, R.M. Reflexões sobre não-sonho-a-dois, enactment e função alfa implícita do analista. **Rev. bras. psicanal.**, 43(4): 91-120, 2009.
- CASSORLA, R.M. What happens before and after acute enactments? An exercise in clinical validation and the broadening of hypotheses. **Int J Psychoanal**, Feb 93(1):53-80, 2012.
- CASSORLA, R.M. Afinal, o que é este tal enactment? **J. psicanal.**, 46 (85), 183-198, 2013a.
- CASSORLA, R.M. When the analyst becomes stupid: an attempt to understand enactment using Bion's theory of thinking. **Psychoanal Q**, 82(2):323-60, 2013b.
- CASSORLA, R.M. The Analyst at Work-Discussion of the case of Ellen. **Int J Psychoanal**, 95:93-102, 2014.
- CAVALHEIRO, R. *Enactment* na clínica com crianças: um conceito ausente? **Revista de Psicoterapia da Infância e da Adolescência**, 23: 107-113, 2014.
- CAVALHEIRO, R, SILVA, M.R. *Enactment* na clínica com crianças? Considerações sobre *enactment* de vida e *enactment* de morte. **Rev. bras. psicoter.**, 16(1):43-52, 2014.
- CHUSED, J.F. Neutrality in the analysis of action-prone adolescents. **J Am Psychoanal Assoc.** 38(3):679-704, 1990.
- CHUSED, J.F. The evocative power of enactments. **J Am Psychoanal Assoc**, 39(3):615-639, 1991.
- CORDIOLI, A. & Colaboradores. **Psicoterapias**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DONNE, J. **Meditações**. Tradução de Fábio Cyrino. São Paulo: Landmark, 2007.
- ETCHEGOYEN, R. **Fundamentos da técnica psicanalítica**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- FELDMAN, M. The dynamics of reassurance. **Int J Psychoanal**, Apr;74(2):275- 285, 1993.
- FELDMAN, M. Projective Identification: the analyst's involvement. **Int J Psychoanal**, 78(2):227-241, 1997.
- FERRO, A. O diálogo analítico: constituição e transformação de mundos possíveis. **Revista de Psicanálise da SPPA**, 3(1):47-63, 1996.
- FILCK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FONAGY, P. Apanhar urtigas as mancheias, ou por que a pesquisa psicanalítica é tão irritante. In: Green A, org. **Psicanálise contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago; p.317-340, 2003.

- FONTANELLA, B.B., RICAS, J. & TURATO, E.R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. In: **Cad. de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 24 (1):17-27. 2008.
- FREUD, S. (1905). Fragmentos da análise de um caso de histeria. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1972.
- FREUD, S. (1910). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1972.
- FREUD, S. (1912). A dinâmica da transferência. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976. 129-143.
- FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp. 193-203.
- FREUD, S. (1915). O Inconsciente In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1974.
- FRIEDMAN, R.J., NATTERSON, M. Enactments: an intersubjective perspective. **Psychoanal Q**, 68(2): 220-47, 1999.
- GABBARD, G.O. On love and lust in erotic transference. **J Am Psychoanal Assoc**. 42(2):385-403, 1994.
- GABBARD, G.O. Enactment contratransferencial e violação de fronteiras. In: ZASLAVSKI J., SANTOS, M.J.P. **Contratransferência: teoria e prática clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GAVIÃO, A.C. et al. A delicadeza do campo analítico: estudando contratransferência e *enactment* pela internet. **J. psicanal.**, 44(81): 203-222, 2011.
- GOELLNER, A. *Enactment*: alguns aspectos do conceito e da sua abordagem em Psicoterapia de Orientação Analítica. **Rev. bras. psicoter.**, 14(3):25-39, 2012.
- GREEN, A. O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In: GREEN, A. **Sobre a loucura pessoal**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 36-65.
- GREENBERG, J. & MITCHELL, S.A. **Relações Objetais na Teoria Psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GRINBERG, L. Sobre algunos problemas de técnica psicoanalítica determinados por la idetnificación y contraidentificación proyectivas. **Rev Psicoan**, 13(4), 507-511, 1957.

GUIMARÃES FILHO, P. D. Recent theoretical convergences in psychoanalysis and their epistemological importance. **Int J Psychoanal**, 84, 1189-1202, 2003.

GUIMARÃES FILHO, P. D. A central clinical-conceptual research into the construction of contemporary psychoanalytic knowledge. Apresentado em: Workshop on Conceptual Research: Frankfurt. Publicado em: Leuzinger-Bohleber, Canestri, J., Target, M. (Eds.) *Frühe Entwicklung und ihre Störungen*. Frankfurt: Brandes & Aspel, 2006. (Versão em português fornecida pelo autor: **Uma pesquisa clínico-conceitual central na construção do conhecimento psicanalítico contemporâneo.**)

GUS, M. Atuações e encenações [*enactments*]. In: EIZIRIK C, AGUIAR R, SCHESTATSKY S. **Psicoterapia de orientação analítica-fundamentos teóricos e clínicos**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GUS, M. *Acting, enactment* e a realidade psíquica “em cena” no tratamento analítico das estruturas *borderline*. **Rev. bras. psicanal.**, 41(2), 45-53, 2007.

HEIMANN, P. On Counter-Transference. **Int J Psychoanal**, 31:81-84, 1950.

HIRSCH, I. The concept of enactment and theoretical convergence. **Psychoanal Q**, 67:78-101, 1998.

IVEY, G. Enactment controversies: a critical review of current debates. **Int J Psychoanal**, 89(1):19-38, 2008.

JACOBS, T.J. On countertransference enactments. **J Am Psychoanal Assoc**, 34(2):289-307, 1986.

JACOBS, T.J. Reflexões sobre o papel da comunicação inconsciente e do *enactment* contratransferencial na situação analítica. In: ZASLAVSKI J., SANTOS, M.J.P. **Contratransferência: teoria e prática clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

JACOBS, T.J. A presença da pessoa do analista. **Revista ide**, 29 (43), São Paulo: Ed. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), 2006, pp. 146-149.

JOSEPH, B. Transference: The total situation. **Int J Psychoanal**. 66: 447-454, 1985.

JARDIM L.L., HERNÁNDEZ, M.D.C.R. Investigación psicoanalítica en la universidad. **Estudios Psicológicos (Campinas)**, 27(4):529-536, 2010.

KATZ, G.A. Where the action is: the enacted dimension of analytic association. **J Am Psychoanal**, 46(4):1129-67, 1998.

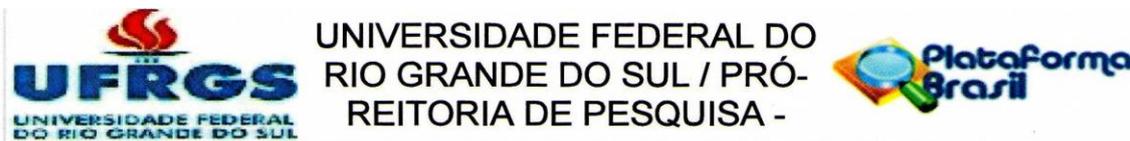
KERNBERG, O.F. Psicanálise, psicoterapia psicanalítica e psicoterapia de apoio: controvérsias contemporâneas. In: GREEN, A. (org) *Psicanálise contemporânea*. **Revista Francesa de Psicanálise**, número especial. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP, Deptº.de Publicações, 2003, p.23-49.

- KLEIN, M. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: Riviere, J & Klein, M. **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- LEMOS, M.B.G., AMENDOEIRA, M.C.R. O desenvolvimento das relações objetais a partir de Melanie Klein. **Rev. bras. psicanal.**, 37(2/3): 503-502, 2003.
- LEVINE, H.B. The analyst's participation in the analytic process. **Int J Psychoanal**, Aug;75 (Pt 4):665-76, 1994.
- LUCION, N.K. *Enactment*. **Rev. bras. psicoter.**, 1(2):105-12, 1999.
- MALAN, D. **Psicoterapia individual e a ciência da psicodinâmica**. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1983.
- McLAUGHILIN, J.T. Clinical and theoretical aspects of enactment. **J Am Psychoanal Assoc**, 39(3):595-614, 1991.
- MICHAELIS: **pequeno dicionário inglês-português, português-inglês**. São Paulo-SP: Companhia Melhoramentos, 1989.
- MORAES R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**. 22(37): 7-32, 1999.
- OGDEN, T. O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In: **Os sujeitos da psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- PAGANO, C.J. Exploring the therapist's use of self: enactments, improvisation and affect in psychodynamic psychotherapy. **Am J Psychother**, 66(3):205-26, 2012.
- PEUKER, A.C., HABIGZANG L.F., KOLLER S.H., ARAÚJO, L.B. Avaliação de processo e resultado em psicoterapias: uma revisão. **Psicol. Estud. Maringá**, 14(3):439-445, 2009.
- PERELBERG, R. & LEVINSON, N. Panel on 'Acting out and/or enactment'. **Int J Psychoanal**, 84: 151-155, 2003.
- RENIK, O. Conscious and unconscious use of the self. **Psychoanalytic Inquiry**, 17: 5-12, 1997.
- ROCHA N.J.N. *Enactment*: modelo para pensar o processo psicanalítico. **Rev. bras. psicanal.**, 43(2): 173-82, 2009.
- ROUCO, M.B.S. Da identificação projetiva ao enactment: um itinerário para a reparação da cisão corpo-mente. **Rev. bras. psicanal.**, 38(1):147-163, 2004.
- SANDLER, J. Countertransference and Role-Responsiveness. **Int Rev Psychoanal.**, 3:43-47, 1976.
- SAPISOCHIN, G. Second thoughts on Agieren listening to the enacted. **Int J Psychoanal**, 94(5):957-91, 2013.

- SHAKESPEARE, W. **Shakespeare, obras escolhidas**. Tradução de Beatriz Viégas-Faria e Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2008 824p.
- SHEDLER, J. The efficacy of psychodynamic psychotherapy. **Am Psychol**, 65(2):98-109, 2010.
- STRAUSS, L.V. La sexualidad en el análisis: escucha y enactment. **Int. J Psychoanal**. 93(3):509-10, 2012.
- VARGA, M.P. Analysis of transference as transformation of *enactment*. **Psychoanal Rev**, 92(5):659-74, 2005.
- WALLERSTEIN, R.S. **A cura pela fala: as psicanálises e as psicoterapias**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- WALLERSTEIN, R.S. Psicanálise e psicoterapia de orientação analítica: raízes históricas e situação atual. In: EIZIRIK, C., AGUIAR, R.W., SCHESTATSKI, S.S. **Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- WASCA, R. 2012. How the analytic process is captured and absorbed into the familiar, the feared, and the desired. **Psychoanal Rev**, 99(5):717-741, 2012.
- YARDINO, S. “Ponto de quebra”: um momento significativo na transferência. **Livro Anual de Psicanálise**, XXIV: 9-16, 2010.
- ZASLAVSKI J., SANTOS, M.J.P. Tendências atuais da contratransferência. In: ZASLAVSKI J., SANTOS, M.J.P. **Contratransferência: teoria e prática clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ZIMERMAN, D.E. **Vocabulário contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1 - Parecer Consubstanciado CEP/UFRGS/PLATAFORMA BRASIL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**Título da Pesquisa:** ENACTMENT: ESTUDO QUALITATIVO**Pesquisador:** CLÁUDIO LAKS EIZIRIK**Área Temática:****Versão:** 4**CAAE:** 21160013.6.0000.5347**Instituição Proponente:** Faculdade de Medicina da UFRGS**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio**DADOS DO PARECER****Número do Parecer:** 443.358**Data da Relatoria:** 31/10/2013**Apresentação do Projeto:**

De acordo com o parecer anterior.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com o parecer anterior.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com o parecer anterior.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

De acordo com o parecer anterior

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Atendeu às recomendações feitas no parecer anterior: 1) retirou os números dos documentos de identificação do mestrando tanto na Carta de Apresentação em anexo como no apêndice do projeto completo; 2) Incluiu o nome do pesquisador da UFRGS nas duas vias da carta de apresentação.

Recomendações:

Nada a acrescentar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomenda-se aprovação pelo CEP.

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 2º andar do Prédio da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL / PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA -



Continuação do Parecer: 443.358

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado.

PORTO ALEGRE, 01 de Novembro de 2013

Assinador por:
José Artur Bogo Chies
(Coordenador)

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 2º andar do Prédio da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Carta de Apresentação aos Participantes Convidados**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Prezado (a) Senhor (a):

Meu nome é Charlie Trelles Severo, sou psicólogo (CRP-07/04382) e estou iniciando minha pesquisa para o mestrado em Ciências Médicas: Psiquiatria, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com orientação do professor Dr. Cláudio Laks Eizirik e co-orientação da professora Dra/Psicóloga Maria Lúcia Tiellet Nunes. O objetivo desta é identificar como psicanalistas entendem, conceituam, identificam e elaboram o fenômeno *enactment* nas atividades psicoterápicas que desenvolvem. Assim, este documento é um convite para que o (a) senhor (a) também participe da mesma, respondendo à entrevista proposta. A entrevista será gravada e mantida em sigilo, garantida pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, também anexo, no qual garante seus direitos de não ser identificado. A transcrição desta entrevista será realizada por mim mesmo, garantindo o sigilo a que me comprometo. Este Termo tem aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/PROPESQ/UFRGS) sob o número 443.358. A entrevista terá duração de 45 a 50 minutos, não lhe ocorrendo custos de operacionalização. A transcrição da mesma será realizada por mim mesmo. Estabelece-se assim, o compromisso do pesquisador de, tão logo concluídos os resultados da pesquisa, realizar uma apresentação dos mesmos às instituições afim, seguida de debate científico, bem como cópia da dissertação ao (a) senhor (a).

Na certeza de sua colaboração, agradecemos antecipadamente.

Porto Alegre, ____ de _____ 2014.

Charlie Trelles Severo

CRP-07/04382

RG 1018213031

CPF 380592070-91

Matrícula Mestrado UFRGS 0131284

APÊNDICE 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, fui informado dos objetivos descritos na Carta de Apresentação e do porquê estão sendo utilizadas as informações que vou fornecer de forma clara e detalhada para a pesquisa ENACTEMENT PSICANÁLITICO: ENTENDIMENTO, IDENTIFICAÇÃO E ELABORAÇÃO POR PSICANALISTAS. Sei que poderei solicitar novos esclarecimentos e que, a qualquer momento do estudo, terei liberdade de retirar meu consentimento de participar na pesquisa. O pesquisador certificou-me do caráter confidencial dos dados e de que, a divulgação dos resultados será sem identificação e unicamente para fins de pesquisa.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2014.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Contato com pesquisador: Charlie Trelles Severo – (51) 8484.5225 ou 3337.2281- Av. Carlos Gomes, 53/502–Boa Vista-Porto Alegre/RS–90480-003

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/PROPESQ/UFRGS) – (51) 3308-4085 – Av. Paulo Gama, 110-7 andar- Porto Alegre/RS- 90040-060

Orientador responsável: Cláudio Laks Eizirik

Co-orientadora: Maria Lucia Tiellet Nunes

APÊNDICE 3 – Questionário/Instrumento-guia para entrevista

1 - Você é: (Sua profissão é:)

- Psiquiatra e Psicanalista
- Psicólogo e Psicanalista
- Psiquiatra e Psicanalista Didata
- Psicólogo e Psicanalista Didata
- Analista em formação

2 - Seu tempo de formação é: _____ Anos

Há quantos anos trabalha como psicanalista?

Sendo analista em formação, qual seu ano de formação: ____ ano.

3 - Quais o (s) conceito (s) atuais que o (a) senhor (a) considera importantes para a prática psicanalítica?

4 - O que você entende por *enactment*. Conceitue, com suas próprias palavras, o que é *enactment*.

5 - Você identifica, em sua prática profissional, o *enactment*? Como?

6 - Como você maneja o *enactment*? Como você faz para elaborar o *enactment*?

7 - Descreva quais as dificuldades que você encontra ao abordar este tema.

8 - Descreva quais as facilidades que você encontra ao abordar este tema.

9 – Quais as diferenças entre *acting-out* e *enactment*?

10 - Descreva situações que ilustrem o tema *enactment* que você já tenha vivenciado.

11 – O (A) senhor (a) considera um conceito útil para a prática diária da sua profissão?

12 – Que autores lhe são mais úteis ou que possa sugerir quanto a este tema?

APÊNDICE 4 - Artigo de Resultados – Submetido para publicação no *British Journal of Psychotherapy* (Londres/Inglaterra)

**ENACTMENT PSICANALÍTICO:
COMO PSICANALISTAS ENTENDEM, IDENTIFICAM E ELABORAM -
ESTUDO DESCRITIVO QUALITATIVO**

Charlie Trelles Severo¹, Maria Lucia Tiellet Nunes², Cláudio Laks Eizirik³.

¹Psicólogo. Especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica–CELG. Mestrando em Ciências Médicas: Psiquiatria, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

²Psicóloga. Doutora em Psicologia Clínica, Universidade Livre de Berlim, Alemanha. Professora Titular na PUCRS. Docente no Centro de Estudos da Família e do Indivíduo(CEFI), Porto Alegre, RS, Brasil.

³Psiquiatra e Psicanalista. Doutor em Ciências Médicas:Psiquiatria. Professor Titular de Psiquiatria, UFRGS; Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre-SPPA, Porto Alegre, RS, Brasil.

INTRODUÇÃO

Freud (1915) fez referências à incrível possibilidade do inconsciente de um ser humano reagir ao de outro sem que o consciente seja acionado, indicando a comunicação inconsciente entre as pessoas e sugerindo, desde então, a intersubjetividade existente nas relações humanas. Esta característica estimula inúmeros estudos psicanalíticos que sustentam as teorias inter-relacionais e intersubjetivas surgidas principalmente a partir dos trabalhos de Grinberg (1957), Bion (1961/1962), do casal Baranger (1962/2010) e sustentadas na contemporaneidade por Greenberg & Mitchell (1983/1994), Joseph (1985), Green (1988), Ogden (1995) e Ferro (1996). O conhecimento dos fenômenos da transferência, contratransferência (FREUD, 1910/1974; 1912/1974), campo analítico (BARANGER, 1962), terceiro analítico (OGDEN, 1995), todos tendo como base o mecanismo da identificação projetiva (KLEIN, 1946/1982), ainda estimulam estudos sobre os fenômenos presentes nas relações humanas, incluindo a relação psicoterápica e a relação analítica. Nestas últimas, a possibilidade da repetição e intersecção dos aspectos transferenciais, contratransferenciais e das identificações projetivas é que favorecem as experiências emocionais transformativas através da permeabilidade do analista e do campo analítico.

Com esta evolução, pode ser identificado no contexto psicanalítico teórico-técnico o conceito de *enactment*. Apresentado inicialmente por Jacobs (1986), passível de ser observado

também nas respostas contratransferenciais mais sutis, o *enactment* indica aspectos do funcionamento psíquico expressos em gestos, expressões, atitudes, enfim em comportamentos, revelando obstruções inconscientes ou dificuldades das capacidades das expressões verbal e simbólica. Caracterizado por ações ('acts'), *enactment* é etimologicamente descrito por Mc Laughlin (1991, p.597): "(...) o verbo 'agir' é definido entre dois modificadores. Por si só, "act" (...) traz em si o sentido de 'agir', 'fazer', 'fazer a sua vontade pela força', 'exercer poder', 'atuar como um ator para simular ou dissimular' (desempenhar o papel de); (...) O prefixo "en" enfatiza "act" como substantivo, ampliando a noção de 'colocar para dentro ou em cima, cobrir, envolver, embrulhar em', atribuindo ainda mais intensidade à expressão; o sufixo "ment" intensifica ainda mais o sentido e a densidade de "act" como um substantivo".

Nesta conceituação básica, podemos perceber que a fundamentação teórica que sustenta a evidência do fenômeno *enactment* está centrada na teoria das relações objetais, iniciada por Melanie Klein. Encontram-se assim as características inconsciente, comunicativa e de imposição mútua que compreendem a manifestação do *enactment*. Como eixo de ligação entre estas características, identifica-se o mecanismo da identificação projetiva, tanto no seu propósito *defensivo* (descargas de emoções negativas), quanto comunicativo, ou seja, a expressão do *funcionamento* psíquico até então estruturado. Neste último sentido, percebe-se a teoria de Wilfred Bion que enfatiza o processo de formação do pensamento humano, transformando a mente primitiva em mente capaz de se desenvolver, logo reflexiva e relacional.

Trabalhos específicos sobre o conteúdo do *enactment* vêm sendo realizados nos últimos trinta anos dos estudos psicanalíticos, o que permite afirmar ser, ainda, um conceito novo. Uma vez que compreende um conjunto dos aspectos transferenciais, contratransferenciais, *acting-out*, *acting-in*, repetições, atualizações, comunicações que ocorrem no campo analítico, cabe registrar que *enactment* se constitui, tal como afirma Bateman (1998) como um conceito híbrido.

Desse modo, sobretudo na última década, encontraremos continuidade e ampliação desta conceituação, principalmente, nos estudos de Roosevelt Cassorla. A partir destas características básicas que constituem os *enactments*, este autor apresenta a ideia da relação

terapêutica como uma situação espaço-temporal na qual podem ser observados sentimentos, sensações e pensamentos entre os membros do par analítico sendo ‘encenados’ como no teatro. Constroem-se cenas, revelam-se enredos com significativas expressões do que foi vivenciado/sofrido a ser elaborado. Assim, propõe a utilização da expressão ‘*colocação em cena da dupla*’ ampliando o entendimento do termo *enactment*. Com este acréscimo ao conceito até então apresentado, o autor relembra que desde Freud (1940, *apud* CASSORLA, 2003a, 2003b), embora nunca tenha utilizado a expressão *enactment*, a caracterização de encenação na situação analítica está presente.

Identificado como um conceito em desenvolvimento, com características subjetivas que o definem, acredita-se que estudos qualitativos possam ratificar e/ou encontrar mais respostas sobre a manifestação do fenômeno *enactment*.

Estes breves histórico e embasamento teórico introduzem o presente estudo que objetiva identificar como psicanalistas entendem, conceituam, identificam e elaboram o fenômeno *enactment*. Como objetivos secundários, discutir a fundamentação teórica que embasa esta temática na prática contemporânea, assim como apresentar experiências e práticas terapêuticas aos profissionais desta área, não como modelos, mas como ilustração de situações passíveis de identificação, bem como troca de impressões a respeito do trabalho vivenciado.

METODOLOGIA

O delineamento deste estudo é descritivo qualitativo, considerando o que afirma Flick (2009, p.20) quanto à atual diversidade do pensamento humano, à mudança social acelerada, à globalização característica da pós-modernidade, enfim, como ele mesmo refere, ‘à pluralização das esferas da vida’. Este contexto "(...) exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões. (...) as narrativas agora devem ser limitadas em termos locais, temporais e situacionais". O estudo dos significados subjetivos e da experiência e prática cotidianas é tão essencial quanto a contemplação das narrativas (SARBIN, 1986; BRUNNER, 1991 *apud* FLICK, 2009). Enfatiza: "A pesquisa qualitativa estuda o conhecimento e as práticas dos participantes" (p.21).

Participantes

Foram escolhidos a partir de uma lista de nomes de profissionais vinculados a uma instituição psicanalítica associada à IPA (Associação Internacional de Psicanálise) no Rio Grande do Sul/Brasil, considerando suas experiências profissionais. Constituiu-se assim uma amostra não probabilística, intencional e por conveniência. O número total de participantes foi alcançado com o método de saturação definido como a suspensão de inclusão de novos participantes, quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados (FONTANELLA, RICAS & TURATO, 2008). Realizaram-se oito entrevistas, assim divididas: dois analistas em formação, quatro psicanalistas membros associados e dois analistas didatas. No estudo piloto, foram entrevistados dois psicanalistas membros associados da mesma instituição. Como os resultados deste estudo em especial atingiram seus objetivos, e se assemelharam aos da pesquisa, optou-se por, também, incluí-los na totalidade dos resultados desta.

Critérios de exclusão

Analistas de convívio do pesquisador com os quais havia algum tipo de relacionamento não foram incluídos na amostra.

Instrumento-Guia de Entrevista para Coleta de Dados

Utilizou-se um questionário tipo misto (AMADO, PÓVOA & MACEDO, 2005), contendo perguntas de respostas fechadas e/ou abertas, nas quais os profissionais expressavam suas ideias e experiências. Este instrumento foi elaborado pelos pesquisadores, testado e aprovado no estudo piloto e, então, utilizado como guia para as entrevistas. Estas foram gravadas e transcritas pelo pesquisador.

Análise dos Dados

A análise qualitativa dos dados foi realizada através do Método de Análise do Conteúdo (BARDIN, 1977/2011). Neste, quaisquer formas de comunicação, faladas ou escritas, são passíveis de análise do conteúdo e consiste em classificar os diferentes elementos de um texto conforme critérios que permitam o surgimento de certa ordem. Envolve cinco etapas: a) *Preparação das informações*: o material é lido sucessivas vezes e posteriormente cada

entrevista é codificada numericamente; b) *Unitarização* ou *transformação do conteúdo bruto em unidades de significado (US)*: identificadas as expressões significativas relacionadas ao tema pesquisado e codificadas individualmente em cada entrevista; c) *Categorização*: as unidades de significado são agrupadas por semelhança ou analogia, para formar as categorias temáticas; estas categorias devem obedecer ao critério de homogeneidade e, juntas, adquirir um significado; d) *Descrição dos achados*: os resultados são comunicados através da síntese de um texto que expresse os significados presentes incluindo as citações diretas e dados originais das entrevistas; e) *Interpretação* ou *discussão dos achados*: objetiva a compreensão dos conteúdos descritos construindo uma teoria tendo como base as informações e categorias encontradas.

Aspectos Éticos

O presente estudo seguiu as orientações apresentadas na Resolução CONEP 466/12 e foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/PROPESQ/UFRGS), registrado sob o número 443.358. Todos os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa e garantidos seus anonimatos através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados deste estudo estão apresentados em categorias de respostas, ilustradas por verbalizações dos entrevistados, sem identificação dos mesmos. O número total de unidades de significado (US) obtidas foi de 781 (setecentos e oitenta e uma) verbalizações, compreendendo, em média, 97,62 US por entrevistado, sendo o menor número de US 108 e o maior, 179 US. Posteriormente a esta classificação, resultaram quatorze Categorias Intermediárias e três Categorias Finais, sendo elas: Fundamentação Teórica, Fundamentação Técnica e Nível de Experiência, conforme registrado nos Quadros 1, 2 e 3.

Categoria Final FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE ENACTMENT PSICANALÍTICO

Quadro 1 – Categorização Final Fundamentação Teórica Sobre *Enactment* Psicanalítico

C A T E G O R I A S		
INICIAL	INTERMEDIÁRIA	FINAL
Noção de inconsciente dinâmico; pulsão; trauma; ansiedade; princípios do prazer e da realidade; identificação projetiva; transferência; contratransferência; relações objetais; campo analítico; teoria interrelacional; <i>enactment</i> ; 1ª e 2ª tópicos;	Conceitos Psicanalíticos (112 US)	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE ENACTMENT PSICANALÍTICO (426 US)
Freud; Klein; Fairbairn; Bion; Winnicott; Baranger; Betty Joseph; Sandler; Meltzer; Ogden; A.Green; A. Ferro; Grodstein;	Autores Psicanalíticos (26 US)	
Lyotard; Bauman (Modernidade e Pós-Modernidade)	Outros Autores (Filosofia; Sociologia) (1 US)	
Conceito de <i>enactment</i> ; Tipos de <i>enactment</i> ; Autores do <i>enactment</i>	Caracterização <i>Enactment</i> (202 US) (06 US) (23 US) (Total: 231 US)	
<i>Fenômenos psicanalíticos: enactment e acting-out; enactment e identificação projetiva; enactment e reação terapêutica negativa; enactment e resistência</i>	Comparativo Teórico (56 US)	

Legenda: US – Unidades de Significado

Inclui os elementos que sustentam a teoria psicanalítica geral e, especificamente, a teoria que fundamenta o *enactment* psicanalítico. Está subdividida em cinco Categorias Intermediárias. São elas:

Conceitos Psicanalíticos: descrevem os conceitos que caracterizam a Teoria Psicanalítica e que, na atualidade, são considerados importantes para compreensão psicodinâmica do indivíduo. Todos os entrevistados referiram a noção do Inconsciente como o principal conceito psicanalítico e que, a partir dele, as demais características da teoria se desenvolveram. A maioria dos participantes também citou o *enactment* como conceito psicanalítico contemporâneo. Referidos como importantes também, por todos os participantes,

os conceitos de Transferência, Contratransferência, Identificação Projetiva, Campo Analítico e Intersubjetividade. Embora não predominantes nas respostas de todos os entrevistados, ainda foram referidos os conceitos de Ansiedade, Narcisismo, Trauma, Relações Objetais e Complexo de Édipo. Encontradas 112 US.

Exemplos de verbalizações:

“O grande conceito... o conceito que estabelece, na verdade, um campo epistemológico, é o conceito de inconsciente”.

Autores Psicanalíticos: são referidos autores considerados fundamentais na teorização da Psicanálise. De modo unânime, foram citados Freud, Melanie Klein, Bion e Winnicott como autores clássicos. Considerando a teoria do campo, é citado o casal Baranger. Além destes, porém não unanimemente, foram referidos William Fairbairn, Herbert Rosenfeld, Pierre Marty, Betty Joseph, Donald Meltzer, Joseph Sandler, André Green, Thomas Ogden, Antonino Ferro, César e Sara Botella. Encontradas 26 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) o Bion e o Rosenfeldt, os kleinianos, assim, principalmente, foi quem trouxeram essa possibilidade de a gente olhar prá relação objetal”.

Outros Autores: citação de autores não psicanalíticos, mas que também são estudados como ampliação do conhecimento do desenvolvimento humano. Dois autores foram citados: Zigmund Bauman, sociólogo polonês e Jean-François Lyotard, filósofo francês. Ambos desenvolveram significativos trabalhos relacionados às condições humanas sociais, sobretudo em relação à Modernidade e à Pós-Modernidade. Encontrada uma US.

Caracterização do Enactment: engloba características relacionadas à definição do *enactment* e suas formas de manifestação. Está subdividida nas seguintes Categorias Iniciais:

Conceito de Enactment: refere-se à definição de *enactment* psicanalítico, ou seja, como os entrevistados entendem o *enactment*. Encontradas 202 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) é a representação em cena... representa questões traumáticas e a história do analisando dentro do campo analítico... coloca em cena dores psíquicas arcaicas através da

interação de mentes, das duas mentes da dupla... (...) ambos representam papéis inconscientemente inter-relacionados e indeterminados.... faz com que apareça o trauma na relação ou os traumas durante o processo que é tudo o que se pretende.”

“(...) pressupõe sempre uma ação conjunta, inconsciente, dos dois, um definindo no outro alguma coisa daquela ação conjunta... dentro destas relações de objeto, um influencia o outro... é uma influência mútua.”

“(...) a comunicação de algo inconsciente pro inconsciente do outro de algo que não pode ser posto pela via verbal... forma uma área de resistência que às vezes pode, vamos dizer, não impedir, mas dificultar o andamento do processo... é uma resistência formada pelo interjogo de identificações projetivas da dupla... acaba sendo atuado, colocado em cena pela dupla....”

Autores do Enactment: são citados autores que desenvolveram, especificamente, o tema *enactment* psicanalítico desde sua primeira referência por Theodore Jacobs, em 1984 até autores atuais. Encontradas 23 US.

Exemplos de verbalização:

“o Cassorla (...) ele já tá trabalhando pós enactment... não sei se alguém no exterior está se dedicando tanto a trabalhar isso... eu não conheço outro nome...”

Todos os entrevistados referiram o trabalho do psicanalista brasileiro Roosevelt Cassorla que, embora não pioneiro no tema, apresenta significativa produção da literatura a respeito do *enactment*. Em seus trabalhos, é possível a compreensão histórica, bem como os fundamentos e classificações de como este fenômeno se processa. Seu estudo possibilitou a expressão ‘colocação em cena da dupla’ como sinônimo e definição de *enactment*. Dois autores pioneiros ao tema (T. Jacobs e McLaughlin) foram citados por dois entrevistados. Outros autores citados são: Mauro Gus, Nelson Nazaré, Elias Rocha Barros, brasileiros, Stela Yardino, uruguaia e Sapisochin, espanhol.

Tipos de Enactment: na descrição do fenômeno, foram classificados como *enactments* crônicos ou agudos. São especificados em termos de intensidade, durabilidade e dependentes da percepção da existência do que ocorre no campo analítico. Quando citados, referiam Cassorla (2001, 2003, 2004, 2005, 2008, 2009, 2011, 2012, 2013a, 2013b). Encontradas seis US.

Exemplos de verbalizações:

Enactments Agudos: “agudos são aqueles mais pontuais, que acontecem numa, duas, três sessões e que tu logo te dá conta.”

“o agudo é a precipitação ali, aquilo que acontece no momento, que dá a abertura pra esse enactment crônico.”

Enactments Crônicos: “O que leva à instalação de enactment crônico é a presença da pulsão de morte... incide de modo inconsciente, negativo... fica uma repetição, uma monotonia, que adormece a dupla levando as análises ou terapias inevitavelmente a iatrogenias, falsos resultados, pioras do quadro clínico, interrupções, conluios ou impasses.”

Encontram-se também na literatura as expressões *enactments* extendidos ou curtos - ou breves ou agudos (FRIEDMAN & NATTERSON, 1999).

Comparativos Teóricos: são descritas diferenças e semelhanças entre *enactment* e *acting-out*, reação terapêutica negativa, a relação com identificação projetiva, a relação com resistência. Encontradas 56 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) *enactment* tá muito próximo do *acting* que é também o ‘*Agieren*’ do Freud... o pôr em ação... os dois tem o objetivo de comunicar algo pro analista do que está acontecendo... neste sentido eu acho que o *enactment* e o *acting* são parecidos.”

“(...) *acting* é só do sujeito, a sua mente e uma situação que ele criou... tu não é co-partícipe... é mais fácil tu discriminar... tu vê que o sujeito tá fazendo uma descarga... mais impulsiva, mais pulsional, mais em estado bruto... tem esse traço de impulsividade, de não pensar junto que geralmente é descarga de elementos bem próximos da pulsão em estado bruto, pouco transformados, não simbolizados tem uma base semelhante no sentido que vai pela ação.”

É possível identificar correspondência à fundamentação teórica definindo o *enactment* como fenômeno inconsciente, portanto passível de compreensão psicanalítica. Evidencia-se a característica intersubjetiva, identificada na troca mútua e persuasiva de identificações projetivas. Observa-se a afirmação de que os *enactments* tem 'poder evocativo' (CHUSED, 1990, 1991), permitindo que as relações objetais sejam revividas, repetidas e encenadas (*enacted*) no campo analítico (JACOBS, 1986; MCLAUGHLIN, 1991; LEVINE, 1994; FELDMAN, 1997; BATEMAN, 1998; HIRSCH, 1998; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001, 2004, 2012, 2013b; VARGA, 2005; GUS, 2005, 2007; IVEY, 2008; STRAUS, 2012; SAPISOCHIN, 2013). Tal potencial possibilita à dupla terapêutica a utilização destes conteúdos como ‘sonhos para dois’ (CASSORLA, 2001, 2004, 2005, 2008,

2009, 2011, 2013a, 2013b, 2014), constituindo o ‘texto’, resultado da intersecção transferência/contratransferência, a ser analisado durante o processo analítico. Segundo Renik (1997, p.10) os *enactments* são “(...) o texto necessário para a análise da transferência”.

Situados neste ‘campo/palco’ (espaço terapêutico) e com um ‘texto/roteiro’ (conteúdo psíquico) a ser analisado (processo analítico), analista e paciente, através da relação intersubjetiva estabelecida (intertexto/relação transferencial-contratransferencial), objetivam a compreensão do ‘enredo’ apresentado. Este enredo é revelado através das expressões e/ou fantasias que preenchem o campo analítico. Ambos, paciente e analista, alcançam simbolizações que constituem um psiquismo saudável. Impossibilitados de ‘sonhar’, ou seja, de pensar, segundo a teoria bioniana, tem-se obstruída a evolução terapêutica, estabelecendo assim o ‘não-sonho-para-dois’, isto é, a dupla está sob efeito de um *enactment* (CASSORLA, 2001, 2005, 2008, 2009, 2012, 2013a, 2013b, 2014).

Embora paradoxal, os *enactments* apresentam característica defensiva e resistencial, mas também de potencial comunicativo. Assim definidos, *enactments* revelam possibilidade para uma experiência emocional corretiva (ALEXANDER, 1946 *apud* ZIMERMAN, 2001) ou transformadora (ZIMERMAN, 2001) na qual conflitos antigos podem ser experimentados com melhor resolução na atualidade (FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; VARGA, 2005; SULLIVAN, 2007; IVEY, 2008, PAGANO, 2012; CASSORLA, 2013a).

Diferenças entre *enactments* e demais fenômenos que envolvem ação como descarga de ansiedades também são lembradas. *Enactments* são relacionados ao envolvimento e ações conjuntas do par analítico, enquanto *acting-out* é um comportamento individual (BATEMAN, 1998; PERELBERG & LEVINSON, 2003; CASSORLA, 2001; 2003a; 2003b, 2005; 2008, 2012; SAPISOCHIN, 2013).

Categoria Final FUNDAMENTAÇÃO TÉCNICA SOBRE ENACTMENT PSICANALÍTICO:

São descritos abordagens e procedimentos técnicos característicos à Psicanálise, assim como diretamente relacionados ao *enactment*. Está subdividida em cinco Categorias Intermediárias, conforme é possível observar no Quadro 2 - Categorização Final Fundamentação Técnica Sobre *Enactment* Psicanalítico

C A T E G O R I A S		
INICIAL	INTERMEDIÁRIA	FINAL
Associação livre; atenção flutuante; interpretação lúdica; observação do conteúdo não verbal; neutralidade é relativa; interpretação é o instrumento de excelência; maturação do campo analítico; fortalecimento dos mecanismos de defesa;	Técnica Psicanalítica (19 US)	FUNDAMENTAÇÃO TÉCNICA SOBRE ENACTMENT PSICANALÍTICO (242 US)
Repensar situação; atenção na transferência e na contratransferência; repetição de fantasias, evocações, sensações, reações, sentimentos e/ou ideias próprias; representação das relações objetais; reflexões de sonhos contratransferenciais; pensar papéis desempenhados; dar-se conta;	Identificação do <i>Enactment</i> (112 US)	
Trabalho mais de <i>reverie</i> materna do que interpretativo; nomear sentimentos, como o Bion sugere; funcionar como mãe suficientemente boa, como Winnicott afirma; aborda-se o <i>enactment</i> a partir de si, quando vê que se entrou junto; o 'irrepresentável' precisa ser retomado, figurado, narrado; vencer resistências iniciais; realizar trabalho de criação de vínculo, de confiança; análise da contratransferência;	Elaboração do <i>Enactment</i> (75 US)	
O <i>enactment</i> é útil para entender a contratransferência; desempenha função de comunicar; deixa vivo o campo e o analista mais livre; poder pensar junto; permite experimentar 'erros'; visa dissolver o conluio; propicia as experiências arcaicas no <i>setting</i> , por ambos os componentes da dupla;	Aplicação/Utilidade (21 US)	
Técnica Freudiana e Técnica Kleiniana; psicoterapia e análise; <i>enactment</i> na análise e na psicoterapia; <i>acting-out</i> e <i>enactment</i> ; <i>enactment</i> e Interpretação	Comparativo Técnico (15 US)	

Legenda: US – Unidades de significado

Técnica Psicanalítica: refere-se às técnicas, aos procedimentos e às intervenções utilizados para abordar e entender o inconsciente no processo analítico. Encontradas 19 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) a neutralidade, ela é relativa... a gente tá sempre reavaliando isso e aberto às necessidades do paciente, o que ele precisa... em geral tento valorizar, sem confessar...”

“(...) a interpretação é o instrumento de excelência... tem papel importante... as intervenções do terapeuta são importantes no seu conjunto todo.”

“Para análise é de que maneira o campo analítico progride... não medimos a análise pelas questões externas... a análise se conceitualiza, na contemporaneidade, pelo acesso às pulsões... mais próximo estivermos trabalhando nas pulsões, mais modificadora do caráter...”

Identificação do Enactment: esta categoria compreende as descrições do que é necessário para identificar o *enactment*. Encontradas 112 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) parte de material pré-simbólico, mas na mente do analista a partir de um estímulo da mente primitiva do analisando... temos que focar a realidade psíquica do paciente desta maneira... evocamos uma lembrança nossa, ou, digamos, uma figurabilidade, pelo conceito dos Botella... do Cesar e da Sara Botella... consegue sentir-se incômodo na posição esquizoparanóide... evoca-se o aspecto pré-simbólico que, no analisando, não fora possível ainda ser acessado... acessamos então através deste fenômeno do enactment.”

“(...) quando eu começo a ter um sinal... quando eu começo ter sentimentos repetitivos em relação ao paciente... minha fantasia mostra esses sentimentos pré-verbais... eu acho que é meio um alerta, assim, de que tem algo aí que a gente não tá entendendo e não está conseguindo falar.”

“(...) a gente identifica algumas funções ou papéis que não ‘tavam claros e que chegaram à nossa mente, vamos chamar assim, por esta via... a gente também encenar coisas que não fazem parte do repertório da gente... de repente tá fazendo.”

“(...) estou sempre escutando o paciente e escutando o que eu escutei do paciente... tudo aquilo que o impacto do paciente me provoca sobre ele, em relação a ele... também estou atento ao que eu estou pensando e sentindo em relação aquela situação que ele está me mostrando... estou sempre atento a ele e a mim... nesse estar atento a mim que, volta e meia, eu acabo percebendo algumas coisas pela ação dele em mim que ele não está verbalmente me dizendo, mas tá me dizendo de uma outra forma, na medida em que provoca determinadas reações em mim.”

Elaboração do Enactment: compreende o como proceder e elaborar a resolução deste fenômeno. É descrita, significativamente, a necessidade de considerar a imaturidade perceptiva dos pacientes e, por isso, trabalhar cautelosamente no encaminhamento da elaboração dos *enactments*. Encontradas 75 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) como diz o Bion: é um trabalho mais de revèrie materna, do que propriamente interpretativo... se ele (o paciente) não embute, como é que ele vai saber na revèrie o que está acontecendo?! Dar nome aos sentimentos, como o Bion trabalha, funcionar como uma mãe suficientemente boa, como o Winnicott descreve... mostrar algumas coisas que o paciente não vê até ele começar a se ligar que aquilo tem sentidos que ele não pensava que ele encontraria... aquilo que estava cindido, meio que irrepresentável, precisa ser retomado, figurado, narrado, colocado em palavras... tem certos pacientes que eles precisam um ‘banho de palavras’... como se fosse uma revèrie em termos das palavras... do que elas significam... quando as pessoas são mais regressivas e precisam de mais suporte, precisam... olha... quase um ‘colo’, às vezes... ele fica muito tempo precisando se vincular.”

“(...) a partir do momento que é compreendido, ser comunicado... a elucidação do enactment, no momento em que isso consegue ser analisado, ganha um sentido para a dupla, eu acho que facilita o processo... se trabalha dentro... a dupla, vamos dizer, funciona junto em unísono.”

“(...) depende da dupla... quem é o paciente, quem é o analista... o manejo satisfatório pela dupla, de um enactment, é a possibilidade de abrir o campo para um surgimento de novos enactments, vamos dizer... e assim por diante.”

“(...) tem que se cuidar muito para não simplesmente devolver aquilo que foi projetado para dentro do paciente... quando a gente está muito envolvido, muito tomado pela contratransferência, o melhor é a gente ficar quieto e primeiro se refazer... se reconstituir interiormente.”

“(...) a interpretação deve, ou o assinalamento ou observações, que sejam, ocorrer quando analisando e analista estão no mesmo vértice... ele vai ouvir a interpretação transferencial depois que os símbolos tiverem melhor estruturados, porque ele vai entender a interpretação transferencial... se não, falam em linguagens sobrepostas (...) não há cumplicidade, não há um canal de comunicação, são coisas diferentes que ocorrem... (...) o analista tem que usar a sua mente para simbolizar e integrar, de alguma maneira, o assinalamento dentro do campo analítico para que o paciente possa entender... fortalecer os mecanismos mentais e sua confiança no trabalho analítico... o que junta os pedaços são os afetos, as emoções que eles não conseguem dar conta, pelo torpedeio continuado do sadismo original que lhe vem, digamos, em estado natural, sem elaboração pelo próprio ego... isso é a análise do enactment agudo... com o enactment agudo nós acessamos a pulsão de morte... é um ‘turning point’, ele é um ponto de viragem na técnica... a intensidade dá concretude e realidade ao impacto, né, que causa na outra pessoa, no analisando... estamos com a questão traumática e o que isso representa na tua mente... nós analistas, temos que fazer como que a costura de todos estes fragmentos através de uma manifestação de representação em cena... a costura do que ele (paciente) não conseguiu costurar... evocar as fantasias inconscientes que estão recrudescendo e sendo revitalizadas na relação entre o analista e seu paciente.”

Aplicação/Utilidade: abrange a caracterização da aplicação e da utilidade deste fenômeno. É descrito, unanimemente, como útil, principalmente na atualidade, também como ferramenta técnica para análise e compreensão do campo analítico, favorecendo ‘o trabalho de pensar juntos’. Encontradas 21 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) é útil para entender a contratransferência, para entender o que está passando no campo ou algo da vida do paciente.”

“(...) sendo um analista em formação e jovem, acho que a contemporaneidade não teria espaço se não para esse tipo de comunicação...”

“(...) o enactment cada vez mais tem sido bem vindo... antigamente acho que era mais assustador... hoje em dia é mais comunicativo... ele aquece, de alguma forma, o tratamento... algo que esquentar... esqueci de falar da riqueza... isso é sempre bom... acaba autorizando que a gente se permita também deixar a coisa mais solta... conceitos como esse vitaliza o analista... isso é muito bem-vindo para que o analista também possa experimentar 'erros', entre aspas... trazendo mais uma resposta emocional, digamos assim, do analista.... desde pensamentos até atos, né... então acho que libera um pouco o analista para ter, medo, assim, de envolvimento com o paciente... eu me assustar com a proximidade dele, dele começar a perceber coisas em mim... a parte boa é essa vivacidade que fica o campo... deixa mais livre, digamos assim, a dupla... deixa o campo mais vivo e o analista mais acessível, de alguma forma, para o paciente... não tão distante... se permitir poder pensar junto.”

“(...) a função é propiciar as experiências arcaicas no setting, por ambos os componentes da dupla... enactment visa então dissolver o conluio que se forma... Não há processo analítico sem enactment... enactment é uma manifestação espontânea... não é algo indesejável do processo”.

Comparativos Técnicos: são referidas diferenças da técnica Freudiana e da técnica Kleiniana, relatos das diferenças técnicas na abordagem do *enactment* no tratamento psicanalítico (Análise) e no tratamento psicoterápico (Psicoterapia), assim como no atendimento a crianças. Encontradas 15 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) o enactment vem mesmo que uma vez por semana... pode esquentar de uma forma que não esfrie... tem a diferença de psicoterapia psicanalítica e análise... a análise tem mais espaço pra essa 'fervura'...”

“(...) de estar se relacionando com a criança de uma maneira adequada ao desenvolvimento dela que é o que mais fica presente”.

Observa-se que, para identificar e elaborar *enactments*, o critério fundamental é: '*Dar-se conta... perceber o que está ocorrendo... pensar*'. Estas palavras exemplificam que é a falta de consciência da inevitabilidade dos *enactments* que eleva os problemas no campo e não necessariamente a contratransferência (HIRSCH, 1992). Neste sentido, é descrita a característica de que o *enactment* é percebido em retrospecto (SMITH, 1990; LEVINE, 1994, BURNSTEIN & CHEIFETZ, 1999; CASSORLA, 2001, 2003a, 2003b, 2005, 2008; FRIEDMAN & NATTERSON, 2006; SULLIVAN, 2007; IVEY, 2008; BONOVIKZ, 2009; STRAUS, 2012; SAPISOCHIN, 2013).

Outro relato básico é o tempo necessário para que este 'dar-se conta' se concretize, pois depende de características pessoais do analista/terapeuta, bem como de experiência profissional (Cassorla, 2012, 2013a, 2013b). Sua capacidade reflexiva, ou função alfa (BION, 1961; CASSORLA, 2005, 2008, 2009, 2013b) é retomada a partir da percepção da sensação de que algo bloqueia o fluxo terapêutico. Este instante pode ser chamado de '*turning point*' (BATEMAN, 1998), 'grito de liberdade do analista' (SULLIVAN, 2007), 'ponto de quebra' (YARDINO, 2010), '*sudden break-up*' (CASSORLA, 2001) ou 'Momento M' (CASSORLA, 2005, 2008, 2009). É interrompida a continuidade de um *enactment* crônico, ou seja, o campo analítico dominado pela pulsão de morte (GUS, 2005, 2007), assim como da participação do analista/terapeuta como extensão narcísica do paciente (CASSORLA, 2001, 2012).

Nos exemplos ilustrativos, registram-se os indicativos de "(...) manter o olho em si mesmo", como afirma Cassorla (2013b, p.354), mantendo o 'estado dual de consciência', isto é observador e participante ao mesmo tempo (GABBARD, 1994). Esta atitude de atenção flutuante favorecerá o dinamismo terapêutico, para que, nestes momentos de 'quebra', correspondentes aos *enactments* agudos, cessem os conluios (baluartes) e impasses (CASSORLA, 2001). Refletindo sobre os 'papeis' impostos e assumidos, o profissional tem condições de apontar a situação traumática, encaminhando a resolução dos conflitos. Esta resolução será alcançada, gradativamente, através do trabalho de *reverie* (Bion, 1961) objetivamente relatado por um dos entrevistados. Este amparo, que é também uma troca emocional, favorece a figurabilidade ou representação às construções de sensações pré-verbais (Botella, 1997 *apud* Gus, 2007) ou capacidade de criar símbolos. Desenvolve-se, ou

se recupera, o espaço triangular necessário ao amadurecimento e autonomia psíquicos (CASSORLA, 2012, 2013, 2014).

Categoria Final NÍVEL DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL:

Subdividida em três categorias intermediárias, caracteriza-se como o conjunto de elementos que contribuem para o desenvolvimento da experiência profissional. Estas características podem ser observadas no Quadro 3 a seguir.

Formação do Analista: refere-se ao conjunto de procedimentos indicados à formação psicanalítica, subdividido nas categorias iniciais Estudo/Pesquisa/Aporte Teórico/Preparo Técnico, Análise Própria e Supervisão. Encontradas 75 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) se o terapeuta não tem a capacidade de apreensão do inconsciente, ele vai ter dificuldade de lidar com os conflitos.”

“(...) acho que o limite de todo analista é sua análise... se tu entra muito narcísico deixa de estar atento a pequenos sinais que podem me dizer, de qualquer situação, que possa se criar, um enactment.”

“(...) essa questão da linguagem, da metáfora e também do quanto eu me permito falar na sessão, que eu doso com cada paciente... nem sei se algum analista fazia tanto silêncio como, porque entre os textos técnicos e o que as pessoas fazem nos seus consultórios, vai aí uma distância.”

“(...) se treinar muito com leituras de caso... conversar muito com os colegas... ter uma atitude crítica consigo mesmo... muito difícil da gente se treinar prá identificar, prá trabalhar... não é assim na primeira leitura de um livro que a pessoa já sai vendo bem esta questão...”

“(...) O que tu é como analista, é isso que tu vai poder ser com teu paciente... baseado na formação, poder ser mais vivo com o paciente... com menos culpa de se acontecer enactment, isso ser ruim”

“(...) aumento da percepção... aumento da capacidade de abstração... se não nos apercebemos, a análise pode durar anos... muitas vezes o impasse ocorre quando não houve uma seleção suficientemente, digamos, eficiente, do paciente para a análise ou para aquele analista... o analista não se pergunta: ‘este paciente é para mim analisá-lo ou ele seria melhor analisado por um outro colega?’... quem sabe se analisaria de outra maneira, com outro analista...”

“(...) acho que a Psicanálise está mudando... surgiu nos últimos anos um novo tipo de conhecimento, que é a neurociência... é uma forma de comprovação daquilo que a Psicanálise vem dizendo... acho que nós estamos mudando de modelo... estas coisas tem que ser entrelaçadas.”

“Quando dizem: “A Psicanálise não evolui, é igual aos tempos do Freud”, eu fico louco... passa evoluindo o tempo inteiro... é uma ciência muito viva... evidência muito clara.”

“(...) a prática sempre antecede o ensino... as pessoas começam a fazer e depois é que se passa realmente a ensinar aquilo... a gente tem que fazer isso que a gente tá fazendo aqui: estudar o assunto... esse tipo de pesquisa me comove bastante, sempre acrescenta... é uma oportunidade que eu tenho de revisar muitas coisas... de pensar de novo sobre conceitos... a gente cresce muito discutindo.”

“Do enactment em si, eu acho que não estudei a fundo... acho que eu teria que estudar mais assim em termo conceituais... Acho que tenho que estudar mais enactment... (risos)”

Prática Clínica: relatam o processamento e a assimilação de situações, atitudes e posicionamentos vivenciados e que, no seu conjunto, constituem o nível da experiência profissional. Encontradas 24 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) eu teria sido um analista clássico com uma certa dificuldade de ficar quieto... eu gosto de falar! Um paciente dizia: "a musicalidade da tua voz me acalma..."... imagina tu pegar um paciente assim e impor um silêncio duro prá ele... é 'contra a minha religião!' ... então, tu sabe assim quando o filho precisa que tu vá lá e pergunte: 'mas o que que aconteceu, conta com calma... vamos ver...'

“(...) a clínica foi me mostrando que com poucos pacientes a gente tinha acesso de trabalhar, assim, como era imaginado que um bom analista faria...”

“(...) o paciente me disse assim, uma vez: 'Parece que tu tá mais irritado hoje?!'. Quando meu pai faleceu, eu tive uma fase de luto... ele deve ter percebido um estado emocional meu, mas que de alguma maneira ele acionou alguma coisa que me deixou, né... mais irritado... quando eu comecei a pensar e a entrar nessa atitude, logo me remeti à morte do meu pai... logo me remeti exatamente a essa questão assim: 'eu não 'tô com a máquina toda aqui', sabe?!... 'parte da máquina' tá”

“(...) o paciente me falava, eu mesmo me perdendo nas perdas: um dia eu disse: 'vamos trabalhar com a linha do tempo??!'. Do ponto de vista psicanalítico, eu estaria fora do setting, né... mas do ponto de vista psicoterápico ou humano, eu garanto que eu pude ajudar a pessoa... aquilo nos ajudou tanto a nos organizar e ajudou tanto ele também poder começar elaborar algumas questões dele.”

“(...) não tem facilidade, a gente trabalha na contramão, eu acho, trabalha na diversidade.”

“(...) eu fazia supervisão do curso de formação e o professor me mostrava. E eu: 'nunca que eu vou conseguir me dar conta disso sozinho!'. À medida que a gente vai amadurecendo e aprendendo, isso se torna um pouco mais fácil.”

Reflexões e Atitudes Sobre a Prática Profissional: refere-se aos comportamentos assumidos como próprios e indispensáveis, fundamentados no conhecimento adquirido no exercício profissional. Encontradas 14 US.

Exemplos de verbalizações:

“(...) comecei a me cobrar, a ter algumas questões éticas comigo e o meu trabalho e meu intelecto... fui estudar autores atuais que dariam respostas a questões diferentes... comecei a estudar muito modernidade e pós-modernidade... me interessei pelos fenômenos da pós-modernidade... compreender todos os fenômenos que estavam acontecendo e que de repente se chocavam na clínica, mas fora da clínica, no mundo também... sozinho eu achava que: ‘se só eu penso isso... tenho dúvidas se é ciência, se não é ciência... aquilo começou a me dar muito prazer, me homologar muito algumas ideias que eu tinha.’”

“(...) meu trabalho é justamente as questões técnicas e a questão de quanto a mente do analista é mais convocada com pacientes regressivos... tu tem que fazer mais trabalho mental quase que o paciente proporcionalmente...”

“(...) o Green sempre diz que a gente não pode entrar no funcionamento sacrificial... ter até certa humildade... no sentido assim: nosso trabalho é tão dinâmico e tão sutil, ele é tão delicado, e às vezes, por pequenos indícios, tu começa a puxar um fiozinho que vai te levar numa compreensão muito maior... esse é um grande valor como psicoterapeuta... humildade com o não saber, que é natural deste trabalho... desse constante não saber que te desafia.”

“(...) a técnica evoluiu muito.... exige mais da gente... hoje o analista tem que ter uma postura bem participativa, bem ativa...”

Esta terceira categoria final indica a sustentação na qual os processos psicanalíticos se desenvolvem ao ser afirmado que *“Tratamento analítico não é uma ‘viagem pelo oceano sem bússula’, tem que ter orientação, objetivo.”* ou *“(...) o analista sou sempre eu, esse é o fator estável.”* O ‘tri-pé análise própria, estudo e supervisão’ é referido como fundamental, podendo ser percebido em mais estas verbalizações descritas. A construção da identidade profissional é processual, decorrente de investimentos intelectual/cognitivo e emocional, contínuos e simultâneos (CHUSED, 1990, McLAUGHLIN, 1991; FELDMAN, 1993; LEVINE, 1994; IVEY, 2008; CASSORLA, 2001, 2011, 2012, 2013b). A compreensão e elaboração de *enactments* dependem destes investimentos conjuntos o que possibilita então uma experiência terapêutica vitalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados permitem registrar que, embora poucos autores específicos tenham sido citados nesta pesquisa qualitativa, comparados aos encontrados na fundamentação teórica sobre o tema, as verbalizações dos entrevistados abrangem a parte fundamental da conceituação do *enactment* psicanalítico, incluem os aspectos técnicos básicos sobre o mesmo, além de imensa experiência dos analistas. Considerado como fenômeno, é

possível registrar que se trata de um vocábulo inserido e entendido especificamente na teoria e no fazer clínico psicanalíticos e não nas teorias da Psicologia geral. Esta evidência é percebida nas verbalizações que apontam o inconsciente como conceito fundamental na Psicanálise e a compreensão do *enactment* daí derivada.

É descrita a escola psicanalítica bioniana como a fundamentação para a compreensão do *enactment*. A relação estabelecida entre analista e paciente é o foco na situação analítica. Os entrevistados registraram que o meio pelo qual se alcança o entendimento do *enactment* é a percepção do mecanismo de identificação projetiva, tanto como defesa, quanto como indicativo do padrão das relações objetais que se manifesta inconscientemente no campo analítico e pode comprometer a evolução terapêutica. Nesta perspectiva, a noção do que a identificação projetiva pode comunicar sobre o mundo psíquico do paciente será acessada através da sensibilidade do analista/terapeuta. Assim, o psiquismo deste também está presente e sua função alfa, nos termos bionianos, é o que propulsiona a transformação positiva dos elementos beta que invadem o campo analítico. Considera-se então que, identificado o fenômeno e iniciado o processo interpretativo, a percepção do *enactment* favorece a construção da figurabilidade necessária ao equilíbrio psíquico no campo.

Dessa maneira, percebe-se a identificação dos *enactments* como “ferramenta” técnica. São úteis, inclusive, para identificar a possível conflitiva do próprio analista, seus pontos cegos. *Enactments* servem para o profissional fazer uso de sua mente como recurso terapêutico. A qualidade da relação estabelecida entre a dupla analítica possibilita avaliar e indicar a abordagem terapêutica que poderá ser mais eficaz, ou seja, os tipos de intervenção mais indicados para cada problemática apresentada pelo paciente.

Observam-se nas respostas não somente aspectos diretamente relacionados à teoria e à técnica a respeito do *enactment*, mas atitudes profissionais durante todo o processo psicanalítico. As verbalizações apresentadas indicam que não ocorrem diferenças significativas entre os entrevistados quanto ao conhecimento do conteúdo pesquisado. Entretanto, observa-se sutileza na especificidade das mesmas, o que permitiu a elaboração da categoria final Nível de Experiência. O tempo de exercício profissional já vivenciado, associado à formação e ao investimento pessoal para ampliação do conhecimento, favorece ao analista atitude na qual a técnica apreendida passa a ser utilizada com mais espontaneidade e

segurança, sugerindo que as vivências têm, de fato, significativo valor na construção da noção do que constitui o psíquico humano, ou seja, suas relações pessoais. A identificação destas diferenças sutilmente percebidas nas verbalizações dos diferentes analistas sugere a existência nas sociedades psicanalíticas de uma formação profissional sólida e congruente. O registro da categoria intermediária Estudo/Pesquisa, como fundamental, aponta para a necessidade de formação continuada.

As verbalizações revelam que cada um dos entrevistados firmou posicionamento em relação ao fenômeno questionado, identificando-o, em sua atividade diária como analista, a partir de formação teórico-técnica relacionada ao contexto no qual estão inseridos. Estes profissionais, jovens ou mais experientes, apontam para a necessidade de atenção para o que envolve o conhecimento teórico-técnico associado à sensibilidade, ao afeto, logo à noção do humano, que é o que constitui as relações interpessoais. Percebe-se, através das categorias registradas, que uma não se sobrepõe à outra, estão inter-relacionadas e evidenciam envolvimento, interesse e investimento no conhecimento com objetivo terapêutico (análise ou psicoterapia).

É enfatizado que, ao integrar seu conhecimento e sua sensibilidade, o analista/psicoterapeuta evita a conotação de um profissional ‘frio e distante’, demonstrando que a relação terapêutica é essencialmente humana. A elaboração de *enactments* evidencia o quanto é possível exercer plenamente a função de psicanalista, sem deixar de ser a pessoa que é. Como disse um dos entrevistados: “*aquela noção, assim, do analista calado, quieto, do ‘hum, hum’ e tal, isso é coisa do passado*”.

As participações dos psicanalistas neste estudo podem ser consideradas como parte das evidências encontradas, pois a entrega ao trabalho proposto, a abertura e a generosidade com que responderam ao solicitado revelam o estar envolvido com o ser psicanalista. Esta atitude enriquece a pesquisa em Psicanálise, atinge os objetivos dos autores do presente estudo e, certamente, amplia o conhecimento dos leitores do mesmo. Pode-se dizer que é a mesma atitude necessária para o entendimento e elaboração dos *enactments*.

Os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de continuidade. Constituir nova amostra, convidando psicanalistas de diferentes instituições ou escolas, pode aportar

novos dados. Outra possibilidade é incluir psicoterapeutas e não somente psicanalistas, para conhecer o fenômeno *enactment* no contexto da psicoterapia.

REFERÊNCIAS

- AMARO A, PÓVOA A, & MACEDO L (2005). **A arte de fazer questionários**. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Departamento de Química, Metodologias de Investigação em Educação. Acessado de <http://www.jcpaiva.net/getfile.php>, em 11-11-2012.
- ANDERSON, M. The pressure toward enactment and the hatred of reality. **J Am Psychoanal Assoc.**, 47(2):503-518, 1999.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977, 3. ed., 2011.
- BARANGER, M. & BARANGER, W. (1962) A situação analítica como um campo dinâmico. **Livro Anual de Psicanálise**, 24, 187-214, 2010.
- BATEMAN, A.W. Thick-and thin-skinned organisations and enactment in borderline and narcissistic disorders. **Int J Psychoanal**, 79(1):13–25, 1998.
- BION, W.R. **Experiências com grupos: Os fundamentos de psicoterapia de grupo** (W. I. Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. 1975. (Obra original publicada em 1961).
- BION, W. [1962]. “Uma teoria sobre o pensar.” In: BION, W. R. **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p.127- 137.
- CAMPEZATTO, P.V.M., VIEIRA, L.C., NUNES, M.L.T. Psicoterapia e resultado: um panorama mundial da produção científica 2001-2011. **Contextos Clínic**, 6(2):74-83, 2013.
- CASSORLA, R.M. Acute enactment as a 'resource' in disclosing a collusion between the analytical dyad. **Int J Psychoanal**, 82(6):1155-70, 2001.
- CASSORLA, R.M. Estudo sobre a cena analítica e o conceito “Colocação em cena da dupla” (enactment). **Rev. bras. psicanal.**, 37(2/3): 365-292, 2003a.
- CASSORLA, R.M. Procedimentos, colocação em cena da dupla ("Enactment") e validação clínica em psicoterapia psicanalítica e psicanálise. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul**, 25(3): 426-435, 2003b.
- CASSORLA, R.M. Desenvolvimento do conceito enactment (“colocação em cena da dupla”) a partir do estudo de configuração borderline. **Rev. bras. psicanal.**, 38(3):521-540, 2004.
- CASSORLA, R.M. From bastion to enactment: The ‘non-dream’ in the theatre of analysis. **Int J Psychoanal**, 86: 699-719, 2005.
- CASSORLA, R.M. The analyst's implicit alpha-function and enactment in the analysis of borderline patients. **Int J Psychoanal**, 89(1):161-80, 2008a.

- CASSORLA, R.M. O analista, seu paciente e a Psicanálise contemporânea-considerações sobre indução mútua, enactment e 'não-sonho-a-dois'. **Rev. Latinoamericana Psicoanal.**, 8:189-208, 2008b.
- CASSORLA, R.M. Reflexões sobre não-sonho-a-dois, enactment e função alfa implícita do analista. **Rev. bras. psicanal.**, 43(4): 91-120, 2009.
- CASSORLA, R.M. What happens before and after acute enactments? An exercise in clinical validation and the broadening of hypotheses. **Int J Psychoanal**, Feb 93(1):53-80, 2012.
- CASSORLA, R.M. Afinal, o que é este tal enactment? **J. psicanal.**, 46 (85), 183-198, 2013a.
- CASSORLA, R.M. When the analyst becomes stupid: an attempt to understand enactment using Bion's theory of thinking. **Psychoanal Q**, 82(2):323-60, 2013b.
- CASSORLA, R.M. The Analyst at Work-Discussion of the case of Ellen. **Int J Psychoanal**, 95:93-102, 2014.
- CAVALHEIRO, R. *Enactment* na clínica com crianças: um conceito ausente? **Revista de Psicoterapia da Infância e da Adolescência**, 23: 107-113, 2014.
- CAVALHEIRO, R, SILVA, M.R. *Enactment* na clínica com crianças? Considerações sobre *enactment* de vida e *enactment* de morte. **Rev. bras. psicoter.**, 16(1):43-52, 2014.
- CHUSED, J.F. Neutrality in the analysis of action-prone adolescents. **J Am Psychoanal Assoc**. 38(3):679-704, 1990.
- CHUSED, J.F. The evocative power of enactments. **J Am Psychoanal Assoc**, 39(3):615-639, 1991.
- CORDIOLI, A. & Colaboradores. **Psicoterapias**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DONNE, J. **Meditações**. Tradução de Fábio Cyrino. São Paulo: Landmark, 2007.
- ETCHEGOYEN, R. **Fundamentos da técnica psicanalítica**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- FELDMAN, M. The dynamics of reassurance. **Int J Psychoanal**, Apr;74(2):275- 285, 1993.
- FELDMAN, M. Projective Identification: the analyst's involvement. **Int J Psychoanal**, 78(2):227-241, 1997.
- FERRO, A. O diálogo analítico: constituição e transformação de mundos possíveis. **Revista de Psicanálise da SPPA**, 3(1):47-63, 1996.
- FILCK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FONAGY, P. Apanhar urtigas as mancheias, ou por que a pesquisa psicanalítica é tão irritante. In: Green A, org. **Psicanálise contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago; p.317-340, 2003.

- FONTANELLA, B.B., RICAS, J. & TURATO, E.R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. In: **Cad. de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 24 (1):17-27. 2008.
- FREUD, S. (1905). Fragmentos da análise de um caso de histeria. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1972.
- FREUD, S. (1910). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1972.
- FREUD, S. (1912). A dinâmica da transferência. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976. 129-143.
- FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp. 193-203.
- FREUD, S. (1915). O Inconsciente In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1974.
- FRIEDMAN, R.J., NATTERSON, M. Enactments: an intersubjective perspective. **Psychoanal Q**, 68(2): 220-47, 1999.
- GABBARD, G.O. On love and lust in erotic transference. **J Am Psychoanal Assoc**. 42(2):385-403, 1994.
- GABBARD, G.O. Enactment contratransferencial e violação de fronteiras. In: ZASLAVSKI J., SANTOS, M.J.P. **Contratransferência: teoria e prática clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GAVIÃO, A.C. et al. A delicadeza do campo analítico: estudando contratransferência e *enactment* pela internet. **J. psicanal.**, 44(81): 203-222, 2011.
- GOELLNER, A. *Enactment*: alguns aspectos do conceito e da sua abordagem em Psicoterapia de Orientação Analítica. **Rev. bras. psicoter.**, 14(3):25-39, 2012.
- GREEN, A. O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In: GREEN, A. **Sobre a loucura pessoal**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 36-65.
- GREENBERG, J. & MITCHELL, S.A. **Relações Objetais na Teoria Psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GRINBERG, L. Sobre algunos problemas de técnica psicoanalítica determinados por la idetnificación y contraidentificación proyectivas. **Rev Psicoan**, 13(4), 507-511, 1957.

GUIMARÃES FILHO, P. D. Recent theoretical convergences in psychoanalysis and their epistemological importance. **Int J Psychoanal**, 84, 1189-1202, 2003.

GUIMARÃES FILHO, P. D. A central clinical-conceptual research into the construction of contemporary psychoanalytic knowledge. Apresentado em: Workshop on Conceptual Research: Frankfurt. Publicado em: Leuzinger-Bohleber, Canestri, J., Target, M. (Eds.) Frühe Entwicklung und ihre Störungen. Frankfurt: Brandes & Aspel, 2006. (Versão em português fornecida pelo autor: **Uma pesquisa clínico-conceitual central na construção do conhecimento psicanalítico contemporâneo.**)

GUS, M. Atuações e encenações [*enactments*]. In: EIZIRIK C, AGUIAR R, SCHESTATSKY S. **Psicoterapia de orientação analítica-fundamentos teóricos e clínicos**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GUS, M. *Acting, enactment* e a realidade psíquica “em cena” no tratamento analítico das estruturas *borderline*. **Rev. bras. psicanal.**, 41(2), 45-53, 2007.

HEIMANN, P. On Counter-Transference. **Int J Psychoanal**, 31:81-84, 1950.

HIRSCH, I. The concept of enactment and theoretical convergence. **Psychoanal Q**, 67:78-101, 1998.

IVEY, G. Enactment controversies: a critical review of current debates. **Int J Psychoanal**, 89(1):19-38, 2008.

JACOBS, T.J. On countertransference enactments. **J Am Psychoanal Assoc**, 34(2):289-307, 1986.

JACOBS, T.J. Reflexões sobre o papel da comunicação inconsciente e do *enactment* contratransferencial na situação analítica. In: ZASLAVSKI J., SANTOS, M.J.P. **Contratransferência: teoria e prática clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

JACOBS, T.J. A presença da pessoa do analista. **Revista ide**, 29 (43), São Paulo: Ed. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), 2006, pp. 146-149.

JOSEPH, B. Transference: The total situation. **Int J Psychoanal**, 66: 447-454, 1985.

JARDIM L.L., HERNÁNDEZ, M.D.C.R. Investigación psicoanalítica en la universidad. **Estudios Psicológicos (Campinas)**, 27(4):529-536, 2010.

KATZ, G.A. Where the action is: the enacted dimension of analytic association. **J Am Psychoanal**, 46(4):1129-67, 1998.

KERNBERG, O.F. Psicanálise, psicoterapia psicanalítica e psicoterapia de apoio: controvérsias contemporâneas. In: GREEN, A. (org) Psicanálise contemporânea. **Revista Francesa de Psicanálise**, número especial. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo:SBPSP, Deptº.de Publicações, 2003, p.23-49.

- KLEIN, M. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: Riviere, J & Klein, M. **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- LEMOS, M.B.G., AMENDOEIRA, M.C.R. O desenvolvimento das relações objetais a partir de Melanie Klein. **Rev. bras. psicanal.**, 37(2/3): 503-502, 2003.
- LEVINE, H.B. The analyst's participation in the analytic process. **Int J Psychoanal**, Aug;75 (Pt 4):665-76, 1994.
- LUCION, N.K. *Enactment*. **Rev. bras. psicoter.**, 1(2):105-12, 1999.
- MALAN, D. **Psicoterapia individual e a ciência da psicodinâmica**. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1983.
- McLAUGHLIN, J.T. Clinical and theoretical aspects of enactment. **J Am Psychoanal Assoc**, 39(3):595-614, 1991.
- MICHAELIS: **pequeno dicionário inglês-português, português-inglês**. São Paulo-SP: Companhia Melhoramentos, 1989.
- MORAES R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**. 22(37): 7-32, 1999.
- OGDEN, T. O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In: **Os sujeitos da psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- PAGANO, C.J. Exploring the therapist's use of self: enactments, improvisation and affect in psychodynamic psychotherapy. **Am J Psychother**, 66(3):205-26, 2012.
- PEUKER, A.C., HABIGZANG L.F., KOLLER S.H., ARAÚJO, L.B. Avaliação de processo e resultado em psicoterapias: uma revisão. **Psicol. Estud. Maringá**, 14(3):439-445, 2009.
- PERELBERG, R. & LEVINSON, N. Panel on 'Acting out and/or enactment'. **Int J Psychoanal**, 84: 151-155, 2003.
- RENIK, O. Conscious and unconscious use of the self. **Psychoanalytic Inquiry**, 17: 5-12, 1997.
- ROCHA N.J.N. *Enactment: modelo para pensar o processo psicanalítico*. **Rev. bras. psicanal.**, 43(2): 173-82, 2009.
- ROUCO, M.B.S. Da identificação projetiva ao enactment: um itinerário para a reparação da cisão corpo-mente. **Rev. bras. psicanal.**, 38(1):147-163, 2004.
- SANDLER, J. Countertransference and Role-Responsiveness. **Int Rev Psychoanal.**, 3:43-47, 1976.
- SAPISOCHIN, G. Second thoughts on Agieren listening to the enacted. **Int J Psychoanal**, 94(5):957-91, 2013.

SHAKESPEARE, W. **Shakespeare, obras escolhidas**. Tradução de Beatriz Viégas-Faria e Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2008 824p.

SHEDLER, J. The efficacy of psychodynamic psychotherapy. **Am Psychol**, 65(2):98-109, 2010.

STRAUSS, L.V. La sexualidad en el análisis: escucha y enactment. **Int. J Psychoanal**. 93(3):509-10, 2012.

VARGA, M.P. Analysis of transference as transformation of *enactment*. **Psychoanal Rev**, 92(5):659-74, 2005.

WALLERSTEIN, R.S. **A cura pela fala: as psicanálises e as psicoterapias**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

WALLERSTEIN, R.S. Psicanálise e psicoterapia de orientação analítica: raízes históricas e situação atual. In: EIZIRIK, C., AGUIAR, R.W., SCHESTATSKI, S.S. **Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

WASCA, R. 2012. How the analytic process is captured and absorbed into the familiar, the feared, and the desired. **Psychoanal Rev**, 99(5):717-741, 2012.

YARDINO, S. “Ponto de quebra”: um momento significativo na transferência. **Livro Anual de Psicanálise**, XXIV: 9-16, 2010.

ZASLAVSKI J., SANTOS, M.J.P. Tendências atuais da contratransferência. In: ZASLAVSKI J., SANTOS, M.J.P. **Contratransferência: teoria e prática clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ZIMERMAN, D.E. **Vocabulário contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

RESUMO

Introdução - Pesquisas em relação à análise e à psicoterapia com orientação psicanalítica são fundamentais e tem demonstrado a eficácia destas práticas psicoterapêuticas. Estas são hoje entendidas, por algumas abordagens teóricas, como decorrentes da relação estabelecida entre o profissional e o paciente, estabelecendo assim um processo interrelacional. O funcionamento psicológico deste par é absolutamente presente e dominante no desenrolar deste processo, expresso através de inúmeros fenômenos, como transferência, contratransferência, identificação projetiva, campo analítico e, mais recentemente, *enactment*.

Objetivo – Descrever como psicanalistas entendem, conceituam, identificam e elaboram o fenômeno *enactment* em sua prática profissional.

Participantes - dois analistas em formação psicanalítica, quatro psicanalistas membros associados e dois analistas didatas vinculados a uma instituição de formação psicanalítica associada à IPA (*International Psychoanalytical Association*) no Rio Grande do Sul/Brasil. Constitui-se uma amostra não-probabilística, intencional e por conveniência, utilizando o método de saturação para a sua totalização. O anonimato dos participantes está garantido através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE.

Método - Estudo descritivo qualitativo. A interpretação dos dados é realizada pela Análise de Conteúdo, conforme Bardin. Foram realizadas oito entrevistas semi-estruturadas, face-a-face, gravadas e transcritas pelo pesquisador, utilizando como guia um questionário misto (questões fechadas e abertas), elaborado pelos autores do presente trabalho, com o qual os psicanalistas expressaram suas ideias e experiências. Esta pesquisa está aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/PROPESQ/UFRGS/Brasil).

Resultados e Conclusões - São apresentados em três categorias finais de respostas: Fundamentação Teórica, Fundamentação Técnica e Nível de Experiência. *Enactment* é entendido conforme fundamentação psicanalítica teórico-técnica. Psicanalistas responderam que é um fenômeno inconsciente, expresso através da ‘encenação’ de conflitos psíquicos, do paciente e do analista, que se entrecruzam no campo analítico. Sua manifestação possibilita identificar padrão das relações objetais, atualizadas na relação transferencial/contratransferencial, através da identificação projetiva. Se não identificados e interpretados, impedem a evolução terapêutica, desenvolvendo conluios ou impasses entre o par analítico. Identificam o fenômeno como conceito psicanalítico atual, em amadurecimento, também considerado como útil (técnico), favorecendo a interpretação no aqui-agora da situação analítica. O tempo de exercício profissional, associado à formação e ao investimento pessoal para ampliação do conhecimento, favorece, ao analista, atitude na qual a técnica apreendida passa a ser utilizada com mais segurança. Sugere que as vivências têm valor na construção da noção do que constitui o psíquico humano. O conjunto destas respostas sugere a existência, nas sociedades psicanalíticas, de formação profissional sólida e congruente. O fenômeno *enactment* é caracterizado como um dos mais atuais que reflete a ênfase contemporânea da Psicanálise à relação da dupla terapêutica, justificando a continuidade de estudos que ampliem as noções de desenvolvimento teórico e técnico psicanalíticos.

Palavras-chave – *Enactment* psicanalítico; relação transferencial/contratransferencial; relação intersubjetiva; dupla analítica; processo analítico; processo psicoterápico; psicoterapia psicodinâmica; análise;

APÊNDICE 5 - Artigo de Revisão Teórica – Revisão Sistemática (Versão em Inglês)

SYSTEMATIC REVISION ABOUT CONCEPTUAL AND TECHNICAL ASPECTS OF THE PSYCHOANALYTIC ENACTMENT

Charlie Trelles Severo¹, Pricilla Braga Laskoski², Stefania Pigatto Teche³, Ana Margareth Bassols⁴, Raquel Saldanha⁵, Rafael Stella Wellausen⁶, Aline André Rodrigues⁷, Camila Piva da Costa⁸, Diego Barreto Rebouças⁹, Carolina Padoan¹⁰, Alcina Juliana Soares Barros¹¹, Maria Lucia Tiellet Nunes¹², Cláudio Laks Eizirik¹³.

¹Psychologist. Specialist in Analytically Oriented Psychotherapy -CELG . Mastering in Medical Science: Psychiatry, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brazil.

²Psychologist. PhD student in Medical Science: Psychiatry, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brazil.

³Psychiatrist. Psychiatrist hired at the Hospital de Clínicas de Porto Alegre Master in Medical Science: Psychiatry, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brazil.

⁴Psychiatrist and Psychoanalyst. Psychoanalytical Society of Porto Alegre-SPPA. Associate Professor of Psychiatry, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brazil.

⁵Psychiatrist. Centro de Estudos José de Barros Falcão-CEJBF, Porto Alegre, RS, Brazil.

⁶Psychologist. Doctor in Psychology, UFRGS. Psychologist at the Hospital de Clínicas de Porto Alegre, RS, Brazil.

⁷Psychiatrist. PhD student in Medical Science: Psychiatry, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brazil.

⁸Psychologist. PhD student in Medical Science: Psychiatry, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brazil.

⁹Psychiatrist. Fourth-year Resident in psychotherapy at the Hospital de Clínicas de Porto Alegre, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brazil.

¹⁰Psychologist. MSc in Medical Science: Psychiatry, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brazil.

¹¹Psychiatrist. Specialist in Forensic Psychiatry. PhD student in Medical Science: Psychiatry, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brazil.

¹²Psychologist. Doctor in Clinical Psychology, Free University of Berlin, Germany. Full Professor at PUCRS. Professor at the Families and the Individual Studies Centre-CEFI, Porto Alegre, RS, Brazil.

¹³Psychiatrist and Psychoanalyst. Doctor of Medical Sciences: Psychiatry. Full Professor of Psychiatry-UFRGS; Psychoanalytical Society of Porto Alegre-SPPA, Porto Alegre, RS, Brazil.

INTRODUCTION

The investment in psychoanalytic studies is positively progressive and continuously necessary. Throughout the last decades, the production in psychoanalysis has been growing significantly, demonstrating a constant search for theoretical deepening and technical evidence that can give support to its findings (FONAGY, 2003; PEUKER, HABIGZANG, KOLLER AND ARAÚJO, 2009; SHEDLER, 2010; JARDIM & HERNÁNDEZ, 2010; CAMPEZATTO, VIEIRA, NUNES, 2013).

Since the descriptions of transference (FREUD, 1905/1974) and counter-transference (FREUD, 1910, 1912/1974), of projective identification as a defensive mechanism (KLEIN, 1946/1982), as well as with communicative potential and of benefit for understanding the

psychological functioning of the patient (BION, 1961), a characterization favorable for the creation of the analytical field (BARANGER, 1962), it is possible to perceive the discovery of new approaches regarding the unconscious and its manifestations in the theoretical development of Psychoanalysis, and consequently, technical.

Divergent positionings to Freud's structural-pulsional model stimulated some Psychoanalysts of the decades of the thirties and forties, such as Erich Fromm, Harry Sullivan, Clara Thompson, to create the Interpersonal Psychoanalysis based on the structural-relational model, where cultural aspects have a significant importance. Sullivan (1938 and 1940 *apud* GREENBERG & MITCHELL, 1994) emphasized that, to reorganize the personality of someone psychically harmed, it is necessary to incorporate to the *self*, experiences which previously had not been integrated – thence the importance of the therapist and patient relationship for the evolution of the latter. This author perceived that, even psychotic patients also presented meanings in their expressions and regressive behaviors. He states: "(...) a personality can never be isolated from the complex of interpersonal relationships in which the person lives and has his being. All knowledge about another person is mediated through interaction (...). The data collector is never simply an objective reporter, but always a 'participant observer'. Personality becomes manifest in interpersonal situations". (SULLIVAN, 1938 and 1940 *apud* GREENBERG & MITCHELL, 1994, p.65). Contemporary psychoanalytic authors reveal that this evolution provided a new conception of the analytical or psychotherapeutic encounter as originating from the relationship established between professionals and patients, establishing an inter-relational process. In this process, the psychic functioning of each of the members, are absolutely present and dominant, as well as the functioning constituted by this pair (GREEN, 1988; OGDEN, 1995; FERRO, 1996).

In this way, according to what Zaslavsky and Santos (2005) endorse, the analytic process is observed and studied as a relationship that produces a mutual emotional impact, in which there are information exchanges, this is, both verbal and nonverbal communication, intentional or not.

Resulting from the growing inter-subjective and inter-relational psychoanalytical conception a phenomenon is identified through which, in the analytic situation, one of the results of the inter-relation transference / counter-transference through the 'staging' of the

patient's unconscious conflicts from the reaction of the analyst / psychotherapist. This phenomenon is called *enactment*, a term suggested by Theodore Jacobs, in the 'Counter-transference in Theory and Practice Panel, at the Annual Meeting of the American Psychoanalytic Association', in San Diego, California, EUA, on May 4th, 1984 and published in the Journal of the American Psychoanalytic Association, in 1986 with the title '*On Counter-transference Enactments*'.

Parallel to the growth of psychoanalytic studies, in informal conversations with psychotherapists who base their practice on the same theory, it is possible to identify the little knowledge on this topic specifically. Faced with this paradox, the interest in systematically studying what this phenomenon really is was developed. In this sense, the present review aims to identify and register, specifically, as the authors understand and identify the concept of *enactment*, related to the theory and psychoanalytical technique, and how they work for their elaboration (clinical management). It also intends to elaborate an outlook of the publications on the subject in question, registering the authors, journals, period, type of study, diagnosis, gender and age group of the patients referred to.

METHODOLOGY

This study began in October 2014, the databases consulted were PUBMED, PsycINFO and LILACS and as descriptors, the following combinations were used: "*enactments* [Title/Abstract]) OR *enactment* [Title]) AND psychoanalytic theory AND psychoanalytic therapy". We chose not to put a limit to publication time of the articles.

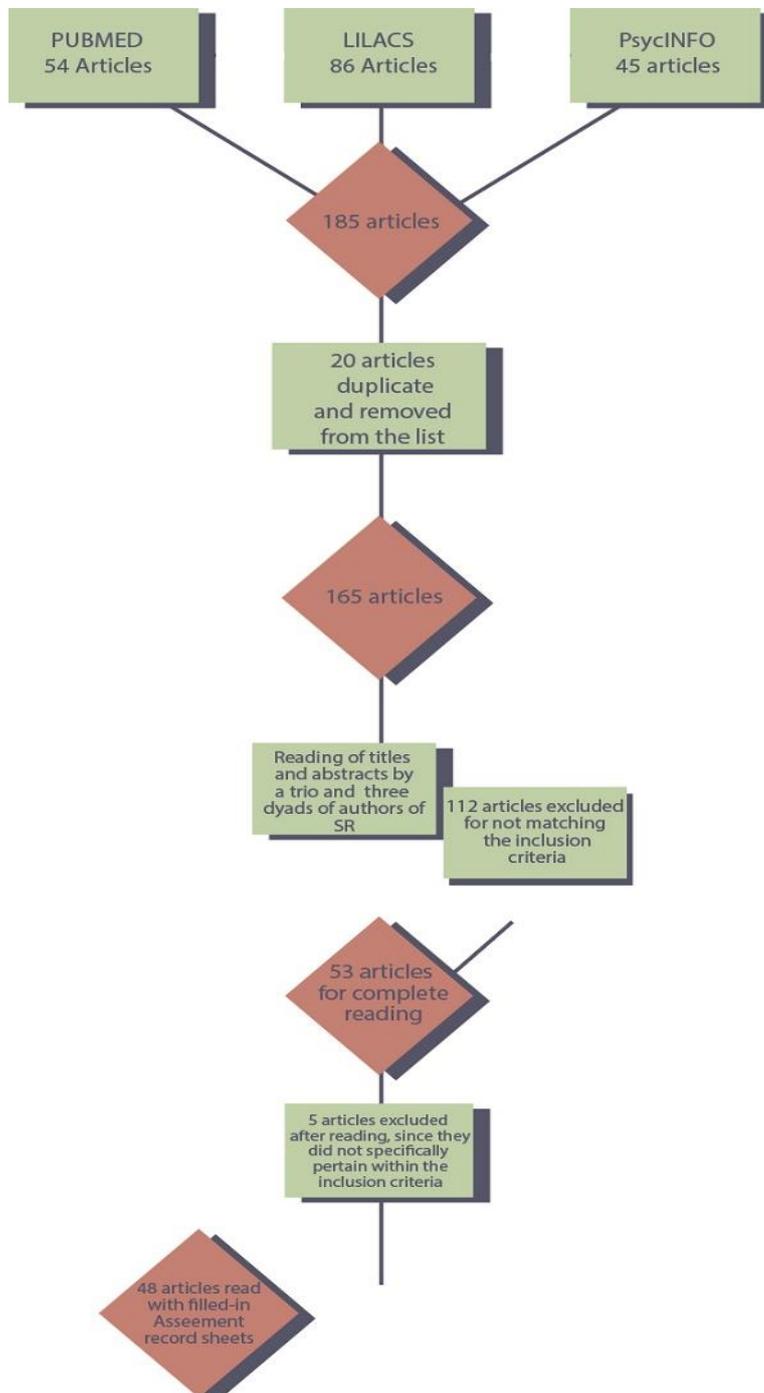
Thus defined, a list of articles was registered: In PUBMED, 86 titles were found; in LILACS, 54 and in the PsycINFO database, 45, summing up 185 titles. It was verified that 20 works were duplicates, being removed from the list. With a total of 165 articles, the selection process for the present revision was begun.

As to the inclusion criteria, texts were sought out that presented theory regarding the *enactment*, that is to say, concepts and definitions of the same, identifying how the authors understand this content. It also sought out technical aspects of approach to the *enactment*, that is, how the professionals identify and elaborate their occurrence in the analytic situation. The

articles could be only theoretical or only about technical approach or where both aspects were described. We excluded studies that did not present *enactment*, as the main focus namely.

After this point, the authors of the present study were divided into four groups: three groups constituted by pairs and one as a trio. Each group member read the abstracts and decided, jointly, which articles would be included or not. In cases of disagreement, a judge was called in. Four abstracts were excluded by the judge, since they were not specifically studies relative to *enactment*. Having concluded this step, 53 articles were included to be read in their entirety, beginning the stage characterized by the filling in of an evaluation form of the article, responding to the objectives of this revision. In this phase, five articles were also excluded because it was identified they showed no emphasis on their conceptual and / or technical characterizations of content. The total final number is 48 articles included. See the following flowchart.

Figure 1 - Systematic Revision Flowchart



RESULTS

The results are presented according to the following divisions:

Conceptual Aspects and of Understanding on *Enactment*:

In the mid eighties, the psychoanalytic concept of *enactment*, as a phenomenon in which the therapeutic dyad proves to be dynamically interrelated, given the inter-subjectivity that is manifested in it, being important the attention the analyst / psychotherapist gives to the more subtle aspects of his counter-transference. Shows the relationship of counter-transference responses to expressions of the patient and the relationship established in the therapeutic dyad. It sets up a defensive collusion, a thought pattern obstructed, impeded or repetitive and not reflective, the result of intertwined unconscious forces (interlock, WOLSTEIN 1959 *apud* BONOVIKZ, 2009). The intensity of the conflict interferes with the understanding of what is happening which leads the sublimation to fail and the lock is established, resulting in the impairment of the reflective space (JACOBS, 1986; CHUSED,1990; REED, 1997; FELDMAN, 1997; BATEMAN, 1998; HIRSCH, 1998; BURNSTEIN & CHEIFETZ, 1999; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; GOLDBERG, 2002; LaFARGE, 2004; VARGA, 2005; BONOVIKZ, 2009; STERN, 2009; GINOT, 2009; CASSORLA, 2012; PAGANO, 2012; STRAUSS, 2012; BRUSCHWEILER-STERN, LYONS-RUTH, MORGAN, NAHUM, REIS, STERN & SANDER, 2013; SAPISOCHIN, 2013; CASSORLA, 2013).

According to the etymology of the word *enactment*, “(...) the verb ‘act’ is defined between two modifiers. By itself, “act” (...) brings in itself the sense of ‘acting’, ‘do’, ‘do his will by force’, ‘exert power’, ‘behave like an actor to simulate or disguise’ (play the role of); (...). The prefix “en” emphasizes “act” as a noun, expanding the concept of 'put into or on top of, cover, involve, wrap up in, ', attributing more intensity to the expression; the suffix "ment" further intensifies the import and the density of "act" as a noun.” (McLaughlin, 1991, p.597).

Thus defined, there is evidence that interactions occur as a consequence of the behavior of another involved, indicating theoretical references of Sandler (1976) and Ogden (1979) regarding the projective identification mentioned by McLaughlin (1991), and emphasized by Cassorla (2001, 2008, 2012, 2013), as basic in the constitution of the *enactments*.

This manifestation starts to be understood as an enabler to assign roles to be played (*role-responsiveness*) and to understand the way reality is perceived by the patient and how the same reality is reflected through the analyst / therapist’s attitudes. Therefore, the

characteristic of mutual influence, coercive or persuasive, is perceived, present in the phenomenon of *enactment* (JACOBS, 1986; McLAUGHLIN, 1991; LEVINE, 1994; FELDMAN, 1997; BATEMAN, 1998; KATZ, 1998; HIRSCH, 1998; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; FRANK, 2002; ANCHIN, 2002; WEISS, 2002; WURMSER, 2003; GERSON, 2004; LaFARGE, 2004; ZANOCCO et al., 2006; GINOT, 2007; IVEY, 2008; YERUSHALMI, 2010; STEINER, 2011; CASSORLA, 2012; PAGANO, 2012; STRAUSS, 2012; SKOGSTAD, 2013; SAPISOCHIN, 2013; CASSORLA, 2013). Feldman (1997, p.228) asserts: “What is projected by the patient is a fantasy of an object relationship that evokes not only thoughts and feelings, but also a propensity for action”. Sapisochin (2013) argues that the *enactment* is not considered as an end in itself but as a means through which the conditions of a past, not verbally thought of, can be created, to find ways of expression consonant with a more evolved psychic functioning. In short: to think the unthinkable verbally. This basic characterization of the *enactment* is pointed out by Smith (1990) then as a paradigm of the transference / counter-transference relationship. This dynamism is identified by Chused (1991), as the evocative power of *enactments*. It is important to register that the inevitability of the *enactments* is present in most of the authors mentioned, because they are the result of the inter-subjective relationship, that is, frequent transference / counter-transference exchanges that install themselves in the dyad. According to Cassorla (2001, p.1155), “(...) they are part of the natural history of the analytic process”. Oppositions were not found to this characterization of inevitability, although some authors do not cite it (CHUSED, 1990; FELDMAN, 1993; ALMOND, 1995; BURNSTEIN & CHEIFETZ, 1999; LaFARGE, 2004; STERN, 2009).

In *enactments*, non-verbal communication predominates, experienced as update of transference perception, a ‘realization of fantasies that occupy the psyche’. It is identified in this way that *enactments* present a regressive character because they are the result of affective communications that signal a capacity of abstraction and symbolization, thus verbalization, not adequately developed yet, manifested in an ideo-pictographic format (SAPISOCHIM, 2013). That is why they “hold” the analyst/therapist in the analytic situation, being necessary to take into account this psychic immaturity to be developed (CHUSED, 1991; KATZ, 1998; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; WURMSER, 2003; GINOT, 2007; YERUSHALMI, 2010; SAPISOCHIN, 2013).

In this sense, Zanocco, De Marchi & Pozzi (2006) refer that *enactment* describes a particular and dynamic form originated from the functioning of the primitive mind, therefore a part of the ego still frail and immature. Thus, words can be perceived as “weapons of attack”, with a strong coercive strength that result in “acts”, suppressing what is verbal in communication. So it constitutes itself as an obstructive interaction with collusions or in a state of deadlock, making the analytical evolution difficult while not elaborated (McLAUGHLIN, 1991; LEVINE, 1994; REED, 1997; BURNSTEIN & CHEIFETZ, 1999; CASSORLA, 2001; FRANK, 2002; WURMSER, 2003; LaFARGE, 2004; ZANOCCO ET AL, 2006; CASSORLA, 2008; BONOVIITZ, 2009; GINOT, 2009; STEINER, 2011; CASSORLA, 2012; PAGANO, 2012; STRAUSS, 2012; SKOGSTAD, 2013; SAPISOCHIN, 2013; CASSORLA, 2013; SAFRAN & KRAUS, 2014). Feelings of responsibility might confuse the professional, leading him to act according to meanings not clearly identified yet in the situation, hindering the therapeutic stance (CHUSED, 1991; McLAUGHLIN, 1991; REED, 1997; FELDMAN, 1997; BATEMAN, 1998; HIRSCH, 1998; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; GERSON, 2004; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; STERN, 2009; STEINER, 2011; PAGANO, 2012; STRAUSS, 2012; SAPISOCHIN, 2013).

It can also be registered, in *enactments*, a significant communicational potential of the interaction pattern the patient uses. Characteristics of object relations experienced by the patient, as well as the analyst / therapist, can be identified from the occurrence of these phenomena. Each participant of the analytical situation seeks to impose on the other an intrapsychic object relation (ANNE REICH, 1966; SANDLER, 1976, *apud* JACOBS, 1986). That conception is valuable, since the process through which the patient and the analyst construct meanings in the analysis/psychotherapy is subtly modeled through *enactment*, by transference and counter-transference, by fantasies about the way that the child and his first objects, together, shaped his/her experience of reality. They identify that ‘someone’ exists in the mind of ‘another someone’ and that, in consequence, this other is affectively responsive (SMITH, 1990; GABBARD, 1994; REED, 1997; FELDMAN, 1997; JONES, 1997; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; FRANK, 2002; ANCHIN, 2002; GERSON, 2004; SULLIVAN, 2007; IVEY, 2008; CASSORLA, 2008; STERN, 2009; YERUSHALMI, 2010; STEINER, 2011; GILHOOLEY, 2011; CASSORLA, 2012; PAGANO, 2012; BRUSCHWEILER-STERN et al., 2013; SKOGSTAD, 2013; SAPISOCHIN, 2013; CASSORLA, 2013). This content

reinforces what some authors cite when relating the occurrence of *enactments* with the possibility for a corrective emotional experience, where old conflicts can be experienced currently with a better resolution (FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; VARGA, 2005; SULLIVAN, 2007; IVEY, 2008; PAGANO, 2012).

Friedman & Natterson (1999) add that, as a result of the communicative quality, patient and professional build together the analytical process. Both are co-participants in the search of meanings for the mental expressions, and the *enactments* are based on the continuum of living “(...) several fantasies with different degrees of quality and intensity activated at any time, weaving a web of interactions that inter-penetrate and are in constant mutation” (p. 226). *Enactments* can reveal both an obstructive and/or a defensive function, as communicative, in the sense of revealing, in conjunction, what until then was not consciously identified. It is an inter-subjective process (GABBARD, 1994; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; FRANK, 2002; ANCHIN, 2002; GERSON, 2004; LaFARGE, 2004; VARGA, 2005; GINOT, 2007; SULLIVAN, 2007; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; BONOVIKZ, 2009; YERUSHALMI, 2010; STEINER, 2011; GILHOOLEY, 2011; CASSORLA, 2012; STRAUSS, 2012; BRUSCHWEILER-STERN et al., 2013; SAPISOCHIN, 2013; CASSORLA, 2013).

Several authors characterize *enactment* as 'staging' (JACOBS, 1986, McLAUGHLIN, 1991; FELDMAN, 1993; LEVINE, 1994; FELDMAN, 1997; HIRSCH, 1998; CASSORLA, 2001; VARGA, 2005; PAGANO, 2012; SKOGSTAD, 2013). White (1992) describes that the patient, as ‘protagonist and director’, relives a childhood role ‘staged in the theater/office’ of the analyst/therapist who also plays a role in this dynamic and unconscious ‘performance’ in an attempt of achieving the transference. Varga (2005) registers that *enactments* can be the “(...) expression of the compulsion to repeat in its interactive dimension” (p.672). Straus (2012) describes the repetition of the strategies to face the traumatic experience.

There is a 'game' of transference / counter-transference displacement with the characteristics of the real relationship of features of the analyst / therapist, namely the professional's response is a blend of his counter-transference with the pressured empathy of the patient's transference. Therefore, there are two ways in which the analyst participates of the *enactment*: the patient “chooses” some personality aspect or some minimum slips of the professional or then he leads him to experience how the patient expects that he be. The

quality of the bond of the professional with the patient, that is, the participation of the professional in this 'plot', will favor the resolution of it by the resumption of his consciousness (elaboration of blind spots) regarding those psychic messages presented and their consequent interpretation. The blend of all these emotions constitutes the content of the above mentioned 'plot' and creates an innovative moment in the relationship of the dyad, more motivated and sure to find a satisfactory conclusion. In the words of Katz (1998), the *enactment* becomes a single interaction in each analytical process in which the psychic significance emerges making it possible to achieve a higher level of psychic organization.

The studies about *enactment* highlighted the debate between the considered classic Psychoanalysis and the inter-relational one. Hirsch (1998), in an important theoretical revision, presents the idea that the concept of counter-transferential *enactment*, in classic Psychoanalysis, has its roots in the classical articles of Tower, 1956, Bird, 1972 and Sandler (1976), although they did not stimulate other Freudians to develop the theme until Jacobs (1986). He points out that the notion of productive use of the counter-transference experience to the analytical / therapeutic process stimulated the change from the traditional classical model of a 'Psychology directed to a person (unit)' for a 'Psychology of two people (couple)'.

Extends the notion of the professional as participant-observer, as the 'Psychology of a person' forgets the involuntary participation of the analyst, contributing to the loss of important data of the relationship established between the therapeutic couple (HIRSCH, 1998; VARGA, 2005; IVEY, 2008).

Once containing transference, counter-transference, *acting-out*, *acting-in*, repetitions, up-dating, communications, it should be noted that *enactment* is constituted as a hybrid concept (BATEMAN, 1998).

In the change from the 20th to the 21st Century, we find more specific characteristics, identifying in this way types of *enactments*. Friedman & Natterson (1999), through clinical examples, refer to extended enactments and short enactments (or brief or acute), however without detailing these concepts. These definitions are more developed than by Cassorla (2001, 2008, 2012, 2013). It is identified that *enactments* may be normal, derived from normal projective identifications accompanied by symbolic verbal communication revealed by the

interventions of the analyst or pathological, due to massive cross over of projective identifications, difficult to avoid and reveal. These, in turn, can be considered as chronic, hiding possible resistances in the couple, characterized as prolonged and subtle in a collusion which needs awareness and time to be identified, otherwise it constitutes an impasse impossible to be unveiled. On the other hand, acute *enactments*, rise with great intensity, violently mobilizing one or both members of the analytic pair, and lasting only an instant, if understood. They are considered by the author as possible resources to reveal collusions, since their intensity allows to better understand the situation that is becoming installed.

Cassorla (2008), with a theoretical base on Bion's studies, presents characteristics that compose the process through which the *enactments* develop. It is divided into three phases: Phase 1, in which complaints and destructive contents of the conflicts are expressed transferenceally by the patient, while the analyst/therapist tries to understand and interpret them gradually, believing that, with patience, there will be a positive evolution. These moments can be alternated with mutual idealizations, reinforcing the idea that the process is satisfying. Although not clearly perceived yet, the collusion is present and growing, since the symbolic capacity becomes obstructed by the force of the conflicts and, may result in an impasse, in most cases, interrupting the analytical process.

It is believed that a state of discomfort, conscious or not, signalizes this period of stagnation. It takes place at a moment of switching defenses, as Bateman (1998) quotes of the 'thick and thin-skinned', type, is that, suddenly, an intense action, or even a 'violent act', invades the analytic field breaking the collusion present until then.

This moment is considered by Cassorla (2008), the 'M Moment', characterized by the beginning of real changes, since the traumatic situation has been attained. This arrival occurs through the repetition of the traumatized psychic functioning of the patient, expressed in the transference, perceived in the counter-transference and identified by the professional capacity and psychic resources of the analyst arising of his recovered implicit alpha function. It is like a 'cry of freedom' in relation to the field saturated of projective identifications (SULLIVAN, 2007; CASSORLA, 2008, 2012). This 'M' moment corresponds to the acute *enactment* or, as referred to by Bateman (1998), to a 'turning point', this is, a 'break' - sudden break-up (CASSORLA, 2001), an 'explosion' (CASSORLA, 2008), a moment in which a positive

change begins, although initially tense. In this way, the analyst's participation as a narcissistic extension of the patient, is interrupted – *chronic enactment* (CASSORLA, 2001; LaFARGE, 2004; ZANOCCO et al., 2006; STEINER, 2011; CASSORLA, 2012, 2013). An orientation to thought, through the possibility of psychic triangulation is re-begun (CASSORLA, 2012, 2013).

Phase 2 is then begun: the 'reversal of perspective' occurs, this is, it is perceived that what seemed adequate initially, also involved 'blind points' of the analyst. The heavy load of projections that reach the analyst hinder his ability to think, many times activating and binding itself to traumatic situations of the professional himself, who fears, to start with, to undo this way of relating, compromising the apparent balance achieved so far. With this clarification, he reaches a new change in his thinking. It is the implicit alpha function of the analyst recovered and gradually offered to the patient, so that he interjects it, which will favor the processing and symbolization of the traumatic reality revealed in the analytic field (KATZ, 1998; BURNSTEIN & CHEIFETZ, 1999; CASSORLA, 2008, 2012, 2013). And it is when the professional manages to 'leave the staging' and call attention to the several roles that are being played, transmitting to the patient the possibility of developing the ability of amplifying his *insights*. The defenses to confront the trauma which was previously frightening, are reinforced (WHITE, 1992; LEVINE, 1994; REED, 1997; KATZ, 1998; BATEMAN, 1998; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; IVEY, 2008; STEINER, 2011; PAGANO, 2012; STRAUSS, 2012; SAPISOCHIN, 2013; CASSORLA, 2013).

It is the implicit alpha function that allows the comprehension of the contents, the subjectivity, that is, of the 'dreams' that are told in the analytic field. Unable to 'dream', symbolize, due to his trauma, the patient seeks the analyst / therapist to assist in the recovery of this capacity. The professional, in turn, 're.dreams' the patient's dreams, identifying the inter-subjective situation as a space for a 'dream-for-two' (SULLIVAN, 2007; CASSORLA, 2008, 2012; PAGANO, 2012; CASSORLA, 2013). The alpha function forwards the transformation of the beta elements, primitive, by the presentation of a possible reality, not frightening as it was perceived by the patient before. This function favors the figurability for emotional experiences, in other words, the work of the 'dream' brings the trauma to the

symbolic network of thought. Failing this analytical work, it is said that in the relationship 'non-dreams-for two' predominate, namely the communication analyst / patient is obstructed and therapeutic evolution compromised (CASSORLA, 2008; 2012, 2013). Bruschiweiler-Stern et al. (2013), add that the *enactments* can be considered as the limit for the introduction of emerging forms of being that bring new relational possibilities in the dyad.

The differentiation between *enactment* and *acting-out* is also mentioned among some authors. When an action, carried out by the patient, or the analyst, individually, where the conscience does not prevail, characterizing a violation, a breaking of boundaries of the analytical field, it characterizes an acting-out in which the analyst is a witness, that is to say, does not participate (SMITH, 1990; CASSORLA, 2008, 2012; SAPISOCHIN, 2013). The fundamental characteristic of the *enactment* is the interaction of the participants. The 'to be taken to', the induction to act, constituting an action in common (FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2012), while *acting-out* (or *acting-in*) is an individual action, differences *enactment* from *acting-out*. *Acting-out* can originate *enactments*. Therefore, the *enactment* goes beyond the acting-out (WHITE, 1992; ALMOND, 1995; BATEMAN, 1998; CASSORLA, 2001, 2012; SAPISOCHIN, 2013).

Chused (1990; 1991) and Feldman (1993), reveal that with adolescent and child patients it is also possible to identify *enactments*. The differential in relation to adults is that this phenomenon can be mistaken with evolutionary behavioral actions of childhood and adolescence (playing and body actions and intense desire of defining oneself, for example), that would not characterize *enactment*. Meanwhile, attitudes resulting from psychic conflicts, trigger the analyst / therapist to act, generating transference distortions, repeating the compromised relational pattern, creating a symbolic interaction in the therapeutic pair in which it possesses an unconscious meaning for both.

Also among the articles, Zanocco et al. (2006) and Ginot (2007; 2009) present studies that integrate emotional inter-subjective aspects, such as empathy, attachment, and even the *enactments*, with brain functioning, from the fixation and neuronal coding. These same authors refer to the discovery of the activity of the mirror-neurons in the inter-subjective processes and in the empathy that develops from the context of the primary relationships. They cite the activity of the right hemisphere of the brain in emotional learning that precedes

verbal development, or that “(...) represent the biological substratum of the dynamic unconscious” (SCHORE, 2005, p.831 *apud* GINOT, 2007). The emotional patterns of relationship derive from the primary sensory interactions mother-baby that, in this way, shape the development of the limbic system of the right brain hemisphere, being found in this integration the crux of inter-subjectivity, after, a staging (*enactment*). Zanocco et al. (2006) and Ginot (2007, 2009) assert that it is the consciousness of the analytic/psychotherapeutic experience that will create the possibility of meaning and symbolization, that is to say, the perception and guidance of the projective and introjective identification processes, mediated by the mirror-neurons, the stagings, allowing the analyst/therapist to use his reflexive resources to identify the attachment patterns presented by the patient.

Among the articles selected, two studies relate *enactment* to approaches which are not exclusive to psychoanalytic technique. Sullivan (2007) conceptualizes the phenomenon through a theoretical parallel between Jung and Bion. The notion of *coniunctio* (Jung), as well as the alpha function and *reverie* (Bion) are used demonstrating the inter-subjectivity that installs itself between patient and analyst / therapist. According to the authoress, the development of the analytic situation only occurs in the perspective of the therapeutic dyad, since the intensity of the sensory and unconscious expressions takes over the clinical space. Pagano (2012) establishes a relationship between psychoanalytic concepts and those of Gestalt therapy. She suggests the ‘improvisation’ technique to boost the therapeutic couple when involved in enactments. It is a non-classic, non interpretative technique, directly related to the ‘Role Play’. It proposes ‘dramatizing’, as in a ‘rehearsal’, during the analytical/therapeutical sessions, the situations feared by the patients. The analyst ‘enters the transitional space’, in other words, ‘enters the game’, aware of what is happening, without making use of his habitual defenses, seeking to metabolize the projections presented. The approach provides an opportunity both to the patient, as the professional and couple, to expand, the perception of the present conflicts. Relates this technique to be able to perceive the transference / counter-transference contents, and thus ‘catalyze’ new experiences, demonstrating a capacity to manage, in a flexible and spontaneous way, the emotions that are manifested.

Technical Aspects and of Elaboration of the *Enactments*

Since this is an inter-subjective relationship, valued the credit to the communication between the unconscious involved in the analytic situation, the fundamental attitudes recommended to the analyst/psychotherapist for the elaboration of the referrals of *enactments* are described below.

Becoming aware of their own reactions, seeking to explore the counter-transference in a way to form appropriate interpretations, the analyst / psychotherapist can meet the challenges of the psychotherapeutic process finding a more comfortable stance to develop its lapses and blind spots. The consciousness of counter-transference expands the tolerance of the discharges arising from the projective identification: "(...) keep an eye on yourself" (CASSORLA, 2013, p.354). To keep oneself up as observer and participant at the same time, restoring what is called 'dual conscious state', that is to say, to be inside and out of the enactment at the same time (GABBARD, 1994). In the words of Ivey (2008), feel spontaneous, however, act reflexively. In this way, the professional will also understand that *enactments* are inevitable and will, this way, tolerate them (JACOBS, 1986; SMITH, 1990, McLAUGHLIN, 1991; LEVINE, 1994; REED, 1997; FELDMAN, 1997; BATEMAN, 1998; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; ANCHIN, 2002; WEISS, 2002; WURMSER, 2003; LaFARGE, 2004; GINOT, 2007; SULLIVAN, 2007; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; BONOVIKZ, 2009; STERN, 2009; YERUSHALMI, 2010; STEINER, 2011; GILHOOELY, 2011; CASSORLA, 2012; SKOGSTAD, 2013; CASSORLA, 2013; SAFRAN & KRAUS, 2014). It is this emphasis on the interpersonal perspective that constitutes the most adequate way to give the analyst tools to deal with the existing thought process, with the analytic field and with the transference/counter-transference dynamics. The involvement of the analyst/therapist, recognizing and accepting his feelings and roles performed, will be as a tool for a more effective therapy (HIRSCH, 1992; LEVINE, 1994; ALMOND, 1995; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; ANCHIN, 2002; LaFARGE, 2004; GINOT, 2007; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; STERN, 2009; YESRUSHALMI, 2010; CASSORLA, 2012; SKOGSTAD, 2013; CASSORLA, 2013; SAFRAN & KRAUS, 2014).

The recognition of the occurrence of enactments and of the impact of the analyst/therapist's participation will only be possible in retrospect. Only when following the

associations and answers of the patient, as well as his own, it will be possible to formulate meanings of the analytic events for either of the members of the couple. (SMITH, 1990; LEVINE, 1994; BURNSTEIN & CHEIFETZ, 1999; CASSORLA, 2001; FRIEDMAN & NATTERSON, 2006; SULLIVAN, 2007; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; BONOVIKZ, 2009; STRAUSS, 2012; SAPISOCHIN, 2013).

It is possible that elaborating an *enactment* and favoring the analytical function of the analyst and expanding the reflective capacity of the patient, new *enactments* will be made manifest, followed once again by their resolution, which characterizes this phenomena as systematic, not linear and dynamic (REED, 1997; JONES, 1997; GOLDBERG, 2002; ALLEN, 2002; LAFARGE, 2004; FRIEDMAN & NATTERSON, 2006; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; CASSORLA, 2012; BRUSCHWEILER-STERN at al., 2013). The succession of chronic and acute *enactments* characterizes this course / tempo, enabling even, a debate regarding the ‘authorship’ of the *enactments* in the sessions. Jacobs (1986) states that both the patient, as well as the analyst, can be the protagonists of *enactments*, in other words, conflictive situations of the analyst can also be staged in the field, independent of the patient, but that attains / reaches him. Yet for McLaughlin (1991) and Cassorla (2001, 2008, 2012, 2013) *enactments* are absolutely interactional and constituted, jointly by the therapeutic couple.

The lack of awareness of the inevitability of enactments is what causes problems in the field and not counter-transference (HISRCH, 1992, p.26). Ivey (2008) reinforces this idea: “It is not a matter of knowing if *enactments* are inherently good or bad, but how they are being experienced by the patient and absorbed by the analyst and how their unconscious reverberations evolve throughout time and manifest themselves in subtle changes in the quality of the analytic interaction”. The *enactment* ceases when the analyst develops a “second sight” of the material presented, listening once more what was heard - by himself or seeking for the help of some colleague - and also when an acute enactment takes place, expanding his analytical capacity (CASSORLA, 2012, 2013).

The maintenance of neutrality and of abstinence as a state of mind, namely, the ego functions necessary for the analytical work not being compromised by own conflicts, are also suggested (JACOBS, 1986; CHUSED, 1990; REED, 1997; CASSORLA, 2001). Minimizing

automatic responses, use of silence, especially when in doubt of what to say, so as that the subjective reactions of the professional can be better analyzed and less compromising to the therapeutic relation (ALMOND, 1995; FELDMAN, 1997; CASSORLA, 2001; STERN, 2009; SAFRAN & KRAUS, 2014). Systematic and gradual elaboration work on resistance, from the listening to the transference (JACOBS, 1986; WHITE, 1992; CASSORLA, 2001; ALLEN, 2002; ANCHIN, 2002; WURMSER, 2003; IVEY, 2008; PAGANO, 2012; STRAUSS, 2012), revealing guarantees to the patient for him to express himself and that his decisions and projections will be supported by favoring his *insights* (FELDMAN, 1993; REED, 1997; FELDMAN, 1997; ALLEN, 2002; FRANK, 2002; WURMSER, 2003; LAFARGE, 2004; IVEY, 2008; PAGANO, 2012; CASSORLA, 2013). This attitude, that can also be therapeutic, comprises what Zanocco et al. (2006) propose as sensory empathy, in other words, the recognition of what is installed in the field evidencing the primary sensory characteristics arising from the present conflicts.

To explore the mutual persuasion relationship in the analytic situation, by understanding and interpretation of projective identification, is fundamental (McLAUGHLIN, 1991).

For the elaboration of a careful interpretation, the analysis of the transference, counter-transference aspects and the relationship between both becomes necessary (JACOBS, 1986); invest in interpretations that link the past to the current transference based on the consciousness of the 'here and now' (WHITE, 1992). To examine the 'clues' (gestures, actions, affections, dramatic aspects) present in the *enactments*, seeking to understand what these actions are, that is, what are the possible thoughts contained in them, and in this way find the words that will describe them.

Following, it is necessary to invest in verbalizations and clarifications, even with children, to help differentiate desires and fantasies from reality, seeking to reduce anxieties and organize conflictive emotions. Interpretative participative work is built, empathic, not as the archaic, intrusive super-ego, but rather as an 'invitation' to the understanding of the meanings of life (CHUSED, 1991; GABBARD, 1994; LEVINE, 1994; ALMOND, 1995; REED, 1997; JONES, 1997; BATEMAN, 1998; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001; WEISS, 2002; GOLDBERG, 2002; WURMSER, 2003; GERSON, 2004; VARGA, 2005; GINOT, 2007; CASSORLA, 2008; IVEY, 2008; GINOT, 2009; STRAUSS,

2012; SKOGSTAD, 2013; SAPISOCHIN, 2013; SAFRAN & KRAUS, 2014). The quality of the interpretation presented reflects the alpha function of the analyst (CASSORLA, 2008, 2012, 2013).

Frank (2002) also suggests the use of integrative interventions that encourage new and adaptative behaviors. He states that, besides the psychoanalytic-psychodynamic technique, using interventions based on the cognitive behavioral framework can also be therapeutic.

With adolescents and children, it is necessary to differentiate behaviors due to conflicts (then *acting-out*) of behavioral expressions through actions, common to these age groups. Emphasis is placed on the attitude to resist possible gratuities, or even aggressions, due to idealizations used by children or adolescents to compensate for self-perceived insufficiencies and vulnerabilities, in the expectation of being supported by the analyst/therapist (CHUSED, 1990, 1991; FELDMAN, 1993)

Another technical approach found to elaborate *enactments* concerns the self-revelation of the analyst about his own experience in the dyad. Cassorla (2013) states that, from the time that more freedom for analysts was conquered to consider and express their own feelings, the *self-revelations*, first for themselves, as well as with colleagues and supervisors, a new modality of studies emerged allowing to broaden the knowledge of the mechanisms present in the therapeutical relation which also involves the analyst.

According to Ginot (2007) this attitude can contribute to the patient's self-consciousness and growth. The authoress relates *self-revelation* to precocious experiences of attachment and motherly care, in which, due to the quality of the support received from the mother, stimulated the learning of the expressions of affection, initially favored by the activity of the mirror-neurons. Gilhooley (2011) considers the revelation of the analyst's mistakes in the sense of repairing the situation that is created, important. This consideration is, above all, for narcissistic patients who tend to perceive the interpretations as intrusive, and then repel them. The acceptance and reception of these refused answers favors the return of them to the patient through the elaborate 'mirroring' for the patient regarding the contents and their possible meaning. Self-revelation can favor a shelter and, at the same time, a return to the patient of what is taking place in the analytic situation, reinforcing the therapeutic alliance.

One of the possibilities is that answering the patient with spontaneous actions, affection and associations, the analyst employs a ‘fluctuating answer’ that complements his ‘fluctuating attention’, learning its possible meanings, avoiding answering in order to accompany the patient in the acting. (JACOBS, 1986; CASSORLA, 2013)

Attention about the revealing of their own interests is always necessary. It becomes favorable if it broadens the sense of therapeutic collaboration, the freedom to give voice to the transferences and perceptions in relation to the therapist and at the same time taking on the responsibility the feelings that arise counter-transferentially (CHUSED, 1991; SULLIVAN, 2007; IVEY, 2008; GILHOOLEY, 2011).

Friedman & Natterson (1999) mention a non-obligation in this sense, although they believe that, sometimes, it can be useful to the process. Ivey (2008) agrees with this, only if it facilitates and does not disturb the therapeutic process with characteristics of the professional or through apparent neutrality.

Cassorla (2013) warns of the possible mergers that are established in the dyad, since they may hide primitive defenses, that is, predominance of beta elements at the service of ‘non-dreams-for-two’, that is ‘chronic *enactment*’. The triade ‘curiosity, arrogance and folly (stupidity)’, should be always borne in mind, that is, thinking about how to satisfy the curiosities that arise in the analytical field. To remember that reality has a triangular characterization and that this is what in fact favors reflection. In other words, the constant verification that blind spots are not predominating and jeopardizing the analytical activity.

There is no unanimity regarding this aspect. In a general way, analysts and psychotherapists are warned about always being very careful in not giving up psychoanalytic principles in the sense of not creating *acting-out* situations (CASSORLA, 2013). Constant research can, certainly, answer this issue with more precision.

Overview of Publications – Quantitative Results

Authors and Nationalities

In all, 52 authors sign the forty-eight published studies. Of these articles, 43 were published by individual authors, three articles were published by two authors, a study is signed by a trio of authors and one article is written by a group of seven professionals.

Table 1 – Authors and Number of Produced and Published Articles About Psychoanalytic *Enactment*

AUTHORS	NACIONALITIES	Nº
Cassorla, RM (2001;2008;2012;2013)	Brasilian	4
Chused, JF (1990; 1991)	American	2
Hirsch, I (1992; 1998)	American	2
Feldman (1993; 1997)	South-african	2
Ginot, E (2007; 2009)	American	2
Friedman & Natterson (1999)	American	1
Brustein & Cheifetz (1999)	Canadian	1
Safran, J & Kraus, J (2014)	American	1
Zanoco,G, Marchi,A & Pozzi, F (2006)	Italian	1
Boston Change Group (2013)	American	1
Otjers Authors		31
T O T A L		48

Most Cited Authors

About the authors included in this systematic revision, the most cited are: Jacobs - 17 articles; Mc Laughlin - 15 studies; Chused - 11, Feldman and Ivey – four; Bateman – three; Levine, Friedman & Natterson and Frank – two studies. Cassorla (2001) is cited in two articles, besides being cited in three studies. It is also to be recorded that Cassorla is the author who most cites authors present in this revision, totalizing six: Jacobs, 1986; Mc Laughlin, 1991; Chused, 1991; Feldman, 1997; Bateman, 1998 and Ivey, 2008. It is possible to observe that these authors constitute a reference group and theoretical-technical basis regarding the psychoanalytic *enactment* phenomenon.

Scientific Journals

Table 2 – Scientific Journals With More Published Papers

JOURNALS	CITY/COUNTRY	Nº	%
The International Journal of Psychoanalysis	London/England	16	33,34
Journal of the American Psychoanalytic Association	New York/USA	10	20,84
Psychoanalytic Psychology	New York/USA	6	12,50
The Psychoanalytic Quarterly	New York/USA	6	12,50
American Journal of Psychotherapy	New York/USA	3	6,25
Journal of Psychotherapy Integration	New York/USA	3	6,25
The Journal of Analytical Psychology	London/England	1	2,08
Psychoanalytic Review	New York/USA	1	2,08
Psychoanalytic Study of the Child	New York/USA	1	2,08
Psychotherapy (Chic)	Chicago/USA	1	2,08
T O T A L		48	100

Of the journals cited most are from the United States (8 institutions, 64,58%) and from Europe, exclusively from London (2 institutions, 35,42%), identified in the Chart 2, as follows:

It can be observed that a significant percentage of publications occur in The International Journal of Psychoanalysis (33,34%), due to the specificity of the subject *enactment*, that has its grounding in psychoanalytic theory. It is also worth registering that, in spite of a journal of child psychoanalytic studies being included in the references, the article published in it does not present a clinical example with children (WHITE, 1992). The clinical examples that illustrate cases of children and adolescents are cited in other journals: Journal of the American Psychoanalytic Association (CHUSED, 1990, 1991) and The International Journal of Psychoanalysis (FELDMAN, 1993).

Periods of Publications: The frequency of publications included in this systematic review about the psychoanalytic enactment, since the first performed (1986), is not linear. The year

with the most publications is 2002, with five articles, followed by the year 2013, with four. There are some years when no study has been published in the databases consulted. It seems it is a concept still little invested in terms of research and published studies.

Types of Study - The predominance is of descriptive, theoretical-technical studies. Four of them do not present clinical examples (HIRSCH, 1998; ANCHIN, 2002; BONOVIKZ, 2009; STRAUSS, 2012) and 44 do present them. In one of them (CASSORLA, 2013) presents the report of a clinical supervision, showing the possibility of better understanding the *enactment* occurred in a supervised therapeutic work. Only one study (JONES, 1997) proposes an empirical model to assess the analytic interaction through the use of a quantitative tool with this aim. It is the PPQ-Set (Psychotherapy Process Q-set), authored by Enrico E. Jones, prepared in 1985, suggesting that phenomena such as enactments can be identified through empirical assessment. Also two articles were found, descriptive, that mention integration of subjective aspects and neuroscience (ZANOCCO et al., 2006; GINOT, 2007). The almost absence of quantitative studies is also observed, suggesting as a possible reason their being of a subjective content / nature and the difficulty to quantify aspects with these characteristics, although not impossible.

Clinical Examples and Diagnoses: Diagnoses are cited only in 16 studies and, in some of them, associated to more than one diagnosis, as for instance, anxiety and depression for the same patient. Borderline personality disorders predominate (six), anxiety disorders (four), narcissistic disorder (three), depressive disorder (five), obsessive-compulsive disorder (one), hysteria (two). The following table illustrates gender and age group of the patients.

Table 3 - Clinical Examples, Gender and Age Group of Patients

AGE GROUP	VIGNETTES	CLINICAL CASES	Male	Fem	Authors
CHILDREN	1	1	1	1	Chused (1991)
ADOLESCENTS (1993)	2	1	2	1	Chused (1990); Feldman
ADULTS	49	30	40	39	Other Authors
T o t a l	52	32	43	41	

FINAL CONSIDERATIONS

The performance of this systematic revision allows us to observe that, throughout a period of approximately thirty years, the psychoanalytic *enactment* concept can still be considered as something new, above all in the indexation of databases, since there is a lack of studies regarding this issue.

There are references since Freud, not about the *enactment* concept, but about inter-relational and inter-subjective influences that currently allow identifying this phenomenon. In the studies consulted the evidence predominates that there was a reflective and practical evolution through the clinical examples, about the psychic phenomena with bases in the projective identification and that the integration of these made it possible to draw up the conceptualization of psychoanalytic *enactment*.

Enactments have an alert function for the subtleties of the transference / counter-transference relation and its implications in the analysis (JACOBS, 1986). In itself are not therapeutic, however it may be used as a resource for psychodynamic comprehension, providing information about the contents of the fantasies and indicate experienced primary object relations: “The value resides not in the *enactment* in itself but in the observation, description and eventual comprehension of its transference meaning” (CHUSED, 1991, p.617). They reveal blind spots, as well as a possibility ‘to open the eyes’ about what is happening’. (SMITH, 1990; McLAUGHLIN, 1991; BATEMAN, 1998; CASSORLA, 2001; VARGA, 2005; CASSORLA, 2008; GINOT, 2009; CASSORLA, 2013).

Although not done on purpose nor indicated, Cassorla (2001, 2008, 2013) discusses about enactment as a possibility for pathological element discharges, that inhabit the psyche, through the projective identification. With the characterization of staging, it favors the expression of compromised mental aspects and consequently finding the resolution of these conflicts (WHITE, 1992; BATEMAN, 1998; CASSORLA, 2001; GOLDBERG, 2002; CASSORLA, 2013).

Even though considered, by some authors, as a ‘possible failure’ of the professional, the occurrence of the enactment is natural, therefore, inevitable (JACOBS, 1986; McLAUGHLIN 1991, BATEMAN, 1998; KATS, 1998; CASSORLA, 2001, 2003, 2008). Once due to the

inter-subjectivity that constitutes the analytical field, by the mutual influence of unconscious expressions, the real failure will be considered if it is not identified and therefore elaborated. While not identified, it maintains a defensive pattern against anxieties. The patient tends to make use of the analyst as a protective shield against the trauma. Compared to the mother carrying the baby's anxieties, and his attachment to her, seeking for protection, the patient binds to the analyst for the same reason, seeking support and containment (LaFARGE, 2004; CASSORLA, 2008; BONOVIKZ, 2009; STEINER, 2011; CASSORLA, 2012, 2013).

And, fundamentally, the analyst's perception (use of his alpha function) that will guide the analytical process, being able to 'catch hold of' the moments of difficulties that become installed and hinder (stunts, deadlocks), even managing to interrupt, the therapeutic development. Although being more easily perceived in the analytic processes, *enactments* are also present in the psychotherapy processes. The higher frequency of sessions can favor the perception of them, compared to a lower amount of sessions in psychotherapy, but always possible to take place.

It is reinforced, in the great majority of studies, that the technical preparation through the own analysis, clinical supervision, constant study and professional exchanges among colleagues are fundamental attitudes to be sufficiently aware of the role that must be carried out, aware of the role that has to be played in the analytic situation. The own analysis favors the clarity and objectivity of the analyst / therapist in order not to confuse own aspects of his personality with those of the patient (LEVINE, 1994). Supervision work is fundamental, since it is valuable at all levels of experience. It is said it is much easier to perceive counter-transferential manifestations in work colleagues than in oneself (CHUSED, 1990; LEVINE, 1994). Taking textual notes, talking with colleagues, paying attention to the patient's words and the sequence of these will favor the understanding and will involve him, even more, in the analytic process. (CHUSED, 1991; McLAUGHLIN, 1991; FELDMAN, 1993; CASSORLA, 2001; IVEY, 2008; CASSORLA, 2012, 2013). Case studies and research must be continued by psychoanalysts of different bases, which will contribute to increased awareness and validation of clinical facts (CASSORLA, 2001, 2012).

It is important to remember, as Levine says (1994, p.671), that "(...) there is not a correct analytic process but yes, many possible processes, each one containing their own

opportunities and inherent limitations for the comprehension, the growth and so on and so forth”.

As an alternative, paraphrasing Bruschiweiler-Stern et al. (2013) we suggest that the psychoanalytic enactment may be considered as a new relational and procedural ability inserted in the therapeutic relationship, with the possibility of being extended to the way of being of the patient towards others. At the same time, to understand the enactment as, besides a phenomenon, a technical tool that involves knowledge and sensitivity of the analyst / psychotherapist.

REFERENCES

ALLEN, D.M. Commentary on "The 'Ins and outs' of Enactment": A relational bridge for psychotherapy integration by Frank. **J Psychother Integr**, 12(3):287-293, 2002.

ALMOND, R. The analytic role: a mediating influence in the interplay of transference and countertransference. **J Am Psychoanal Assoc**, 43:469-94, 1995.

ANCHIN, J.C. Relational psychoanalytic enactments and psychotherapy integration: dualities, dialectics, and directions:comment of Frank. **J Psychother Integr**, 12(3):302-346, 2002.

BARANGER, M. & BARANGER, W. A situação analítica como um campo dinâmico. **Livro Anual de Psicanálise**, 24, 187-214, 2010. (Trabalho original publicado em 1961-1962)

BATEMAN, A.W. Thick-and thin-skinned organisations and enactment in borderline and narcissistic disorders. **Int J Psychoanal**, 79(1):13–25, 1998.

BION, W. [1962]. “Uma teoria sobre o pensar.” In: BION, W. R. **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p.127- 137.

BONOVITZ, C. Looking back, looking forward: a reexamination of Benjamin Wolstein's interlock and the emergence of intersubjectivity. **Int J Psychoanal**, 90(3):463-85, 2009.

BOSTON CHANGE PROCESS STUDY GROUP. Enactment and the emergence of new relational organization. **J Am Psychoanal Assoc**, 61(4):727-49, 2013.

BURNSTEIN, L.J., CHEIFETZ, P. Impasse or pseudo-impasse in the psychotherapy of an inhibited writer. **Am J Psychother**, 53(1):74-81, 1999.

CAMPEZATTO, P.V.M., VIEIRA, L.C., NUNES, M.L.T. Psicoterapia e resultado: um panorama mundial da produção científica 2001-2011. **Contextos Clínic**, 6(2):74-83, 2013.

CASSORLA, R.M. Acute enactment as a 'resource' in disclosing a collusion between the analytical dyad. **Int J Psychoanal**, 82(6):1155-70, 2001.

CASSORLA, R.M. The analyst's implicit alpha-function and enactment in the analysis of borderline patients. **Int J Psychoanal**, 89(1):161-80, 2008.

CASSORLA, R.M. What happens before and after acute enactments? An exercise in clinical validation and the broadening of hypotheses. **Int J Psychoanal**, Feb 93(1):53-80, 2012.

CASSORLA, R.M. When the analyst becomes stupid: an attempt to understand enactment using Bion's theory of thinking. **Psychoanal Q**, 82(2):323-60, 2013.

CHUSED, J.F. Neutrality in the analysis of action-prone adolescents. **J Am Psychoanal Assoc**, Assoc. 38(3):679-704, 1990.

CHUSED, J.F. The evocative power of enactments. **J Am Psychoanal Assoc**, 39(3):615-639, 1991.

FELDMAN, M. The dynamics of reassurance. **Int J Psychoanal**, Apr;74(2):275- 285, 1993.

FELDMAN, M. Projective Identification: the analyst's involvement. **Int J Psychoanal**, 78(2):227-241, 1997.

FERRO, A. O diálogo analítico: constituição e transformação de mundos possíveis. **Revista de Psicanálise da SPPA**, 3(1):47-63, 1996.

FONAGY, P. Apanhar urtigas as mancheias, ou por que a pesquisa psicanalítica é tão irritante. In: Green A, org. **Psicanálise Contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago; p.317-340, 2003.

FRANK, K.A. The "ins and outs" of enactment: A relational bridge for psychotherapy integration. **J Psychother Integr**, Set;12(3):267-286, 2002.

FREUD, S. (1905). Fragmentos da análise de um caso de histeria. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1972.

FREUD, S. (1910) As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1972.

FREUD, S. (1912) A dinâmica da transferência. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

FRIEDMAN, R.J., NATTERSON, M. Enactments: an intersubjective perspective. **Psychoanal Q**, 68(2):220-47, 1999.

GABBARD, G.O. On love and lust in erotic transference. **J Am Psychoanal Assoc**. 42(2):385-403, 1994.

GERSON, S. The relational unconscious: a core element of intersubjectivity, thirdness, and clinical process. **Psychoanal Q**, 73(1):63-98, 2004.

GILHOOLEY, D. 'Mistakes'. **Psychoanal Psychol**, 28(2):311-33, 2011.

GINOT, E. Intersubjectivity and neuroscience: understanding enactments and their therapeutic significance within emerging paradigms. **Psychoanal Psychol**, 24(2):317-332, 2007.

GINOT, E. The empathic power of enactments: the link between neuropsychological processes and an expanded definition of empathy. **Psychoanal Psychol**, 26(3):290-309, 2009.

GOLBERG, A. Enactment as understanding and as misunderstanding. **J Am Psychoanal Assoc**, 50(3):869-83, 2002.

GREEN, A. O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In: GREEN, A. **Sobre a loucura pessoal**. Trad. Carlos Alberto Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 36-65.

GREEN, A. O trabalho do negativo. Anexo 1. In: GREEN, A. **O trabalho do negativo**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

- GREENBERG, J. & MITCHELL, S.A. **Relações Objetais na Teoria Psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- HIRSCH, I. An interpersonal perspective: the analysts unwitting participation in the patient's change. **Psychoanal Psychol**, 9(3):299-312, 1992.
- HIRSCH, I. The concept of enactment and theoretical convergence. **Psychoanal Q**, 67:78-101, 1998.
- IVEY, G. Enactment controversies: a critical review of current debates. **Int J Psychoanal**, 89(1):19-38, 2008.
- JACOBS, T.J. On countertransference enactments. **J Am Psychoanal Assoc**, 34(2):289-307, 1986.
- JARDIM L.L., HERNÁNDEZ, M.D.C.R. Investigación psicoanalítica en la universidad. **Estudos Psicológicos (Campinas)**, 27(4):529-536, 2010.
- JONES, E.E. Modes of Therapeutic action. **Int J Psychoanal**, 78(6):1135-50, 1997.
- KATZ, G.A. Where the action is: the enacted dimension of analytic association. **J Am Psychoanal**, 46(4):1129-67, 1998.
- KLEIN, M. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: Riviere, J & Klein, M. **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- LaFARGE, L. The imaginer and the imagined. **Psychoanal Q**, 73: 591–625, 2004.
- LEVINE, H.B. The analyst's participation in the analytic process. **Int J Psychoanal**, Aug;75 (Pt 4):665-76, 1994.
- McLAUGHLIN, J.T. Clinical and theoretical aspects of enactment. **J Am Psychoanal Assoc**, 39(3):595-614, 1991.
- OGDEN T. O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In: **Os sujeitos da psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- OGDEN T. (1979). On Projective Identification. **Int J Psychoanal**, 60:357-373.

- PAGANO, C.J. Exploring the therapist's use of self: enactments, improvisation and affect in psychodynamic psychotherapy. **Am J Psychother**, 66(3):205-26, 2012.
- PEUKER, A.C., HABIGZANG L.F., KOLLER S.H., ARAÚJO, L.B. Avaliação de processo e resultado em psicoterapias: uma revisão. **Psicol. Estud. Maringá**, 14(3):439-445, 2009.
- REED, G.S. The analyst's interpretation as fetish. **J Am Psychoanal Assoc**, 45(4):1153-81, 1997.
- SAFRAN, J.D., KRAUS, J. Alliance ruptures, impasses, and enactments: a relational perspective. **Psychotherapy (Chic)**, 51(3):381-7, 2014.
- SANDLER, J. Countertransference and Role-Responsiveness. **Int Rev Psychoanal.**, 3:43-47, 1976.
- SAPISOCHIN, G. Second thoughts on Agieren listening to the enacted. **Int J Psychoanal**, 94(5):957-91, 2013.
- SHEDLER, J. The efficacy of psychodynamic psychotherapy. **Am Psychol**, 65(2):98-109, 2010.
- SKOGSTAD, W. Impervious and intruse: the impenetrable object in transference and countertransference. **Int J Psychoanal**, 94(2):221-38, 2013.
- SMITH, B.L. The origins of interpretation in the countertransference. **Psychoanal Psychol**, 7:89-104, 1990.
- STEINER, J. Helplessness and the exercise of power in the analytic session. **Int J Psychoanal**, 92(1):135-47, 2011.
- STERN, D.B. Partners in thought: a clinical process theory of narrative. **Psychoanal Q**, 78(3):701-31, 2009.
- STRAUSS, L.V. La sexualidad en el análisis: escucha y enactment. **Int. J Psychoanal**. 93(3):509-10, 2012.
- SULLIVAN, B.S. Alphabetizing in old age. **J Anal Psychol**, 52(1):1-16, 2007.

VARGA, M.P. Analysis of transference as transformation of enactment. **Psychoanal Rev**, 92(5):659-74, 2005.

WEISS, H. Reporting a dream accompanying an enactment in the transference situation. **Int J Psychoanal**, 83:633-645, 2002.

WHITE, RS. Transformations of transference. **Psychoanal. St. Child.**, 47:329-348, 1992.

WURMSER, L. 'The annihilating power of absoluteness'-superego analysis in the severe neuroses, especially in character perversion. **Psychoanal Psychol**, 20:214–35, 2003.

YERUSHALMI, H. Who crisis is it? A relational psychoanalytic perspective. **Am J Psychother**, 64(3):283-305, 2010.

ZANOCCO, G., DEMARCHI, A., POZZI, F. Sensory empathy and enactment. **Int J Psychoanal**, 87(1):146-58, 2006.

ZASLAVSKI J., SANTOS, M.J.P. Tendências atuais da contratransferência. In: Zaslavsky J. **Contratransferência: teoria e prática clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ABSTRACT

The continuity of psychoanalytic studies has been wide and progressive favouring the perception of the evidence of the phenomena that identify inter-subjective aspects that characterize the therapeutic relation in contemporary times, *enactment* being one of them. It is described from the mid-eighties as a demonstration in which analyst and patient unconsciously 'act out' the analytic situation, the psychic conflicts which need to be therapeutically elaborated. Due to unconscious forces mutually triggered between the participants in the therapeutic dyad, the *enactment* reveals the transferential / counter-transferential dynamics, that possess as a basic mechanism the communication conception of the projective identification, therefore interpersonal and inter-subjective. For this systematic revision / review, the PUBMED, LILACS and PsycINFO databases were consulted, selecting a total of 48 articles. An overview of the publications on the subject in question is presented, registering authors, magazines / journals, period, type of study, diagnosis, gender and age group of the patients referred to therein, describing, specifically, how these authors

understand and identify the concept of *enactment* and also how they perform the clinical management for its elaboration.

Key words – Psychoanalytic *enactment*, transferential/counter-transferential relation; inter-subjective relation; analytic dyad; analytic process; psychotherapeutic process; psychodynamic psychotherapy; analysis.

APÊNDICE 6 - Artigo de Resultados (Versão em Inglês)

PSYCHOANALITIC *ENACTMENT*: UNDERSTANDNG, IDENTIFICATION AND ELABORATION BY PSYCHOANALYSTS

Charlie Trelles Severo¹, Maria Lucia Tiellet Nunes², Cláudio Laks Eizirik³.

¹ Psychologist. Specialist in Analytically Oriented Psychotherapy-CELG. Mastering in Medical Science: Psychiatry, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brazil.

² Psychologist. Doctor in Clinical Psychology, Free University of Berlin, Germany. Full Professor at PUCRS. Professor at the Families and the Individual Studies Centre (CEFI), Porto Alegre, RS.

³ Psychiatrist and Psychoanalyst. Doctor of Medical Sciences: Psychiatry. Full Professor of Psychiatry-UFRGS; Psychoanalytical Society of Porto Alegre-SPPA, Porto Alegre, RS, Brazil.

INTRODUCTION

Freud (1915) refers to the incredible possibility of the unconscious of a human being to react to that of another one without the conscious being activated, indicating the unconscious communication among people and suggesting, since then, the inter-subjectivity which exists in human relations. This characteristic stimulates innumerable psychoanalytic studies that support the inter-relational and inter-subjective theories which arose mainly from the works of Grinberg (1957), Bion (1961), the Baranger couple (1962) and sustained contemporarily by Greenberg & Mitchell (1983/1994), Joseph (1985), Green (1988), Ogden (1995) and Ferro (1996). The knowledge of the transference, counter-transference (FREUD, 1910/1974; 1912/1974), analytic field (BARANGER, 1962), third analytic (OGDEN, 1995), all having as their basis the projective identification mechanism (KLEIN, 1946/1982), still stimulate studies about the phenomena present in human relationships, including the psychotherapeutic relationship and the analytic relationship. In the latter, the repetition possibility and intersection of the transferential aspects, counter-transferential and of the projective identifications and which favor the transformative emotional experiences through the permeability of the analyst and the analytic field.

With this evolution, it can be identified within the theoretical-technical psychoanalytic context the *enactment* concept. Initially introduced by Jacobs (1986), possible to be observed even in the most subtle counter-transference responses, the *enactment* indicates aspects of

psychic functioning expressed in gestures, expressions, attitudes and finally in behaviors, revealing unconscious obstructions or difficulties of the capacities of verbal and symbolic expressions. Characterized by actions ('acts'), enactment is etymologically described by McLaughlin (1991, p.597): "(...) the verb 'act' is defined between two modifiers. By itself, 'act' (...) brings in itself the sense of 'acting', 'do', 'do his will by force', 'exert power', 'behave like an actor to simulate or disguise' (play the role of); (...). The prefix "en" emphasizes "act" as a noun, expanding the concept of 'put into or on top of, cover, involve, wrap up in', attributing more intensity to the expression; the suffix "ment" further intensifies the import and the density of "act" as a noun."

In this basic conceptualization, we can perceive that the theoretical substantiation that sustains the evidence of the enactment phenomenon is centered in the theory of the object relations, begun by Melanie Klein. In this way, the characteristics unconscious, communicative and of mutual imposition that comprise the manifestation of *enactment*, are found. As a connection axis between these characteristics, the projective identification mechanism is identified, in both its defensive purpose (negative emotion discharges), as well as the communication, that is the expression of psychic *functioning* hitherto structured. In this last sense, the theory of Wilfred Bion can be perceived, who emphasized the formation process of human thought, transforming the primitive mind into a mind capable of developing itself, therefore reflexive and relational.

Specific works about the content of enactment are being performed for the last thirty years of psychoanalytic studies, what allows it to claim to be, still, a new concept. Since it comprises a set of transference aspects, counter-transference, acting out, acting in, repetitions, updates, communications that occur in the analytical field, it is worth noting that enactment constitutes, as stated by Bateman (1998) as a hybrid concept. In this way, especially in the last decade, we find continuity and conceptualization, mainly in the studies by Cassorla (2001, 2003, 2004, 2005, 2008, 2011, 2013b). Parting from these basic characteristics that constitute the enactments, this author presents the idea of the therapeutic relationship as a space-time situation in which feelings, sensations and thoughts between the members of an analytic pair, can be observed being 'staged' as in the theatre. Scenes are built or constructed, plots are revealed with significant expressions of what was experienced/suffered when being

elaborated. Therefore, he proposes the use of the expression '*placement on the scene of the pair*' increasing the understanding of the enactment term. With this addition to until then presented concept, the author recalls that since Freud (1940, *apud* CASSORLA, 2003a), although he never used the expression enactment, the characterization of enactment in the analytic situation is present.

Identified as an evolving concept with subjective characteristics that define it, it is believed that qualitative studies can confirm and/or find more answers about the manifestation of the enactment phenomenon.

These brief historical and theoretical basis introduce the present study that aims to identify how psychoanalysts understand, conceptualize, identify and elaborate *the enactment* phenomenon. As secondary objectives, to discuss the theoretical foundation that supports this theme in contemporary practice, as well as presenting experiences and therapeutic practices to professionals in this field, not as models but as an illustration of situations which can be identified, as well as an exchange of views on the work experienced.

METHODOLOGY

The design of this study is qualitative descriptive, considering what Flick (2009, p.20) claims as to the current diversity of human thought, the accelerated social change, the characteristic globalization of post modernity, finally, as he states himself, 'the pluralization of the walks of life'. This context "(...) demands a new sensibility for the empiric study of the issues (...) the narratives now must be limited in local, temporal and situational terms". The study of the subjective meanings and of the experience and daily practice is so essential as the contemplation of the narratives (SARBIN, 1986; BRUNNER, 1991 *apud* FLICK, 2009). Emphasizes: The qualitative research studies the knowledge and the practices of the participants" (p.21).

Participants

They were chosen from a list of names of professionals linked to a psychoanalytic institution associated to IPA (International Psychoanalysis Association) in Rio Grande do Sul/RS/Brazil, taking into account their professional experience. It therefore constitutes a non-

probabilistic sample, intentional and for convenience's sake. The total number of participants was reached with the saturation method defined as the suspension of including new ones, when the data obtained, starts to present, in the opinion of the researcher, some redundancy or repetition without being regarded as relevant to persist in data collection (FONTANELLA, RICAS & TURATO, 2008). There were eight interviews, divided as follows: two analysts in training, four psychoanalysts associate members and two training analysts. In the pilot study, we interviewed two psychoanalysts, associate members of the same institution. As the results of this study in particular achieved their goals, and were similar to those of the research, it was decided to also include them in all the results of this one.

Exclusion criteria

Analyst familiar or of the acquaintance of the researcher with whom he had some kind of relationship were not included in the sample.

Instrument-Interview Guide for Data Collection

A mixed type questionnaire was used (AMADO, PÓVOA & MACEDO, 2005), containing closed and/or open answer questions, in which the professionals expressed their ideas and experiences. This instrument was developed by the researchers, tested and approved in the pilot study and then used as a guide for the interviews. These were recorded and transcribed by the researcher.

Data analysis

The qualitative data analysis was performed using the Content Analysis Method (BARDIN, 1977). In this, any form of communication, spoken or written, are subject to analysis of the content and consists in classifying the different elements of a text according to criteria that allow the emergence of a certain order. It involves five stages: a) *Preparation of the information*: the material is read several times and after, each interview is numerically coded; b) *Use or transformation of the gross content into significance units (SU)*: identified the significant expressions related to the topic researched and individually encoded in each interview; c) *Categorization*: the units of meaning are grouped by similarity or analogy to form the thematic categories; these categories must comply with the criteria of homogeneity

and together acquire a meaning; d) *Description of the findings*: the results are informed through the synthesis of a text that expresses the meanings present including the direct citations and original data of the interviews; e) *Interpretation or discussion of the findings*: objectivates the understanding of the contents described building a theory having as a basis the information and categories found.

Ethical aspects

The present study followed the guidance given in CONEP 466/12 resolution and was approved by the Ethics Committee on Human Research of the Federal University of Rio Grande do Sul (CEP/PROPESQ/UFRGS), registered under number 443.358. All participants were informed of the research objectives and guaranteed their anonymity through the Free and Clarified Term of Informed Consent.

DISCUSSION OF THE RESULTS

The results of this study are presented in categories of answers, illustrated by verbalizations of the interviewees, without them being identified. The total number of significance units (SU) obtained was 781 (seven-hundred and eighty-one) verbalizations, comprising an average of 97.62 SU per interviewee being the smallest number of SU 108 and the largest, 179. Following this classification, thirteen resulted as Intermediate categories and three Final categories, as follows: Theoretical Foundation, Technical Rationale and experience level, as recorded in Charts 1, 2 and 3.

Final Category THEORETICAL FOUNDATION ABOUT PSYCHOANALYTIC ENACTMENT

Chart 1 – Final Category Theoretical Foundation About Psychoanalytic Enactment

C A T E G O R I E S		
INITIAL	INTERMEDIATE	FINAL
Notion of dynamic unconscious; pulsion; trauma; anxiety; principles of pleasure and reality; projective identification; transference; counter-transference; objectal relations; analytical field; theory interrelation; enactment; 1st and 2nd topical;	Psychoanalytic Concepts (112 SU)	THEORETICAL FOUNDATION ABOUT PSYCHOANALYTIC ENACTMENT (426 US)
Freud; Klein; Fairbain; Bion; Winnicott; Baranger; Betty Joseph; Sandler; Meltzer; Ogden; A.Green; A. Ferro; Grodstein;	Psychoanalytic Authors (26 SU)	
Lyotard; Bauman (Modernity and Post-Modernity)	Other Authors (Philosophy; Sociology) (1 SU)	
Concept of <i>enactment</i> ; Types of <i>enactment</i> ; Authors of <i>enactment</i>	Characterization of <i>Enactment</i> (202 SU) (06 SU) (23 SU) (Total: 231 SU)	
<i>Enactment</i> and <i>acting-out</i> ; <i>enactment</i> and Projective identification; <i>enactment</i> and negative therapeutic reaction; <i>enactment</i> and resistance	Theoretical Comparison (56 SU)	

SU – Significance Units

Includes the elements that sustain the general psychoanalytic theory and, specifically, the theory underlying psychoanalytic enactment. It is subdivided into five Intermediate Categories. They are:

Psychoanalytic Concepts: describe the concepts that characterize the Psychoanalytic Theory and that, nowadays, are considered important for the psychodynamic understanding of the individual. All the interviewees referred to the notion of Unconscious as the main psychoanalytic concept and that, parting from it, the other characteristics of the theory developed. Most of the participants also cited the *enactment* as a contemporary psychoanalytic concept. Referred to also as important, by all participants, the concepts of Transference, Counter-transference, Projective Identification, Analytic Field and Inter-

subjectivity. Although not predominant in the answers of all interviewees, the concepts of Anxiety, Narcissism, Trauma, Objectal Relations and Oedipal Complex were also referred to. Found 112 SU.

Examples of verbalizations:

“The great concept.... The concept that establishes, in fact, an epistemological field, and the concept of unconscious”.

Psychoanalytic authors: authors considered fundamental in the theorization of Psychoanalysis are referred to. Unanimously Freud, Melanie Klein, Bion and Winnicott were cited as classical authors. Considering the theory field, the Baranger couple are cited. Besides these, although not unanimously, William Fairbairn, Herbert Rosenfeld, Pierre Marty, Betty Joseph, Donald Meltzer, Joseph Sandler, André Green, Thomas Ogden, Antonino Ferro, César and Sara Botella were referred to. Found 26 SU

Verbalization examples:

“(...) Bion and Rosenfeldt, the Kleinians, as well, mainly, were those who brought that possibility of people being able to look at the objectal relation”.

Other Authors: citation of non-psychoanalytic authors, but that are also studied as an extension of knowledge of human development. Two authors were mentioned: Zigmund Bauman, a Polish Sociologist and Jean-François Lyotard, a French Philosopher. They both developed significant works related to social human conditions, above all regarding Modernity and Post-Modernity. Found 01 SU

Characterization of Enactment: encompasses characteristics related to the definition of *enactment* and its manifestations. It is subdivided into the following Initial categories:

Concept of Enactment: refers to the definition of psychoanalytic *enactment*, that is, how the interviewees understand the *enactment*. Found 202 SU.

Verbalization examples:

“(...) Is the representation on stage ... represents traumatic issues and the history of the analyzed within the analytical field ... puts on stage archaic psychic pain through the interaction of minds, of the two minds of the couple ... (...) both represent roles unconsciously

interrelated and indeterminate brings up the trauma in the relationship or the traumas during the process that is all you want. "

"(...) Always presupposes a joint action, unconscious, of the two, one defining in the other something of that joint action ... within these object relations, one influences the other ... it is a mutual influence."

"(...) The communication of something unconscious pro unconscious of another something that can not be put through verbally ... forms a resistance area that can sometimes, let us say, not prevent, but hinder the progress of the case ... it is a resistance formed by the interplay of projective identifications of the pair ... ends up being served, put on stage by the pair "

Authors of Enactment: authors who, specifically, developed the psychoanalytic enactment since its first reference by Theodore Jacobs, in 1984 to current authors are cited. Found 23 SU.

Verbalization examples:

"Cassorla (...) he is already working post enactment I don't know if anyone abroad is so dedicated to working with this like Cassorla.... I do not know another name...."

All the interviewed referred to the work of the Brazilian psychoanalyst Roosevelt Cassorla who, although not a pioneer in the subject, presents a significant literary production regarding *enactment*. In his work, it is possible to find the historical comprehension, as well as the fundamentals and classifications of how this phenomenon is processed. His study made possible the expression 'placement on scene of the pair' as a synonym and definition of enactment. Two authors, pioneers of the subject (T. Jacobs and McLaughlin) were mentioned by two interviewees. Other cited authors are: Mauro Gus, Nelson Nazaré, Elias Rocha Barros, brasileiros, Stela Yardino, Uruguayan and Sapisochin, Spain.

Types of Enactment: In the description of the phenomenon, they were classified as chronic or acute *enactments*. They are specified in terms of intensity, durability and dependents of the perception of the existence of what takes place in the analytic field. When cited, they mentioned Cassorla (2001, 2003, 2005, 2008, 2011, 2013b). Found six SU.

Verbalization examples:

Acute Enactments: "Acute are those more specific, which take place in one, two, three sessions and that you soon realize" "the Acute is the precipitation there, what happens at the moment, giving the opening for this chronic enactment."

Chronic Enactments: "What leads to chronic enactment installation is the presence of the death drive ... affects unconsciously, negative ... it is a repetition, a monotony, which numbs the pair, leading analysis or therapies, unavoidably to iatrogenic, false results, worsening of the clinical condition, interruptions, collusions or impasses."

The expressions extended *enactments* or short – or brief or acute, are also found in the literature (FRIEDMAN & NATTERSON, 1999).

Theoretical Comparisons: differences and similarities between *enactment* and *acting-out* are described, negative therapeutic reaction, the relationship with projective identification, the relationship with resistance. Found 56 SU.

Verbalization examples:

"*enactment is very near to acting which is also Freud's 'Agieren'.... or put into action ... the two aim to communicate something to the analyst of what is happening ... in this sense I think the enactment and the acting are similar.*"

"(...) *acting is only of the subject, his mind and a situation he created ... you are not a co-participant ... it is easier for you to discriminate ... you see that the subject is making a discharge ... more impulsive, more pulsional, more like raw material ... has this trait of impulsivity, not to think along that usually very close to discharging elements of the pulsion in the rough, little changed, not symbolized they have a similar basis in meaning that goes by action.*"

It is possible to identify theoretical correspondence and substantiation defining the *enactment* as an unconscious phenomena, therefore liable to psychoanalytic comprehension. Highlights the inter-subjective characteristic, identified in the mutual and persuasive exchange of projective identifications. We observe the statement that enactments have 'evocative power' (CHUSED, 1990, 1991), allowing the object relations to be revived, repeated and staged (*enacted*) in the analytic field (JACOBS, 1986; McLAUGHLIN, 1991; LEVINE, 1994; FELDMAN, 1997; BATEMAN, 1998; HIRSCH, 1998; FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; CASSORLA, 2001, 2012, 2013b; VARGA, 2005; GUS, 2005, 2007; IVEY, 2008; STRAUS, 2012; SAPISOCHIN, 2013). Such potential allows the therapeutic pair to use these contents as "dreams for two" (CASSORLA, 2001; 2004; 2005; 2008; 2011; 2013a, 2013b, 2014), constituting the 'text', result of the intersection transference / counter-transference, to be

analyzed during the analytic process. According to Renik (1997, p. 10) the enactments are “(...) the necessary text for the analysis of the transference”.

Situated in this ‘field/stage’ (therapeutic space) and with a ‘text / script’ (psychic content) to be analyzed (analytic process), analyst and patient, through the inter-subjective relationship established (inter-text/transferential-counter-transferential relation), objectify the comprehension of the ‘plot’ presented. This plot is revealed through the expressions and/or fantasies that fill in the analytic field. Both, patient and analyst, reach symbolisms that constitute a healthy psychism. Unable to ‘dream’, that is, of thinking according to the bionian theory, the therapeutic evolution becomes obstructed, establishing in this way the ‘non-dream-for-two’, in other words, the pair are under the effect of an *enactment* (CASSORLA, 2001, 2008, 2011, 2012, 2013a, 2013b).

Although a paradox, the *enactments* present defensive and resistance characteristics, but also of communication potential. In this way defined, enactments reveal possibilities for a corrective emotional experience (ALEXANDER, 1946 *apud* ZIMERMAN, 2001) or transformative (ZIMERMAN, 2001) in which old conflicts can be experienced with better resolution currently (FRIEDMAN & NATTERSON, 1999; VARGA, 2005; SULLIVAN, 2007; IVEY, 2008, PAGANO, 2012; CASSORLA, 2013a).

Differences between *enactments* and all other phenomena that involve action as a discharge of anxieties are also recalled. *Enactments* are related to the involvement and joint actions of the analytic pair, while *acting-out* is an individual behavior (BATEMAN, 1998; PERELBERG & LEVINSON, 2003; CASSORLA, 2001; 2003a; 2005; 2012; SAPISOCHIN, 2013).

Final Category TECHNICAL RATIONALE ABOUT PSYCHOANALYTIC ENACTMENT:

Chart 2 – Final Category Technical Rationale About Psychoanalytic Enactment

C A T E G O R I E S		
INITIAL	INTERMEDIATE	FINAL
Free association; fluctuating attention; playful interpretation; observation of the non verbal content; Neutrality is relative; interpretation is the instrument of excellence; maturation of the analytical field; strengthening of defense mechanisms;	Psychoanalytical Technique (19 SU)	TECHNICAL RATIONALE ABOUT PSYCHOANALYTIC ENACTMENT (242 SU)
Rethink situation; attention to the transference and counter-transference; repetition of fantasies; evocations, sensations, reactions, own feelings and/or ideas; representation of object relations; reflection of counter-transference dreams; think about roles carried out; to realize;	Identification of the <i>Enactment</i> (112 SU)	
Work more the maternal reverie than the interpretative; naming feelings, such as Bion suggests; function as good enough mother, as Winnicott says; address the enactment from oneself, when you see they came in together; the 'unrepresentable' needs to be resumed, figured out, narrated; overcome initial resistances; perform bond creation work, of trust; analysis of the counter-transference;	Elaboration of the <i>Enactment</i> (75 SU)	
Useful for understanding the counter-transference; performs role of communicating; lets the field live and the analyst freer; can think together; allows experiencing 'errors'; aims to dissolve the collusion; propitiates archaic experiences in the setting, by both components of the pair;	Application/Utility (21 SU)	
Freudian Technique and Kleinian Technique; Psychotherapy and analysis; <i>enactment</i> in analysis; Psychotherapy & <i>acting-out</i> ; <i>acting-out</i> & <i>enactment</i> ; <i>enactment</i> and Interpretation	Technical Comparisons (15 SU)	

SU – Significant Units

Approaches and technical procedures characteristic of Psychoanalysis are described, as well as those directly related to enactment. It has been subdivided into five Intermediate Categories.

Psychoanalytic Technique: it refers to the techniques, the procedures and the interventions used to approach and understand the unconscious in the analytic process. Found 19 SU.

Verbalization examples:

“(...) neutrality, it is relative.... people are always reassessing this and opened the patients needs, what he needs.... in general, I intend to value, without confessing....”

“(...) interpretation is the tool of excellence... it has an important role... the therapists interventions are important as a whole set ”

“For analysis and how the analytical field progresses ... we do not measure the analysis by external issues ... the analysis is conceptualized, in contemporary times, the nearest access to the pulsions ... but soon, we will be working the pulsions, more modifiers of character... ”

Identification of the Enactment: this category comprises the descriptions of what is necessary to identify the *enactment*. Found 112 SU.

Verbalization examples:

“(...) starts from pre-symbolic material, but in the mind of the analyst from a stimulus of the primitive mind of the analyzed person we have to focus the psychic reality of the patient in this way.... We evoke a memory of ours, or, let us say, a figurability, due to the concept of the Botella's.... of Cesar and Sara Botella You manage to feel uncomfortable in the schizoid-paranoid position.... The pre-symbolic aspect is evoked that, not being analyzed, not being possible to be accessed yet..... we access then through this phenomenon of enactment”.

“(...) when I begin getting a signal.... when I begin having repetitive feelings in relation to the patient.... my fantasy shows these pre-verbal signals... I believe it is something like an alert signal, something like that, there is something there that I am not understanding and are not managing to be spoken about”

“(...) we identify some functions or roles that were not clear and that came to our mind, lets call it like that, through that way....we also stage things that are not a part of our repertoire... suddenly we are doing them.....”

“(...) I am always listening to the patient and listening to what I heard from the patient... all that, that the impact of the patient causes on me about him, in relation to him... I am also paying attention to what I am feeling and thinking regarding that situation that he is showing me....I am always paying attention to him and to myself... in this paying attention to myself that, every so often, I end up perceiving some things, by the action of him on me, what he is not telling me verbally, but is telling me in another way, in the measure he causes certain reactions in me.”

Enactment Elaboration: comprises how to proceed and draw up the resolution of this phenomenon. It is described, significantly, the need to consider the perceptive immaturity of patients and therefore work closely in forwarding the elaboration of enactments. Found 75 US.

Verbalization Examples:

“(...) as Bion says: it is more a maternal rêverie job, than interpretative proper... if he (the patient), does not embed, how will he know in the rêverie what is going on?! Give names to the feelings, as Bion works, function as a sufficiently good mother, as Winnicott describes... show some things that the patient does not see until he begins to connect that this makes sense that he did not think he would find ... what was split, somewhat unrepresentative, it must be resumed, figured, narrated, put into words ... there are certain patients that they need a "shower of words" ... as if it were a reverie in terms of words ... of what they mean ... when people are more regressive and need more support, they need, look here, almost a ‘lap’, sometimes.... he takes a long time needing to bind. ”

“(...) from the moment he is understood, being communicated.... the elucidation of the enactment, the moment in which this manages to be analyzed, it gains a sense for the pair, I believe that it facilitates the process.... It is worked inside... the pair, let us say, works together in unison.”

“(...) it depends of the pair.... who is the patient, who is the analyst.... the satisfactory management by the pair, of an enactment, is the possibility of opening the field for the emerging of new enactments, let us say... and so on and so forth.”

“(...) you have to be very careful for not simply returning that which was projected into the patient... when people are very involved, very taken in by the counter-transference, it is better for us keep quiet and pull yourself together... reconstruct yourself internally”.

“(...) the interpretation must, or the pointing out or observations, to take place when the analyzed person and the analyst are in the same vertex... he will hear the transference interpretation after the symbols are better structured, because he will understand the transference interpretation... if not, they speak in overlapping languages (...) there is no complicity, there is no communication channel, there are different things that take place...(...) the analyst has to use his mind to symbolize and integrate, in some way, the aim to point out within the analytical field so that the patient can understand ... strengthen the mental mechanisms and their confidence in the analytical work ... what puts the pieces together again are the feelings of affection, the emotions they cannot deal with due to the continuous torpedoing of the original sadism, that comes to him, let us say, in a natural state, without any elaboration by the own ego....this is the analysis of the acute enactment.... With the acute enactment we access the death pulsion... it is a “turning point”, It is a turning point in the technique.... The intensity of concreteness and reality to the impact, isn't it, which causes in

the other person, the one being analyzed.... we are with the traumatic issue and what that represents in your mind... us analysts, We have to do as the sewing of all these fragments through a manifestation of representation on the scene ... the sewing than he (the patient) could not sew ... evoke the unconscious fantasies that are making a comeback and being revitalized in the relationship between the analyst and his patient. "

Application/Usefulness: It covers the characterization of the application and usefulness of this phenomenon. It is described unanimously, as useful, especially nowadays, also as a technical tool for studying and understanding the analytical field, favoring 'the work of thinking together'. Found 21 SU.

Verbalization examples:

"(...) it is useful to understand the counter- transference, to understand what is happening in the field or something in the patient's life."

"(...) being a trainee analyst and young, I believe that contemporaneity would not have space if not for that type of communication..."

"(...) enactment has become more and more welcome.... olden days, I think it was more frightening.... nowadays, it is more communicative... it warms up, in a way, the treatment... something that heats... I forgot to mention the richness.... That is always good... it ends up by authorizing people allow themselves to leave things looser... concepts like this vitalize the analyst... this is also very welcome for the analyst to also experience 'mistakes', in quotes... bringing a more emotional answer, let us say, from the analyst... from thoughts to acts, right?... so I think it liberates the analyst a little, for him to have, fear, in this way, of involvement with the patient, I become scared with the patient's proximity, of him perceiving things about me.... The good part is that vivaciousness that remains in the field.... Sets the pair freer, to say it somehow, leaves the field more alive and the analyst more accessible, somehow, for the patient... not so distant... allow being able to think together."

"(...) the function is to encourage the archaic experiences in the setting, by both components of the pair... enactment aims then dissolve the collusion that forms ... There is no analytical process without enactment..... enactment is a spontaneous demonstration ... not something undesirable of the process."

Technical Comparisons: differences of the Freudian and of the Kleinian techniques are referred to; reports of the different techniques in the approach of the *enactment* in the psychoanalytic treatment (Analysis) and in the psychotherapeutic treatment (Psychotherapy), as well as the attendance of children. Found 15 SU.

Verbalization examples :

“(...) the enactment comes even once a week... it can heat up in a way it does not cool down... ... it has the difference of psychoanalytic therapy and analysis.... Analysis has more space for that ‘boiling’...”

“(...) relating to the child adequately, to his or her development, is what most remains present”.

It can be observed that, to identify and elaborate *enactments*, the fundamental criteria is: *‘becoming aware... realize what is taking place.... Think’*. These words are the example that the lack of consciousness of the inevitability of the *enactments* is what raises the problems in the field and not necessarily the counter-transference (HIRSCH, 1992). In this sense, the characteristic is described that the *enactment* is perceived in retrospect (SMITH, 1990; LEVINE, 1994, BURNSTEIN & CHEIFETZ, 1999; CASSORLA, 2001, 2005, 2008; FRIEDMAN & NATTERSON, 2006; SULLIVAN, 2007; IVEY, 2008; BONOVIITZ, 2009; STRAUS, 2012; SAPISOCHIN, 2013).

Another basic report is the time necessary for this ‘becoming aware’ materializes, since it depends on personal characteristics of the analyst / therapist as well as of professional experience (CASSORLA, 2012, 2013a, 2013b). Its reflexive capacity or alpha function (BION, 1961; CASSORLA, 2008, 2009) is taken up from the perception of the feeling that something is blocking the therapeutic flux. This moment can be called as *‘turning point’* (BATEMAN, 1998), *‘the analysts cry of freedom’* (SULLIVAN, 2007), *‘breaking point’* (YARDINO, 2010), *‘sudden break-up’* (CASSORLA, 2001) or *‘Moment M’* (CASSORLA, 2005, 2008, 2009). The continuity of a chronic enactment, that is to say, the analytic field dominated by the death pulsion (GUS, 2005, 2007), as well as the participation of the analyst/therapist as narcissistic extension of the patient, is interrupted (CASSORLA, 2001, 2012).

In the illustrative examples, the indicators such as “(...) keeping an eye on oneself“, as Cassorla states (2013b, p.534) keeping the ‘dual state of consciousness’, this is observer and participant at the same time (GABBARD, 1994). This attitude of fluctuating attention will favor the therapeutic dynamics, for, in these moments of ‘break’, that correspond to acute enactments, the collusions (bulwarks) and deadlocks cease (CASSORLA, 2001). Reflecting on the ‘roles’ imposed and assumed, the professional has the chance of pointing at the

traumatic situation, dealing with the solution of the conflicts. This solution will be reached, gradually, through the *reverie* work (BION, 1961) objectively told by one of the interviewees.

This protection, which is also an emotional exchange, favors figurability or representation to the constructions of preverbal sensations (BOTELLA, 1997 *apud* GUS, 2007) or capacity to create symbols. Develops or recovers, the triangular space necessary to maturity and psychic autonomy (CASSORLA, 2012, 2013a, 2013b, 2014).

Final Category LEVEL OF PROFESSIONAL EXPERIENCE:

Subdivided into three intermediate categories, it characterizes itself as the set of elements that contribute for the development of professional experience.

Chart 3 – Final Categorization Level of Professional Experience

C A T E G O R I E S		
INITIAL	INTERMEDIATE	FINAL
Research/Study/Technical preparation: theoretical framework and systematic update; Study group; case studies and research of what is happening in the relationship; favors thinking the concepts; need to study more about; good subject to study; more new professionals already know more about it, will work better;	Analyst Formation (75 SU)	LEVEL OF PROFESSIONAL EXPERIENCE (113 SU)
Own analysis: personal treatment; developed psyche; self-criticism; self-perception of what is being lived particularly;		
Supervision; talk to colleagues; institutional Relationship;		
The clinic shows that it is with few patients that works just like the theory; relationship with the patient shows the possible applicability of the technique; the perception of what takes place in the session favors self-perception too; the more I matured personally and professionally, the easier it became; at first I thought it very difficult; early conception of a patient's conflict is problematic; countless situations of <i>enactment</i> : end before the time; patient who saturates the field, almost the level of the unbearable; intolerances;	Clinical Practice (24 SU)	
I began to blame myself, to have ethical questions with myself, my work, my intellect and I went to study current authors; the technique has evolved and lot, demands more from us; nowadays analysts must have participatory approach; the issue of neutrality, abstinence, is sacred; Green says that we can not enter the sacrificial operation; have certain humility with not knowing what is natural about this work, this constant not knowing what challenges you; the analyst is always me, this is the stable factor; Psychoanalysis is changing and needs to assimilate; I think we are changing models; I have confidentiality issues;	Reflections and Attitudes About Clinical Practice (14 SU)	

SU – Significant Units

Analyst Formation: It refers to all procedures in the psychoanalytic training, subdivided into categories initial: Study/Research/Contribution Theoretical/Technical Preparation, Own Analysis and Supervision. Found 75 US. Found 75 SU

Verbalization examples:

"(...) if the therapist does not have the unconscious apprehension capacity, he will find it difficult to deal with conflicts. "

"(...) I think that the limit of every analyst is his own analysis ... if you come in very narcissistic, you cease to be aware of small signs that can tell me, in any situation, that an enactment can be created. "

"(...) the issue of language, of the metaphor and also how much I allow myself to speak in the session, which I dose with each patient ... I do not even know if any analyst was so silent as I, because between the technical texts and what people do in their offices, there is a distance. "

"(...) if you train a lot with case readings ... talk a lot with your colleagues ... have a critical attitude towards oneself ...it is very hard on us to train to identify, to work ... is not that way in the first reading of a book that one comes out already seeing this issue very well ... "

"(...) What you are as an analyst, that is what you will be able to be with your patient... based on training, being able to be more alive with the patient... feeling less guilty if enactment takes place, of that being bad".

"(...) increase of perception.... increase of the abstraction capacity.... if we are not careful, the analysis can last years... many times the impasse takes place when there was not a selection, let us say, efficient, of the patient for analysis or for that analyst.... The analyst does not ask himself: 'is this patient for me to analyze or would he be better analyzed by another colleague?' who knows he would be analyzed in another way with another analyst..."

"(...) I find that Psychoanalysis is changing... a new type of knowledge has turned up in the last few years, which is neuroscience It is a way of proving that which Psychoanalysis has been saying ... I believe that we are changing the model these things have to become intertwined. "

When they say "Psychoanalysis has not evolved, it is the same as in the time of Freud", I go crazy... it is evolving all the time.... It is a very live science.... Very clear evidence."

"(...) practice always goes before teaching.... people start doing things and only later it is really going to be taught.... We must do this that we are doing here: study the issue... this type of research moves me quite a lot, it always adds something It is a chance I have of going over many things To think over concepts.... People grow a lot discussing."

"About enactment in itself, I think I have not studied it in depth.... I believe I should study about it more, but in this way, in terms of concept... I think I should study more enactment... (laughs)"

Clinical Practice: report the processing and the assimilation of situations, attitudes and experienced positions and which, taken all together, constitute the level of professional experience. Found 24 SU.

Verbalization examples:

“(...) I would have been a classical analyst with a certain difficulty to keep still... I like talking! A patient said: ”the musicality of your voice calms me down...” Imagine taking on a patient like this and impose on him a hard silence... it is against my religion!’... ten, you know, when your son needs you to go and ask him: ‘but what happened, tell me calmly... let’s see...”

“(...) the clinic showed me that with few patients we had access to work in this way, as it was imagined that a good analyst would ... ”

“(...) the patient said this to me on one occasion: “It seems you are more irritated today?!’. When my father died, I had a period of mourning.... He must have perceived my emotional state but, somehow, he triggered something that made me feel... more irritated....when I began to think and to enter this attitude, then I went back to my father’s death.... Then I addressed exactly to this issue in this way: ‘I’m not with my machine all here’, you know?!...’ part of the machinery is”

“(...) the patient talked to me, myself getting lost in the losses: one day I said: ‘lets work with the time line??!’ From the psychoanalytic point of view, I would be outside the setting, wouldn’t I.... but from the psychotherapeutic or human point of view, I am sure I was able to help the person... that helped us so much to organize and helped him also to be able to begin elaborating some of his issues.”

“(...) we do not have facility, we work against the grain, I think, working in diversity”

“(...) I was doing supervision of the training course and the professor showed me: And I: ‘I will never be able to realize this on my own!’. In the measure people start becoming more mature and learning, that becomes a little easier.”

Reflections and Attitudes About Clinical Practice: refers to the behaviors taken on as our own and indispensable, based upon the knowledge acquired in the Professional practice. Found 14 SU.

Verbalization examples:

“(...) I began to blame myself, to have some ethical issues with me and my work and my intellect ... I went to study current authors who would give answers to different questions.... I began to study a lot of modernity and post-modernity... I became interested in the phenomena of post-modernity... Understand all the phenomena that were taking place and that suddenly they would clash in the clinic, but outside the clinic, in the world, too... by myself I thought

that: 'If only I think in this way... Have doubts if it is science, if it is not science.... That began giving me a lot of pleasure, homologate me a lot some ideas I had.'

"(...) My job is precisely the technical issues and the question of how the mind of the analyst is more summoned by regressive patients ... you have to do more mental work almost proportionately with the patient ... "

"(...) Green always says that we cannot enter in the sacrificial functioning ... having a degree of humility.... In the sense that: our work is so dynamic, so subtle, it is so delicate and, sometimes, through small evidence, you start pulling a little thread that will lead you to a much higher understanding.... That is a great value for a psychotherapist... humility with not knowing, which is natural in this job.... Of that constant not knowing that challenges you."

"(...) the technique has evolved a lot... it demands much more from us... nowadays, the analyst must have a much more participative posture, quite active..."

This third final category indicates the sustentation on which the psychotropic psychoanalytic processes (analysis and psychotherapy) develop when being said that: *"Analytic treatment is not a 'trip in the ocean without a compass', it must have orientation, goal."* or *"(...) the analysts is always me, this is the stable factor."* The own 'trivet' analysis, study and supervision' is referred to as fundamental and can be seen in more of these described verbalizations. The building of the professional identity is a procedure, due to intellectual/cognitive and emotional investments, continuous and simultaneous (CHUSED, 1990, McLAUGHLIN, 1991; FELDMAN, 1993; LEVINE, 1994; IVEY, 2008; CASSORLA, 2001, 2011, 2012, 2013b). The comprehension and elaboration of enactments depends of the elaboration of joint investments which then enables a vitalized therapeutic experience.

FINAL CONSIDERATIONS

The results found allow to register that, although few specific authors have been mentioned in this qualitative research, compared to those found in the theoretical substantiation on the subject, the verbalizations of the interviewees cover the fundamental part of the concept of psychoanalytic enactment, they include the basic technical aspects on the same, besides enormous experience of the analysts. Considered as a phenomenon, it is possible to register that it is an inserted vocable and specifically understood in the theory and in the clinical psychoanalytic work and not in the general Psychology theories. This evidence

is perceived in the verbalizations which point at the unconscious as the fundamental concept in Psychoanalysis and the comprehension of the *enactment* from there derived.

The Bion's theory is described as the basis for the comprehension of the enactment. The relationship established between the analyst and the patient is the focus of the analytic situation.

The interviewees reported that the means through which the understanding of the *enactment* is achieved is the perception of the projective identification mechanism, both as a defense as well as an indicative of the pattern of object relations that are unconsciously manifested in the analytical field and can compromise the therapeutic evolution. Under this perspective, the notion of what the projective identification can communicate about the psychic world of the patient will be accessed through the sensibility of the analyst/therapist. In this way, his psychism will also be present in its alpha function, in Bionian terms, is what propels the positive transformation of beta elements that invade the analytical field. It is therefore considered that, identifying the phenomenon and having begun the interpretative process, the perception of *enactment* favors the construction of figurability necessary for the psychic balance in the field.

In this way, the identification of the *enactments* are perceived as a technical 'tool'. They are useful, even to identify the possible conflictiveness of the analyst himself, his blind spots. *Enactments* are useful for the professional to make use of his mind as a therapeutic resource. The quality of the relationship established between the analytic pair allow to assess and indicate the therapeutic approach which will be most efficient, in other words, the types of intervention most indicated for each problem presented by the patient.

It can be observed, in the answers, not only aspects directly related to the theory and the technique regarding enactment, but professional attitudes during all the psychoanalytic process. The verbalizations presented indicate that there are no significant differences occurring among the interviewees, in terms of knowledge of the content researched. Meanwhile, subtlety is observed in their specificity, which allowed the elaboration of the final category – Level of Experience. The time of professional practice already experienced, associated to learning and to the personal investment to expand the amount of knowledge,

favors the analyst, an attitude where the technique learnt is used with more spontaneity and certainty, suggesting that the experiences have, in fact, a significant value in the construction of the notion of what constitutes the human psyche, in other words, its personal relations. The identification of these differences subtly perceived in the verbalizations of the different analysts suggests the existence, in psychoanalytical societies of a solid and consistent professional training. The report of the initial category Study/Research, as fundamental, points to the need for ongoing training.

The verbalizations reveal that each of the interviewees took up a position in relation to the phenomenon questioned, identifying it, in their daily activity as an analyst, starting from the theoretical – technical related to the context in which they are inserted, These professional, whether young or more experienced, point out the need of attention for what envelops theoretical-technical knowledge associated to sensibility, to affection, therefore the notion of humanity, which is what constitutes interpersonal relations. It can be perceived through the categories registered, that one does not overlap the other, they are interrelated and show involvement, interest and investment in knowledge with therapeutic aim (analysis or psychotherapy).

It is emphasized that, when integrating his knowledge and his sensibility, the analyst/psychotherapist avoids the connotation of a “cold and remote” professional, demonstrating that the therapeutic relationship is essentially human. The elaboration of *enactments* shows how it is possible to fully exercise the psychoanalyst function, without ceasing to be the person you are. As one of the interviewees says: “*that notion, of the silent analyst, who only utters ‘hum, hum’ and the such, that is a thing of the past*”.

The participations of the Psychoanalysts in this study can be considered as part of the evidence found, for their devotion to the work proposed, the openness and the generosity with which they answered the request reveal the fact of being involved with being a psychoanalyst. This attitude enriches the research in Psychoanalysis, attains the objectives of the authors of the present study and, certainly, broadens the knowledge of its readers. It can be said that it is the same attitude necessary for the understanding and elaboration of the *enactments*.

The results of this research point out to the need of continuity. To constitute a new sample, inviting psychoanalyst of different institutions or schools, can contribute new data. Another possibility is to include psychotherapists and not only psychoanalysts, to know about the enactment phenomenon within the context of psychotherapy.

REFERENCES

AMARO, A., PÓVOA, A., & MACEDO, L. (2005). **A arte de fazer questionários**. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Departamento de Química, Metodologias de Investigação em Educação. Acessado de <http://www.jpcaiva.net/getfile.php>, em 11-11-2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977, 3. ed., 2011.

BARANGER, M. & BARANGER, W. A situação analítica como um campo dinâmico. **Livro Anual de Psicanálise**, 24, 187-214, 2010. (Trabalho original publicado em 1961-1962)

BATEMAN, A.W. Thick-and thin-skinned organisations and enactment in borderline and narcissistic disorders. **Int J Psychoanal**, 79(1):13–25, 1998.

BION, W. [1962]. “Uma teoria sobre o pensar.” In: BION, W. R. **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p.127- 137.

CAMPEZATTO, P.V.M., VIEIRA, L.C., NUNES, M.L.T. Psicoterapia e resultado: um panorama mundial da produção científica 2001-2011. **Contextos Clínic**, 6(2):74-83, 2013.

CASSORLA, R.M. Acute enactment as a 'resource' in disclosing a collusion between the analytical dyad. **Int J Psychoanal**, 82(6):1155-70, 2001.

CASSORLA, R.M. Estudo sobre a cena analítica e o conceito “Colocação em cena da dupla” (*enactment*). **Rev. bras. psicanal.**, 37(2/3): 365-292, 2003a.

CASSORLA, R.M. Procedimentos, colocação em cena da dupla ("*Enactment*") e validação clínica em psicoterapia psicanalítica e psicanálise. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, 25(3): 426-435, 2003b.

CASSORLA, R.M. Desenvolvimento do conceito *enactment* (“colocação em cena da dupla”) a partir do estudo de configuração *borderline*. **Rev. bras. psicanal.**, 38(3):521-540, 2004.

CASSORLA, R.M. From bastion to enactment: The ‘non-dream’ in the theatre of analysis. **Int J Psychoanal**, 86: 699-719, 2005.

CASSORLA, R.M. The analyst's implicit alpha-function and enactment in the analysis of borderline patients. **Int J Psychoanal**, 89(1):161-80, 2008a.

CASSORLA, R.M. O analista, seu paciente e a Psicanálise contemporânea-considerações sobre indução mútua, *enactment* e 'não-sonho-a-dois'. **Rev. Latinoamericana Psicoanal.**, 8:189-208, 2008b.

CASSORLA, R.M. Reflexões sobre não-sonho-a-dois, *enactment* e função alfa implícita do analista. **Rev. bras. psicanal.**, 43(4): 91-120, 2009.

CASSORLA, R.M. What happens before and after acute enactments? An exercise in clinical validation and the broadening of hypotheses. **Int J Psychoanal**, Feb 93(1):53-80, 2012.

CASSORLA, R.M. Afinal, o que é este tal *enactment*? **J. psicanal.**, 46 (85), 183-198, 2013a.

CASSORLA, R.M. When the analyst becomes stupid: an attempt to understand enactment using Bion's theory of thinking. **Psychoanal Q**, 82(2):323-60, 2013b.

CASSORLA, R.M. The Analyst at Work-Discussion of the case of Ellen. **Int J Psychoanal**, 95:93-102, 2014.

CHUSED, J.F. Neutrality in the analysis of action-prone adolescents. **J Am Psychoanal Assoc**. 38(3):679-704, 1990.

CHUSED, J.F. The evocative power of enactments. **J Am Psychoanal Assoc**, 39(3):615-639, 1991.

FELDMAN, M. The dynamics of reassurance. **Int J Psychoanal**, Apr;74(2):275- 285, 1993.

FELDMAN, M. Projective Identification: the analyst's involvement. **Int J Psychoanal**, 78(2):227-241, 1997.

FERRO, A. O diálogo analítico: constituição e transformação de mundos possíveis. **Revista de Psicanálise da SPPA**, 3(1):47-63, 1996.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONAGY, P. Apanhar urtigas as mancheias, ou por que a pesquisa psicanalítica é tão irritante. In: Green A, org. **Psicanálise contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago; p.317-340, 2003.

FONTANELLA, B.B., RICAS, J. & TURATO, E.R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. In: **Cad. de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 24 (1):17-27. 2008.

- FREUD, S. (1910) As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1972.
- FREUD, S. (1912) A dinâmica da transferência. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976. 129-143.
- FREUD, S. (1915) O Inconsciente In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1974.
- FRIEDMAN, R.J., NATTERSON, M. Enactments: an intersubjective perspective. **Psychoanal Q**, 68(2):220-47, 1999.
- GABBARD, G.O. On love and lust in erotic transference. **J Am Psychoanal Assoc**. 42(2):385-403, 1994.
- GAVIÃO, A.C. et al. A delicadeza do campo analítico: estudando contratransferência e *enactment* pela internet. **J. psicanal.**, 44(81): 203-222, 2011.
- GREEN, A. O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In: GREEN, A. **Sobre a loucura pessoal**. Trad. Carlos Alberto Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 36-65.
- GREENBERG, J. & MITCHELL, S.A. **Relações Objetais na Teoria Psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GRINBERG, L. Sobre algunos problemas de técnica psicoanalítica determinados por la identificación y contraidentificación proyectivas. **Rev Psicoan**, 13(4), 507-511, 1957.
- GUS, M. *Acting, enactment* e a realidade psíquica “em cena” no tratamento analítico das estruturas borderline. **Rev. bras. psicanal.**, 41(2), 45-53, 2007.
- HIRSCH, I. The concept of enactment and theoretical convergence. **Psychoanal Q**, 67:78-101, 1998.
- IVEY, G. Enactment controversies: a critical review of current debates. **Int J Psychoanal**, 89(1):19-38, 2008.
- JACOBS, T.J. On countertransference enactments. **J Am Psychoanal Assoc**, 34(2):289-307, 1986.

- JARDIM L.L., HERNÁNDEZ, M.D.C.R. Investigación psicoanalítica en la universidad. **Estudos Psicológicos (Campinas)**, 27(4):529-536, 2010.
- KLEIN, M. (1946) Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: Riviere, J & Klein, M. **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- LEVINE, H.B. The analyst's participation in the analytic process. **Int J Psychoanal**, Aug;75 (Pt 4):665-76, 1994.
- McLAUGHLIN, J.T. Clinical and theoretical aspects of enactment. **J Am Psychoanal Assoc**, 39(3):595-614, 1991.
- OGDEN T. O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In: **Os sujeitos da psicanálise**. São Paulo-SP: Casa do Psicólogo, 1995.
- PAGANO, C.J. Exploring the therapist's use of self: enactments, improvisation and affect in psychodynamic psychotherapy. **Am J Psychother**, 66(3):205-26, 2012.
- PEUKER, A.C., HABIGZANG L.F., KOLLER S.H., ARAÚJO, L.B. Avaliação de processo e resultado em psicoterapias: uma revisão. **Psicol. Estud. Maringá**, 14(3):439-445, 2009.
- PERELBERG, R. & LEVINSON, N. Panel on 'Acting out and/or enactment'. **Int J Psychoanal**, 84: 151-155, 2003.
- RENIK, O. Conscious and unconscious use of the self. **Psychoanalytic Inquiry**, 17: 5-12, 1997.
- SAPISOCHIN, G. Second thoughts on Agieren listening to the enacted. **Int J Psychoanal**, 94(5):957-91, 2013.
- SHEDLER, J. The efficacy of psychodynamic psychotherapy. **Am Psychol**, 65(2):98-109, 2010.
- STRAUSS, L.V. La sexualidad en el análisis: escucha y enactment. **Int. J Psychoanal**. 93(3):509-10, 2012.
- VARGA, M.P. Analysis of transference as transformation of enactment. **Psychoanal Rev**, 92(5):659-74, 2005.
- YARDINO, S. "Ponto de quebra": um momento significativo na transferência. **Livro Anual de Psicanálise**, XXIV, 9-16, 2010.
- ZIMERMANN, D.E. **Vocabulário contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ABSTRACT

Introduction - Research in relation to analysis and psychoanalytically oriented psychotherapy are fundamental and have demonstrated the effectiveness of these psychotherapeutic practices. These are nowadays understood, by some theoretical approaches, as deriving from the relationship established between the professional and the patient, creating in this way an inter-relational process. The psychological functioning of this pair is absolutely present and dominant in the unwinding of this process, expressed through innumerable phenomena, such as transference, counter-transference, projective identification, analytic field and, more recently, *enactment*.

Objective - Describe how analysts understand, conceptualize, identify and elaborate the *enactment* phenomenon in their professional practice.

Participants - Two analysts undergoing psychoanalytic training, four associate member psychoanalysts and two training analysts related to an institution of psychoanalytic training associated to the IPA (*International Psychoanalytical Association*) in Rio Grande do Sul/Brazil. It constitutes a non-probabilistic sample, intentional and for convenience sake, using the saturation method for its totalization. The anonymity of the participants is guaranteed through the Free and Clarified Term of Informed Consent.

Method - A descriptive, qualitative study. The interpretation of the data is performed through the Analysis of Content, according to Bardin. Eight semi-structured interviews were performed, face-to-face, recorded and transcribed by the researcher, using as a guide a mixed questionnaire (closed questions and open ones), elaborated by the authors of the present work, with which the psychoanalysts expressed their ideas and experience. This research is approved by the Ethics Committee in Research with Human Beings (CEP/PROPESQ/UFRGS/Brazil).

Results and Conclusions - They are presented in three final answer categories: Theoretical Foundation, Technical Rationale and Level of Experience. *Enactment* is understood according to theoretical - technical psychoanalytic foundation. Psychoanalysts answered that it is an unconscious phenomenon, expressed through the 'staging' of psychic conflicts, of the patient and of the analyst, that intersect in the analytic field. Their manifestation enables identifying

patterns of objects, updated in the transference/counter-transference relationship, through projective identification. If not identified and interpreted, they hinder the therapeutic evolution, developing collusions or impasses between the analytic pair. They identify the phenomenon as a current psychoanalytical concept, maturing, also considered as a useful (technical), favoring the here-and-now interpretation of the analytical situation. Professional practicing time, associated with training and personal investment for the expansion of knowledge, favors the analyst, attitude in which the learnt technique becomes used with more security. It suggests that the experiences have value in building the notion of what constitutes human psychic. All of these responses suggest the existence, in psychoanalytic societies, of a solid and consistent professional training. The *enactment* phenomenon is characterized as one of the most current that reflect the contemporary emphasis of Psychoanalysis to the relationship of the therapeutic pair, justifying the continuity of studies that expand the notions of theoretical and technical psychoanalytic development.

Key words – Psychoanalytic enactment, transference/counter-transference relation; intersubjective relation; analytic dyad; analytic process; psychotherapeutic process; psychodynamic psychotherapy; analysis.

APÊNDICE 7 - Projeto de Pesquisa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS MÉDICAS: PSIQUIATRIA
PROJETO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**ENACTMENT:
UM ESTUDO QUALITATIVO**

Orientando: Charlie Trelles Severo

Orientador: Dr. Cláudio Laks Eizirik

Co-orientadora: Psic. Maria Lucia Tiellet Nunes

PORTO ALEGRE / RS

AGOSTO / 2013

SUMÁRIO

RESUMO	3
1. INTRODUÇÃO	4
2. JUSTIFICATIVA	19
3. OBJETIVOS	20
3.1. Primário	20
3.2. Secundários	20
4. METODOLOGIA	20
4.1. Delineamento e Amostra	20
4.2. Instrumento de Coleta de Dados	21
4.3. Etapas de Estudo	21
4.4. Aspectos Éticos	22
4.5. Análise dos Dados	22
5. ORÇAMENTO	24
6. CRONOGRAMA	25
7. RESULTADOS ESPERADOS	26
8. BIBLIOGRAFIA	26
9. APÊNDICES	30
Apêndice A - Carta de Apresentação aos Participantes.....	30
Apêndice B – Questionário Guia para Entrevista	30
Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	32
10. AGRADECIMENTOS	33

RESUMO:

Este projeto propõe um estudo qualitativo (FLICK, 2004; TURELA, 2008), a partir de uma metodologia de análise do conteúdo dos dados obtidos, segundo Bardin (1977), a respeito do fenômeno psíquico *enactment*. Este, por sua vez, trata-se de uma expressão que não apresenta tradução literária para o português. É definido, no conteúdo psicanalítico, como um fenômeno inconsciente que ocorre na relação terapêutica, entre a dupla, analista-ou psicoterapeuta de orientação analítica, e paciente, na qual ambos agem conjuntamente (“encenam”) o conflito inconsciente que se manifesta. Evidencia-se como um ato que leva o outro a também agir reciprocamente, sem o predomínio da reflexão (pensamento maduro). (JACOBS, 1986; MC LAUGHLIN, 1991; SANCHEZ-GRILLO, 2004; CASSORLA, 2004, 2007, 2009; GUS, 2007; ROCHA, 2009). Nesta pesquisa então, objetiva-se descrever, através de entrevistas, como analistas e psicoterapeutas de orientação analítica compreendem, conceituam, identificam, elaboram e exemplificam o enactment em suas práticas psicoterápicas. A amostra pretendida é caracterizada como não probabilística, intencional e por conveniência, sendo utilizado o processo de saturação para a totalização da mesma, ou seja, quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados (FONTANELLA, RICAS & TURATO, 2008). As práticas analítica e psicoterápica com orientação na psicanálise são compreendidas, na atualidade, como oriundas da relação estabelecida entre profissional e paciente, estabelecendo assim um processo terapêutico. Neste processo, o funcionamento psíquico de cada um dos integrantes, bem como o funcionamento constituído por este par, estão absolutamente presentes e dominantes no desenvolvimento do mesmo. Uma vez ser o *enactment* um destes fenômenos característicos da díade psicoterapêutica, os estudos e pesquisas relacionados à compreensão do mesmo fundamentam a justificativa para a realização do presente trabalho, contribuindo para a continuidade da evolução científica que tem como base a teoria e a técnica psicanalíticas.

1 INTRODUÇÃO

“É algo extraordinário que o *Ics.* de um ser humano possa reagir ao de outro, sem passar pelo *Cs.*” (Freud, 1915).

Este projeto tem como tema a compreensão, a identificação, a elaboração e a exemplificação do fenômeno psíquico *enactment* nas práticas de análise e psicoterapia com orientação analítica.

O conceito de *enactment* tem sido muito usado ultimamente na literatura psicanalítica, porém, ainda, não tendo correspondente exato em português. Seria um fenômeno clínico que pode ocorrer na inter-relação entre paciente e analista, iniciado por qualquer dos partícipes, mas necessariamente envolvendo uma espécie de ‘encenação inconsciente dos dois’ na qual ambos representam papéis interrelacionados e interdeterminados (ROCHA, 2009). Cassorla, (2007) refere a etimologia da palavra e, conforme McLaughlin (1991), indica fatos que têm forte poder de influenciar, algo que tem força de lei tamanha a intensidade com que pode se impor na relação terapêutica: “*enact*: v. ordenar, decretar, dar força de lei; legalizar;” (MICHAELIS, 1989, p.103)

Sabe-se que características psicológicas no início do desenvolvimento são primitivas, de dependência. Pela constituição também animal que os humanos possuem, logicamente não as desenvolvendo, viveríamos primitivamente. Assim, o desenvolvimento é que também favorecerá e, possivelmente, também determinará a capacidade de compreensão que fundamenta e estrutura as relações humanas. O desenvolvimento deste pensamento, ou seja, a relação com as emoções, a percepção de problemas e obstáculos na vida, na obtenção de satisfação, criam necessidades e levam à busca de soluções. Winnicott (1945/1993, p.274) destaca a importância ‘desde o nascimento’ para o desenvolvimento psíquico humano, quando afirma que “Existem três processos que me parecem começar muito cedo: (1) integração, (2) personalização e (3) depois destes, a apreciação do tempo e do espaço e de outras propriedades da realidade, em suma, realização”.

Neste sentido, considerando a subjetividade do ser humano, o tratamento do que é psíquico é considerado como um dos possíveis métodos e ‘remédios’ para os males da mente.

Procurar soluções/resolver problemas mentais é fruto de uma reflexão decorrente de uma necessidade. Daí surge a psicoterapia, caracterizada como um processo reflexivo, associado à percepção das emoções que constituem um novo pensamento e uma nova emoção que favorece a vida da pessoa. A percepção de um incômodo (conflito emocional, por exemplo), demanda naturalmente a necessidade de removê-lo para que não mais obstrua a satisfação que se deseja naturalmente: a manutenção da própria vida. Ainda, segundo Winnicott (1945/1993, p.283), o tratamento psicológico equivale ao bom amparo que se esperaria ter recebido no princípio da vida, por isso que, tomado pela psicopatologia, “Não há crescimento porque não há enriquecimento a partir da realidade externa”.

Stone (2005, p.23), refere que a história da psicoterapia remonta há muitos anos atrás, por que não dizer ao início do desenvolvimento do pensamento humano “[...], pois a psicoterapia em seu sentido mais amplo envolve um tipo especial de interação única à nossa espécie”.

Segundo Zimerman (2005, p.59/60):

Psicoterapia é um termo genérico que costuma ser empregado para designar qualquer tratamento realizado com métodos e propósitos psicológicos. [...] permite uma larga abrangência de concepções e de modalidades, que variam com diversos fatores, tanto por parte do paciente, como por parte do terapeuta, além de fatores externos.

Observa-se aqui, a ênfase quanto à relação ou interação, como citado anteriormente. O autor segue afirmando que

[...] a psicoterapia tem uma finalidade mais restrita, como resolver crises vitais e acidentais; remover sintomas agudos de quadros de transtornos mentais, como angústia, fobia, paranoia, entre outros, propiciar melhor adaptação na família, sociedade e trabalho; dar apoio com vistas a um melhor enfrentamento de situações difíceis. Habitualmente, as psicoterapias (tanto individual como grupal) são realizadas em uma média de duas sessões semanais, mas nada impede que possa ser uma sessão semanal, quinzenal e até mesmo mensal. O tempo de duração de uma psicoterapia pode ser breve (por exemplo, a “focal”, que visa à resolução de um foco específico de sofrimento) ou longa, que perdura enquanto estiverem, de fato, se processando na qualidade de vida (ZIMERMAN, 2005, p.34).

Em Laplanche & Pontalis (1983, p.506), psicoterapia significa: “No sentido lato, qualquer método de tratamento das desordens psíquicas ou corporais que utiliza meios psicológicos e, mais precisamente, a relação entre o terapeuta e o doente”.

É de fundamental importância, salientar que, ainda conforme Zimerman (2005, p.60):

Também é importante discriminar a diferença entre psicoterapias que possuem alguma forma de respaldo científico e as, assim chamadas, terapias alternativas, que, não obstante sejam bastante divulgadas e aplicadas, não têm o menor suporte científico, pelo menos não da ciência tal como ela é conhecida na atualidade.

Um dos primeiros consensos em relação aos efeitos da psicoterapia é de que os mesmos são alcançados pela relação humana que se estabelece em qualquer terapia, tal como no desenvolvimento psíquico. Desenvolvendo mais sobre esta questão, Cordioli (2008, p.20) acrescenta que

[...] Há uma concordância, também, de que boa parte dos seus efeitos deve-se a um conjunto de fatores que envolvem as técnicas específicas utilizadas, próprias de cada modelo, e, ainda, um complexo conjunto de elementos que inclui, além das referidas técnicas, os chamados fatores não específicos, comuns a todas as psicoterapias. Tais fatores abrangem o próprio contexto interpessoal da terapia: a pessoa do terapeuta e, em particular, algumas qualidades, como empatia, calor humano e interesse genuíno; a qualidade da relação terapêutica (a aliança terapêutica e o vínculo); além de fatores pessoais do próprio paciente, como a capacidade de vincular-se ao terapeuta, seu nível educacional, sua cultura, suas crenças, suas expectativas, sua motivação para efetuar mudanças em sua vida, e a maior ou menor flexibilidade para adaptar-se a cada método específico.

Na busca de identificar cientificamente o que define e diferencia a psicoterapia de outras atividades com objetivo de auxiliar quem busca alívio para sofrimentos psíquico-emocionais, Cordioli (2008, p.21) conceitua a psicoterapia como

[...] um tratamento primariamente interpessoal, baseado em princípios psicológicos, que envolve um profissional treinado e um paciente ou cliente portador de transtorno mental, problema ou queixa, o qual solicita ajuda. [...] distingue-se de outras modalidades de tratamento por ser muito mais uma atividade colaborativa entre o paciente e o terapeuta do que uma ação predominantemente unilateral, exercida por alguém sobre outra pessoa.

Sabe-se também das inúmeras possibilidades de abordagem psicoterápica, ou seja, das técnicas psicoterápicas. Dentre elas, como poucos exemplos, podem ser citadas a terapia cognitivo comportamental, a psicanálise, a psicoterapia breve, a terapia sistêmica, a psicoterapia de orientação analítica, a psicoterapia de apoio, a terapia de grupo, a terapia de família, entre outras (CORDIOLI, 2008). Entretanto, no presente momento, não serão especificadas suas características, correspondendo ao objetivo inicial deste estudo.

Desde Freud, já se percebia, embora ainda não com absoluta clareza, que, na relação terapêutica estabelecida, manifestavam-se várias impressões, sensações, pensamentos, sentimentos do paciente em relação ao profissional. Com a descrição do Caso Dora, Freud (1901/1905/1972, p.113) assinala os conceitos iniciais do que é a transferência:

[...] um gênero especial de formações de pensamentos, em sua maioria inconscientes [...]. São reedições, reproduções das moções e fantasias [...] com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico [...]. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico. Algumas dessas transferências em nada se diferenciam de seu modelo, no tocante ao conteúdo, senão por essa substituição. São, portanto, para prosseguir na metáfora, simples reimpressões, reedições inalteradas.

Este caso, clássico na apresentação da teoria e técnica psicanalíticas, chegou a Freud por um encaminhamento de seu amigo e colega de profissão Breuer, devido este último revelar estar apaixonando pela moça em questão “[...] Breuer ficou profundamente preocupado e terminou o tratamento, tendo então fugido, literalmente de Viena, para uma segunda lua de mel com sua esposa, que por essa altura já estava bastante ciumenta” (MARX & HILLIX, 1978). As considerações de Freud a respeito da contratransferência no Caso Dora, embora na época, este fenômeno ainda não recebia tal nomenclatura, exemplificam a atenção para os mesmos como partes da relação estabelecida entre ambos, paciente e profissional. “Assim, a transferência converteu-se num dos instrumentos mais úteis do terapeuta” (MARX & HILLIX, 1978). Com esta descrição, Freud (1901/1905/1972, p.114) apresenta que a transferência, para a análise e para a psicoterapia com orientação analítica, “[...] converte-se em sua mais poderosa aliada quando se consegue detectá-la a cada surgimento e traduzi-la para o paciente”.

Sendo estes fenômenos característicos a todo ser humano, mesmo um profissional da área psicoterápica pode ser atingido pelo mesmo em sua vida particular, assim como no exercício de sua profissão. Para isso Freud (1912/1974), já no início do século XX, referia importância à atenção do analista para seu próprio psiquismo e prontidão para a relação terapêutica, cumprindo assim a ‘regra fundamental da psicanálise’. Afirma que o analista-terapeuta

[...] deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente. [...] Ele não pode tolerar quaisquer resistências em si próprio que ocultem de sua consciência o que foi percebido pelo inconsciente. [...] ciente daqueles complexos seus que poderiam interferir na compreensão do que o paciente lhe diz (FREUD, 1912/1974, p.154).

E, neste sentido, a importância do próprio tratamento psicanalítico.

O perceber, o sentir e o pensar, pode-se dizer, precedem a psicoterapia (assim como sempre serão estimulados pela mesma), que é o tratamento do que é psíquico. Logo, é o tratamento da percepção, do afeto e do pensamento, conseqüentemente, da própria conduta, sendo todas estas, expressões humanas. Psiquismo é característico do ser humano, tornando-o assim por possuir uma constituição mental capaz de alcançar uma evolução superior aos demais animais, constituição esta caracterizada pela capacidade de representar, criar símbolos, abstrair, em outras palavras, pensar. Enquanto o pensar não se estabelece integralmente, pois o faz de modo processual, as ações, os gestos são o que indicam as sensações existentes no homem. O potencial de reconhecer as mesmas e vir a nominá-las gradativamente será desenvolvido, favorecendo a criação da palavra como característica fundamental do homem para identificar suas próprias emoções e aproveitar positivamente seus próprios sentimentos (IANKILEVICH E DAL ZOT, 2009).

Um funcionamento psicopatológico indica que este desenvolvimento descrito sofreu abalos, ficando impedido de constituir a palavra, mantendo o domínio de uma realidade psíquica comprometida por fantasias destrutivas. Baseada nestas descobertas, Melanie Klein (1982) descreveu estes processos fantasiosos produzidos pelo psiquismo humano, revelando que desde o princípio a inter-relação humana é que constitui o psiquismo:

[...] as relações objetais existem desde o princípio da vida, sendo o primeiro objeto o seio da mãe. [...] A relação com o primeiro objeto implica a sua introjeção e projeção; e assim, desde o princípio, as relações objetais são moldadas por uma interação da introjeção e da projeção, dos objetos e situações internos e externos. (KLEIN, 1982, p.314)

Demonstra que, frente às inevitáveis frustrações, surgem sentimentos de ser atacado pelas mesmas, gerando ansiedade. Na tentativa de se livrar deste intenso desconforto e ameaça, projetam-se tais sentimentos para fora de si e, em seguida, sente-se tal realidade como ameaçadora. Afirma:

Muito do ódio contra algumas partes do eu é agora dirigido para a mãe. Isso conduz a uma forma particular de identificação que estabelece o protótipo de uma relação objetal agressiva. Sugiro para esses processos a expressão 'identificação projetiva'. Quando a projeção se deriva, principalmente do impulso infantil de causar dano ou controlar a mãe, a criança sente-a como perseguidora (KLEIN, 1982, p.322).

Vivenciar esta fase, ou seja, poder enfrentá-la, com amparo adequado - uma 'mãe suficientemente boa e devota' – Winnicott (1975); capaz de adequado '*reverie*' – Bion (1988) -, favorecerá uma melhor integração do sistema psíquico. Assim será na psicoterapia/análise: o paciente podendo se expressar tal qual sente e o terapeuta podendo ampará-lo, favorecerá o amadurecimento do primeiro. Paralelo a isso, as ansiedades que surgem no próprio terapeuta também necessitam ser bem elaboradas, não pelo paciente evidentemente, mas pelo próprio amadurecimento deste profissional.

Barros (1990, p. 37) refere que, à noção de transferência, é atribuída mais relevância considerando a fantasia inconsciente. Isto, pois,

Os indivíduos são concebidos como vivendo em pelo menos dois mundos: um externo e outro interno, este último tão real quanto o primeiro. E as fantasias inconscientes passam a ser vistas como transações ocorrendo entre esses dois universos.

Desse modo, o papel do terapeuta ganha nova característica, também enfatizada por Barros (1990, p.38):

O analista deixa de ser visto como o espelho sobre o qual o paciente projeta suas figuras internas com as quais passa a interagir, para ser encarado como um indivíduo que possui uma mente para dentro da qual são projetados sentimentos e/ou funções mentais. [...] A teoria da identificação projetiva permite compreender um mecanismo de defesa primitivo, que visa negar a realidade psíquica e pode também ter uma função de comunicar a experiência emocional. Outra decorrência é a utilização da resposta emocional do analista como instrumento de pesquisa sobre a realidade psíquica do paciente.

E, reforçando estas ideias, lembrando que objetivamente a partir de Paula Heimann (1950), os conceitos de contratransferência e identificação projetiva marcam época “[...] no sentido de reabilitar as reações afetivas do analista a seus pacientes e a sua utilização como instrumento de trabalho a serviço da interpretação.” (BARROS, 1990, p.41).

Especificando ainda mais estas características, Zaslavsky e Santos (2005, p.30), descrevem que

[...] uma característica irrefutável da psicanálise contemporânea é a preocupação com seu aspecto relacional ou vincular, consubstanciada por seu interesse pela interação entre o par analítico. O encontro analítico passou a ser observado e estudado como uma relação que produz um impacto emocional mútuo, no qual ocorrem trocas de informações, ou seja, comunicações nos âmbitos verbal e não verbal, intencionais ou não.

A relação entre analista/psicoterapeuta e paciente passa a ser o foco principal de atenção. E, neste sentido, Malan (1983, p.20), enfatiza ser a psicoterapia “[...] uma forma particular de entrar em contato com os seres humanos, que podemos chamar ‘psicodinâmica’, e a um método de psicoterapia desenvolvido a partir dela e que podemos chamar de ‘psicoterapia psicodinâmica’”. Embasadas no pensamento deste autor, Iankilevich e Dal Zot (2009, p.198) centram seus exercício e testemunho profissionais no crédito de que

[...] hoje se considera a psicanálise o extremo compreensivo no espectro das psicoterapias dinamicamente orientadas que vai da psicoterapia de apoio à psicanálise. Varia a técnica de utilização da compreensão, de interpretações predominantemente suportivas a interpretações predominantemente transferenciais.

E para isso, referem também que o investimento é direcionado à capacidade de insight, que é, conforme Malan (1983, p.20) meio de

[...] capacitar a/o paciente para encarar o que na realidade sente, para que se dê conta de que seus sentimentos não implicam tanto sofrimento ou perigo quanto ela-ele teme; para que consiga elaborá-los através de um relacionamento transferencial e, finalmente, seja capaz de utilizar seus sentimentos reais dentro das relações interpessoais de forma construtiva, passando, assim, de um comportamento desadaptativo para outro, adaptativo. [...] fazer com que os efeitos dessa aprendizagem se tornem permanentes – isto é, o paciente deveria tornar-se capaz de lidar não apenas com a situação imediata, mas com situações similares no futuro, de uma maneira nova e realista.

Klein (1982, p.325) já referia estes aspectos ao citar que

[...] o desenvolvimento do ego e das relações objetais depende do grau em que pode ser atingido um equilíbrio ótimo entre a introjeção e a projeção nos estágios iniciais do desenvolvimento. [...] Mesmo que o equilíbrio seja perturbado e um ou outro desses processos seja excessivo, haverá sempre uma certa interação da introjeção e projeção.

Frank (1973 *apud* CORDIOLI, 2008, p.22) apresenta as características que são comuns aos vários modelos psicoterápicos. São elas:

[...] ocorrer no contexto de uma relação de confiança emocionalmente carregada em relação ao terapeuta; ocorrer em um contexto terapêutico no qual o paciente acredita que o terapeuta irá ajudá-lo e confia que esse objetivo será alcançado; existir um racional, um esquema conceitual ou um mito que provê uma explicação plausível para o desconforto (sintoma ou problema) e um procedimento ou um ritual para ajudar o paciente a resolvê-lo.

Com a ênfase na relação do par terapêutico, Madeleine e Willy Baranger (1961, p.129) ampliam esta característica na psicanálise contemporânea citando a situação analítica como um campo dinâmico:

A situação analítica tem de ser formulada como uma situação de duas pessoas inevitavelmente ligadas e complementares enquanto está ocorrendo a situação, e envolvidas no mesmo processo dinâmico. Nenhum membro deste par é inteligível

dentro da situação sem o outro. Não se quer afirmar outra coisa quando se recomenda, com justa razão, de utilizar a contratransferência como um instrumento técnico.

Conforme estes autores, percebe-se então que a comunicação entre analista e paciente não ocorre somente de modo unidirecional (paciente para analista), mas é, sim, dinamicamente bi-pessoal. E, sendo referida ‘comunicação’, salienta-se que não somente de aspectos conscientes. A nova concepção como campo ou situação analítica

[...] se fundamenta sobre um processo mais profundo de comunicação que é a expressão de comunicação dos inconscientes. (...) O que estrutura o campo bi-pessoal da situação analítica é essencialmente uma fantasia inconsciente. (...) o campo da situação analítica é um campo de par. (...) é algo que se constrói em uma relação de par. (...) para uma “boa sessão”, tem que coincidir a fantasia básica do analisando e a do analista na estruturação da sessão analítica (BARANGER & BARANGER, 1961, p.140-141).

E a importância da identificação projetiva mais uma vez é referida por este casal, pois tal mecanismo tem importância decisiva na estruturação de qualquer par que se estabeleça entre seres humanos. Afirmam que o par analítico se constitui

[...] por um interjogo de identificações projetivas e introjetivas, com seu corolário de contraidentificações. (...) A situação é administrada para evitar ou limitar o fenômeno da contraidentificação projetiva. A situação analítica consiste em permitir o livre jogo da identificação projetiva no analisando dando-lhe, assim, a ocasião excepcional de estruturar a fantasia do par segundo o que necessita, com as menores travas postas por seu “parceiro (BARANGER & BARANGER, 1961, p.144).

E, neste sentido mais um fenômeno pode se instalar na relação do par terapêutico, além dos fenômenos transferenciais e contratransferenciais, nos quais podem ocorrer atuações da dupla terapêutica, seja por qual das partes, seja pela qualidade da dupla constituída.

É então, com a comunicação estabelecida no par analítico, instituindo a situação analítica, que inicia a relação terapêutica e o curso que a mesma terá como afirmam os Baranger (1961). Institui-se assim um diálogo, incluindo todo e qualquer tipo de manifestação de qualquer um dos envolvidos neste par. A reação do terapeuta aos estímulos apresentados pelo paciente é recebida como respostas ao que foi informado. Logo, toda intervenção do terapeuta, conforme

afirma Casement (1983), deve ter suas bases centradas na atenção e no cuidado, ambos necessários, para se conseguir chegar a uma interpretação transferencial total, que ocorre quando: “[...] é possível juntar os três elementos que estão geralmente ligados numa interpretação transferencial dinamicamente completa: (a) a vida presente do paciente; (b) a relação terapêutica; (c) o passado do paciente.” (BARANGER & BARANGER, 1961, p.59).

Neste sentido e interessado na natureza da inter-relação entre subjetividade e intersubjetividade no setting analítico, salientando a interdependência em ter sujeito e objeto, Ogden (1995, p.58) enfatizou a compreensão desta natureza como influente na prática psicanalítica: “Considero o movimento dialético de subjetividade e intersubjetividade um fato clínico central da Psicanálise”. Segue afirmando que “[...] num contexto analítico, um analisando é algo que não existe separado da relação com o analista, e um analista é algo que não existe separado da relação com o analisando.” (OGDEN, 1995, p.59). E ainda acrescenta: “A intersubjetividade e a subjetividade individual criam, negam e preservam uma a outra.” (OGDEN, 1995, p.59). Com esta ênfase, estabeleceu uma expressão, ‘terceiro-analítico intersubjetivo’, que compreende

[...] as vicissitudes da experiência de estar simultaneamente dentro e fora da intersubjetividade do analista-analisando como sendo produto [...] de uma dialética única produzida por entre as subjetividades separadas do analista e do analisando dentro do setting analítico (OGDEN, 1995, p.60).

Esta troca constante e sistemática, mesmo quando estabelecida de modo negativo, a postura de ambos envolvidos no enquadre psicoterápico, constituirá “[...] uma linguagem particular com o analisando.” (BARANGER & BARANGER, 1961, p.146).

Com esta linguagem desenvolvida, inúmeros fenômenos podem ocorrer na relação e um destes, mais objetivamente estudado a partir da década de oitenta, vem a ser o *enactment*. Este termo, não considerado com sua tradução literal, passou a ser utilizado como indicativo de uma situação, envolvendo a relação inconsciente que se dá entre a dupla terapêutica. O alerta quanto à elaboração e realização do processo interpretativo se dá para que não sejam ativadas ‘encenações’ inconscientes representativas dos conflitos presentes na relação terapêutica

(JACOBS, 1986). Estas, conforme Cassorla (2004, p.523), chamadas de ‘colocação em cena da dupla’, nascem de

[...] uma colusão inconsciente entre analista e paciente [...], que tornam atuais situações ou fantasias arcaicas, reflexo de medos e esperanças transferenciais e contratransferenciais, às vezes colocando em cena situações traumáticas reais ou consequência da impossibilidade de externalizar essas situações ou fantasias inconscientes a elas vinculadas, por meio da simbolização verbal.

E continua: “[...] ocorre em sentido duplo, analista e paciente influenciando-se mutuamente, conteúdos do mundo interno do analista também participando.” (CASSORLA, 2004, p.524).

Percebe-se assim que este conceito, segundo Sánchez-Grillo (2004, p.407), “[...] encontra-se na intersecção de uma tríplice fronteira teórica, entre os conceitos de transferência-contratransferência; pensamento-ação; regra fundamental-regra de abstinência”. Esta mesma autora, apresenta-nos uma definição para enactment, baseada em Judith Fingert Chused em “The evocative power of enactments” (1998): “Os enactments são interações simbólicas entre analista e paciente que tem um significado inconsciente para ‘ambos’ (as aspas são dela, itálico meu).” (SÁNCHEZ-GRILLO, 2004, p.412). E acrescenta que, durante a análise, são usualmente iniciados pelas ações ou por comunicações encobertas nas palavras dos pacientes.

Os *enactments* também podem se originar com o analista, ainda que nestes casos, é geralmente uma resposta contratransferencial ao material do paciente que conduz ao *enactment* (SÁNCHEZ-GRILLO, 2004, p.413). Cassorla (2007), a partir de Gabbard (1995) também cita esta expressão ‘*enactment* contratransferencial’, referindo-se a um *enactment* oriundo de reações contratransferenciais, ou seja, partindo do analista/terapeuta. Com maior ênfase, retoma-se então a importância da conceitualização da identificação projetiva, “[...] que considero a base do enactment.” (CASSORLA, 2004, p.524).

JACOBS (2006), em uma entrevista para Pastore & Amado, afirma que os *enactments* “São inevitáveis e existem em todo paciente e em todo analista.” (p.1). Enquanto ocorre, predomina uma comunicação inconsciente na relação desta dupla: “[...] são comunicações de

grande importância e não raro expressam aquilo que, de outro modo, ainda não é exprimível.” (p.1). Refere que a utilização deste termo se dá para “[...] descrever comportamentos do paciente, do analista, ou de ambos, que comunicam partes essenciais da personalidade de forma não verbal, pois não alcançaram ainda a consciência.” (p.1) Constituem

[...] um modo de expressar questões atuais, que geralmente surgem no calor do momento transferencial-contratransferencial, mas também cada *enactment* comporta uma faceta de *reenactment*: é uma faceta da personalidade, uma faceta dos conflitos que estão surgindo de um jeito particular, e que é também um modo antigo de lidar com certos conflitos.” (JACOBS, 2006, p.1)

Nesta perspectiva, a experiência que se estabelece na relação terapêutica poderá levar a uma mudança psíquica efetiva, através do *insight* alcançado e do contato que também acontece, uma vez trabalhada adequadamente a interpretação da transferência e da contratransferência. Revela assim que os *enactments* “[...] funcionam como sinais, [...] servem como guias indispensáveis no nosso esforço de explorar a interação sutil e impregnante, entre paciente e analista, que formula o núcleo do processo analítico.” (p.1).

Cassorla (2007) registra que o reconhecimento da contratransferência não apenas como patologia do analista, mas como instrumento útil para compreender o paciente, ocorreu concomitantemente na Argentina (Racker, 1948/1977, 1953/1977) e na Inglaterra (Heimann, 1950). Citando Money-Kyrle (1955), Grinberg (1957), Bion (1962) e Pichon- Rivièrè (1980), Cassorla (2007) evidencia as descobertas quanto ao mecanismo de identificação projetiva, contra-identificação projetiva durante os anos seguintes a Racker e Heimann, revelando a evolução da teoria e técnica psicanalíticas. Também referindo Bion cita caracterizações da relação continente/contido. Salienta, como o casal Baranger (1961-1962/1969), o termo ‘baluarte’ como sendo obstáculo para a progressão da ‘batalha’ que ocorre na situação analítica, identificando o conceito de campo analítico. Seria então o baluarte um ‘precipitado’ de campo que somente pode ocorrer entre o analista/terapeuta e o paciente e que provém de uma cumplicidade entre ambos participantes, de modo inconsciente protegendo o não deve ser desvelado de ambos. Neste sentido, o *enactment* se aproxima dos conceitos de baluarte, relações continente/contido estéreis, recrutamentos mútuos efetivos, referidos através de Beth Joseph (*apud* Feldman & Spillius, 1989, p.4), detalhando

[...] como as identificações projetivas do paciente podem engolfar o analista, fazendo com que este represente papéis complementares àqueles que o paciente necessita para manter o *status quo*, o equilíbrio psíquico. Desta forma, é como se o paciente recrutasse” o analista a participar dos enredos estereotipados, preestabelecidos.

A respeito deste tema, Gus (2007) apresenta um conjunto de ideias-síntese que revelam a importância da atenção para a sua conceituação e caracterização. Citando os estudiosos desta temática, como Cassorla, Tucket, Steiner, disserta sobre a necessidade de se estar atento realmente aos movimentos e aos passos que a dupla paciente e analista-psicoterapeuta desenvolve no processo psicoterápico. *Enactment* está relacionado ‘ao que ocorre na relação terapêutica e que não é expresso, nem evidenciado em palavras’, ou seja,

[...] se liga à interface entre o que é expresso e o que não é expresso, entre o que é esquecido e aquilo que pressiona no campo para ser revivido, entre realidade e fantasia e entre o psiquismo de uma pessoa e o psiquismo de duas-da dupla terapeuta-paciente (GUS, 2007, p.45).

Cassorla (2007, p.8) ilustra que

Tudo isso é exposto no campo ou teatro analítico, buscando figurabilidade e pensamento, ao mesmo tempo que se o impede. Analista e paciente passam a ser alvo de identificações projetivas um do outro, e o processo se realimenta, tornando-se circular.

Cassorla (2009), apoiado na teoria de Bion, a respeito da relação psicoterapêutica, evidencia que ocorre uma constante, e mútua, ‘troca’, inicialmente, de sensações e impressões que, pelos motivos do paciente a buscar terapia, vão sendo transformadas em símbolos e palavras: “Portanto, ambos os membros da dupla, ao mesmo tempo, sonham e são sonhados” (CASSORLA, 2009, p.92). Fundamentado também por Madeleine e Willy Baranger, assim como por Ogden e Ferro, Cassorla (2009, p.92-93) ainda acrescenta que: “[...] qualquer que seja o vértice podemos afirmar que paciente e analista se envolvem num *sonho-a-dois*.”. Esta caracterização, também é sugerida por Sánchez-Grillo (2004) ao citar que é um “jogo” que se estabelece na dupla que compartilha um movimento e um espaço em comum. McLaughlin (1986), em seu minucioso trabalho de descrever gestos, principalmente das mãos de pacientes

durante as sessões analíticas, já evidenciava o ‘jogo da transferência’ sendo expresso através destas atitudes, identificando também, pela gesticulação, os aspectos ‘cênicos/ilustrativos’ presentes na sessão psicoterápica/analítica e, com isso, preconizando o conceito de *enactment*.

Afirma Cassorla (2009) que quando os ‘sonhos’ de ambos envolvidos na relação psicoterapêutica ficam impossibilitados de serem ‘sonhados’:

Penso que *não-sonhos-a-dois* configuram o que tem sido chamado na literatura psicanalítica *enactments*. Trata-se, portanto, de situações em que a dupla analítica, sob efeito de identificações projetivas massivas, envolve-se em conluíus sem ter consciência disso (p.94).

Neste conluio, então, ocorre a “[...] externalização de aspectos internos do paciente em contato com os do analista.” (CASSORLA, 2007, p.8).

Rocha (2009), interessado em abordar o tema *enactment*, endossa as características de mútua comunicação analista-terapeuta e paciente, salientando a importância da atenção do profissional à manifestação deste fenômeno. Centra-se na ideia da ‘colocação em cena’ da diade terapêutica (‘encenação inconsciente dos dois’), buscando diferenciar *enactment* de ‘*acting out*’, quando este segundo designa

[...] atos impróprios produzidos pelo paciente, às vezes até com características delinquentiais e, ademais, é usado para descrever comportamentos do paciente que, fazendo parte de sua própria psicopatologia, nada tem a ver com a situação analítica em si (ROCHA, 2009, p.174).

Buscando diferenciar *enactment* de *acting out*, Cassorla (2007, p.9) também refere que no primeiro a ação se dá por conta do paciente, enquanto o analista/terapeuta participa “[...] apenas como observador das ações do paciente. Já no *enactment* o analista, sujeito a suas próprias transferências, pontos cegos, é levado pela relação, em vez de acompanhá-la (in Bateman, 2001)”.

Assim como Sánchez-Grillo (2004), Rocha (2009), cita-nos um dos precursores no debate sobre a temática *enactment*, Mc Laughlin, que apresentou, em um painel em 1989, promovido pela APA, afirmando que

[...] na definição do dicionário, a palavra *enactment* sugere uma ação, cujo propósito, força e intenção são elevados à alta intensidade. Essa intensidade dá

concretude e realidade ao impacto que causa na outra pessoa, implícita no campo da ação. É, portanto, um ato cuja intenção é persuadir ou forçar o outro a uma ação recíproca. A mensagem é expressa em palavras, silêncios, atitudes e particularmente em comunicações não verbais (tradução livre de ROCHA, 2009, p.174).

Cassorla (2007, p.8), já havia referido também que, neste fenômeno, “Há, portanto, indicações de que a interação entre elementos de analista e paciente criam outros elementos, novos, que se constituiriam em algo além da somatória de ambos”.

Cassorla, 2007, fundamentando-se enfaticamente em Bion, apresenta-nos possíveis compreensões a respeito do enactment como um fenômeno impedidor temporário de transformação psíquica. A transformação dos elementos beta em alfa fica obstruída por defesas inconscientes acionadas mutuamente na relação terapêutica (enactment obstrutivo):

[...] consequência da impossibilidade de externalizar essas situações ou fantasias inconscientes a elas vinculadas, através da simbolização verbal. Por envolverem elementos beta, serão mais comuns quando predomina o funcionamento da parte psicótica da personalidade (CASSORLA, 2007, p.9).

Penso também que, o campo analítico (a situação analítica), por sua caracterização estrutural quanto ao tempo e ao espaço, com suas leis próprias e com finalidades ampla e específica, conforme salienta o casal Baranger (1961, p.130): “[...] é nosso objeto imediato e específico de observação.” Do mesmo modo, seguindo a citação de Cassorla (2004, p.526) “[...] ao insistir no papel de ambos os membros da dupla analítica, influenciando-se mutuamente, enfatiza o aspecto intersubjetivo”. Assim, não parece ser possível falar de *enactments* sem pensar em si mesmo, profissional. Acredito que neste sentido, o trabalho analítico do profissional a respeito de seus próprios pensamentos e sentimentos se faz absolutamente necessário, tal qual como ressalta Rocha (2009, p.179):

Compreender a *posteriori* é uma das contingências lógicas do *enactment*, uma vez que ele é definido como um fenômeno que acontece fora do campo da consciência do analista. Só depois que ele é desvendado é que o material por ele veiculado pode ser compreendido utilizado no processo analítico.

Baseado nesses fundamentos é que se desenvolveu o interesse em aprofundar o estudo sobre o *enactment* como um dos fenômenos que ocorre no campo entre terapeuta-analista e paciente, justificando a realização do presente trabalho. Poucos estudos realizados no sul do Brasil sobre este tema, com dados específicos e representativos dessa região, estimularam o interesse em pesquisar a respeito do mesmo tentando identificar o modo como o *enactment* é compreendido, identificado e elaborado.

2 JUSTIFICATIVA

As práticas analítica e psicoterápica com orientação na psicanálise são compreendidas, na atualidade, principalmente como oriundas da relação estabelecida entre profissional e paciente, estabelecendo assim um processo terapêutico, no qual o funcionamento psíquico de cada um destes integrantes, bem como do funcionamento constituído por este par, estão absolutamente presentes e dominantes no desenvolvimento do mesmo. Assim caracterizado, inúmeros fenômenos psíquicos se estabelecem nesta relação. A atenção, o cuidado, o interesse e o compromisso quanto à melhor maneira de processar esta terapêutica justificam o aprofundamento dos estudos a respeito destes fenômenos tornando assim relevante o aprofundamento do tema proposto por esta pesquisa com analistas e/ou psicoterapeutas de orientação analítica.

Conforme afirma Flick (2004, p.18), a atual diversidade do pensamento humano, a mudança social acelerada, a globalização característica da pós-modernidade, enfim, como ele mesmo cita, 'a pluralização das esferas da vida', "[...] exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões. [...] as narrativas agora devem ser limitadas em termos locais, temporais e situacionais". Afirma que o estudo dos significados subjetivos e da experiência e prática cotidianas é tão essencial quanto a contemplação das narrativas e dos discursos (BRUNNER, 1991; SARBIN, 1986; HARRÉ, 1998 *apud* FLICK, 2004). Estes posicionamentos contribuem também aos interessados nas relações humanas a partir do enfoque psicológico. Os conceitos e as experiências relatadas poderão contribuir para trocas de experiências profissionais, favorecendo estímulo à continuidade dos estudos a respeito da relação psicoterápica (em Análise ou Psicoterapia de Orientação Analítica).

Para Flick (2004, p.21-22), várias são as características do estudo qualitativo. Reforça a ideia de que

[...] o objeto em estudo é o fator determinante para a escolha do método e não o contrário. (...) é estudado em sua complexidade e totalidade em seu contexto diário. [...] é prática e interação dos sujeitos na vida cotidiana. [...] A meta pretendida passa descobrir o novo e desenvolver teorias empiricamente embasadas. [...] A pesquisa qualitativa estuda o conhecimento e as práticas dos participantes.

Compreender o significado do fenômeno estudado, entender o processo pelo qual os participantes constroem e descrevem significados, conforme sustenta Turela (2005), justifica o objetivo desta pesquisa qualitativamente fundamentada a respeito do *enactment*. É um conceito que revisa a evolução científica da Psicanálise. Traz em si, como elementos estruturantes, os conceitos de transferência, contratransferência, identificação projetiva, campo analítico e tantos mais, permitindo perceber a evolução teórica que sustenta a cientificidade da Psicanálise. Evidenciar mais pensamentos, buscar mais e, possíveis, novas experiências, endossam a justificativa a que se propõe este trabalho.

Revela-se uma pesquisa factível uma vez que a amostra pretendida está vinculada às instituições de ensino, prática e pesquisa psicanalíticas, o que, possivelmente, favorecerá a execução da mesma. Também se revela um trabalho de baixo custo financeiro, assim como contando com auxílio de grupos de pessoas interessadas no encontro de respostas para as perguntas elaboradas a respeito do tema em questão.

3 OBJETIVOS

3.1 Primário

Identificar como analistas e psicoterapeutas com orientação analítica compreendem, conceituam, identificam e elaboram o fenômeno *enactment*.

3.2 Secundários

- Reconhecer, instrumentalizar e propor a apresentação de mais experiências e práticas terapêuticas a respeito do tema proposto aos profissionais desta área, não como modelos, mas

como ilustração de situações passíveis de identificação e também como troca de impressões e experiências; o trabalho pretende relatar informações, teóricas e experimentais, que podem ser úteis aos profissionais da área;

- Reforçar a ênfase na qualidade relacional existente nos processos psicanalíticos e psicoterapêuticos com orientação analítica;
- Descrever a(s) fundamentação (ões) teórica(s) que embasa(m) esta temática na prática contemporânea;
- Ampliar os estudos a respeito do tema desta pesquisa.

4. METODOLOGIA

4.1 Delineamento e Amostra

Essa pesquisa de campo tem caráter descritivo, uma vez que pretende fazer um levantamento de como psicanalistas e psicoterapeutas com orientação analítica compreendem, conceituam, identificam, elaboram e exemplificam o fenômeno *enactment*.

Participantes: O estudo será realizado com psicanalistas (didatas, membros associados e candidatos à formação psicanalítica), e psicoterapeutas de orientação analítica vinculados a instituições de formação psicanalítica e/ou de formação em psicoterapia de orientação analítica no Rio Grande do Sul. Serão convidados a partir de uma lista de nomes destes profissionais, considerando sua experiência profissional, que indique conhecimento a respeito do tema de enfoque da presente pesquisa, constituindo assim uma amostra não probabilística, intencional e por conveniência. O número total de participantes será de acordo com o método de saturação: definido como “[...] a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados.” (FONTANELLA, RICAS & TURATO, 2008, p.17)

Crítérios de exclusão: profissionais de convívio do pesquisador, isto é, caso o (a) profissional (a) seja, ou já tenha sido, analista, psicoterapeuta, supervisor, professor, familiar, colega (aula, cursos, etc) ou amigo do pesquisador, não serão incluídos na amostra selecionada.

4.2 Instrumento-Guia de Entrevista para Coleta de Dados

O instrumento utilizado na investigação/entrevista será um questionário tipo misto (Amado, Póvoa & Macedo, 2005), contendo perguntas de respostas fechadas e respostas abertas, nas quais os sujeitos-profissionais poderão expressar suas respostas (Apêndice B). Este instrumento é um guia para a entrevista que será gravada com cada um dos profissionais convidados que integram a amostra.

Será realizado um estudo piloto com o mesmo para definir se as questões estão bem formuladas e atingem o objetivo a que se propõem.

4.3 Etapas do estudo

Esta investigação envolve as seguintes etapas:

- a. Elaboração final do projeto de dissertação, avaliação e definição do questionário-guia de entrevista;
- b. Encaminhamento do projeto à avaliação e à aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa Da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS.
- c. Realização do estudo piloto após aprovação do projeto;
- d. Elaboração da lista de profissionais de possíveis candidatos: psicanalistas e psicoterapeutas com orientação analítica;
- e. Contato com os profissionais convidados através de correspondência eletrônica e telefonema;
- f. Agendamento das entrevistas com os profissionais convidados;
- g. Realização das entrevistas e entrega/recebimento do TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos/dos profissionais convidados.
- h. Levantamento dos resultados:
 - Número de entrevistas realizadas;
 - Transcrição das entrevistas;

- Identificação do número de questões respondidas;

i. Análise dos resultados, apresentada no item 4.5.

4.4 Aspectos éticos

O Projeto será submetido à aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/PROPESQ/UFRGS).

Todos os participantes serão informados dos objetivos da pesquisa e terão garantido seu anonimato através do termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C).

4.5 Análise dos dados

A análise dos dados de natureza qualitativa das entrevistas será realizada através do Método de Análise do Conteúdo referenciado por Bardin (1977), onde quaisquer formas de comunicação, sejam faladas ou escritas, são passíveis de análise do conteúdo e consiste em classificar os diferentes elementos de um texto conforme critérios que permitam o surgimento de uma certa ordem. Conforme a autora conceitua, análise de conteúdo é

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p.42).

Assim, salientado por Bardin (1977), a “palavra” emitida pelos entrevistados será a unidade de análise a ser considerada neste estudo.

Moraes (1999, p.6), evidencia também que “(...) uma clara explicitação de objetivos ajuda a delimitar os dados efetivamente significativos para uma determinada pesquisa.” Referindo H. Lasswell, o primeiro nome na história que ilustra a AC., quanto aos objetivos da análise de conteúdo em comunicação, cita que estes devem tentar responder seis questões básicas: “1) Quem fala? 2) Para dizer o que? 3) A quem? 4) De que modo? 5) Com que finalidade? 6) Com que resultados?”.

A partir da metodologia de análise de dados qualitativos descrito como Análise de Conteúdo por Bardin (1977), Moraes (1999) descreve as cinco etapas deste processo. São elas:

- f) Preparação das informações – nesta etapa, o material é lido por sucessivas vezes e posteriormente cada instrumento (entrevista) é codificado numericamente;
- g) Unitarização ou transformação do conteúdo bruto em unidades de significado – as unidades de significado são retiradas do texto e recebem uma codificação numérica adicional;
- h) Categorização – as unidades de significado são agrupadas por semelhança ou analogia, para formar as categorias temáticas; estas categorias deverão obedecer ao critério de homogeneidade e juntas irão adquirir um significado;
- i) Descrição dos achados – os resultados são comunicados através da síntese de um texto que expresse os significados presentes nas unidades de significado, incluindo as citações diretas e dados originais das entrevistas;
- j) Interpretação ou discussão dos achados – objetiva a compreensão dos conteúdos descritos na etapa anterior, construindo-se a teoria tendo como base as informações e categorias encontradas.

Conforme Bardin (1977, p.9), as etapas propostas para uma pesquisa através de análise de conteúdo, buscando possíveis entendimentos, apresentam e oscilam entre dois polos:

[...] o desejo de rigor e necessidade de descobrir, de adivinhar, de ir além das aparências. [...] rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem.

E acrescenta que a análise de conteúdo é “(...) uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência” (BARDIN, 1977, p.9).

Descendendo da hermenêutica, a Análise de Conteúdo, do ponto de vista técnico operacional, tem suas origens nos EUA a partir do início do século XX, como "instrumento de análise das comunicações", a partir do aumento do interesse quantitativo e na diversificação qualitativa de estudos empíricos. O interesse na interpretação de mensagens obscuras, com duplo sentido, passa a ser desenvolvido por pessoas que apresentavam observação cuidadosa e com intuição carismática", buscando também os simbolismos e múltiplos possíveis sentidos que determinada comunicação possui. (Bardin, 1977). Assim, conforme Moraes (1997, p.7)

[...] integra-se, cada vez mais, na exploração qualitativa de mensagens e informações. [...] se insinua em trabalhos de natureza dialética, fenomenológica e etnográfica, além de outras. [...] utilizando especialmente a indução e a intuição como estratégias para atingir níveis de compreensão mais aprofundados dos fenômenos que se propõe a investigar.

5. ORÇAMENTO

a- Cópias Xerográficas – (Cartas de Apresentação, Questionário-Guia de Entrevista e Termos de Consentimentos Livre e Esclarecido) - R\$ 10,00 (dez reais);

b- Folhas A4 – Um milheiro - R\$ 50,00 (Cinquenta reais)

c- Tinta Impressora – Quatro cartuchos – R\$ 120,00 (Cento e vinte reais)

d- Transporte – Combustível - R\$ 150,00 (Cento e cinquenta reais)

e- Pilhas – Modelo AAA - Quatro pilhas - R\$ 12,00 (Doze reais)

Total: R\$ 342,00 (Trezentos e quarenta e dois reais). Obs.: Este valor é relativo aos preços existentes no mercado à época da elaboração do presente projeto (Novembro de 2012).

6. CRONOGRAMA - Desenvolvido entre Março/2013 e Fevereiro/2015, conforme cronograma a seguir especificado:

ATIVIDADE MÊS	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	FINALIZAÇÃO QUESTIONÁRIO E PROJETO	APRESENTAÇÃO DO PROJETO AOS PROFISSIONAIS	REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	ELABORAÇÃO DO ARTIGO CIENTÍFICO	APRESENTAÇÃO DISSERTAÇÃO
MÊS 1	X	X					
MÊS 2	X	X					
MÊS 3	X	X					
MÊS 4	X		X				
MÊS 5	X			X			
MÊS 6	X			X			
MÊS 7	X			X			
MÊS 8	X				X		
MÊS 9	X				X		
MÊS 10	X				X		
MÊS 11	X				X		
MÊS 12	X				X		
MÊS 13	X				X		
MÊS 14	X				X		
MÊS 15	X				X		

MÊS 16	X				X		
MÊS 17	X					X	
MÊS 18	X					X	
MÊS 19	X					X	
MÊS 20	X					X	
MÊS 21	X					X	
MÊS 22	X					X	
MÊS 23	X					X	
MÊS 24							X

7. RESULTADOS ESPERADOS

As conclusões do estudo serão apresentadas às instituições às quais os profissionais convidados que participarem no desenvolvimento da pesquisa estão vinculados, respeitando a não identificação conforme orienta o comitê de ética responsável. Também serão apresentados trabalhos em eventos científicos e no final será produzido um artigo científico encaminhado para publicação.

Para cada questão da entrevista, será feito um levantamento conforme a metodologia especificada no item 4.5. Serão buscadas respostas de acordo com as seguintes questões: Quais as expressões que foram utilizadas para conceituar, de modo em comum, o *enactment*? Quais as atitudes que são utilizadas para identificar o fenômeno? Quais os critérios e quais as posturas e ideias para elaborar o *enactment*? Que tipos de exemplos foram mais utilizados para ilustrar o fenômeno já vivenciado ou conhecido? Quais as maiores dificuldades e facilidades citadas para abordarem o *enactment*? Com as possíveis respostas, espera-se poder contribuir com a clínica psicanalítica, ampliando a mesma com exemplos a respeito do fenômeno estudado.

8. BIBLIOGRAFIA

AMARO A, PÓVOA A, & MACEDO L (2005). A arte de fazer questionários. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Departamento de Química, Metodologias de Investigação em Educação. Acessado de <http://www.jcpaiva.net/getfile.php>, em 11-11-2012.

BARDIN L. Análise de conteúdo. Lisboa, Edições 70, 1977.

BARANGER W e M. A situação analítica como um campo dinâmico. Livro Anual de Psicanálise, Tomo XXIV, Ed. Escuta, 2010, pg. 165-212.

BARROS ELR. Identificação projetiva e interpretação. Revista Brasileira de Psicanálise. 24(1): 35-56, 1990.

BION W. Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica. In: Bion, W. Estudos psicanalíticos revisados. Rio de Janeiro/RJ: Imago, 1988. p.69-86.

CASEMENT P. (1985). O supervisor interno. In: Aprendendo com o paciente. Rio de Janeiro: Imago, 1986, Cap. 2, p.44-71.

CASSORLA RMS. Desenvolvimento do conceito enactment ("colocação em cena da dupla") a partir do estudo de configuração borderline. Revista Brasileira de Psicanálise. 38(3): 521-540, 2004.

CASSORLA RMS, Do baluarte ao enactment: o "não sonho" no teatro da análise. Revista Brasileira de Psicanálise, 41, 51- 68, 2007.

CASSORLA RMS. Reflexões sobre não-sonho-a-dois, enactment e função alfa implícita do analista. Revista Brasileira de Psicanálise. 43(4): 91-120, 2009.

CORDIOLI A & Colaboradores. Psicoterapias. 3 ed. Porto Alegre/RS: Artmed, 2008.

EIZIRIK C, AGUIAR R, SCHESTATSKY S. Psicoterapia de orientação analítica-fundamentos teóricos e clínicos. 2 ed. Porto Alegre/RS: Artmed, 2005.

FONTANELLA, RICAS & TURATO. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. In: Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24 (1):17-27. 2008.

FLICK U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2.ed. Porto Alegre/RS: Bookman, 2004.

FREUD S. Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro-RJ: Imago Editora Ltda, 1972.

FREUD S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro-RJ: Imago Editora Ltda, 1974.

FREUD S. O Inconsciente (1915). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro-RJ: Imago Editora Ltda, 1974.

GUS M. Acting, enactment e a realidade psíquica “em cena” no tratamento analítico das estruturas borderline. In: Revista Brasileira de Psicanálise. 41(2): 25-53. 2007.

IANKILEVICH E, DAL ZOT J. Psicoterapia de orientação analítica hoje: refletindo a partir de nossa experiência. In: Revista Brasileira de Psicoterapia. 11 (2): 196-206. 2009.

JACOBS TT On countertransference enactments. J. Psychoanalytical American Association, 34:289-307, 1986.

KLEIN M. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: Riviere, J & Klein, M. Os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 1982.

LAPLANCHE J, PONTALIS JB. Vocabulário da psicanálise. 7 ed. São Paulo/SP: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1983.

MALAN D. Psicoterapia individual e a ciência da psicodinâmica. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1983.

MARX M, HILLIX WA. Sistemas e teorias em psicologia. São Paulo/SP: Cultrix, 1978.

Mc LAUGHLIN J. Clinical and theoretical aspects of enactment. J. Amer Psychoanalytic Assn 1991; 39: 595-612.

MICHAELIS: pequeno dicionário inglês-português, português-inglês. São Paulo-SP: Companhia Melhoramentos, 1989

MORAES R. Análise de conteúdo. Revista Educação. 22(37): 7-32, 1999.

OGDEN T. O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In: Os sujeitos da psicanálise. São Paulo-SP: Casa do Psicólogo, 1995.

PASTORE JAD & ADAMO VL. Theodore J. Jacobs: A presença da pessoa do analista. Revista *ide* 29 (43), São Paulo: Ed. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), 2006, pp. 146-149.

ROCHA NJN. Enactment: modelo para pensar o processo psicanalítico. Revista Brasileira de Psicanálise. 43(2): 173-82, 2009.

SÁNCHEZ GRILLO MDR. Juego y “enactment” en psicoanálisis de niños. Revista Psicoanálisis / Asociacion Psicoanalitica de Buenos Aires. 26(2):407-419, 2004.

TURELA ER. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetivos de pesquisa. Revista de Saúde Pública. 39(3): 507-514, 2005.

ZASLAVSKI J, SANTOS, MJP. Tendências atuais da contratransferência. In: Zaslavsky J. Contratransferência: teoria e prática clínica. Porto Alegre/RS: Artmed, 2006

ZIMERMAN D. Psicanálise em perguntas e respostas: verdades, mitos e tabus. Porto Alegre/RS: Artmed, 2005.

WINNICOTT DD. Desenvolvimento emocional primitivo (1945) In:Textos selecionados: da Psicanálise à Pediatria. 4. e. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1945/1993. p. 269-285.

WINNICOTT DD. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: O brincar e a realidade. Rio de Janeiro/RJ: Imago; 1975. p. 13-44.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta de Apresentação aos Participantes Convidados

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Prezado (a) Senhor (a):

Meu nome é Charlie Trelles Severo, sou psicólogo (CRP-07/04382) e estou iniciando minha pesquisa para o mestrado em Ciências Médicas: Psiquiatria, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com orientação do professor Dr. Cláudio Laks Eizirik e co-orientação da professora Dra/Psicóloga Maria Lúcia Tiellet Nunes. O objetivo desta é identificar como analistas e psicoterapeutas com orientação analítica compreendem, conceituam, identificam e elaboram o fenômeno *enactement* nas atividades psicoterápicas que desenvolvem. Assim, este documento é um convite para que o (a) senhor (a) também participe da mesma, respondendo à entrevista proposta. A entrevista será gravada e mantida em sigilo, garantida pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, também anexo, no qual garante seus direitos de não ser identificado. A transcrição desta entrevista será realizada por mim mesmo, garantindo o sigilo a que me comprometo. Este Termo tem aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/PROPESQ/UFRGS) sob o número _____. A entrevista terá duração de 45 a 50 minutos, não lhe ocorrendo custos de operacionalização. A transcrição da mesma será realizada por mim mesmo. Estabelece-se assim, o compromisso do pesquisador de, tão logo concluídos os resultados da pesquisa, realizar uma apresentação dos mesmos às instituições afim, seguida de debate científico, bem como cópia da dissertação ao (a) senhor (a).

Na certeza de sua colaboração, agradecemos antecipadamente.

Porto Alegre, ____ de _____ 2013.

Charlie Trelles Severo

CRP-07/04382

RG 1018213031

CPF 380592070-91 Matrícula Mestrado

UFRGS 0131284

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO GUIA PARA ENTREVISTA

Responda a questão número 1 considerando somente uma das alternativas

1 - Você é: (Sua profissão é:)

- () Psiquiatra e Psicoterapeuta () Psiquiatra e Psicanalista
- () Psiquiatra/Psicanalista e Psicoterapeuta () Psicólogo e Psicanalista
- () Psicólogo e Psicoterapeuta () Psiquiatra e Psicanalista Didata
- () Psicólogo e Psicanalista Didata () Candidato

2 - Seu tempo de formação é: _____ Anos

Há quantos anos trabalha como psicanalista?

Há quantos anos trabalha como psicoterapeuta com orientação analítica?

Sendo candidato, qual seu ano de formação: ____ ano.

3 - Quais o (s) conceito (s) atuais que o (a) senhor (a) considera importantes para a prática psicanalítica (ou psicoterápica com orientação analítica)?

4 - O que você entende por *enactement*. Conceitue, com suas próprias palavras, o que é *enactment*.

5 - Você identifica, em sua prática profissional, o *enactment*? Como?

6 - Como você maneja o *enactment*? Como você faz para elaborar o *enactment*.

7 - Descreva quais as dificuldades que você encontra ao abordar este tema.

8 - Descreva quais as facilidades que você encontra ao abordar este tema.

9 - Descreva situações que ilustrem o tema *enactment* que você já tenha vivenciado.

10 – O (A) senhor (a) considera um conceito útil para o prática diária da sua profissão?

11 – Que autores lhe são mais úteis ou que possa sugerir quanto a este tema?

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, fui informado dos objetivos descritos na Carta de Apresentação e do porquê estão sendo utilizadas as informações que vou fornecer de forma clara e detalhada para a pesquisa ENACTEMENT: UM ESTUDO QUALITATIVO. Sei que poderei solicitar novos esclarecimentos e que, a qualquer momento do estudo, terei liberdade de retirar meu consentimento de participar na pesquisa. O pesquisador certificou-me do caráter confidencial dos dados e de que, a divulgação dos resultados será sem identificação e unicamente para fins de pesquisa.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2013.

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Contato com pesquisador: Charlie Trelles Severo – (51) 8484.5225 ou 3337.2281- Av. Carlos Gomes, 53/502–Boa Vista-Porto Alegre/RS–90480-003

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/PROPESQ/UFRGS) – (51) 3308-4085 – Av. Paulo Gama, 110-7 andar- Porto Alegre/RS- 90040-060

Orientador responsável: Cláudio Laks Eizirik

Co-orientadora: Maria Lucia Tiellet Nunes

AGRADECIMENTOS

- Pela atenção do *Professor Dr. Cláudio Laks Eizirik* demonstrando interesse em conhecer o projeto proposto.
- Pela atenção, pelo apoio e pelo significativo incentivo para a realização deste trabalho recebidos da *Professora Keila Maria Mendes Ceresér*, Farmacêutica, PhD.
- Pela atenção da Dra. Psicóloga Maria Lucia Tiellet Nunes ao aceitar prontamente o convite como co-orientadora deste trabalho.
- Para a *Psicóloga/Psicanalista Leonor D'Ávila Brandão*.
- Pelo apoio e incentivo constantes do *Dr. Diogo Machado*, colega de especialização no CELG.
- Pelo auxílio e pela gentileza, com empréstimo de material de estudo, da *Dra. Júlia Domingues Goi* e da colega *Psicóloga Maria Amélia Arruda Fontes*.
- Pelo apoio, incentivo e confiança dos colegas dos seminários de pesquisa: Ana Margareth Bassols, Ana Sfogia, Camila Costa, Clarice Kovacks, Daniela Krieger, Mariana Torres, Marina Gastaud, Pricilla Braga e Stefania Teche.
- Para as funcionárias do CELG, *Patrícia Azambuja* e *Maria Luiza* e para o funcionário *Bernardo*, pelo apoio e ajuda quanto ao levantamento bibliográfico.
- Para *Andréa, Henrique, Carolina e Sirlei*, minha família, sempre constantes e tolerantes nas minhas escolhas.
- E uma homenagem especial à *Sra. Alda Castro da Motta Asti*, sempre incentivadora.